

A woman with long, wavy red hair is sitting on a wooden pier, looking out over a body of water. She is wearing a dark red jacket and a dark plaid skirt. The water is calm, and there are tall reeds in the foreground. The sky is overcast with soft, grey clouds. The overall mood is contemplative and serene.

DANIELA SACERDOTI

Mais de 500 mil livros vendidos nos EUA

Deixe-me ir

“Esse foi o livro mais emocionante e inspirador que eu li este ano. Você não pode deixar de ler!”

– *Rea Book Review*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Deixe-me ir

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

DANIELA SACERDOTI

Deixe-me ir

São Paulo
2014


UNIVERSO DOS LIVROS

Take Me Home

Copyright © 2014 by Daniela Sacerdoti
All Rights Reserved.

Copyright © 2014 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de
19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Rodolfo Santana**

Tradução: **Cristina Tognelli**

Preparação: **Leonardo Ortiz**

Revisão: **Guilherme Summa e Carolina Zuppo**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Imagem de capa: **Clandestini/Westend61/Corbis/LatinStock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S125d

Sacerdoti, Daniela

Deixe-me ir / Daniela Sacerdoti; tradução de Cristina Tognelli. – São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

296 p.

ISBN: 978-85-7930-753-9

Título original: *Take me home*

1. Literatura italiana 2. Romance 3. Espiritualismo I. Título II. Tognelli, Cristina

14-0697

CDD 853

*Para a minha mãe, Ivana Fornera Sacerdoti, que, quando criança,
via.
Para Claudio Corduas: o sangue é forte, mas a amizade é mais forte
ainda.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do coração a Ross, que, com admirável bom humor, aguenta ter uma esposa escritora, e aos meus filhos, Sorley e Luca, que são, absolutamente, a minha vida. Desculpem as muitas vezes em que meu corpo estava com vocês, mas a minha cabeça estava em Glen Avich.

Obrigada às duas famílias, os Sacerdoti e os Walker, por sempre torcerem por mim, especialmente a minha sogra, Beth. Obrigada, Beth, por milhares de motivos, e você conhece todos eles!

Obrigada, Irene, minha irmã em tudo, exceto no sangue. *Ti voglio bene, amica mia!*

Minha gratidão infinita para Sorley MacLean, porque seus poemas foram a semente deste livro. A história de Robert e Mary se baseou em seu poema "The choice", enquanto Glen Avich ganhou vida depois que li o dolorosamente belo "Hallaig". Neste livro, citei Sorley três vezes: "Os mortos são vistos vivos" e "Cada geração ida" no epílogo de Inary são uma homenagem a "Hallaig", enquanto o verso final da canção de Emily foi inspirado em outro poema de Sorley, "Don't forget my love". A poesia de Sorley vive dentro de mim e jamais deixará de inspirar as minhas histórias.

Meu profundo agradecimento a Kristen Susienka, a principal editora deste livro, por fazê-lo florescer. Você conhece a história de trás para frente, e se apegou a ela quase tanto quanto eu – por isso, serei eternamente grata. E pelo cronograma absurdo que você e eu mantivemos, pelas mensagens e telefonemas diários e intermináveis, obrigada! Muito obrigada também a Janne Moller e Lindsey Fraser, por me ajudarem a dar forma à história, e a todos na Black & White, por acreditarem em mim.

Muito obrigada à minha agente, Charlotte Robertson. Acabamos de começar esta estrada juntas, então aqui vai o meu brinde a um futuro feliz e a muitos triunfos!

Um milhão de obrigadas aos meus amigos escritores. Vocês enchem a minha mente e aquecem meu coração, fazem-me rir e

estão sempre presentes quando o sol brilha e quando chove. Roy Grill, Phil Miller e Gillian Philip, cada sucesso meu também é de vocês. Agradeço à comunidade do Twitter por me alimentar com escritores dispostos a trocar ideias e colocar a conversa em dia, em dias em que falei apenas com o carteiro e comigo mesma! Gostaria de mencionar especialmente Alice Peterson, uma inspiração na vida e nos livros – e cujo livro adorável *Monday to Friday Man* me fez querer escrever uma cena de patinação noturna sob luzes cintilantes. Você sabe do que estou falando, Alice!

Aqueles que me conhecem, pessoal ou virtualmente, sabem que sou mais do que um pouco obcecada por música. Eis os artistas que foram o pano de fundo para a história de Inary: Máire Brennan, Julie Fowles, Norrie McIver, Manran e The Treacherous Orchestra, dentre muitos outros: obrigada, pessoal.

Obrigada, obrigada, obrigada aos milhares de leitores que leram e revisaram a minha primeira história em Glen Avich, *Watch Over Me*. Fico tão feliz em saber que Eilidh está em tantos corações agora. Eu não estaria aqui se não fosse pela confiança de vocês em mim, portanto, obrigada por prestarem atenção às minhas histórias e por torná-las suas.

E, finalmente, obrigada, Escócia, por me tornar *sua*. Eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar.

Daniela

A CANÇÃO DE EMILY

Do coração do inverno
Surge uma nova vida
Passarinhos vejo da janela
E eu gostaria de poder voar

A primavera é para os vivos
Não libertarei as batidas do meu peito
Vacilantes dentro de mim
Como um sol poente

Faço parte disso até que meu coração deixe de bater
Meu é o céu e minhas são essas colinas
Até meu coração parar de bater

Sou como um floco de neve
Trêmulo e inerte
Ergo a cabeça para o céu
Desta linda terra

Segure minha mão, não chore
Não terei medo
E quando eu tiver que ir
Não se esqueça do meu amor

Faço parte disso até que meu coração deixe de bater
Meu é o céu e minhas são essas colinas
Até meu coração parar de bater.

PRÓLOGO

Entre mundos

Morag Kennedy acenou para mim entre os mundos, num dia límpido e ensolarado em Glen Avich. Ela estava de pé diante do seu chalé caiado, e o sol de verão brilhava atrás dela como um halo, fazendo os campos cintilarem no mesmo tom dourado. Retribuí o aceno e comecei a andar na direção dela, na esperança de que ela tivesse algumas daquelas balas açucaradas que sempre me dava, mas hesitei. Sabia que ela estava doente e não queria incomodar. De repente, percebi que me sentia estranha: meus braços e pernas formigavam e ouvia um barulho baixo em meus ouvidos. Era uma sensação desconhecida para mim, uma que jamais sentira antes.

Bem nessa hora, um aglomerado de nuvens encobriu o sol. Sem o seu brilho, pude ver a senhora Kennedy direito: ela usava o vestido florido de algodão que costumava vestir para trabalhar no jardim, seu cabelo estava preso e seu suéter abotoado por um broche simples. Olhei com mais atenção; o rosto da senhora Kennedy parecia diferente. Fazia tanto tempo que ela estava doente que suas feições se tornavam cada vez mais repuxadas, o corpo cada vez mais magro. Mesmo sendo tão nova – eu devia ter uns oito anos na época –, eu conseguia perceber a dor e o medo lentamente assumindo o comando da mente dela e se espalhando pelo rosto e pelos olhos, assim como a doença se espalhava pelo corpo. Contudo, naquele entardecer de verão, ela voltara a ser como antes. Seu sorriso estava sereno, os olhos azul-claros e brilhantes como eram antes de ela adoecer.

De súbito, ouvi passos atrás de mim e me virei para ver meu irmão saindo da nossa casa do outro lado da rua. Deduzi que ele tivesse sido mandado para me chamar para jantar, e fiquei me perguntando por que minha mãe não me chamara da janela da cozinha, como costumava fazer. Talvez quisesse garantir que eu entrasse de pronto; ela sabia que muitas vezes eu fugia correndo para os campos, tentando ganhar uma hora a mais de brincadeiras.

– Mamãe quer que você entre, Inary – Logan disse num tom baixo. Ele sempre era sério, mas, naquele instante, pareceu-me solene. Virei-me para me despedir da senhora Kennedy, mas ela já tinha sumido.

– O jantar está pronto? – perguntei ao meu irmão.

– Acho que não.

– Então por que tenho que entrar?

– Fique quieta, Inary, e entre agora! – minha mãe aparecera na soleira da porta; ela tirava o avental e ajeitava os cabelos. Quando nos aproximamos dela, ela continuou: – Quero que vocês dois fiquem de olho em Emily enquanto eu e a vovó atravessamos a rua. Não vou me demorar; é só o tempo de dar as condolências a Karen e Isabel.

Não entendi o que ela dissera. “Condolências” era uma palavra muito complicada para uma menina de oito anos.

– Aonde vocês vão?

Ela parou e me fitou com carinho.

– A senhora Kennedy foi pro céu, minha querida... Vou dizer às filhas dela o quanto lamento por isso.

– Ela não foi pro céu. Ela está aqui. Eu vi.

Muitos anos se passaram desde então, mas ainda me lembro do olhar da minha mãe quando eu disse aquilo. Surpresa e, ao mesmo tempo, uma sensação de reconhecimento.

– Onde você a viu, Inary? Você entrou na casa?

– Não. Ela estava do lado de fora, no jardim. Ela acenou pra mim.

Minha mãe se ajoelhou e me segurou com firmeza, afagando meu rosto. Seus dedos cheiravam às framboesas que ela colhia em nosso jardim.

– Você é como a sua avó Margareth, não é? Igualzinha, em todos os sentidos – sussurrou.

Sorri. Eu amava a minha avó, e ouvir que eu era igual a ela era o melhor dos elogios.

– Vamos, Anne – a voz de vovó veio da porta. – O que aconteceu? – acrescentou, vendo a expressão de minha mãe.

– *An da Shealladh* – sussurrou minha mãe. Elas sempre usavam o gaélico entre elas quando não queriam que eu entendesse o que

estavam dizendo. – Ela viu a senhora Kennedy, mãe.

Os olhos de vovó se arregalaram. Segurou minha mão e me puxou para perto dela.

– Ah, Inary...

Subitamente, senti-me confusa. Não entendia se tinha sido boa ou má, e o motivo de minha mãe e minha avó demonstrarem tamanha emoção. Eu vira a senhora Kennedy antes de ela morrer. Era isso. De todo modo, eu não entendia o conceito de morte.

Antes que eu conseguisse me conter, meus olhos se encheram de lágrimas.

– O que eu fiz?

– Ah, Inary, não fique aborrecida, querida – disse minha avó. – Você ainda é tão pequena. Eu era bem mais velha quando isso começou. Tudo o que você precisa saber agora é que você tem um dom – ela amparou meu rosto em suas mãos e me beijou na testa. Seus olhos também reluziam. – Vamos, entre e faça companhia à sua irmã, querida. Não vamos demorar.

Elas atravessaram a rua para visitar as filhas da senhora Kennedy, e Logan e eu ficamos encarregados de Emily. Subi para o quarto dela para fazer-lhe companhia. Na época, Emily só tinha cinco anos e já tinha sido submetida a duas cirurgias cardíacas. Ela estava cochilando; seus lábios estavam ligeiramente azulados, mesmo enquanto dormia.

Normalmente, eu tinha dificuldade para ficar quieta por muito tempo, mas depois do que acontecera, sentia-me estranha e irrequieta de algum modo, como se toda a energia tivesse me abandonado.

Demorou muito tempo para eu entender que tinha visto a senhora Kennedy depois que ela morrera, que o corpo dela estava vazio na casa e que a sua alma se libertara. Levou muito tempo para eu entender que ela não acenara para me cumprimentar: ela acenara para se despedir.

A noite em que fraquejei

Inary

Cassandra continuou correndo, tão rápido que sentia que os pulmões estavam para explodir. Ela sentia a mudança se aproximando. Os músculos se retesavam e os ossos doíam, prestes a se esticarem quase a ponto de se partirem. Se não encontrasse um local para se transformar logo, seu segredo seria revelado. O que fariam com alguém como ela? Experiências? Será que a trancariam num zoológico?

– Será que a trancariam num zoológico? – li em voz alta, desconsolada. Tirei os óculos e, pela enésima vez naquela tarde, pousei o rosto entre as mãos. Era fim de semana, e eu deveria estar avançando na minha história. Só que minha cabeça não estava cooperando. Fazia meses que eu vinha trabalhando na história de Cassandra, mas ela simplesmente não estava indo a lugar algum. Muitos milhares de palavras desperdiçadas, muitos meses de trabalho em vão. Cassandra jamais veria a luz do dia, juntando-se à pilha de “Manuscritos Jamais Enviados”. E eu passaria o restante da minha vida revisando os livros das outras pessoas, sonhando com o romance que eu nunca escreveria. Eu era editora em uma pequena casa editorial de Londres. Gostava do meu trabalho, mas, nos últimos tempos, ele me constringia, como uma pele não retirada.

Suspirei e dobrei minhas pernas ao encontro do peito, fitando a foto das colinas ao redor de Glen Avich na parede sobre a minha escrivaninha: o céu selvagem e fustigado pelo vento da Escócia e a silhueta preta dos pinheiros, um indício de névoa pairando sobre a terra e uma lua branca, fantasmagórica, espiando por trás de um pico. Era uma foto tão linda que eu praticamente sentia o cheiro dos bosques e das fogueiras de turfa, e o vento em minha pele.

Olhar para ela costumava me alegrar, porém, dessa vez, uma sensação inexplicável e repentina de temor tomou conta de mim...

– Cheguei! – a voz da minha colega de apartamento ecoou no corredor.

Tentando me libertar da sensação lúgubre que se apossara de mim, corri para o corredor e abracei-a com força.

– Lesley!

– Inary! – ela riu, retribuindo o abraço. – O que aconteceu?

– Salve-me e venha tomar um drinque comigo e com Alex – implorei. – Tive um dia difícil.

– Ah, querida, não posso... Hoje à noite tenho que trabalhar – Lesley era promotora de música, o que, muitas vezes, a fazia trabalhar aos fins de semana. Mas também nos propiciava muitos ingressos grátis para shows, o que era um bônus.

– Um rapidinho – supliquei.

– Não posso! – ela me encarou com fúria, ou, pelo menos, tentou. Era complicado sorrir e arregalar os olhos ao mesmo tempo.

– Mas estarei livre no próximo fim de semana inteiro.

– Maravilha – respondi com sinceridade. Estava ansiosa por um fim de semana juntas. Lesley e eu dividíamos o apartamento desde que tinha me mudado para Londres; ela me apresentara a um dos seus amigos mais próximos, Alex, e nós três tínhamos nos tornado praticamente inseparáveis nesses últimos três anos.

Morar com Lesley era simplesmente perfeito. Eu sofria do hábito de me esquecer de cuidar de mim, por isso ela me paparicava, garantindo que eu me alimentasse adequadamente, comprando remédios quando eu estava doente e tolerando meu caos constante. Em troca, eu a *entretinha*, pelo menos era o que ela dizia. Eu a fazia rir e animava o ambiente. Sempre fui boa nisso, mesmo quando não me sinto *nem um pouco* animada.

Conheci Lesley no verão anterior à minha mudança para Aberdeen para estudar Letras na universidade. Foi um daqueles encontros supostamente inócuos que acabam trazendo grandes consequências. Eu tinha ido visitar minha tia Mhairi em seu chalé à beira do lago. Chovia torrencialmente, mas, claro, eu sendo eu

mesma, havia me esquecido do guarda-chuva. De fato, fazia meses que eu não o via.

Enquanto eu aguardava à porta da casa da minha tia, ensopando-me e chamando seu nome sem sucesso, vi um grupo avançando em direção ao chalé adjacente, uma casa de aluguel de temporada. Obviamente eram turistas. Se um homem com mais de um e oitenta de altura com a cor de café puro e a cabeça repleta de trancinhas rastafári – mais tarde descobri que era Kamau, o irmão de Lesley – estivesse morando no vilarejo, eu ficaria sabendo. O homem inacreditavelmente alto estava acompanhado por um grupo de rapazes e moças, e no meio deles havia uma linda garota com o cabelo todo em tranças rasteirinhas. O grupo parou diante do chalé, olhando para mim ocasionalmente, mas educados demais para me encararem. Trocaram algumas palavras que não consegui ouvir por conta do barulho da chuva, então a garota das tranças veio na minha direção.

– Oi... Nós... Hum... Estamos nos hospedando aqui no Heather Lodge, e você está ficando ensopada, por isso pensamos que talvez você quisesse esperar lá dentro, sabe, protegida da chuva. Enquanto espera sei lá quem chegar – ela tinha um agradável sotaque londrino com um toque de algo mais que pensei que fosse francês, mas acabei descobrindo que era caribenho. Não que isso fosse um erro fácil, mas um que eu seria capaz de cometer. Senti-me tocada pela preocupação deles.

– Obrigada, mas está tudo bem. Vou voltar pra casa. Não fica longe daqui.

– Ah... Pegue isso, então – disse ela, oferecendo seu guarda-chuva vermelho-vivo e suspendendo o capuz em meio às muitas trancinhas.

– Não se preocupe, estou acostumada! E você vai precisar dele, de todo modo – disse ao suspender as mãos.

– Não, não. Olha aqui – disse ela com um sorriso, vasculhando algo na mochila. – Tenho outro! – ela fez surgir um guarda-chuva pequeno de bolinhas, entregando-me.

Eu ri.

– Por que você tem dois guarda-chuvas?

– Só por garantia – ela deu de ombros. Resumindo, assim era Lesley.

Aceitei o de bolinhas e me afastei sob a chuva. Lembro-me de ter me virado e visto Lesley parada lá, emoldurada pelo guarda-chuva escarlate como uma flor exótica, ainda me acompanhando com o olhar.

Então ela acenou com um sorriso e se virou, seguindo os amigos para dentro do chalé deles. Eu mal sabia que ela se tornaria a minha melhor amiga, apesar da distância e do fato de termos vindo de dois mundos completamente diferentes.

No dia seguinte, voltei ao chalé para devolver-lhe o guarda-chuva, e acabamos conversando durante horas. Quando ela retornou para Londres, mantivemos contato e trocamos e-mails quase toda semana. Lentamente nossa amizade foi se aprofundando, e depois... depois que a minha vida na Escócia desmoronou, mudei-me para o apartamento dela. Lesley garantiu a minha sanidade.

– Então, por que o dia foi difícil? – ela me perguntou, pendurando o casaco e tirando os sapatos, alinhando-os um ao lado do outro como sempre fazia. Junto de suas coisas, sobre uma cadeira de vime, havia uma pilha confusa de jaquetas, gorros, luvas desapareadas e uma ou outra meia, misturados a diversas coisas; aquele era o *meu* canto.

– Estou estressada! – suspirei.

– É duro ser escritora! – brincou ela, andando descalça pelo piso de madeira até a cozinha, as tranças balançando às suas costas.

– Duro é *não* ser uma – repliquei, sincera. Eu rapidamente perdia as esperanças de um dia ganhar a vida escrevendo. E ser escritora era a minha ambição desde... desde sempre.

– Certo. A história da moça lobisomem não está dando certo? – perguntou, colocando a chaleira no fogo. – Quer café?

– Não, obrigada. A coisa do lobisomem... não vai nada bem. Não sei como esse tipo de história dá certo nos livros das outras pessoas, mas quando eu tento escrever sobre isso...

Lesley tomou um gole do seu café com leite.

– Talvez essa não seja a *sua* história. Quero dizer, a história que você supostamente deve escrever.

– Talvez – será que haveria mesmo uma história para eu contar? Sempre pensei que sim, mas estava começando a me questionar se esse era mesmo o caso ou se eu vinha me enganando. Se quando eu dizia “Um dia vou ser escritora” equivalia a uma garotinha de cinco anos dizendo “Quando eu crescer, quero ser bailarina”.

Suspirei.

– Sei lá... Melhor ir me arrumar.

– Tem tempo para um *curry*? – Lesley me perguntou.

– Um *curry* comprado ou um *curry* da Lesley? – perguntei esperançosa. A família dela era jamaicana, e os seus *curries* eram de outro mundo... enquanto eu mal preparava um espaguete à bolonhesa. Lesley apelidara a minha especialidade de espaguete *pantaneja*, o que mais ou menos explicava a coisa.

– Um da Lesley, minha querida!

Senti-me muito tentada, mas não queria me atrasar para o encontro com Alex.

– Pode deixar um pouco para mim? Pra quando eu voltar?

– Quem sabe...

– Ah, deixa disso!

– Tudo bem. Mas você tem que comer alguma coisa. Pra forrar o estômago.

– Sim, *mãe!* – ri.

Voltei para o quarto e salvei o arquivo da Cassandra, apesar de estar tentada a simplesmente apagar tudo o que escrevera aquela tarde e recomeçar depois.

Vesti um jeans e uma blusa de tricô, não iria caprichar. Tratava-se de Alex, afinal, não era um encontro romântico. Mas a aparência casual não me animou e resolvi colocar um vestido preto e meia-calça roxa. Esforcei-me para subjugar meus cabelos – eram tantos – e depois mirei meu reflexo no espelho. É estranho quando você não reconhece a pessoa olhando de volta. Uma garota parecida com você – o mesmo amontoado de cabelo ondulado e pele de alabastro escocesa. Ainda assim, quem é ela?

Suspirei e comecei a caçada pela minha bolsa entre a montanha de roupas descartadas. Não sabia como nem por que, mas praticamente tudo em minha vida subitamente pareceu difícil, e uma inquietação sutil e desconhecida se infiltrara em meus dias e noites. Era como se eu tivesse perdido algo muito importante, algo que eu desesperadamente precisava recuperar. Algo que eu costumava ter, alguém que eu costumava ser... alguém que atendia pelo nome de Inary e que não era a garota ajeitando os livros dos outros e escrevendo a respeito de lobisomens. Que não era a garota que eu via no espelho.

Olhei ao meu redor, para o meu quartinho em Londres – bagunçado, minúsculo, mas meu: o guarda-roupa que eu mesma pintei de azul-claro e prata, com filas de vestidos espreitando pelas portas, um deles ao acaso pendurado pela manga; a pilha de livros na mesinha de cabeceira; o mural de cortiça recoberto por ingressos de shows e peças de teatro; a escrivaninha abarrotada com papéis, revistas e livros... os escombros da minha vida. Uma vida feliz – uma vida construída do nada depois de tudo o que eu tinha, de tudo o que conhecia, ter desmoronado.

Então, por que a inquietação?

Talvez porque tudo parecia e soava tão mundano. Eu costumava ver *além* de tudo aquilo, além das pequenas coisas da vida, além da nossa realidade. Eu costumava ser alguém com seis sentidos, e não cinco. Não mais. Mesmo assim, a crença de que a minha vida deveria ser de algum modo diferente crescia dentro de mim e não me deixava em paz.

Divisei a alça da minha bolsa debaixo de uma pilha de manuscritos em minha escrivaninha. Atravessei o quarto e a apanhei, e meus olhos recaíram sobre a foto de Glen Avich uma vez mais. Lá estava ela de novo, o frio percorrendo minha espinha. Passei a alça pelo pescoço e pousei a mão na fotografia de minha irmã emoldurada bem ao lado do computador. Mesmo quando o meu quarto estava na pior das bagunças, a fotografia de Emily nunca ficava escondida, sua moldura de prata brilhante e bem lustrada.

Eu planejava ir visitá-la em duas semanas e estava em conflito, como sempre. Mal me aguentava para ver Emily, mas receava me encontrar com Logan, temendo seus silêncios e suas recriminações... Enquanto pensava neles, a moldura do retrato de Emily ficou gelada sob meus dedos; estremeci e afastei a mão. Consultei o relógio – haveria tempo para ligar para ela? Eu já estava quase atrasada. Ligaria do bar, pensei, e me apressei para me despedir de Lesley.

A noite londrina estava barulhenta e lotada, como sempre – tão diferente das noites pacatas e escuras lá de casa...

Por que eu insistia em pensar em casa? Eu costumava fazer isso, mas não como nessa noite. Tentei me concentrar no aqui e no agora e entrei no bar, driblando grupos de homens e mulheres segurando seus copos e conversando alto acima do volume da música.

Alex já estava lá. Bem que eu queria dizer que meu coração não saltou ao vê-lo, mas foi o que aconteceu – outra coisa que vinha me incomodando ultimamente. Eu vinha desejando ver Alex um pouquinho demais; passei a perceber como as mãos dele eram fortes e como era gostoso quando, por acaso, elas paravam em mim – no meu ombro, casualmente, segurando meus dedos quando ele me conduzia em meio a uma boate lotada... Enxerguei o alto da cabeça dele – um punhado de cabelos negros – e lá estava aquilo de novo, aquele pequeno *ah!* que eu sentia dentro de mim toda vez em que eu o via.

Nada bom.

– Ei! – ele acenava para mim, os dedos manchados de tinta de caneta preta, como sempre. Alex tinha as mãos manchadas desde que tinha idade suficiente para segurar uma caneta. Ele era designer gráfico e fanático a respeito do seu trabalho. Era seu sustento e a sua paixão, e ele, por certo, era muito mais bem-sucedido do que eu com a minha escrita.

– Oiê, tudo bom? – disse, sentando-me ao lado dele. Era um milagre que tivéssemos uma mesa num lugar tão lotado.

– Oi, e aí? Ocupado. Você? – fazia anos que Alex morava em Londres, mas ainda tinha expressões escocesas. Isso sempre me

fazia sorrir. Eu suspeitava que manter seu lado escocês fosse um ponto de honra para ele.

– Tudo bem, acho.

– O que foi? Espere, vou pegar uma bebida pra você, depois você me conta. O de sempre?

Assenti e fiquei olhando enquanto ele escorregava em meio à multidão. Ele era bem mais alto que a média das pessoas e, em vez de parecer desajeitado, chamava a atenção aonde quer que fosse. Atenções femininas, especialmente – pensei ao notar uma moça bonita fitando-o com aprovação. Revirei os olhos. Não queria admitir para mim mesma que isso me incomodava. O bom era que Alex parecia nunca notar isso, ou fingia que não notava. Como alguém como ele conseguia ser solteiro, eu não entendia. Ele terminara um relacionamento longo três anos antes, e não houve mais ninguém desde então.

– Então. Me conta – disse ele ao voltar, passando-me a bebida.

– Ah... Nada... – como eu poria em palavras a sensação estranha que eu vinha sentindo ultimamente? Que minha pele parecia me apertar, que nada me parecia certo?

– Deixa disso, me conta. Estou à disposição.

– É o meu livro – disse. Bem, pelo menos aquilo era parte do problema. – Não está dando certo – tomei um gole da bebida. – Lesley disse que talvez o que estou escrevendo não seja a história que eu devo contar...

– A história da Cassandra? Não consigo acreditar que você não deixa a Lesley ou eu ler nada que você escreve. Tenho certeza de que é ótimo...

Senti-me corar e balancei a cabeça.

– Não é. Acredite em mim.

– Essa é a sua opinião. Considero tudo o que faço horrível, via de regra. Quando as coisas se encaixam no fim de um projeto sempre acabo me surpreendendo.

Ri. Tudo o que Alex fazia parecia maravilhoso para mim, mas entendi o que ele queria dizer. Eu trabalhava com escritores e sabia o quanto eles normalmente ficavam tomados por insegurança.

Porém, havia mais no meu desânimo do que somente insegurança. O meu trabalho simplesmente não me *parecia* mais certo.

– Você parece estar se saindo bem pra alguém cujo trabalho é horrível... – comentei.

Ele riu.

– Bem, talvez não seja, mas é o que parece. É isso o que estou tentando dizer. Você não considera o seu trabalho bom, mas todas as outras pessoas acham que é bom. Isso acontece muito. A questão é, você não vai saber se não deixar alguém ler... Hein, hein?

– Eu te dou alguma coisa minha pra você ler, prometo! Só que ainda não.

– Alguém alguma vez já leu alguma coisa sua?

– Só a minha irmã. Ninguém mais.

– Emily? Como ela está?

– Tem ido bem... – assim que mencionei minha irmã, minha mente vagou para Glen Avich de novo. Uma saudade repentina quase me fez arfar; eu precisava ouvir a voz dela. Eu precisava disso com tamanha intensidade que chegava a doer.

Sacudi-me. Alex ainda estava falando.

– ... talvez seja apenas um bloqueio. Sabe, falta de inspiração, desgaste... esse tipo de coisa. Acontece.

– Hum... Sim. Isso mesmo. Espero que seja isso – respondi e tomei um gole da minha vodca com laranja. – Desculpe, Alex, só preciso dar um telefonema rapidinho...

– Claro. Tá tudo bem? – perguntou. Eu devia estar parecendo preocupada. Era assim que eu me sentia.

– Sim, tudo bem – respondi e saí sem me preocupar em levar a jaqueta. Abri caminho até a porta do bar, apertando-me entre os corpos quentes. Saí em meio a dois fumantes congelando e soprando fumaça, e o ar frio roubou meu fôlego. Ninguém atendeu o telefone na casa dos meus irmãos. Tentei o celular de Emily, depois o de Logan, ambos estavam desligados. Eles deviam ter saído para algum canto, talvez tivessem ido ao cinema em Aberdeen. Voltei para dentro, acotovelando-me em meio à multidão de sábado.

– Está tudo bem?

– Ninguém atendeu. Eu estava ligando para a minha irmã.

– É sábado à noite. No mínimo foram aprontar na cidade. Ou no vilarejo, como parece ser o caso.

– Ha ha, engraçadinho.

– A propósito, já cataloguei isso? – ele perguntou, apontando para as minhas meias roxas.

– As minhas pernas? – sorri, mas sabia a que ele estava se referindo. Assim como eu colecionava corujas, Alex colecionava cores: ele fotografava coisas e catalogava suas descobertas num banco de dados especial que estava montando, chamado Chromatica. Era um tipo de bíblia das cores ou algo capaz de transformar o mundo do design gráfico do modo como o conhecemos, ou assim dizia ele. Sim, aquele era o Alex. Naquele momento, ele vinha trabalhando nos infinitos tons de roxo.

– Não tenho certeza, será?

– Acho que não. Espere – disse ele, pegando o celular de dentro do bolso. Tirou uma foto do meu joelho sob o olhar confuso dos nossos vizinhos de mesa. – Obrigado. Ah, antes que eu me esqueça...

Uma explosão de música alta saiu dos alto-falantes logo acima de nós, abafando as últimas palavras dele. Íamos com frequência àquele bar nos últimos tempos, porém eles pareciam ter aumentado o barulho a um nível insuportável.

– Aqui foi sempre barulhento assim? – perguntei, massageando minha orelha.

Ele riu.

– Ou isso ou estamos ficando velhos! Quer ir pra minha casa?

Meu estômago deu um ligeiro nó. Agora, depois de três anos passando as noites juntos no sofá assistindo a DVDs e dormindo no quarto extra um do outro, aparecendo sem convite em fins de semana para um almoço não combinado usando o que se encontrava na despensa... depois disso tudo, um convite para ir à casa dele não deveria me inquietar. Ou excitar. Ou inquietar e excitar ao mesmo tempo. Mas foi isso o que aconteceu.

Tolice. Isso não passava de tolice. Éramos somente amigos. Não? Ok, às vezes as coisas ficavam um pouco ambíguas entre nós. Mas nunca cruzamos esse limite, e eu me certificava para que as coisas ficassem assim. Se me esforçasse bastante. Eu tinha meus motivos para não me envolver com Alex ou com qualquer outra pessoa. Eu simplesmente não estava pronta.

Mesmo assim, recentemente eu vinha me sentindo confusa... Porém, não havia por que agonizar a respeito agora. Aquela era apenas mais uma noite entre amigos, como tantas outras antes.

– Claro – respondi, pegando a bolsa e a jaqueta.

Caminhamos pela noite congelante de fevereiro e, vinte minutos mais tarde, eu estava sentada no tapete diante da lareira de Alex, com um copo de uísque na mão. Um *Talisker* na mão, para ser mais exata. Não eram muitos lugares de Londres que ofereciam um fogo de verdade e, para mim, crescida em meio a fogueiras, era maravilhoso estar diante de um. Perdi-me observando as chamas bruxuleantes.

– Inary Monteith, você é a única mulher que conheço que aprecia um bom uísque. As minhas irmãs odeiam.

– Ah, isso não, existem muitas de nós. A questão é que você não conhece muitas mulheres, Alex – caçoei.

– Isso, deve ser isso mesmo! – ele sorriu e se sentou na minha frente, cruzando as longas pernas. O fogo fazia seus olhos azul-acinzentados cintilarem e brincava com as suas feições. Ele me parecia tão familiar, como se o conhecesse desde sempre, e não só por três anos.

– Então, tentei te contar no bar, mas acontece que tenho uma coisa que pode te animar – ele disse, tirando uma caixinha do bolso. Consegui adivinhar o que era e sorri em antecipação.

Puxei a fita prateada e ergui a tampa. Era, como eu tinha deduzido, a estatueta de uma coruja, azul iridescente, e não muito maior do que uma bola de gude.

– Ai, é linda! Obrigada...

Há muitos anos, meus pais tinham feito parte de uma peregrinação a Lourdes e me trouxeram uma coruja de terracota, em vez das tradicionais estatuetas religiosas, imagino. Adorei. Por

algum motivo, sempre senti afinidade por corujas, e foi assim que minha coleção começara. Certa vez, mencionei isso a Alex e, desde então, ele me trazia corujas de onde quer que viesse. Ele era um designer que trabalhava em grandes campanhas para empresas espalhadas pelo mundo. Alex me trouxe corujas de Oslo, de São Francisco, de Pequim e de Kuala Lumpur... e a melhor, a minha predileta: uma pequenina, feita de barbatana de baleia, de São Petersburgo.

– De nada. Comprei em Madri, numa feira maravilhosa... Levo você um dia desses – ele disse, desviando o olhar para o fogo.

– Isso seria legal – disse com dificuldade, tentando ignorar as implicações.

– Mas, falando sério, Inary... o que está acontecendo? Você tem andado estranha. Não sei explicar... Você não tem sido o seu eu normal. Está tudo bem em casa? – ele começou a brincar com as pinças de metal, evitando o meu olhar.

– Sim. Não sei... É só que... – dei de ombros. – Não sei – sorvi mais um gole de uísque. Eu não tinha como explicar o modo como vinha me sentindo. Jamais poderia contar a Alex como eu costumava ser, as coisas que eu costumava enxergar, e como tudo isso parou quando eu tinha doze anos. E como eu não me sentia completa.

– Seja o que for... sabe que sempre estarei aqui pra você, não sabe? – ele disse, encarando-me. Naquele instante, um pequenino fogo de artifício, como uma estrelinha, começou a rodar dentro do meu coração. Foi um esforço físico não o beijar ali, naquele instante. Eu já estava acostumada, habituada a conter meus braços, impedindo-os de enlaçarem-no, proibindo a minha boca de procurar a dele. Eu poderia fazer isso mais uma vez. Mas algo me atraíu.

Talvez o calor do uísque, ou o fogo refletido no rosto dele, ou quem sabe as sensações estranhas que eu vinha sentido ultimamente, como não saber mais quem eu era. Porque uma outra eu, outra Inary, esticou-se e beijou-o. E daí foi como a gravidade o modo como nos atraímos um para o outro. Ele pôs a mão na minha nuca e entrelaçou sua outra mão na minha. Fiquei imóvel por um

momento, meu rosto contra o dele. Então soltei minha mão e passei os braços ao redor do pescoço dele, atraindo-o para mais perto.

Seus lábios tinham gosto de uísque e mel e lar, e tudo pareceu tão certo, como se devesse ter acontecido há muito tempo. Mas em poucos instantes a boca dele se separou da minha, e eu me senti tonta com essa perda.

A respiração dele soprou perto do meu ouvido.

– Não sei bem como dizer isso, mas... acho que me apaixonei por você – ele sussurrou em meus cabelos e, imediatamente, um nó de medo se revirou nas minhas entranhas, trazendo-me momentaneamente de volta à realidade.

O que eu estava fazendo? O que estávamos fazendo?

Eu tinha jurado...

No entanto, era tarde demais. Estava feito. As palavras tinham sido ditas e não podiam mais ser retiradas. Pairavam sobre nós e ecoavam em nossas mentes.

– Inary – sussurrou, e ele disse meu nome do *jeito certo*. Como o diziam em casa. Meu coração estava ganhando a batalha silenciosa contra a minha cabeça. Costumava ser assim.

Ele se levantou e me tomou pela mão, conduzindo-me para o quarto, para outro mundo.

Lembro-me de cada minuto daquela noite. Lembro-me do modo como ele prendeu o meu olhar no seu e da maneira como disse: *Você é preciosa para mim*. Lembro-me de como não consegui pensar em nada, como não quis nada, como não precisei de nada além dele e de mim juntos, naquele momento.



A manhã chegou e eu me vi em sua cama, nua e indefesa, e senti medo quando a realidade da nossa noite me atingiu.

Alex dormia, os cílios longos e negros lançando sombras suaves em sua pele, um braço ao redor da minha cintura. Eu não sabia o que era a beleza, mas sabia que ele parecia perfeito para os meus olhos. Como se eu o conhecesse desde sempre, mesmo quando

ainda era uma garotinha, como se as feições da minha alma gêmea estivessem codificadas em meu sangue, em meus genes.

Olhei para Alex e imaginei o momento em que ele acordaria. Imaginei o momento seguinte, e o outro depois desse, e o próximo. Centenas de milhares de momentos que se somariam em dias e semanas e meses nos quais eu o amaria, confiaria nele, e o tornaria o centro da minha vida. Até *aquela* instante – ele abriria a boca para falar e eu pensaria que seria algo inofensivo, uma coisa ou outra a respeito da nossa vida, da nossa família, ou sobre o tempo ou algo que ele tinha lido, e, em vez disso, ele me diria que não ficaríamos mais juntos.

Imaginei tudo isso e foi fácil, porque já tinha acontecido antes.

E eu não poderia permitir que voltasse a acontecer.

Levantei-me o mais rápido que pude, envolvendo um lençol ao meu redor, e comecei a juntar minhas roupas espalhadas pelo chão. Ouvi-o chamar meu nome da cama, a voz sonolenta, calorosa. Repleta de contentamento.

– Inary...

– Foi um *erro* – disse sem me voltar, antes que *ele* pudesse dizer isso, agora ou na semana seguinte ou em seis meses, porque eu sabia que, cedo ou tarde, ele diria. – Sinto muito, Alex – comecei a dizer, cada palavra um pingo de sangue caindo no carpete fofo cor de creme. Vasculhei minha bolsa, à procura de um par de lentes de contato novas, meus olhos ardiavam. – Não deveríamos...

– O que está dizendo? – ele se ergueu, o choque revelado em todo o seu rosto. Senti uma pontada de culpa. Essas palavras jamais poderiam ser retiradas...

Esvaziei o conteúdo da bolsa no chão, procurando pela caixinha das lentes, quando olhei de relance para o celular. Mais uma vez, a sensação de tristeza do dia anterior, a mesma sensação que senti ao olhar para a foto de Glen Avich, invadiu-me. Havia um pequeno ícone vermelho nele e as palavras morreram na minha garganta. Catorze ligações perdidas. Todas de Logan.

– Ah...

– Inary? – ouvi Alex me chamar de algum lugar ao longe.

O quarto girava e senti como se fosse me dobrar ao meio de dor – eu não sabia o motivo, não sabia o que aquela dor lancinante em meu peito poderia ser. E então o telefone tocou, vi o nome do meu irmão aparecendo na tela e, de repente, *entendi*.

Mal consegui pressionar a tecla verde de tanto que minhas mãos tremiam. Ouvi Logan dizer que o tempo da nossa irmã chegava ao fim, que o coração novo pelo qual ela esperava, se é que um dia viria, chegaria tarde demais. Eu tinha que me apressar ou talvez não a veria viva novamente.

*Eu a amei desde sempre***Alex**

Ela se foi. A parede não protesta quando a esmurro e esmurro de novo.

Um *erro*.

Foi assim que ela chamou a nossa noite juntos, e depois seu celular tocou. Houve uma série de palavras entrecortadas e lágrimas, e eu não sabia se estava furioso demais para olhar para ela ou se queria apertá-la nos braços e confortá-la, dizer-lhe que ficaria tudo bem, que eu tinha certeza de que a irmã dela ficaria bem, que fosse o que acontecesse eu estaria sempre, sempre ao seu lado. Sempre junto dela.

Mas eu não disse nada. Fiquei lá parado, num conflito grande demais para conseguir falar ou me mexer.

E assim Inary terminou de se vestir. O rosto estava marcado pelas lágrimas – ela estava prestes a passar pela porta e, eu temia, a sair também da minha vida – quando a segurei pela mão e a fiz se virar para me encarar.

– O que quer que a noite passada tenha sido, Inary, não a chame de erro. Não chame de erro os meus sentimentos por você.

Ela não disse nada. A porta se fechou atrás dela e ela se foi.



Amei Inary desde sempre. Ou assim me parece.

A primeira vez em que a vi, ela estava coberta de tinta. Seu adorável cabelo castanho arruivado – algo entre vermelho e marrom, um matiz acobreado, quente, que eu só vira em quadros – tinha mechas roxas. Sou obcecado por cores, e ver aquela garota coroadada de roxo, azul e vermelho, como se tivesse acabado de sair de uma obra de arte de Chagall, tirou-me o fôlego.

Eu estava ajudando Lesley a se mudar para a casa nova. Ela me abordara com um furgão cheio de coisas, e mais alguns sacos e caixas para eu carregar no meu carro; essa garota possuía o bastante para lotar duas casas. Ela também me dera uma cópia da chave, que eu tentava pescar do bolso enquanto segurava uma caixa quando percebi que a porta estava entreaberta. Entrei e lá estava ela. Inary. Ouvira falar tanto dela, da melhor amiga de Lesley lá do norte, mas, de alguma forma, sempre nos desencontramos.

– Você deve ser o Alex – disse ela, sorrindo aquele seu sorriso ensolarado.

– E você deve ser Hilary – respondi.

– Inary – corrigiu-me com um sorriso. – Sem H, nem L. E com um N no meio.

– Ah... desculpe...

– Sem problema – sorriu novamente. – Isso acontece o tempo todo. Minha mãe descobriu esse nome num livro escocês sobre fadas, nunca o vi em nenhum outro lugar. Isso é da Lesley? – perguntou, apontando para a caixa que eu carregava.

– É. É sim. Não falta muito mais. Só mais umas vinte e sete dessas. Acho que terminamos em, mais ou menos, uma semana.

Ela gargalhou. Isso é bom, pensei. Eu a fiz rir.

– Também tem uns sacos. Ah, e Lesley está a caminho com o furgão.

– Ah, não! – Inary prendeu uma mecha de cabelos atrás da orelha. Ela continuava falando, e eu conseguia ouvir as palavras, mas não conseguia captar o significado delas. Eu estava em outro lugar, um lugar lindo, varrido pelo vento, um lugar em que estive quando era criança e do qual havia muito já tinha me esquecido.

– Eu sabia que Lesley era daquelas que acumulam, mas não sabia que ela tinha tantas coisas assim! Venha, vou mostrar onde fica o quarto dela. No fim do corredor, ali. Alex?

Sacudi-me.

– Sim. Sim, desculpe.

– Você está precisando de uma xícara de chá! – ela riu mais uma vez. Ela era tão... viva. Ao seu lado eu me sentia cinza, como

se ela detivesse todas as cores de que eu necessitava.

– Isso seria ótimo. Obrigado – deixei a caixa no quarto de Lesley e segui-a até a cozinha, pensando desesperadamente em algo para lhe dizer. – Então, Lesley me contou que você é escocesa... – comentei.

– Não que eu tenha sotaque...

Sorri. Ela tinha um cantado musical e suave das Highlands.

– De onde?

– Glen Avich. Não muito distante de Aberdeen. Você provavelmente nunca ouviu falar a respeito de tão pequena que a cidade é. E você?

– Cresci em Edimburgo...

– Olá! – Lesley entrou, carregando outra caixa. Largou o fardo no chão com um suspiro, a cascata de trancinhas caindo pelo rosto.

– Olá! Já comecei a pintura! – disse Inary.

– Percebi! – respondeu Lesley, notando as roupas sujas de tinta de Inary. – Então conheceu Alex. Finalmente! Faz séculos que quero que se conheçam...

Frequentei a universidade com o irmão de Lesley, Kamau – foi assim que Lesley e eu nos conhecemos. Nunca houve nada além de amizade entre mim e ela, embora eu muitas vezes me perguntasse o motivo disso. Nos dávamos tão bem... Ainda assim, nunca aconteceu nada. Depois que ficou evidente para todos os envolvidos, nós inclusive, que seríamos apenas amigos, ficamos muito próximos. Isso não impediu Kamau de tentar nos juntar, mas, àquela altura, eu já estava com uma namorada havia algum tempo, Gaby.

E foi então que conheci Inary, coberta de cores como um pequeno arco-íris terreno. Tudo nela – seu corpo pequeno, o som da sua voz, o modo como sorria – era tão cheio de vida que também me deixava vivo.

Eu conseguia sentir Lesley olhando para mim enquanto eu olhava para Inary, e sabia que ela adivinharia o que eu estava pensando. Lesley me conhecia bem demais. Quase saí correndo dali, murmurando algo a respeito de vinte e sete caixas e um furgão para descarregar.

O restante do dia foi um borrão. A quantidade insana de coisas de Lesley foi carregada do furgão até o apartamento, pouco a pouco, enquanto eu captava relances de Inary pintando, fazendo chá e cantando as músicas que Lesley colocava para tocar. Terminamos o dia comendo peixe com fritas, nossos pratos equilibrados nas caixas – ainda não havia nem sofá, nem cadeiras –, e depois fomos até um pub em Battersea, não muito longe da minha casa. Já estava escuro, e nos apressamos para sair do frio. Fui pegar uma rodada de uísque e as garotas foram se sentar em uma mesa.

Enquanto me apoiava no balcão, esperando pela minha vez, senti uma presença ao meu lado. Virei-me e vi que Inary tinha se juntado a mim; ela estava perto, bem perto, nossos braços se tocando.

– Tá tudo bem – disse eu –, eu pego as bebidas.

– Eu sei. Só pensei em te fazer companhia.

Ternura era algo natural para ela, assim como respirar. Ela era destemida, desembaraçada, com as emoções à flor da pele.

Poucas semanas depois, rompi com Gaby.

Agora, três anos mais tarde, após infindáveis será-que-será-que-não, ela finalmente passou a noite comigo. E depois chamou de erro, e isso doeu demais.

Ela partiu para Glen Avich, arrancada de Londres pela notícia horrível a respeito da irmã. Eu não conseguia acreditar que Emily estava morrendo – Emily, tão alegre quanto um catavento colorido, um daqueles que as pessoas colocam nos jardins. Emily, um metro e cinquenta e dois de alegria e insolência e amor à vida.

Na primeira vez em que ela veio a Londres – ela só veio duas vezes, pois a viagem era desgastante demais –, ela e Inary não pararam de falar por uma semana inteira. Eram como pardais, trinando e chilreando uma para a outra, tão alegres por estarem juntas.

Eu não conseguia acreditar.

Eu queria estar ao lado de Inary – eu *tinha* que estar. Mas a grande questão era: eu poderia continuar a fazer isso comigo mesmo? Seria eu algum tipo de muleta que ela usava e depois

jogava fora? Eu não merecia ser tratado assim. Os medos e as dúvidas dela não lhe davam o direito de me usar desse jeito.



Fui trabalhar me sentindo um zumbi e atravessei o dia como se estivesse num campo lamacento. Nenhuma notícia de Inary. O maldito telefone tocou o dia inteiro, com mensagens e e-mails e coisas para as quais eu não dava a mínima importância, mas nada da parte de Inary. Ela, obviamente, quis dizer o que dissera.

Assim que cheguei em casa, afoguei meus pensamentos num copo de uísque e, antes que me desse conta, já amanhecia. Ela já devia estar em Glen Avich. Ela poderia estar até em outro planeta.

Por quê? Por que ela disse que fora um erro? Por que, ao dizer aquelas palavras, ela pareceu ter tanto medo? De mim, de nós?

Meus dedos, desgovernados pelo álcool e pela falta de sono, começaram a compor uma mensagem. Depois a apaguei. Deitei na cama, avaliando a rachadura do teto. Foi então que percebi uma coisa no chão perto da janela. Era uma margarida esmaltada – o pingente que Inary usara na noite anterior.

Fiquei sentado à janela e permaneci ali por um bom tempo, entrelaçando a corrente entre os dedos, fitando o horizonte londrino enquanto pensava no meu lar.

A última palavra antes do silêncio

Inary

Voltei para o meu apartamento e enchi uma mala com roupas aleatórias e com meu computador; o táxi estava aguardando para me levar ao aeroporto de Heathrow. Assim que cheguei, liguei para Rowan, meu chefe na Editora Rosewood, para avisar que não trabalharia na segunda e que precisava de uma licença de afastamento. Depois liguei para Lesley. Eu estava caindo em algum lugar profundo, sem fim – como um poço escuro – e precisava que ela me trouxesse de volta à superfície.

– Ah, Inary, eu sinto muito...

– Sim. Sim. Bem... – eu me esforçava para não chorar. – Nós bem que sabíamos que isso poderia acontecer, mas sempre acreditamos que ela seria operada e que ficaria bem...

– Talvez ela melhore daqui a alguns dias. Pode ser apenas um alarme falso...

– Espero que sim – disse, e era verdade, apesar de todas as evidências e do que Logan me dissera. Eu tinha esperanças, do fundo do coração. Afinal, milagres aconteciam. E era disso que precisávamos: de um milagre.

– Se precisar de qualquer coisa, é só me ligar. A qualquer hora, dia e noite – ela disse, tão gentil, tão Lesley, que não consegui mais conter as lágrimas e tive que encerrar rápido a conversa.

Depois que desliguei o telefone, uma mensagem dela apareceu: era a imagem de um trevo de quatro folhas, para dar sorte. Percebi que ela não tinha me perguntado sobre eu não ter voltado para casa na noite anterior. Melhor assim. De qualquer jeito, eu não conseguiria falar sobre aquilo.

Era como um pesadelo, do qual eu não conseguia despertar. De repente, a minha vida tinha virado de ponta-cabeça. De novo. As coisas já não eram muito certas antes – a perda da minha mãe e do

meu pai no acidente de carro, e a coisa com Lewis, e agora isso. A minha Emily...

Talvez eu soubesse há um tempo que alguma coisa não estava bem com ela, mas eu me recusava a admitir. Nas últimas semanas havia uma alegria frágil e forçada na voz de Emily. Eu pretendia perguntar a Logan o que estava acontecendo, mas já tinha programado visitá-los na semana seguinte, portanto pensei em checar com meus próprios olhos. Isso me pouparia de ter que falar além do estritamente necessário com Logan. Meu irmão não me perdoara por eu ter me mudado para Londres, e não guardava segredo disso.

E ele tinha razão. Abandonei Emily, e agora ela estava morrendo. Fiquei longe por três anos. Longe dela, longe de Glen Avich, longe de Logan, que ficou lá para carregar tudo nos ombros.

Lágrimas recomeçaram a rolar pelo meu rosto. Ainda bem que, onde eu estava sentada, ninguém podia me ver. Peguei meu iPod, tentando recobrar o controle.

Eu queria tanto falar com Alex. Ansiava pela sua voz. Mas era demais; eu não poderia lidar com aquilo também. Passar a noite com ele fora uma escolha ruim por tantas razões. Como se eu pudesse me colocar numa situação como *aquela* de novo. Permitir-me ser estilhaçada em milhares de pedacinhos mais uma vez.

Há três anos eu estava noiva, prestes a me casar. Embora Lewis viesse de Kilronan, um vilarejo próximo do meu, as nossas órbitas nunca colidiram até nós dois nos inscrevermos no mesmo curso na Universidade de Aberdeen. Esbarrei nele – literalmente – numa lanchonete, e seu café fumegante queimou o meu braço. Ainda tenho a cicatriz, uma marca descorada na parte interna do braço, onde a pele é mais suave, mais frágil. Quanto simbolismo.

Portanto, sim, acabamos no pronto-socorro, ele mais abalado do que eu, desculpando-se sem parar. Alguns meses mais tarde, estávamos morando juntos. Nunca antes tinha me sentido daquele jeito com ninguém. Foi como entrar num mundo novo, um novo sistema solar no qual ele era o Sol. Mudamo-nos para uma casa em Kilronan, e ele insistiu que deveríamos ficar noivos. Era como se a vida dele dependesse disso. Pouco depois, o casamento foi marcado

e o vestido de noiva estava pendurado no meu armário, protegido num tecido branco. Eu usava o anel da avó dele.

Então, certo dia, oitenta e nove dias antes do casamento – sim, eu tinha contado –, ele mudou de ideia.

Assim.

Talvez por receio, por ter percebido que não me amava mais, ou que talvez nunca tivesse me amado. Mas eu suspeitava que ele estivesse assustado. Assustado porque, num momento de intimidade completa, num momento em que desejei que ele soubesse tudo sobre mim, eu lhe contei sobre o meu dom. E, desde então, as coisas nunca mais foram as mesmas. Ele provavelmente pensou que eu fosse algum tipo de aberração.

Mudei-me de volta para junto de Logan e Emily, mas não suportava mais andar pelas ruas de Glen Avich. As pessoas ficavam olhando em minha direção com aquela expressão de “coitadinha”. Eu me deparava sempre com a mãe e com os irmãos dele, porque tinha que passar de carro na frente da nossa ex-casa para chegar ao maldito supermercado. Foi uma tortura. Tudo se referia a ele e à vida que eu deveria ter, todo lugar para onde eu olhava havia lembranças de nós dois.

Não muito depois, num estado de luto, fui para Londres me encontrar com Lesley enquanto pensava no que fazer a seguir. Eu lhe apresentara a Lewis certa vez quando ela fora me visitar em Glen Avich. Percebi que ela não simpatizara muito com ele, ainda que nunca dissesse nada a respeito. Bem que desejei ter prestado mais atenção às reações dela.

Num daqueles raros momentos em que as coisas parecem se encaixar ao acaso, Lesley me disse que a pessoa com quem dividia o apartamento estava de partida para Cingapura para lecionar inglês, e que ela estava à procura de outra pessoa com quem dividir as contas, e um antigo colega de universidade me mandou um e-mail dizendo que a Editora Rosewood estava precisando de um assistente editorial. Era a oportunidade perfeita: uma vida nova ao meu dispor para eu aproveitar. Era a oportunidade de deixar Lewis – e o que ele fizera comigo – para trás.

Eu estava me mudando para Londres sem nenhum plano de voltar a morar na Escócia de novo.

Poucos dias antes de eu partir, Emily entrou no meu quarto enquanto eu terminava de fazer as malas. Acabáramos de voltar de um almoço de despedida no Green Hat com a tia Mhairi e os nossos primos. Fora um encontro permeado de tristeza, o fim de uma era para mim, para todos nós – Kilronan ficava a vinte minutos de Glen Avich, mas Londres ficava em outro planeta.

– Fique com isso – disse Emily, oferecendo-me algo leve e transparente, da cor do lago Avich no verão, entre verde, turquesa e azul. Era parte do projeto dela na faculdade, em que eles organizaram um pequeno desfile com todos os trabalhos dos formandos à mostra. A coleção de Emily era a melhor, claro. Eu tinha muito orgulho dela.

– Não, não... Isso é seu, não posso aceitar.

– Você vai precisar de roupas de estilo muito mais do que eu, Inary! Com todas aquelas apresentações glamorosas para as quais Lesley vai te levar! – ela sorriu seu sorriso suave. Emily e eu tínhamos isso em comum: tendíamos a ser alegres o tempo todo.

– Você também vai sair à noite. Não pretende ficar sempre trancafiada em casa com Logan, pretende?

Ela suspirou, e lembro-me que, por um instante, seu rosto me pareceu de outro mundo, translúcido, como se ela estivesse comigo, em meu quarto, mas, ao mesmo tempo, já distante. Como se a presença dela neste mundo fosse transitória.

– Quero que você fique com ela, e quero que vá e seja feliz e não olhe pra trás. Quero que viva por mim. Que faça todas as coisas que quero fazer, mas que não posso.

Viva por mim. As palavras dela me cortaram fundo. Não consegui falar por um instante. Foi como se ela tivesse desistido de viver, e esse não era o plano. Devíamos provar que os médicos estavam errados. Eu tinha convicção de que Emily viveria mais do que todos nós.

E lá estava eu, fazendo as malas, abandonando-a.

– Talvez isso seja um erro... – agonizei.

– Não é um erro. Não deixe que Logan a convença disso. Você tem que ir, Inary! Tem que viver a sua vida, e vai fazer isso. Eu não posso agora, mas você, sim, e você vai. Longe de... de tudo o que aconteceu – ela não mencionou Lewis, mas seu nome pairou sobre nós, não dito.

– Logan está furioso. Ele mal me dirigiu uma palavra.

Emily revirou os olhos.

– Ele não quer que você vá porque tem receio que eu acabe mortalmente doente nas mãos dele, mas isso não vai acontecer. Além disso, existem boas chances de eu entrar para a lista de transplante de coração em breve. Vamos ficar bem – disse ela e riu.

– Logan só está sempre procurando algum motivo pra ficar emburrado.

– Ele tem motivos.

– Que seja – ela deu de ombros. – Você será o ramo londrino da nossa família. E nos deixará muito orgulhosos. Escute... – ela sorriu mais uma vez, pousando uma mão na pilha de manuscritos sobre a minha escrivaninha, prontos para serem embalados, presos cuidadosamente com fitas para manter as folhas unidas. – Você tem se dedicado aos seus livros desde sempre. Ficando sem dormir, passando finais de semana no quarto, digitando sem parar...

– Porque sou esquisita, fala sério... – ri.

– Sim, é sim – ela também riu. – Mas também porque é tão dedicada. Você nunca desejou outra coisa, não é? – meneei a cabeça em resposta. Ela tinha razão. Desde que eu era uma garotinha, nunca desejei outra coisa que não fosse escrever. – Você tem que ir e realizar esse sonho.

– Não é tão simples assim...

– É, sim, Inary – ela enroscou um dedo numa mecha de cabelo minha, um daqueles seus gestos carinhosos. – Você só precisa de determinação...

– E talento... – declarei, com a voz carregada de dúvida.

– Sim, de talento, mas isso você tem. Sei que você tem e que vai conseguir. Quer eu esteja aqui pra ver isso ou não...

– Não diga isso, Emily. Você vai entrar na lista e vai conseguir um coração novo e tudo vai melhorar – ouvi-la falando daquele jeito foi

como ser apunhalada no coração.

– Ah, não se preocupe – ela riu. – Ainda tenho um pouquinho de vida dentro de mim! Vou pra Londres visitar você e sair à noite com os amigos malucos da Lesley...

– Exato! E é por isso que você precisa da sua blusa...

– Vamos fazer o seguinte. Fique com ela, vou usá-la quando eu for te visitar.

– Fechado.

Mas ela não cumpriu sua parte do acordo. Só pôde me visitar duas vezes, e sair com os amigos de Lesley seria demais para ela. Logo, até a viagem de carro com Logan ficou fora de questão – seria desgastante demais. E também não mantive minha parte no acordo: eu ainda não tinha um livro publicado, e nem mesmo sabia sobre o que poderia escrever.

Acabei caindo num sono intranquilo e só acordei quando estávamos prestes a aterrissar. Vi pela janela que, enquanto eu dormia, a Inglaterra por fim se transformara nas colinas e charcos da Escócia, um milhão de tons de marrom e violeta reluzentes sob a luz da aurora.

Minha cabeça e meus olhos doíam enquanto eu esperava pelo primeiro trem para Glen Avich, tomando um expresso duplo que conseguiu, ao mesmo tempo, me acordar e fazer um buraco no meu estômago vazio. Eu não poderia ligar para Logan para que viesse me pegar – o trajeto de ida e volta entre Glen Avich e Aberdeen demorava quase duas horas, e eu não queria que ele ficasse tanto tempo longe de Emily. Por fim, embarquei no pequeno trem de apenas dois vagões. Havia somente alguns aposentados, o condutor e eu. Pela janela, eu via o cenário que conhecia desde sempre, o lugar que chamei de lar pelos primeiros vinte e um anos da minha vida.

Enquanto eu saía para a plataforma da estação de Glen Avich, meu coração flanou por um momento, apesar do cansaço e da preocupação. Inspirei fundo, inalando a fragrância doce dos pinheiros e das fogueiras de turfa. Consegui ver um punhado de nuvens rosadas sobre as colinas onde a terra beijava o céu; o ar era frio e limpo, e havia uma sensação de paz e de calma ao redor. Eu

estava em casa. Era engraçado que eu ainda chamasse a nossa casa em Glen Avich de lar, mesmo depois daqueles anos morando longe...

Quase corri da estação para a casa, algumas centenas de metros distante dali, mantendo a cabeça baixa na esperança de não me deparar com ninguém e ter que parar para conversar. Eu simplesmente não estava pronta para falar sobre Emily com quem quer que fosse. Meus pés estavam pesados enquanto andava pelas ruelas adjacentes, evitando o trajeto mais direto e rápido da rua principal. Parei do lado oposto da nossa casa, um chalé caiado que ficava no fundo da St. Colman Way. Respirei fundo, agarrando minha mala. As luzes das janelas do andar de cima estavam acesas, na manhã cinzenta e fria.

Atravessei a rua, cada passo uma agonia. Não sabia o que encontraria, não sabia o que veria assim que entrasse no quarto de Emily.

Parei diante da pesada porta de madeira e bati de leve com as mãos trêmulas. Uma mulher que eu não conhecia, num uniforme de enfermeira, deixou-me entrar.

– Você deve ser Inary – ela disse.

Assenti, ansiosa demais para falar, e entrei.

Meu irmão estava no alto da escada, conversando baixinho com tia Mhairi, as cabeças abaixadas na direção um do outro, Logan muito mais alto do que ela. Meu coração se partiu porque, assim que vi a expressão do meu irmão, entendi que tudo estava perdido. Soube, com absoluta certeza, que os médicos não estavam errados, como sempre pensei que estivessem. Compreendi que os dias de Emily estavam chegando ao fim.

O desespero é uma coisa engraçada, o modo como ele atinge você numa onda escarlate, fazendo-a gritar e soluçar e esbravejar contra o mundo; ou como ele pode simplesmente congelá-la no lugar, privando-a de toda energia e propósito, arrancando a sua alma de você, deixando apenas uma concha vazia para trás. Foi assim que me senti quando vi o rosto aflito do meu irmão e percebi que a morte estava em nossa casa, à espera da hora certa, e que essa hora logo chegaria.

– Ah, Inary! Graças a Deus você está aqui! – tia Mhairi sorriu para mim, seu rosto enrugado e exausto. Ela se apressou escada abaixo e me envolveu num abraço caloroso. Logan a seguiu, mas não me abraçou, como desejei. Ficou diante de mim, os olhos cravados nos meus, como se estivesse implorando, como se estivesse se afogando e só eu pudesse salvá-lo. Mas como eu poderia salvá-lo quando eu também estava me afogando?

– Você está aqui – disse ele, como se estivesse surpreso. Havia acusação na voz dele, e a culpa se agarrou a mim mais uma vez.

– Emily... – sussurrei.

– Ela está dormindo. Melhor não perturbá-la agora.

Por um momento, o ar pesou entre nós, repleto de palavras não ditas. Então tia Mhairi disse que colocaria a chaleira no fogo e prepararia o café da manhã, e que era para eu ir me sentar e me aquecer perto do fogo, e essas palavras simples e rotineiras sobre chá e torradas e que manhã fria era aquela, e como era maravilhoso estarmos os três juntos em casa, rompeu o feitiço sob o qual eu me encontrava e me forçou a voltar para a terra dos vivos.

Emily estava morrendo no andar de cima. Mesmo assim, o tempo não pararia, e nós teríamos que seguir adiante. Mas nada, absolutamente nada, seria o mesmo novamente.



Enquanto tia Mhairi preparava o café da manhã, entrei no quarto de Emily o mais silenciosamente possível e me sentei ao lado de sua cama. Ela estava pálida e seus lábios tinham um tom azulado. Havia dezenas de frascos de medicamentos em sua mesinha de cabeceira, e a máquina de costura estava num canto, junto com amostras de tecido empilhadas umas sobre as outras. Ela estivera trabalhando em algo, percebi, antes de ter sido forçada a parar; o pano ainda estava preso na agulha da máquina. Algo num tom de ameixa com florzinhas em toda parte...

Meus olhos se voltaram para Emily, e fiquei imobilizada. Aquela boneca partida não podia ser minha irmã. Minha irmã era cheia de

vida e brilhava de dentro para fora, feliz, rebelde e forte. Notei que suas unhas estavam pintadas de verde; um toque tão característico de Emily...

Fiquei grata por ela estar dormindo, pois tive que sair e me refugiar no meu quarto. Gritei berros silenciosos no meu travesseiro, com Logan pairando na soleira da minha porta, desajeitado e com o coração partido. Então enxuguei os olhos, forcei meus lábios num sorriso e resolvi que não voltaria a chorar até... até que chegasse a hora. Decidi que seria forte e nunca, nunca ficaria triste diante de Emily. Resolvi que lhe traria alegria até seu último momento. De certo modo, a morte repentina dos meus pais foi uma bênção – sei que soa estranho, mas pelo menos eles não tiveram tempo de sentir medo, de sofrer. Mas, para Emily, seria uma longa agonia, um túnel com somente mais escuridão ao fim dele.

Voltei ao seu quarto e ela estava despertando, as pálpebras se agitando, como se ainda estivesse num sonho. Tomei-a nos braços – ela perdera peso, era como um passarinho pequeno agora – e, em vez de inalar sua adorável e doce fragrância, inalei o cheiro da doença e dos medicamentos, e meu coração afundou uma vez mais. Mas me mantive firme em minha resolução.

– Olá, querida...

– Você voltou... – ela murmurou.

– Claro. Estou aqui para enlouquecer Logan.

– Você sempre faz isso – ela disse, e riu um pequeno riso, fantasma de sua antiga risada.

– Ela faz mesmo – disse Logan da porta. Ele olhou para mim, e havia um misto estranho de amargura e alívio em seus olhos.

Sim, eu estava de volta, e não iria a lugar algum.

A minha outra metade

Logan

Então a irmã pródiga voltou. Para mais do que apenas um fim de semana, ao que tudo levava a crer.

Emily teve um bom dia – ver Inary a animou. Inary é boa em animar as pessoas, sempre foi. Mas ela também é boa em fugir quando as coisas apertam, deixando as pessoas na merda.

Foi o que ela fez comigo.

Todos estão dormindo agora, e a garrafa diante de mim está quase vazia. Isso é preocupante. Não consigo me lembrar de tê-la começado. Mas esse parece ser o único modo de eu atravessar a noite. Assim que o uísque cumprir a sua missão, conseguirei fechar os olhos e parar de doer por dentro. Dormir e esquecer, por algumas horas.

Ainda não funcionou, mas vai. Uísque de Islay: pode contar com ele para relaxar. A questão é que a foto da formatura de Emily está sobre a cornija da lareira bem na minha frente, e isso só torna tudo mais difícil. Ela está olhando para mim enquanto bebo. Não estou chorando, obviamente. Nem um pouco. Talvez mais tarde, quando eu estiver bêbado o bastante.

Quando Emily nasceu, eu tinha dez anos. Tudo o que eu sabia era que havia algo errado com o bebê, que minha mãe tinha que ficar no hospital com ela e que ela não voltaria por um tempo. Quando mamãe finalmente voltou, trazendo Emily consigo, eu nem quis olhar para minha irmã. Ela tinha virado nossas vidas de pernas para o ar e afastado minha mãe pelo tempo que me pareceu uma eternidade. Por dias recusei-me a ter qualquer coisa a ver com ela.

Uma noite, porém, entrei no quarto dos meus pais, sozinho. Fiquei pairando perto do berço de Emily por um tempo, e logo não resisti e fui dar uma espiada nessa criaturinha que tinha algo terrível, tão terrível, em seu coração. Ela era minúscula – seria possível que eu e Inary já tivéssemos sido daquele tamanho?

Toquei em seu rosto o mais sutilmente que pude, em seu cabelo fofo. Ela estava dormindo, mas quando a toquei, ela abriu os olhos e arfei – será que ela iria gritar e chorar? Eu a incomodara? Machucara? Segurei a respiração e prestei atenção nos passos dos meus pais, à espera de levar uma bronca... Mas Emily não chorou. Ela sorriu, um sorriso pequeno e cheio de gengivas.

Sabendo o que sei hoje, acho que ela era nova demais para sorrir para mim de verdade, e bebês não costumam sorrir tão cedo assim. Mas, naquela época, eu tive certeza de que ela sorrisa. Segurei a mão dela, e ela se agarrou a mim com seus dedinhos.

De repente percebi que havia alguém atrás de mim. Era minha mãe.

– Você é o irmão mais velho. Precisa cuidar dela – disse ela, e essas palavras ficaram para sempre comigo. Emily ainda estava segurando a minha mão. Não queria me soltar. E eu não *queria* ir.

As coisas ficaram mais ou menos assim. Meus pais morreram num acidente de carro – sei, quando o azar foi distribuído, minha família deve ter pegado o primeiro lugar na fila. Eu tinha vinte e três anos, Inary, quase dezesseis, e Emily, treze. Seguimos em frente. Eu, cuidando das minhas irmãs; Emily, entrando e saindo do hospital; Inary num mundo próprio, com suas histórias e seus livros e sonhos de escrever. Éramos uma boa equipe. Tia Mhairi, a irmã mais velha do nosso pai, ajudou, e meus pais haviam nos deixado o bastante para que eu comprasse a Welly, uma loja na cidade, que andava bem. O suficiente para que eu pagasse alguém para trabalhar quando Emily precisava de mim. Nós tocávamos a vida.

Mesmo quando Inary foi estudar em Aberdeen, ela ainda estava disponível para Emily. E quando foi morar com Lewis – aquele esboço patético de homem –, ela estava sempre em nossa casa, ajudando. Não sei o que eu teria feito sem ela, com o trabalho, e a casa, e as consultas no hospital, e os constantes cuidados, preocupações e estresse.

E, então, aquele cretino a deixou e ela ficou dilacerada. Eu nunca tinha visto Inary daquele jeito, nem quando nossos pais morreram – como se a luz tivesse sido arrancada dela. Ou talvez tudo a tivesse atingido de uma vez só: a morte dos nossos pais, a doença de Emily

e depois aquilo. Talvez tivesse sido a última gota. Ela se mudou para Londres, e fiquei para cuidar de Emily. Sozinho.

O que posso dizer? Cuidei dela. Que outra escolha eu tinha? Não me entenda mal, não sou santo. Às vezes, o que me impedia de implodir era ir até o jardim e cortar lenha por horas e horas a fio. Houve dias em que eu poderia ter dirigido até Londres só para gritar com Inary por ela ter me abandonado.

Eu deveria ter feito isso.

Sim, houve momentos bem ruins. Mas ergo a taça para você, Emily. Porque, de todos esses dias e essas noites em que cuidei de você, com e sem os nossos pais, com e sem a nossa irmã, eu não mudaria nenhum deles.

O longo adeus

Inary

E assim a espera começou. Os médicos disseram uma semana; o coração da minha irmã bateu por mais três. As três semanas mais longas e difíceis da minha vida.

Dia após noite, após dia, após noite novamente, e nós seguimos no piloto automático, atordoados e exaustos e famintos, mas tristes demais para comer ou dormir. Era como se a vida estivesse se escoando de nós também. As noites eram o pior. Emily dormia por apenas algumas horas e, durante o restante do tempo, nos revezávamos para lhe fazer companhia. Havia apenas duas enfermeiras que trabalhavam em turnos, visto que Emily tinha que ser vigiada constantemente, mas também queríamos estar com ela. Eu lhe contava histórias sobre a minha vida em Londres, e lia para ela, e também assistíamos a programas tarde da noite na TV. Quando, por fim, eu ia para a cama, estava cansada demais para dormir e meu rosto doía de tanto sorrir.

Muitas vezes os passos de Logan paravam diante da minha porta, as tábuas rangendo, e eu sabia que ele precisava de companhia. As coisas não iam bem entre nós, mas, ainda assim, ele procurava por mim, por algum motivo. Eu me levantava e passávamos horas tomando chá – ou, no caso de Logan, uísque – diante da lareira da sala de estar, assistindo a algum programa sem sentido e trocando palavras sobre tudo e nada. Basicamente, era eu quem falava, nas minhas tentativas infundáveis de manter todos contentes. Fracassei, claro. Logan carregava o peso do mundo nas costas. Às vezes, ele estava tão para baixo que não tinha energia para falar; às vezes ele estava tomado de raiva pela loteria genética que deformara o coração de Emily, pela morte prematura dos nossos pais. Por mim, por ter partido. Eu conseguia sentir – o ressentimento emanava dele como vapor. Eu conseguia sentir sua tristeza, e temia por ele quase tanto quanto temia por Emily.

Quanto a mim, caí num lago silencioso e profundo de lágrimas. Em algum lugar entre as águas, eu flutuava, tentando me acostumar com esse novo, estranho e doloroso mundo. Passamos pela morte repentina dos nossos pais, e foi muito pior do que eu jamais poderei explicar... Mas, de algum modo, por mais cruel que tivesse sido, ainda era a ordem natural das coisas – os avós se vão, depois os pais. Não a sua irmã de vinte e três anos de idade, com uma vida inteira ainda diante dela.

Lesley telefonava todos os dias. Agarrei-me à voz dela como a um bote salva-vidas, mas todos os dias eu a sentia se afastar, e minha vida em Londres era como um sonho distante. Eu entrara numa terra sombria sozinha e, conforme adentrava mais e mais, nem mesmo minha melhor amiga poderia me acompanhar.



– Leia para mim algo que você escreveu, Inary – Emily estava deitada toda enroscada, as mãos brancas debaixo da bochecha. Eu acabara de lhe dar algumas colheradas de sopa e só isso já a exaurira.

– Hum... Eu estou trabalhando numa história... *Cassandra*. É sobre uma moça lobisomem, mas é meio boba.

– Não acredito em você. Sabe que adoro as suas histórias.

– Não vai adorar essa...

– Por que não escreve alguma coisa sobre a sua vida aqui? Sobre Glen Avich?

– Engraçado você dizer isso. Outro dia, Lesley disse que eu tinha que procurar pela minha própria história...

– Talvez a sua história esteja aqui – sussurrou ela. Eu penteara o cabelo dela numa trança lateral, a fim de que não a incomodasse enquanto estivesse deitada. O cabelo dela era tão adorável, loiro com um quê de vermelho. Ela era a perfeita ruiva-clara natural. Fiquei pensando se Alex tinha essa cor catalogada em seu *Chromatica*...

Afaguei seu rosto, e ela fechou os olhos.

– Talvez – eu disse. – Tudo bem, vou pegar o meu laptop. Aposto como isso vai fazer você dormir...

– Não seja boba – ela murmurou, sorrindo.

Eu já estava pondo o pé para fora do quarto quando ela chamou:

– Inary?

– Sim?

– Eu estava pensando em deixar minha música para Lesley – ela disse. Meu coração apertou. Não confiei em mim para falar. Apenas fiquei ali, parada, sem ar nenhum dentro dos pulmões. – Você pode dar pra ela depois que eu partir? Está tudo aqui... – ela relanceou para o iPod verde sobre a mesinha de cabeceira.

– Não fale assim, Emily...

– Posso muito bem já ir distribuindo as minhas coisas.

Ela tinha razão. Isso me matava, mas ela tinha razão.

– Claro que não vou dar pra ela. Vou vender no eBay e com o dinheiro pagar uma jacuzzi pro Logan.

Ela riu. Minha atividade favorita era fazê-la rir.

Sentei-me na cama dela, lendo *Cassandra*. Depois de um tempo, percebi que ela se esforçava para manter os olhos abertos.

– Maravilha, meu livro está *mesmo* fazendo você dormir – eu disse com um sorriso.

Ela retribuiu o sorriso, e logo seus olhos tremularam e ela adormeceu.



Eu tentava sair de casa de vez em quando para tomar um pouco de ar fresco e clarear a mente. Glen Avich me recebera de braços abertos novamente. Caminhar por suas ruas não era a mesma coisa de quando eu vinha para passar finais de semana e feriados curtos. Na época, eu estava sempre em algum lugar entre a Escócia e Londres, a minha cabeça dividida entre os dois lugares. Agora não havia outros pensamentos que não os pensamentos sobre Emily. O amanhã não existia, e eu não tinha planos, nenhum desejo a não ser deixar Emily o mais confortável possível. Toda vez que a minha

mente vagueava para minha vida em Londres, para Alex, eu me trazia de volta.

Eu andava por Glen Avich como se pertencesse ao lugar de novo e, no ali e no agora, eu pertencia. Cada expedição para fora de casa envolvia parar a todo momento para conversar com alguém – todos eram ou familiares ou amigos. Não era fácil viver num aquário, onde todos sabiam de mim e sabiam pelo que estávamos passando, mas, às vezes, isso era um conforto. A vila inteira torcia por Emily, por nós.

Eu costumava ir à loja de Peggy para fazer compras – qualquer coisa para tentar o apetite decrescente de Emily. Peggy é uma prima distante minha – como grande parte de Glen Avich, devo admitir – e sua loja era um dos corações pulsantes da vila. Vendia basicamente de tudo, desde gêneros alimentícios a revistas e souvenirs, até roupinhas de bebê, tricotadas no vilarejo e dispostas num pequeno mostruário ao lado do caixa. De água sanitária a pregadores de roupa, de baldes a doces de leite caseiros e barbante – você encontrava tudo ali. E também era *o lugar* para se atualizar quanto à vida dos outros.

Peggy era um misto de médica, sacerdotisa e conselheira, tudo misturado; todos conversavam com ela. Se você precisasse de uma consulta particular, ela o levaria para uma pequena cozinha nos fundos, lhe daria chá ou suco e biscoitos – dependendo da sua idade – e você poderia abrir seu coração. Lembro-me de ter me sentado lá muitas vezes, enquanto minha avó conversava com Peggy e a irmã dela, Flora. E também me lembro de ficar me perguntando, visto que éramos todas mulheres McCrimmon (pelo lado da minha mãe), se elas também tinham o dom que eu e a minha avó tínhamos. Nunca tive coragem de perguntar. Agora eu não conseguia deixar de pensar no que Peggy diria sobre mim e Alex se eu me abrisse com ela...

Eu estava lá, certa manhã, pegando um estoque de leitura para Emily – ela amava as revistas de moda que líamos juntinhas na cama – quando minha prima Eilidh entrou. Eu tinha ouvido falar que ela voltara a morar em Glen Avich e que estava morando com

Jamie McAnena, um ferreiro e artista, velho amigo do meu irmão, mas ainda não tinha me deparado com ela.

– Inary! Ah, querida! – Eilidh disse ao me abraçar forte. Seu cheiro era de maçã-verde. – Lamento tanto...

Nunca gostei que as pessoas sentissem pena de mim, mas, nessa ocasião, de algum modo aquilo foi diferente. Abracei-a e escondi o rosto em seu cabelo, e quando nos soltamos, senti meus olhos se encherem.

– Eu queria ir até a casa de vocês, mas Logan me disse que Emily está fraca demais para receber visitas...

– É verdade. Ela não pode ver ninguém – inspirei fundo. – E você, Eilidh, como está? Faz anos que não nos vemos! – fiquei um tanto surpresa quando a fitei nos olhos.

Eu havia me esquecido o quanto eram parecidos com os meus – o mesmo formato, o mesmo tom azul-esverdeado. Nosso parentesco era evidente, apesar de ela ter sido poupada dos cabelos ruivos – prefiro dizer acobreados, mas, convenhamos, são vermelhos. Os de Eilidh eram da cor das castanhas e pousavam de modo adorável sobre os ombros.

– Estou bem. De volta a Glen Avich agora. Tenho um filho...

– Sim, a tia Mhairi me contou. Parabéns!

– E ele é um bebê tão lindo! – Peggy interveio.

– Estou louca para conhecê-lo. Diga olá para Jamie por mim.

– Pode deixar. Inary... – ela pousou uma mão cálida sobre a minha. Baixei o olhar. Não confiei em mim para olhar para aquele rosto franco e gentil sem cair em lágrimas. – Moro logo ali na estradinha. Se precisar de qualquer coisa, basta me ligar que eu vou.

– Obrigada.

– Tem um café novo logo aqui perto, já viu?

– Ah, sim, o La Piazza. Só vi do lado de fora.

– Se você gosta de café, um dia desses...

Subitamente, a porta se abriu e uma rajada de vento frio entrou.

– Olá, Inary – disse uma voz que eu conhecia. Uma voz que eu conhecia muito bem.

Virei-me e lá estava ela. Anabel. A mãe de Lewis. Envolvida em alguma tarefa para a igreja, sem dúvida.

Não nos falávamos havia três anos. Eu esbarraria nela, cedo ou tarde. Forcei-me a encará-la, embora soubesse o que isso me faria sentir. Ela era uma mulher alta e grande, com uma voz retumbante e olhos inquisidores.

– Olá, Anabel – meu coração batia forte ao encontro das costelas.

– Como tem passado? – ela perguntou, com aquele tom levemente condescendente que sempre usava comigo. Como se eu não fosse muito inteligente ou muito bonita, e eu não frequentava a igreja deles, mas, afinal, eu era a escolha do filho dela – por um tempo – e ela tinha que me tolerar. Certa vez, comentou que as mulheres McCrimmon eram um tanto estranhas; Logan nunca mais falou com ela. Emily a chamava de Cruella, porque criava cachorros, e ela estava convencida de que a mulher fazia casacos com as peles deles. Emily gostava de brincar dizendo que Anabel apareceria no meu casamento com um casaco de dalmata.

– Bem – como eu vinha passando? Ela não tinha ouvido falar? Estranho. Todos sabiam sobre tudo por ali.

– Lewis me contou a respeito de Emily... – ah, então ela *sabia*. Fiquei olhando para seu rosto, surpresa ao perceber que ela parecia genuinamente triste. – Mas Emily sempre foi doentinha, não...? – Anabel fazia parecer que aquilo fosse, de algum modo, culpa de Emily. Imagino que por causa do maculado sangue dos McCrimmon. Em outras palavras, ela voltara ao seu charme habitual. Interrompi-a de pronto.

– Bem, foi bom vê-la, Anabel – nem um pouco. – Obrigada, Peggy – disse rápido e praticamente saí correndo da loja, com o rosto queimando. Fui para fora e inspirei o mais profundamente que consegui. Havia uma pergunta presa na minha garganta: como está Lewis? A pergunta que eu não podia fazer, porque não queria mesmo ouvir a resposta. Caso ele não estivesse bem, isso me entristeceria; caso estivesse com outra pessoa, isso também me entristeceria. De qualquer jeito, eu não deveria me importar com isso.

De repente, percebi que estava segurando uma pilha de revistas pelas quais não havia pagado. Eu tinha que voltar... e tentar não bater em Cruella. Bem quando eu estava para abrir a porta, Eilidh saiu da loja.

– Isso ficou por minha conta. Mulher agradável. Venha – ela disse, e passou o braço pelo meu. – Vamos embora antes que ela saia.

– Obrigada. E, sim, ela sempre teve esse charme – engoli a seco.

– Você teve sorte em se livrar desse tipo – Eilidh disse.

Uma lufada de vento misturada com chuvisco me atingiu no rosto e eu subi o colarinho da jaqueta. O céu estava pesado, tomado por nuvens escuras. Eilidh e eu andamos pela St. Coleman Way num silêncio harmonioso. Fiquei grata por ela não fazer perguntas – até mesmo a mais simples trazia lembranças dolorosas, por exemplo “Por quanto tempo vai ficar?”.

Até... E então o pensamento que eu não conseguia aguentar sem que meu coração se partisse em dois: até ela partir.

– Onde está seu bebê hoje? – perguntei, tentando desviar meus pensamentos para um terreno mais alegre.

– Num parquinho em Kinnear com o pai e Maisie. Estou fazendo uma faxina de primavera. A minha vida é tão excitante! – brincou ela.

– De primavera? Você é otimista! – eu disse, erguendo os olhos para o céu de tempestade.

– A primavera logo chega – ela disse.

Sim. E Emily não estará aqui para vê-la.

Despedimo-nos com um último abraço e a promessa de nos encontrarmos em breve, e entrei em casa. A cada passo, eu sabia que estava entrando num limbo entre a vida e a morte, numa terra de ninguém onde tudo o que eu podia fazer era esperar – e esperar por esperança.

*Garota num vestido branco***Alex**

– Estou descendo para a lanchonete. Quer alguma coisa? – uma das designers, Sharon, perguntou com suavidade. Uma chuva gelada caía em Londres, três semanas depois do dia em que Inary partira. Eu tentava me esquecer dela por algumas horas da única maneira que conhecia: trabalhando. Lesley logo chegaria ao escritório para discutir a reformulação do website da empresa para a qual trabalhava, o que me alegrava um pouco.

– Alex? – Sharon olhava para mim, à espera de uma resposta. Percebi que me esquecera de responder.

– Desculpe, eu estava distraído. Não, obrigado. Não estou com fome.

– Vai ficar sem almoçar de novo? – ela cruzou os braços numa demonstração de desaprovação fingida.

– Talvez mais tarde – sorri.

– Não, de jeito nenhum. Você vai comer comigo. Vou te comprar um... – ela levantou os olhos para o teto, tentando se lembrar do que eu gostava. – ... sanduíche de frango com maionese, não é isso? – assenti, sorrindo. – E também um bolinho de creme. Não aceito um “não” como resposta! – abri a boca para protestar, mas ela me deteve novamente: – Certo! Estou saindo! – disse, olhando-me direto nos olhos. Notei como a luz branda tornava os olhos castanhos dela quase negros, como dois pedaços de obsidiana.

– Obrigado. Depois me diga quanto estou te devendo.

– Fica por minha conta – ela disse, desaparecendo pela porta.

Fazia dois anos que Sharon trabalhava comigo. Levou um bom tempo – e alguma ajuda – para eu perceber o seu interesse por mim. Eu simplesmente não havia notado. Nunca deixo de perceber as estampas e as cores das roupas das pessoas, as formas das construções e as flores e cada uma das nuances do céu em todas as

horas do dia... mas o comportamento das pessoas é um mistério para mim. No fim, Gary, meu colega e amigo, teve que soletrar.

– Tem certeza de que ela gosta de mim?

– Ah, sim... Não percebeu como ela olha pra você?

– Na verdade, não.

Ele revirou os olhos.

– Acorda, Alex! Você vai ser um idiota se a deixar escapar!

Evitei falar com Sharon dali por diante. Evitei a própria Sharon, o tanto quanto era possível num escritório pequeno. Não me leve a mal, ela era bonita, gentil e engraçada. Ela era tudo o que um cara poderia querer.

Só não era Inary.

Ela pareceu manter distância por um tempo, talvez magoada pelo fato de eu não retribuir o seu interesse. Mas, depois de um tempo, as coisas entraram nos eixos novamente, como se ela tivesse entendido e aceitado a minha escolha.

Certo dia, Inary veio me ver no escritório. Ela entrou como um raio de sol, sorrindo e conversando animadamente, do seu jeito de sempre. Logo percebi que Sharon a observava atentamente. Até notei o sorriso forçado de Sharon e a maneira como se sentava rígida na cadeira, só esperando o instante em que Inary partiria. Sharon sabia; naquela hora, ela soube como eu me sentia em relação a Inary. Grande coisa, todos ao meu redor sabiam. E todos, a certa altura, tentaram enfiar algum juízo em mim. A não ser Lesley, que estava convencida de que eu e Inary éramos feitos um para o outro, que ela só precisava de tempo para esquecer o cara que a deixara.

Uma noite, quando estávamos só nós dois na minha casa, tive um vislumbre da antiga vida de Inary.

– Sabia que eu ia me casar? – ela disse, servindo-se de mais um copo de vodca. Ela estava toda enroscada no meu sofá, os pés descalços debaixo do corpo, a cabeça apoiada nas almofadas. Normalmente Inary é uma bêbada feliz; sabe aquele tipo que dança e ri e diz para todo mundo que os ama? Não naquela noite.

– É mesmo? – fiquei surpreso. Eu sabia que tinha existido alguém na vida dela, mas não que fora tão importante assim. Inary, noiva?

– Ele não queria só morar junto – ela disse, gesticulando com o corpo num arco. – Não. A mãe e o pai dele não aprovariam. As pessoas comentariam. As pessoas daquela bendita igreja que eles frequentam. Não. Ele. Quis. Se. Casar.

– Certo... – respondi de maneira suave.

– Então comprei o vestido. Emily me ajudou a escolher. Era lindo, sabia? Meio que sem alças, assim, ó... – metade do conteúdo do copo acabou nas almofadas quando ela mostrou o molde do vestido de casamento. – E depois ele me deixou!

– Acho que você já bebeu bastante, Inary... Olha só, bebe isso aqui...

– Ah, obrigada. O que é? Por que está me dando água? – ela fez uma careta.

– Vamos, beba... – insisti e me sentei ao seu lado.

– Não.

– Vamos lá. Se você beber, amanhã eu capricho no café da manhã – tentei suborná-la como faria com uma criança.

– Tá bom, então. Bacon com ovos mexidos, por favor – se ela não estivesse tão chateada por conta do noivo, eu teria achado aquilo engraçado. Ela se recostou no meu ombro. – Ai, meu Deus, estou tão cansada...

– Tudo bem. Hora de ir pra cama – ergui-a e carreguei-a até o quarto de hóspedes.

Eu a estava ajudando a se ajeitar na cama quando ela murmurou alguma coisa.

– O que disse?

– Eu disse que nunca mais quero amar ninguém!

– Ah... tá bom – disse, levantando a colcha. Uma parte de mim estava achando a embriaguez dela engraçada, mas havia uma nota de tristeza em sua voz que me deixou nervoso, fazendo-me pensar no que ela estava dizendo.

– Sabe o que foi?

– O que foi? – perguntei.

– Lewis odiou o meu dom.

– É mesmo? – disse, cobrindo-a com a colcha. Ela estava com os olhos borrados como os de um panda e o cabelo estava úmido na

testa. Ela me pareceu muito jovem e vulnerável. – Que dom era esse? – perguntei, pensando que ela devia estar se referindo a algum presente¹. Um motivo um tanto estranho para abandonar alguém antes do casamento. Nunca tive a resposta para a minha pergunta; ela já estava dormindo.

A coisa toda foi muito não-Inary – eu nunca a vira daquele modo, nem antes, nem depois, e não fiquei sabendo o que ela quis dizer sobre Lewis ter odiado o dom dela.

A recusa de Inary em sair com alguém já durava três anos, e não parecia passar. E não era por falta de oferta – eu vivia com medo dos escritores com os quais ela trabalhava. Eu sabia que o cara de quem estivera noiva partira seu coração, mas seria mesmo o seu desapontamento, o seu medo que a mantinha afastada de mim? Ou seria algo mais, algo muito mais definitivo – ela simplesmente não estava interessada em *mim* – e quando estivesse finalmente pronta, encontraria outra pessoa? Um daqueles tipos literários com quem ela trabalhava, por certo. Torturava-me visualizando-a com um escritor de contos sueco que a levaria num cruzeiro pelos fiordes. Ok, fiordes ficam na Noruega, mas você entendeu. Toda vez que ela mencionava alguém do trabalho, o temor se instalava no meu estômago como um nó duro e frio. Eu queria acreditar na teoria de Lesley; queria continuar a ter esperanças de que um dia ela mudaria de ideia a nosso respeito. Mas o que aconteceu há três semanas – a dor que ela me causara com apenas poucas palavras –, aquilo me dilacerou.

O retorno de Sharon interrompeu o caos dos meus pensamentos; ela voltou com um pacote cheiroso nas mãos. Fiz café e almoçamos juntos. Sem aviso, ela se inclinou na minha direção e esfregou minha bochecha com o dedo, bem perto dos meus lábios. O cabelo dela tinha um cheiro forte, de alguma fragrância de nota profunda.

– Você estava com creme no rosto... – disse ela, sorrindo, e baixou os olhos de imediato.

Ela sabia o que estava fazendo. Até *eu* sabia o que ela estava fazendo.

Naquele instante, Lesley entrou e, tenho certeza, também ficou sabendo. Não disse nada, nem quando Sharon saiu e ficamos sozinhos no escritório, mas eu sabia que diria algo, cedo ou tarde. "Gift", em inglês, significa tanto "dom" quanto "presente". Por isso Alex faz confusão e não entende a que Inary está se referindo. (N.T.)

Ela se sentou ao meu lado na escrivaninha e, sutilmente, começou a arrumar e realinhar as coisas, ou seja, dando aos objetos o tratamento Lesley.

– Você é meio bagunceiro, não é?

– Não, você que é absurdamente organizada – repliquei.

– Ah, cala a boca – ela riu.

– E aí... alguma notícia de Inary? – forcei-me a parecer casual enquanto trazia o trabalho em progresso para a tela.

– Sim. Ela ligou algumas vezes. É tudo tão terrível, Alex. Cada vez ela me parece pior. Emily está muito mal...

Subitamente, senti-me terrivelmente egoísta. Ali estava eu, agonizando sobre a noite que passamos juntos e sobre os meus sentimentos enquanto sua irmã estava morrendo e ela passava pelo Inferno na Terra.

– Não consigo imaginar como deve ser isso... Emily só tem vinte e três anos... – eu disse.

– Nem eu. Se perdesse Kamau... Bem... Só espero que um milagre aconteça. Queria estar lá, ou que ela não estivesse tão longe.

– Eu também.

– Falou com ela?

– Não.

– Não falou *nenhuma vez* com ela? – Lesley pareceu abismada.

Então Inary não lhe contara sobre nós...

Balancei a cabeça. Não consegui falar sobre o que havia acontecido entre mim e Inary. Simplesmente não conseguia.

– Talvez você devesse ligar pra ela...

Inspirei fundo.

– Acho que ela precisa de um tempo.

– Talvez – respondeu ela, olhando-me com curiosidade.

Eu não aguentava mais aquela conversa.

– Vamos arregaçar as mangas, Lesley – disse, e tentei, desesperadamente, me concentrar.



Naquela noite, peguei a correntinha com o pingente de margarida e a coloquei na gaveta, fechando-a com mais força do que deveria. Longe dos olhos, longe do coração. Talvez esquecer Inary fosse como tentar parar de fumar; não daria certo da primeira vez, mas se você tentasse e tentasse e desse uma derrapada, duas ou três, até ter sorte o bastante ou ser suficientemente determinado, conseguiria. Inary era como qualquer outro vício, doce e destrutivo – eu não conseguiria viver sem ela, mas, no fim das contas, ela me impediria de viver.

Era hora de parar com essa história de aproximação e distanciamento. Era hora de pôr um fim naquilo. Mas como eu poderia, enquanto Inary vinha sofrendo tanto? Será que eu estava pronto para viver minha vida sem ela, não só como namorada, mas também como amiga? Absolutamente sem Inary.

Eu não sabia como enfrentaria isso.

Uma parede entre nós

Inary

Dava para perceber o que estava se aproximando pelo modo como ele abria e fechava as gavetas, pela maneira como suspirava enquanto preparava o café, verificando os frascos de medicamento de Emily por sei lá que motivo, mexendo em panos de prato como se fossem ninhos de cobra. Eu sabia que ele estava doido por uma briga.

Uma parte minha queria ficar longe de seu caminho, evitando o confronto que eu sabia que estava perto, e outra parte queria enfrentá-lo para dizer tudo o que se passava em meu coração desde que tinha me mudado. O modo como me ressentia por ele me punir constante e incessantemente. O fato de eu não ter escolhido ter a minha vida dilacerada em milhões de pedacinhos, forçando-me a partir. Como eu odiava o jeito como ele estava sempre irritado...

– Inary! O que quer que você esteja preparando, está queimando – Logan berrou. Sacudi-me e tirei a sopa do fogo. – É só o que precisamos agora. Fogo na casa! Não consegue se concentrar pelo menos uma vez? Consegue manter a cabeça no que está acontecendo aqui, agora? Ou você tem um milhão de coisas mais importantes para pensar, como sempre?

Pronto. Estava para acontecer. Minhas mãos estavam trêmulas de raiva quando afastei os cabelos do rosto, tentando não revidar com gritos. Mas ele não me deixou falar.

– Pode me dizer onde está com a cabeça, Inary? Pode?

Ele estava de pé, bem perto de mim – perto demais. Levantei o olhar para ele. Meu irmão é um homem alto e forte; ele se assomava sobre mim. Mas não temia a raiva dele; eu estava *furiosa*.

– Minha cabeça está aqui, com Emily – sussurrei com raiva. – Onde sempre estive, Logan. Meus pensamentos sempre estiveram

com ela. E baixe a voz...

– Então, durante todo o tempo em que estive em Londres, os seus pensamentos estiveram com Emily? Ela não precisava dos seus *pensamentos*, sabia? Seus *pensamentos* não garantiram que ela tomasse os medicamentos todos os dias, não a levaram ao hospital a cada quatro semanas, indo e voltando de Aberdeen, e sempre para receber más notícias. Sempre. Nunca ouvi “As coisas estão melhorando”, nunca. Todo mês era um sorriso profissional e um dar de ombros quando eu perguntava se o coração novo dela estava chegando. Se ela estava melhorando. Se ela viveria...

Eu me odiei pelas lágrimas que senti rolando pelo meu rosto. Tentei abrir a boca, mas ele não tinha terminado.

– Faz anos que não durmo uma noite inteira. Sempre acordo e vou ver como ela está. Como mamãe costumava fazer quando éramos crianças, lembra? Ou talvez você nunca tivesse notado. Não durmo a noite inteira por medo de encontrá-la morta pela manhã. E não havia como contar a verdade para você, Inary, pois você não compreenderia... Toda vez que eu tentava dizer que ela não sobreviveria a menos que conseguisse um coração novo, você não prestava atenção! Você sempre se convenceu de que um milagre aconteceria...

Solucei, cobrindo a boca com a mão.

– Talvez tenha lhe feito bem pensar assim. Desse modo, sentiu-se livre para ir embora. Porque Emily ficaria bem. Mas ela não está bem, ela está *morrendo*. E você ficou longe de nós por três anos. Você me largou aqui, cuidando de tudo...

Não suportei mais. Não poderia ficar ali ouvindo aquilo.

Porque ele tinha razão.

Quis sair correndo, subir a rua até o poço St. Coleman, e chorar em paz.

Em vez disso, eu lhe dei um tapa.

Ele parou e só olhou para mim com os olhos em fúria. Por um segundo, pensei que ele retribuiria o tapa – e me preparei para isso –, mas não. Ele se virou e socou a parede, com tanta força que ouvi um craque. Ele segurou a mão machucada com a mão boa, fazendo uma careta.

– Podem abaixar o volume, por favor? – o rosto da enfermeira Lynda apareceu à porta. – Emily consegue ouvir vocês. Isso a abalou. O que quer que seja, resolvam isso em algum outro lugar! – sibilou.

– Sinto muito – disse, secando as lágrimas que ainda desciam pelo meu rosto.

– Você nunca vai consertar as coisas, Inary. O que quer que faça, jamais poderá desfazer o que foi feito. Viva com isso... – Logan disse num sussurro raivoso, saindo da cozinha e da casa.



Deixei-me chorar à mesa da cozinha por um tempo, depois subi para o quarto de Emily. Eu havia prometido que ela não me veria chorando e tinha toda intenção de manter essa promessa. Sentei-me na cama e alisei as cobertas ao seu redor.

– Desculpe por termos gritado. Sabe como somos. Cão e gato.

– Tudo bem. Logan está sendo muito duro com você? – ela sussurrou. Eu jamais me acostumaria ao tom azul de seus lábios e como sua respiração era forçada. Eu queria respirar por ela.

– Não mais do que o costume – tentei sorrir.

– Ele não te entende.

– Ele tem razão. Eu nunca deveria ter deixado você... – eu estava me odiando. Naquele instante, me odiei de verdade.

– Ele não tem que viver como vive, Inary.

– O que você quer dizer?

Emily inspirou fundo. Ao menos, o quanto pôde.

– Sou a desculpa dele.

– A desculpa dele?

– Enquanto eu estiver por perto, ele precisa cuidar de mim. Não pode sair de Glen Avich, não pode se envolver num relacionamento sério...

– Por que não? Isto é, ele poderia ter uma namorada...

– Exato – ela murmurou. Sua respiração estava ainda mais forçada. Eu tinha que deixá-la descansar, falar era difícil demais para ela. – Como disse, sou a desculpa dele.

– Chega de falar, meu amor. Posso pegar alguma coisa para você?

– Pode ler mais um capítulo do *Cassandra* para mim?

Sorri.

– Claro. Assim você descobre se ela conseguiu fugir ou não.

– Pobre Cassandra... – ela sussurrou.

Assenti.

– Lobisomens fêmeas passam por poucas e boas. Imagine quando precisam depilar as pernas...

Eu a fiz rir. Apertei sua mão e fiz uma leve careta de dor – a minha palma ainda estava dolorida por eu ter esbofeteado Logan.

*Espírito, seja livre***Inary**

Certa tarde, três semanas depois da minha chegada, Emily caiu num sono profundo, repentino, como uma criança exausta. Não era o sono agitado das últimas semanas, em que o esquecimento era induzido pelos medicamentos e que vinha em surtos curtos que apenas a deixavam mais cansada depois. Era um sono profundo e pacífico, e trouxe cor de volta ao seu rosto. Ela respirava com regularidade, as pálpebras estavam paradas, sem tremular – ela se parecia com a Emily novamente, as faces coradas, a expressão serena. O sol se punha num esplendor alaranjado sobre as colinas, os raios dançando sobre seus cabelos, deixando-os num tom de mel.

Logan e eu lhe fizemos companhia. Conforme as horas se passavam e ela não acordava, soubemos que ela nunca mais despertaria. Soubemos que a guerra tinha chegado ao fim.

A escuridão caiu. O peito de Emily subiu e desceu por um tempo, e depois o rosto dela mudou. Algo imperceptível, intangível – o que quer que tornasse Emily ela mesma – desapareceu. E ela se foi. Assim. Sem últimas palavras, sem conversas solenes. Apenas sono, paz, silêncio. Eram três da manhã – a hora da morte, quando muitas almas sofredoras desistiam de suas lutas e se deixavam ser transportadas.

Meus olhos estavam secos de choque quando abaixei o meu rosto para o de Emily, nenhuma respiração, nem leve, nem entrecortada, veio ao meu encontro. Pude ouvir meu irmão soluçando quando me levantei e abri a janela e a porta; eu estava seguindo as tradições das Highlands ao deixar a alma voar. O ar frio do inverno entrou no quarto e preencheu nossos pulmões.

Eu queria que o espírito de Emily se libertasse.

Queria que Emily se libertasse e não ficasse mais presa à concha traidora que fora o seu corpo, as energias lentamente sumindo,

traíndo sua alma faminta por vida.

O cheiro da tristeza e dos remédios se dissolveu enquanto a fragrância da noite escocesa varria o quarto, e uma onda de alívio me percorreu. A minha linda irmã estava livre.

No silêncio carregado de pesar, sentei-me na cama. Segurei a mão fria e abri o fecho da pulseira dela. A andorinha de prata tinha as asas abertas, livre para voar, como eu queria que Emily estivesse. Tentei prendê-la ao meu pulso, mas as minhas mãos estavam trêmulas, e Logan teve que me ajudar.

Meu irmão e eu ficamos parados nos olhando, atônitos. Eu quis lhe oferecer palavras de conforto, daquelas que confortam mais pelo tom do que pelo significado, assim como ninar acalenta um bebê que chora. Ergui meus olhos para ele e abri a boca para falar, para lhe dizer que estava ali, ao seu lado e que eu sentia muito por ela ter partido... Mas, quando meus lábios se abriram, tive um vislumbre de Emily deitada sem vida na cama, o cabelo fino espalhado pelo travesseiro, os olhos fechados para sempre. Uma mão aberta na lateral, a outra pousando sobre o peito, o formato do corpo leve sob as cobertas... o mesmo corpo que tantas vezes segurei e banhei e vesti em seus dias finais.

Imagens de Emily explodiram diante dos meus olhos. Emily, garotinha, correndo ao longo da margem do lago num vestido amarelo; nós duas brincando de esconde-esconde na casa da nossa avó; dividindo um pacote de doces no caminho da escola para casa; pulando poças num dia chuvoso... E uma imagem congelada: o nosso lugar especial no quarto que dividíamos, entre a cômoda e a escrivaninha, o recanto abrigado onde nos sentávamos, confortáveis e seguras, e eu lhe contava as histórias que inventava, apenas nós duas no mundo.

E agora ela jazia sem vida dentro de si.

Algo dentro de mim se partiu tão repentinamente quanto uma rachadura num espelho. Foi uma sensação tão real que eu quase a ouvi. A minha boca estava aberta, pronta para falar, mas as palavras ficaram presas na garganta; a rachadura absorvera todas elas. Nada saiu. Tentei uma vez e mais uma, mas onde deveria haver palavras, houve apenas silêncio.



Logan e eu nos sentamos na sala de estar e ficamos olhando para o fogo na lareira, ambos calados, ambos chocados pela dor. Eu ainda não tinha chorado.

Conforme a aurora chegava ao redor das colinas de Glen Avich, sua luz cinza invadindo a sala, levantei-me atordoada e peguei um par de tesouras na gaveta de facas. Entrei no banheiro de cima e me olhei no espelho. Mais uma vez não reconheci o rosto que me fitava. Um rosto tomado pela dor, olhos vermelhos, porém secos – quem era aquela mulher?

Cambaleei por um momento – não sabia o que estava fazendo –, mas depois, como se estivesse partida em duas, vi meu cabelo caindo sobre os azulejos, corte após corte, em pequenos montes. A minha cabeça parecia leve e estranha.

Deixei-me cair no chão e ali fiquei, fitando os azulejos da parede oposta. Havia tufo de cabelo em minhas mãos. Não conseguia sentir nem as pernas, nem as mãos, nem meu corpo – como se tanto sofrimento me tivesse feito abandoná-lo. Só conseguia ficar sentada ali, abraçando os joelhos, com tufo macios e vermelhos nas mãos.

Depois de um tempo – não sei bem quanto –, Logan entrou. Ele passou um braço ao redor da minha cintura e me ergueu. Fechei os olhos e recostei a cabeça em seu peito, mas ele me segurou à distância do braço.

– O seu cabelo...

O que tem? Ah, sim. Eu o cortei.

– Venha – ele disse, e me conduziu até meu quarto e até minha cama. Deitou-me e cobriu-me com a colcha. Só então percebi o quanto sentia frio. Um tremor longo e dolorido me perpassou. Eu estava com tanto frio que tinha certeza de que jamais voltaria a me sentir quente.

E então ouvi uma voz. Lynda:

– Logan, um minuto, por favor...

– Descanse agora, Inary. Já volto – disse ele. Seus olhos estavam arregalados, como se não estivesse acreditando no que havia

acontecido. Como se ele não acreditasse que a morte acabara de visitar a nossa família novamente.

Esperei até ouvir seus passos descendo a escada, depois me levantei, ignorando o frio e o modo como o quarto estava girando ao meu redor. Liguei o laptop e abri a pasta marcada como *Histórias*. Tudo no que estava trabalhando, praticamente tudo o que já escrevera, estava naquela pasta. Um a um, apaguei todos os arquivos, até deixá-la vazia. A história de Cassandra não existia mais. Nenhuma das minhas histórias existia mais. Era como se eu jamais as tivesse escrito. Senti como se devesse abrir as janelas novamente, deixando-as livres para que seguissem o espírito de Emily em seu voo.

Meu coração estava congelado, meus olhos, secos, minha alma, vazia. Um ataque repentino de pânico se apossou de mim, tão intenso que comecei a tremer novamente. Pensei que partiria do mesmo modo que Emily, da mesma maneira que as minhas histórias, dissolvida no ar.

E então aconteceu.

Meu cabelo se eriçou na base da nuca, todos os meus membros começaram a formigar, um zunido suave começou a soar em meus ouvidos. Um frio estranho e sobrenatural se espalhou pelos meus ombros, e logo entendi que não estava sozinha – havia alguém atrás de mim. Virei-me devagar, trêmula, e foi então que a vi, sentada à minha penteadeira. Pisquei na escuridão, meu olhar fixo na sombra; tentei permanecer absolutamente imóvel e perfeitamente silenciosa, sem nem respirar.

Emily?

Chamei-a em meu coração, chamei e chamei, desejando que a sombra tomasse forma, desejando que a figura branda e delgada se virasse e mostrasse seu rosto, seu amado rosto. Mas isso não aconteceu. Seus contornos começaram a desaparecer rapidamente e, antes que eu me desse conta, ela sumiu.

Volte, por favor. Volte para mim, prossegui implorando, fitando o vazio onde o espírito estivera, tremendo de medo e saudade e admiração. Meu dom tinha voltado. Tinha que ter voltado. Para que eu pudesse ver Emily mais uma vez.

– Inary? – era Logan. Ele me ajudou a me levantar, e segurei firme sua mão, para que ele me mantivesse deste lado da realidade, do lado dos vivos.

Depois disso, não me lembro de mais nada.

*O fim e o começo***Inary**

Algumas horas mais tarde, acordei em um dos sofás. Logan tinha me envolvido com uma coberta, percebi agradecida. Por uma fenda entre as cortinas, vi a luz fraca do inverno se infiltrando – já devia ser bem tarde. Ficamos acordados durante toda a madrugada, mas o cansaço deve ter me vencido uma hora. Não me lembrava de ter adormecido. Não me lembrava de nada da noite anterior.

Emily estava morta.

Nada mais importava.

Mas a vida é sempre mais forte que o desespero. Pensamentos sobre o presente se agarraram a mim e me fizeram sentar. Minha cabeça parecia estranhamente leve.

Meu *cabelo!* Tinha cortado meu cabelo. Merda. Por que ninguém me impediu? Corri até o banheiro e me olhei no espelho. Não estava tão ruim – era o meu rosto que estava horrível. Apanhei a primeira escova que encontrei e alisei as ondas agora curtas. Sem o peso de antes, meu cabelo estava mais enrolado. Lavei o rosto com água fria, o que me fez prender o fôlego com o choque. Depois disso, senti-me menos atordoada.

Meu irmão estava sentado à mesa da cozinha, agarrado a uma caneca fumegante. Ele também tinha uma aparência horrível, com sombras azuladas debaixo dos olhos, todo desarrumado em seu velho casaco de lã, jeans e descalço. Estava encurvado sobre a mesa, sob o peso da sua perda. Meu coração se condeu por ele.

Ele pressentiu a minha presença e se recompôs.

– Inary. Quer café? – perguntou, levantando-se lentamente. Estava enrijecido como se estivesse sentado ali a noite toda. Provavelmente sim. As juntas dos dedos da mão esquerda estavam escuras por ele ter acertado a parede dias antes.

Abri a boca para aceitar a oferta, mas nenhuma palavra saiu. Num segundo, lembrei-me do que acontecera pouco depois de Emily ter morrido. O modo como a minha voz parecia ter desaparecido e como todas as palavras ficaram presas na minha garganta.

Tentei e tentei, formando "sim" com os lábios diversas vezes sob o olhar atônito de Logan. Nada. Senti o pânico se espalhar pelo meu peito e levei as mãos à garganta.

– Inary, você está bem? – Logan veio para junto de mim. Travei meus olhos nos dele e tentei falar mais uma vez, porém, de novo, nada saiu. Era como se minhas cordas vocais tivessem congelado. Não era apenas um choque momentâneo, portanto.

Balancei minha cabeça de cabelos cortados, na esperança de desalojar o que estivesse entalado na garganta impedindo-me de falar; mas o movimento súbito, aliado à falta de sono e comida, deixou-me tonta. Agarrei a cadeira e me sentei rapidamente, apoiando os cotovelos na mesa.

– Inary?

Estava indecisa quanto a tentar falar novamente. Resolvi deixar minha próxima tentativa para quando estivesse sozinha, e assenti.

– Suba e vá se deitar. Eu levo café pra você. Eu vou cuidar... de tudo. Eles vão chegar em meia hora – ele parecia quase carinhoso, como se ainda se importasse comigo.

Sabia a quem ele se referia. Os agentes funerários. Vindo para levar o corpo de Emily. Assenti novamente, os olhos pesados de exaustão e agora com uma onda renovada de pesar. Subi lentamente, vencendo cada um dos degraus. Passei pela porta de Emily; o silêncio vazava do quarto tão alto quanto um grito. Se eu entrasse lá, veria a minha irmã morta sobre a cama. Senti tudo o que restava da minha energia me abandonando, escoando de mim e evaporando no ar com um sibilo suave, como quando o ar sai de uma bexiga. Será que meu coração também vai parar de bater agora? Por que eu ainda estava viva quando a minha irmã jazia morta?

Mas aquela não era a minha irmã. Aquele era apenas o seu corpo, lembrei-me, tentando atenuar um pouco a dor. Ela não

estava morta. Estava livre, como a andorinha do seu bracelete, que agora envolvia o meu pulso.

Recostei-me na porta de Emily, descansando a testa temporariamente contra a madeira.

Volte, volte para mim, descobri-me implorando para ela. Deixe eu te ver de novo, Emily...



Água quente, quase escaldante, envolveu-me e acalmou-me um pouco.

Vestida com um jeans limpo e um suéter, o cabelo úmido e os pés descalços, sentei-me na cama com a porta fechada. Inspirei fundo.

Meu nome é Inary, tentei dizer, envolvendo os lábios em cada sílaba, incitando minhas cordas vocais a vibrarem.

Olá. Olá. Eu me chamo Inary.

Nada. Nenhum som saiu. Formei as palavras com os lábios, mas nada aconteceu, nada mais alto que um suspiro ou minha respiração.

Mais uma vez, levei os dedos até a garganta, tentando sentir o que havia de errado ali.

Eu devia ter pegado alguma coisa. Uma gripe, ou laringite, ou alguma coisa do tipo. Negligenciei-me nos últimos dias de vida de Emily, esquecendo-me de comer, de vestir o casaco ao sair para comprar alguma coisa, e estava bem frio lá fora. Glen Avich em março ainda era congelante. Portanto, ali estava a minha resposta. Eu precisava de paracetamol e pastilhas para a garganta, e logo ficaria bem.

Fiquei aliviada por alguns segundos, mas logo meu coração voltou a afundar. Medí a temperatura da minha testa – fresca e normal. Nenhuma dor na garganta. E o peito não pesava. Eu não estava doente.

Meu coração voltou a bater acelerado, em pânico.

Não consigo falar. Não consigo falar mesmo.

Avaliei meu corpo, respirando profundamente. Se havia um mau momento para ter um ataque de pânico, era este. Logan não teria como lidar com isso também, tampouco eu. Eu tinha que me controlar. Era apenas uma coisa temporária, afinal. Tinha que ser.

Enquanto eu me concentrava em tentar desacelerar a respiração, vozes e sons de fora da casa me sobressaltaram. Fechei os olhos brevemente, preparando-me para o que estava por vir. Eles estavam aqui, o administrador da funerária, senhor Clarke, e os filhos. Eles tinham cuidado da minha avó quando ela falecera. E agora estavam aqui por causa de Emily.

Eu me desprendia dos meus amados como uma árvore se desprende das suas folhas; um a um eles partiam, e eu me senti nua e sem graça, como os galhos escuros do lado de fora da minha janela. Todos tinham partido, menos Logan e eu.

Forcei-me a andar até a porta, cada passada um peso, como se minhas pernas fossem de chumbo. Obriguei minha mão a virar a maçaneta e olhei para fora. Estavam ali, vestidos de preto como corvos assassinos. E lá estava Logan, os olhos distantes, descrentes – estranho como um homem alto e forte podia subitamente parecer pequeno e perdido, como um garotinho.

Fui para junto dele; eu tinha que estar com ele. Eu tinha, já que não havia estado quando ele e Emily mais precisaram de mim.

Por um segundo, passou pela minha mente gritar a plenos pulmões e arrancar Emily das mãos dos agentes funerários, chutá-los para fora da minha casa e gritar para que nos deixassem em paz. Meu peito arfava de raiva e ódio pelas únicas pessoas que eu podia odiar naquele momento, aqueles que estavam tirando Emily de nós. Um soluço escapou dos meus lábios, e Logan se aproximou de mim, o braço tocando no meu. Toda a minha raiva se dissolveu, e as lágrimas começaram a cair.

Finalmente.

– Lamento muito, Inary – disse o senhor Clarke, um homem ancião que sempre falava baixinho e que esteve em quase todos os lares do vilarejo em seus momentos mais obscuros. Ele presenciara a dor em todas as formas.

Assenti, envergonhada pela fúria que acabara de sentir. Imaginei se isso já acontecera com ele antes – ser o objeto da raiva das pessoas que não tinham com quem ficar bravas, que estavam furiosas com o universo, com a vida em si.

Quisemos ir com Emily, mas o senhor Clarke nos disse para ficarmos em casa, pois eles pensariam em tudo, para irmos somente na hora do almoço para discutirmos os arranjos. A porta se fechou atrás deles, e eles se foram. Emily se foi.

Meus pulmões se contraíram, e eu não conseguia respirar – era hora do meu mantra mais uma vez. *Emily não será mais prisioneira do seu corpo. Emily não será enterrada. Sua alma está livre.*



– Vou tomar um drinque... – a voz de Logan parecia engraçada, como se ele tivesse que se esforçar tanto só para formar palavras e frases, enquanto tudo o que ele queria mesmo era chorar. Eu conseguia ver isso em seu rosto, conseguia entrever as lágrimas apertando seus olhos por trás, agrupadas numa torrente silenciosa que fluiria assim que ele se permitisse.

Segurei o braço dele e o fiz olhar para mim. *Não consigo falar,* formei as palavras com a boca.

– Como assim?

Cutuquei a garganta e balancei a cabeça. O meu peito estava contraído por causa do pânico.

– A sua garganta está doendo?

Balancei a cabeça mais uma vez.

– Você deve ter se resfriado ou algo assim...

Uma batida à porta de entrada – tia Mhairi, com os olhos ardendo pelas lágrimas e pela noite insone. Ela me abraçou com força.

– Ah, querida, o seu cabelo! O que aconteceu?

Dei de ombros. Logan balançou a cabeça rapidamente como quem diz “nem pergunte”. Fiquei grata.

– Vocês conseguiram dormir um pouco?

– Na verdade, não – respondeu Logan. Eu não tinha como responder. – Inary se resfriou; está sem voz – explicou.

– Ah, meu bem... Vocês têm algum remédio em casa? Não? Vou correndo buscar na farmácia.

Percebi que sempre confiei no estoque de medicamentos de Emily. Na verdade, nunca comprei nada. Tia Mhairi saía pela porta antes mesmo que eu conseguisse protestar, retornando pouco depois com remédios variados, além de um frasco de vitaminas – “para te fortalecer um pouquinho”. Tomei tudo o que pude – antigripal e pastilhas para a garganta e uma vitamina – e, em seguida, no fundo da sacola da farmácia, vi dois pirulitos. Ergui-os e levantei as sobrancelhas.

– O senhor Talbot mandou isso pra você e pra Logan – explicou tia Mhairi. – Ele deve pensar que vocês ainda têm dez anos de idade – sorri, apesar de tudo. Ver aqueles pirulitos foi estranhamente tocante. – Ele disse que passará aqui mais tarde com Nuala.

Claro. A vila inteira “passaria aqui mais tarde”. Meu estômago revirou. Claro que as pessoas viriam nos visitar, garantir que não ficaríamos sozinhos, que estávamos bem. Trariam travessas de comida e nos ofereceriam palavras de conforto. Eu ficava agradecida por isso, precisava sentir que tínhamos familiares e amigos por perto, mas como poderia explicar o meu silêncio? Quem sabe tudo logo voltasse ao normal...

Assim que formulei tal pensamento, o desânimo tomou conta de mim de novo. Nada nunca mais seria normal. A minha voz poderia voltar, mas Emily não.

As horas seguintes desabaram umas sobre as outras, conosco num estado de torpor. Fomos até o senhor Clarke, conversamos sobre o funeral de Emily, voltamos para casa. As pessoas iam e vinham. Eu só queria que a noite chegasse, para que pudéssemos ficar em paz. Eu também queria que Logan fosse dormir um pouco. Estava preocupada com ele e ficava seguindo-o, tentando me certificar de que ele não bebesse demais já que estava tão cansado, colocando copos de água na sua mão de vez em quando.

Consegui convencer todos de que estava com inflamação na garganta. Ninguém pareceu duvidar da minha explicação. Ninguém, exceto Logan. Eu conseguia vê-lo olhando para mim quando ele

pensava que eu não estava prestando atenção. As pessoas me diziam para usar um cachecol, para me agasalhar, para tomar chá, comer uma laranja, beber chocolate quente, tomar uma vitamina, para me deitar um pouco, caminhar e respirar ar fresco. E, assim por diante, seus conselhos e preocupações diminuindo a minha tristeza, pelo menos um pouquinho. Minha dor era um oceano e a gentileza das pessoas somente retirava algumas gotas, mas era melhor do que nada.

Entre rodadas de chá e sanduíches e de vizinhos aparecendo com tortas de carne e de maçã, percebi, envergonhada, que não avisara Lesley do falecimento de Emily. Subi sorrateira para o meu quarto, aproveitando a tranquilidade, e liguei meu telefone pela primeira vez em três dias.

Logo fui inundada por mensagens de voz, todas de Lesley. Nada de Alex. Isso doeu, mas o que eu esperava depois do modo como o tratara?

Instintivamente ensaiei apertar o número de Lesley – queria tanto ouvir a voz dela –, mas logo me lembrei de que não conseguia falar. Tive que enviar uma mensagem, então.

Emily morreu ontem à noite. Não consigo falar hoje – o que era verdade, apesar de não ser pelo motivo que ela provavelmente imaginaria –, telefonarei em breve.

Ou, pelo menos, era o que eu esperava.

A resposta veio em seguida. Eu tinha certeza de que ela estava ao lado do celular à espera de notícias minhas.

Sinto muito. Quer que eu vá aí?

Ah, Deus, sim. Você não faz ideia do quanto quero isso.

Por favor. Significaria muito pra mim se você viesse. O funeral será depois de amanhã.

Fique forte, querida. Estou a caminho, bjs, ela respondeu.

Fechei os olhos brevemente e exalei fundo. A ideia de tê-la ao meu lado no funeral tornava tudo um pouco mais suportável.

Mas eu não sabia se conseguiria falar com ela, não tinha a menor ideia de quando a minha voz voltaria. Em uma hora? Hoje à noite? Semana que vem?

Fiquei pensando se deveria lhe contar antes que ela chegasse, mas decidi que era melhor não. Isso a alarmaria ainda mais. Mas, se a minha voz não voltasse, como eu explicaria...? Meus pensamentos estavam todos misturados e a minha cabeça latejava. Curvei-me na cama e pousei a bochecha no travesseiro, fresco e macio ao encontro da pele. Precisava descansar, mas meus pensamentos não paravam de saltar e girar uns sobre os outros.

Enquanto considerava o caos da situação, uma necessidade repentina de contar a Alex me atingiu tão forte que quase me deixou sem ar. Disse a mim mesma que ele precisava de espaço, mas não me contive – enviei-lhe a mesma mensagem que enviara a Lesley, em seguida me arrastei para baixo para ficar com Logan.

Depois de outra hora de olho no meu irmão enquanto ele tentava conversar com as pessoas, ouvi o meu celular tocar. Só uma vez.

Fui para a cozinha e olhei para a tela. Era uma ligação perdida de Alex. Quando não podíamos falar e não tínhamos tempo para escrever uma mensagem, telefonávamos e deixávamos tocar só uma vez, para que a outra pessoa soubesse que estávamos pensando nela. Chamávamos isso de *trilar*. Não me lembro de quem apareceu com essa palavra. Nossos trilos podiam ter muitos significados – boa noite ou bom dia, o programa favorito passando na TV, o fim do intervalo no trabalho, ou apenas um pensamento fugidio.

Fiquei encostada à mesa da cozinha olhando para meu celular por um bom tempo. *Chamada perdida de Alex* – um pensamento dele para mim, flutuando em algum lugar entre Londres e Glen Avich. Uma centelha de conforto faiscou dentro do meu coração, fazendo com que tudo parecesse menos escuro, um pouco menos frio.

Alex

O que eu podia fazer? Não poderia desaparecer. Não depois de tudo o que estava acontecendo ao redor dela. Isso sim era azar. A família dela estava repleta de tragédias. Primeiro os pais, agora Emily. Pensar pelo que ela estava passando me matava.

Depois do que acontecera conosco, Inary provavelmente não me queria no funeral. E eu não achava que estava pronto para enfrentá-la. Resolvi que o melhor era ficar afastado, mas deixando claro que estava ao seu lado.

Ainda estava bravo pelo que ela me dissera, depois do que ela fizera, mas não suportava a ideia de ela estar sofrendo. Peguei meu celular e telefonei, só para desligar antes que ela conseguisse atender.

Um trilo, só para dizer *estou aqui*.

*Uma festa para os mortos***Inary**

Lesley chegou na manhã do funeral, uma manhã ensolarada e brilhante, incomum para o início de março em Glen Avich – um prelúdio da primavera. Não sabia bem se isso era uma bênção, uma despedida encantadora para Emily, ou um modo de caçar de nós.

Fiquei no meio da rua esperando Lesley – ela enviara uma mensagem dizendo que chegaria em dez minutos –, refestelando-me na linda luz e respirando na nova estação e nova vida no ar, sabendo que a minha irmã estava para ser enterrada. Que ela nunca mais respiraria esse ar, que nunca mais sentiria o vento no rosto, nem veria nada florescer ao seu redor...

Quando vi o pequeno carro vermelho de Lesley aparecer no fim da rua, meus olhos se encheram de lágrimas de alívio. Corri ao seu encontro.

– Ah, Inary – ela sussurrou ao sair do carro. – Sinto tanto...

Segurei firme o abraço de Lesley por muito tempo, não querendo soltá-la. Olhamos uma para a outra, e eu não consegui dizer nada. Não lhe contara a respeito da minha voz – pois esperava que ela voltasse a qualquer momento. Levei-a até a casa pela mão; Logan aguardava na porta.

– Obrigado por vir, Lesley.

– Claro. Sinto muito, Logan – ela disse, envolvendo-o num abraço, que ele retribuiu rígido. – Posso fazer alguma coisa? – disse ela, olhando para mim. Não consegui responder.

– Inary perdeu a voz – explicou Logan. Assenti e toquei a garganta.

– Ah... já tomou alguma coisa? Bem o que você precisava agora! Está com febre? – ela pousou a mão na minha testa, e fechei os olhos. Deleitei-me com o carinho dela. – Você está bem fresca...

– Ela vai ao médico depois do funeral. É apenas uma infecção na garganta ou algo assim, mas é melhor dar uma averiguada – Logan

disse por mim.

– E você cortou o cabelo...

Olhei para o lado. Lesley pescou a dica.

– Está lindo. Você é tão corajosa, Inary. Vem cá – ela disse e me abraçou de novo. Desejei poder ficar em seus braços e nunca ter que enfrentar o que nos aguardava.



Quisemos, desesperadamente, um funeral íntimo, particular, mas a igreja estava praticamente cheia. Não tínhamos como impedir que metade do vilarejo – quase o vilarejo inteiro, imagino – aparecesse. Alex não estava lá, e senti sua ausência com tanta intensidade quanto a de um membro amputado – mas entendi o motivo de ele ter escolhido não vir: eu. Não podia culpá-lo.

Os amigos e colegas de classe de Emily estavam sentados mais para o fundo, de olhos arregalados, incrédulos que algo assim pudesse acontecer com um deles – afinal, jovens não morrem, certo? David estava entre eles; ele fora o namorado de Emily por um tempinho. Estava pálido e encurvado pelo luto. Estava lá com a mãe. Mais tarde, os dois se aproximaram de nós, as cabeças pensas, e nos ofereceram pêsames.

– Gostávamos tanto dela – sussurrou a mãe. Seus olhos reluziam com as lágrimas. – Que menina adorável. Lamento muito, Logan, Inary.

David não disse nada. Apertou a mão de Logan por um átimo de segundo e desviou o olhar de pronto. Meu coração se condeu por ele.

Tantas pessoas choravam. Eu era uma delas, meu braço enlaçado no de Lesley, repetindo sem parar meu mantra salvador na cabeça: *Ela não está lá. Não está naquele caixão. Não está sendo enterrada. A terra não está cobrindo a cabeça dela. Ela não está no escuro.*

Emily está livre.

Observei-a ser enterrada ao lado de mamãe e de papai. Três túmulos, um depois do outro. Logan e eu éramos o que restava da

nossa família. Procurei a mão dele e entrelacei meus dedos nos dele, como uma criança perdida. Ele deu um aperto breve, depois soltou, e eu fiquei sozinha.



Voltamos para casa para beber e comer. Essa tradição sempre me desconcertou. Era como uma festa para os mortos. Imagino que esse costume sirva para ajudar os que ficam para trás, para que não se vejam forçados a ficar numa casa vazia depois do enterro. Sim, isso ajudou, mas também foi desgastante. Lesley ficou o tempo todo ao meu lado, e prato após prato de sanduíches trazidos pelos vizinhos... Todos aqueles corpos e vozes começaram a se fundir e a minha cabeça começava a girar quando senti uma mão em meu braço e um perfume de maçãs frescas. Era Eilidh. Não nos víamos desde o nosso encontro fortuito na loja, eu tendo passado todo o meu tempo... com Emily.

Emily.

Inspirei o mais fundo que pude para me recompor.

Eilidh segurava seu bebê, lindo e confortável num macacãozinho azul e num casaquinho de malha azul. Ela me deu um abraço de um braço só e acenou para Lesley.

– Logan me disse que perdeu a voz... O luto faz coisas estranhas com as pessoas – disse ela com simplicidade, olhando para mim com aqueles olhos azul-claros, do mesmo tom que os meus. Fiquei um tanto surpresa. Ninguém mencionara meu silêncio naqueles termos até então, pelo menos não na minha frente. Todos fingiram acreditar na teoria da inflamação de garganta.

– Mas, sabe, depois vai ficando mais fácil... Mesmo que isso não pareça possível agora – acrescentou em seu tom doce e suave.

A sala já não estava mais girando. Eu recobrava um pouco das minhas forças. Eilidh tinha algo dentro de si que envolvia as pessoas como uma luz quente – um tipo de serenidade. Ela era um pouco parecida com a minha mãe. E suas palavras me confortaram, talvez por ela ter dito em voz alta o que todos suspeitavam e ninguém dizia – que fora o trauma pela morte de Emily que roubara

a minha voz. Ou talvez ver o quanto nos parecíamos me fez lembrar a profundidade dos meus laços com Glen Avich, e o quanto eu era, de alguma maneira, aparentada com metade do vilarejo. Que eu pertencia a algum lugar, mesmo se um dia eu já quisera ter escapado.

– Inary! Sinto muito... – uma voz conhecida disse, vinda de trás de mim. Eilidh se despediu discretamente, e eu me virei para ver Torcuil Ramsay – lorde Ramsay –, primo em segundo grau da minha mãe. Ele tinha furos na malha de lã, como de costume, lama nos sapatos e seu cabelo parecia não ver uma escova há meses, mas estava vestindo seu *kilt* para “ocasiões especiais”.

Torcuil era uma das pessoas mais gentis que já conheci. Ele me envolveu num abraço, e enquanto fitava seus olhos, as lembranças de nós brincando juntos quando crianças vieram à tona. Dei um meiosorriso, lembrando-me da casa na árvore na propriedade dos Ramsay e dele ajudando Emily a subir para que ela não se cansasse...

– Venha me visitar, Inary. Já faz muito tempo – ele sussurrou. Ele sempre falava baixo. Torcuil segurou minhas mãos uma vez mais antes de se afastar.

Senti alguém tocando meu braço de leve – era Lesley. Eu tinha me esquecido de que ela estava aqui.

– Vou dar uma beliscada um pouco – ela disse. – Vai ficar bem?
Assenti.

– Inary... – a próxima foi uma antiga amiga minha, Christina. Olhei de relance para seu rosto, mas meus olhos foram atraídos para um enorme monte em seu ventre. Ela leu a minha expressão. – Pois é, já estou de seis meses. Não falta muito agora – olhei para ela, sem saber o que fazer. Não poderia parabenizá-la, essa palavra me parecia muito difícil de articular ou gesticular. Esperei que ela continuasse falando e foi o que ela fez. – Fiquei muito sentida ao saber da sua irmã, Inary. Pobre Emily. Como eu gostaria de encontrar as palavras certas...

Encarei-a. As palavras também não eram o meu ponto forte naquele momento, portanto assenti – minha resposta padrão.

– Inary, você está bem? – perguntou ela, o rosto tomado de preocupação.

E então compreendi. Ela não sabia que eu estava sem voz. Inacreditável: alguém em Glen Avich não sabia. Parecia que a rede de fofocas não estava funcionando tão bem quanto no tempo em que eu morava aqui.

Apontei para a garganta, dei de ombros e abri os braços, sentindo-me um pouco como um mímico francês. Por um segundo muito louco, visualizei-me subindo escadas imaginárias, vestindo uma blusa listrada preta e branca e luvas brancas, um cravo vermelho espetado em algum lugar. O pensamento me fez rir internamente, de um modo completamente incongruente com a situação. Ligeiramente histérica, deduzi. Christina ainda olhava para mim, intrigada. Ela devia estar pensando que eu tinha pirado de vez. Talvez fosse isso mesmo.

– Ah, está com dor de garganta? Bem, espero que melhore logo.

Como já disse, lamento muito por Emily. É melhor eu ir, Fraser está me esperando.

Ah, sim. Fraser Masterson. Ele também era da nossa turma. Na verdade, ficamos juntos uma vez – tente fazer mímica disso. Meu Deus. Casada e grávida aos vinte e cinco anos de idade. Pensando bem, essa provavelmente seria eu se...

A sala oscilou quando o pensamento que acabara de ter pareceu saltar da minha mente e tomar vida. Senti o coração perder o compasso. Christina acabara de se transformar no fantasma “O Que Poderia Ter Sido”.

Lá estava ele. Lewis estava ali. E estava segurando a mão de outra mulher.

Atravessaram a sala na minha direção. O meu ex-noivo e uma antiga colega de classe – a bela, pequenina e sorridente Claire McKay. Antes que eu conseguisse dizer alguma coisa, Claire me abraçou, murmurando seus pêsames. Permaneci dura, incapaz de envolvê-la com meus braços.

Fiquei me perguntando se ela sabia o que ele fizera comigo. Se sabia que ele não apenas me deixara, mas que me deixara três meses antes do casamento. Será que ela sabia que eu tinha levado

o vestido de casamento para a Oxfam? Deixei-o numa sacola na porta da loja e fugi antes que alguém me visse. Não suportaria a humilhação deles dizendo: *obrigada pela sua doação, que lindo vestido, você deve ter ficado linda nele, o tempo estava bom no seu grande dia?*

Talvez algo tivesse acontecido entre Lewis e Claire enquanto ainda estávamos juntos. Talvez por isso ele tivesse me abandonado tão repentinamente. Esse pensamento me dilacerou como uma adaga. Sangrei, e continuei sangrando silenciosamente enquanto os dois ficavam diante de mim.

– Quis vir para lhe dizer que sinto muito – Lewis disse.

Sentia pelo quê? Pela morte da minha irmã? Ou por ter partido o meu coração?

Observei seu rosto, aquelas feições que eu conhecia tão bem. Todas as manhãs em que acordei em nossa cama e seu rosto era a primeira coisa que eu via – os cílios longos e claros, os lábios dos quais eu não me cansava, o cabelo loiro-escuro bagunçado e macio no travesseiro. *Bom dia, dorminhoca*, ele costumava dizer.

Esperei uma onda de dor. E ela veio.

Esperei a necessidade intensa e ávida pela sua presença – necessidade que eu sentia desde que nos conhecemos. E ela não veio.

Em vez disso, um frio intenso e profundo me invadiu, a lembrança de como me senti quando ele me deixou. Quando me disse que estava acabado e continuou, assim mesmo, dizendo que seria melhor para mim ficar sozinha um pouco, que ele precisava de tempo para pensar, que me telefonaria mais tarde para saber se eu estava bem. Passei horas na mesa da cozinha da nossa casa, atordoada, sem conseguir falar, sem conseguir me mexer, sem acreditar muito bem no que acabara de acontecer. Nas três primeiras semanas, implorei para que ele fosse me ver. Tínhamos que conversar, não poderia simplesmente acabar assim... Mas ele se recusou. Depois de um tempo, foi a vez dele de pedir para me ver – ele queria se explicar. Percebi que não suportaria pousar os olhos nele. Seis semanas mais tarde, parti para Londres. Não nos víamos desde então.

E agora ali estava ele.

Imagino que percebi naquele momento que Lewis estava fora do meu coração, que meu amor por ele morrera. O que ele fizera comigo ainda doía, mas eu já sabia disso; uma parte minha ainda estava sentada àquela mesa da cozinha em Kilronan, com os olhos secos e as mãos trêmulas.

– Eu gostaria de tê-la conhecido – disse, absurdamente, Claire.

Assenti e baixei o olhar. Eu não sabia o que fazer em seguida. Eu só queria que ele fosse embora e levasse Claire consigo. Desejei que fossem felizes. Ou talvez não. Talvez eu desejasse que Lewis sofresse tanto quanto sofri... Não, eu não desejaria a infelicidade de ninguém; eu simplesmente não queria ser esse tipo de pessoa.

– Muito bem, feliz em saber que estão bem. Hora de ir – disse uma voz atrás de mim. Tia Mhairi se materializara ao meu lado, parando diante de Lewis e Claire, no alto do seu metro e meio de altura. A cabeça dela mal chegava ao peito dele.

– Ah, sim, claro... – ele gaguejou.

– Tchau – disse minha tia, sem cerimônia alguma, uma mão nas costas dele, a outra esticada na direção da porta. Acompanhou-os até a saída como um trovão e voltou para junto de mim.

Eu ainda estava em estado de choque. Entorpecida.

– Você está bem, querida? Eu seria capaz de estrangulá-lo! – sibilou. Engoli em seco. Por um segundo, minha tia de saia e casaquinho de lã me pareceu bem assustadora. – Que audácia a dele de vir aqui, e ainda com a amiguinha! – quase ri da expressão dela, mas não. – Juro que se ele chegar perto de você de novo... Ah, ali está Lorna. Ela está tendo problemas terríveis com Derek – baixou a voz com dramaticidade. – Você sabe, o caçula dela. Peggy me disse que ele não tem nem mais um centímetro de pele sem tatuagens. Que sofrimento... Você vai ficar bem?

Assenti.

– Ah, aqui vem ela... – revirou os olhos e foi cumprimentar Lorna. Meus olhos vasculharam a sala à procura de uísque; *isso* bem que ajudaria. Enquanto seguia em direção à garrafa mais próxima que encontrei, alguém se interpôs entre mim e a minha Laphroaig.

Um homem.

Um homem de rosto bronzeado e olhos sorridentes, e um ramallete de rosas brancas nas mãos.

– Você deve ser Inary. Sou Taylor, amigo de Logan – disse ele, estendendo a mão. Ele tinha sotaque americano, de Nova York, supus. Quem era ele? Um recém-chegado, um recém-chegado bem recém mesmo. Ele devia ter se mudado nos últimos meses, porque nunca o tinha visto antes. – Logan me disse que você está sem voz. Não se preocupe, não precisa dizer nada. Eu só... trouxe estas flores para Emily. Sinto muito... – ele me estendeu o ramallete.

Assenti pela milésima vez naquele dia.

De repente, senti-me exausta. Eu só queria ficar sozinha.

– Você deve estar desesperada para ficar sozinha – disse ele, lendo minha mente –, por isso, vou indo. Mas eu só queria dizer, estou trabalhando nas escavações... – Que escavações? Do que ele estava falando? – Logan e eu vamos ao lago de vez em quando. Talvez você possa ir um dia... se quiser. Com Logan, claro... – acrescentou rápido, provavelmente para o caso de eu pensar que ele estava me cantando no funeral da minha irmã. Não liguei. Baixei o olhar, e ele percebeu a deixa. – Então, é isso. Até mais. E, de novo, sinto muito – virou-se e seguiu reto na direção de Logan.

Arranjei as rosas num vaso e, finalmente, consegui minha bebida. Contentei-me com chá bem doce. Logan estava bebendo uísque suficiente por nós dois. Tomei alguns goles e me senti um pouquinho melhor.

Mas ainda estava abalada com a aparição surpresa de Lewis, com Claire a tiracolo. Graças a Deus, Logan não vira. Mesmo que meus sentimentos por ele tivessem sido arrancados de mim, ele ainda tinha o poder de me fazer sentir tão só e desolada quanto uma criança abandonada. E eu me odiava por isso mais do que me ressentia dele. Eu jamais deveria ter dependido dele como dependi – nenhum homem ou mulher deveria ter suas vidas revolvendo ao redor de outra pessoa, só para depois ficar vazio e perdido quando ela fosse embora. Ou talvez essa fosse a natureza do amor: tornar-se tão dependente de uma pessoa. Motivo pelo qual eu jamais queria amar novamente.

De certa forma, pensei confusa, desejei sorte a Claire. Para que ela não fosse magoada como eu fui.

Vaca.

Tomei mais um gole de chá e, de repente, Lesley voltou para o meu lado.

– Lewis, hein...

Assenti.

– Nunca notei antes. Ele tem as pernas arqueadas.

De modo incrível e inesperado, gargalhei.



Por fim, terminou. Limpamos tudo com a ajuda de Maggie e Liz, duas amigas da paróquia da tia Mhairi. Disseram-nos para que não nos preocupássemos com nada; tinham experiência com velórios e funerais, limpariam tudo bem rapidinho. Eram boas habilidades, pensei, e lancei um sorriso frágil.

Funerais eram assuntos complicados, acabara de descobrir. Quando meus pais morreram, eu era nova demais para assumir qualquer responsabilidade, mas agora as coisas eram diferentes. O engraçado era que eu não me lembrava de nada sobre o funeral deles – se um dia houve lembranças desse dia, agora eram apenas um buraco vazio. Alguns flashes perduraram – ter dormido na casa da tia Mhairi; meus sapatos novos cor de creme para os quais eu ficava olhando, assustada demais para observar o meu redor; meu novo namorado, Ally, sentado na cozinha, calado e desajeitado.

Sentindo-me como se o céu tivesse caído.

Fiquei agradecida a Maggie e Liz, mulheres decididas, práticas e pragmáticas, que você deseja ao seu lado quando há muito a fazer e seu coração está dilacerado demais para que você mesma faça. Quando elas foram embora – um último abraço, algumas palavras de conforto –, Logan, Lesley e eu dispusemos em vasos as flores que nos foram oferecidas e colocamos os cartões de condolências nos parapeitos das janelas. Emily teria ficado feliz por ver quantas pessoas a amavam e se preocupavam com ela e conosco. Ela teria

preferido as rosas brancas dentre todas – quem as trouxera? Ah, sim, o cara do barco. Emily adorava rosas brancas.

Antes que eu me desse conta, minhas lágrimas voltaram a cair sobre um ramallete de crisântemos. Lesley veio para o meu lado de imediato, abraçando-me e dando tapinhas nas minhas costas. Eu tinha que enfrentar o fato de que estava tudo acabado. Encarar que não havia mais nada a fazer, a não ser esperar que as flores murchassem e que chegasse a hora de guardar os cartões numa caixa para que não os víssemos todos os dias – mas também sem escondê-los. Sim, limpar o quarto dela, disse para mim mesma, desconsolada. Mas eu não conseguiria pensar nisso, ainda não.

Então, era verdade. Não fora um pesadelo. Emily tinha partido mesmo.

Lesley tinha subido, e nem notei. Tia Mhairi também havia partido, embora devesse ter se despedido. De repente, Logan e eu estávamos sozinhos na cozinha, cercados por um mar de flores, de cartões e de silêncio.

Desabei, desmoronei.

E depois me lembrei. Sabia que precisava manter algum tipo de normalidade. Sabia que tínhamos que seguir adiante. Eu só conseguia pensar em me deitar e chorar, mas havia coisas a fazer. Abri a geladeira e peguei algumas das travessas que os vizinhos tinham trazido. Coloquei-as na mesa e pousei a mão no ombro do meu irmão, indicando a comida.

– Não estou com fome, Inary. Vou beber.

Meu coração pesou. Logan estivera bebendo o dia inteiro, sem comer nada.

Balancei a cabeça e fui para o fogão.

– Eu disse que não estou com fome, Inary! Vai brincar de casinha agora? Porque não faz muito sentido. Logo você vai embora.

As palavras de Logan me feriram profundamente. Mas ainda pior foi o olhar dele ao falar comigo. Eu já o tinha visto zangado, preocupado, triste, mas nunca antes o vi daquele jeito. Seus olhos estavam *vazios*.

*Gelo e chocolate***Alex**

Numa noite há três anos, não muito antes do Natal, levei Inary para patinar no gelo. Fazia poucos meses que ela morava em Londres, e eu tinha esperanças de encontrar um bom momento para convidá-la para sair – como se deve.

Londres estava no seu auge: tudo brilhava. *Tudo*. O gelo reluzia, o museu estava todo iluminado com as luzes e os olhos de Inary cintilavam. Era perfeito. Colocamos os patins, a cabeça de Inary balançando dentro do gorro azul-claro. Levantei-me e estendi a mão para ajudá-la – a dela parecia tão menor e mais delicada que a minha. Parti devagar, certificando-me de que Inary permanecia equilibrada.

– Você é bom! Isso não é justo! – Inary se segurava a mim como se disso dependesse a sua vida.

– Patinar é mais ou menos como andar de bicicleta. Depois que você aprende, não esquece mais. Eu costumava patinar em Edimburgo quando era criança, todos os anos em dezembro. Já foi lá?

– Não, mas sempre... Opa! – ela se desequilibrou, fazendo uma dancinha do tipo “estou tentando ficar de pé”. Eu a sustentei. – Obrigada – ela disse, e se refugiou em mim quando um grupo mais experiente passou zunindo ao nosso lado. Passei o braço pela sua cintura e deslizamos com cuidado. – Sempre quis ir pra Edimburgo fazer as compras de Natal – explicou. – Nunca deu certo... Sempre acontecia alguma coisa.

– É incrível... Edimburgo é linda em todas as estações, mas, durante o Natal, é simplesmente maravilhosa. As luzes e a rodagigante panorâmica rodando, e as gaitas de foles tocando no fundo...

– Para ensurdecê-lo, caso você se aproxime demais...

– Isso mesmo! Talvez possamos ir, um ano.

– Eu adoraria. Emily poderia ir... Minha irmã. Ela adoraria – Inary disse e sorriu, deslizando com determinação, franzindo o rosto, toda concentrada enquanto colocava um patim diante do outro.

– Mais nova ou mais velha?

– Mais nova. Também tenho um irmão, mais velho do que eu, Logan. E você?

– Tenho três irmãs.

– Puxa... Devo sentir pena de você? O único garoto? Ou isso é bom?

– Na verdade, é bom. Elas todas são protetoras, apesar de dizerem que a nossa mãe me considera um garoto de ouro que nunca faz nada errado!

– Esse é o Logan! – gargalhou.

– Está se divertindo?

– Estou adorando! – respondeu e soltou a mão da minha. Com hesitação no início, ela se afastou, depois foi mais para a frente. Riu, repleta de felicidade, bem ao estilo dela. – Olhe! Estou conseguindo! – ela era como uma criança aprendendo a andar de bicicleta.

– Ótimo! – mantive o olhar preso no gorro azul, entre tantos de outras cores e formas. – Continue!

– Ei, uau... Alex! – ela estava oscilando.

Estiquei a mão e a segurei firme, equilibrando-a.

– Você tem braços fortes – ela brincou com os olhos reluzindo.

– Não poderia pensar num elogio melhor. Minha avó sempre disse isso a meu respeito.

Continuamos a patinar, Inary ficando cada vez mais ambiciosa. Ela estava indo muito bem até que uma garotinha subitamente mudou de direção, e Inary teve que frear para evitar atropelá-la. Em seguida, perdeu o equilíbrio e caiu.

– Ai...

– Isso pareceu doer – fiz uma careta, segurando suas mãos e suspendendo-a.

– Doeu mesmo. Mas não me arrependo! – disse com dramaticidade. – Valeu a pena deslocar uma ou duas vértebras só pra aproveitar o momento. Sabe do que eu mais gostaria?

Um beijo, quem sabe? Mas eu não disse isso.

– Você gostaria de chocolate com chantilly e marshmallows.

Ela riu.

– Como descobriu?

– Eu simplesmente sabia – dei um sorriso largo.

Acabamos num pequeno café não muito longe de Oxford Circus, abarrotado de compradores tentando dar uma folga para os pés. Havia luzes prateadas em todas as paredes, como a casa do Papai Noel, e músicas natalinas tocavam ao fundo. Nossos gorros, cachecóis e luvas estavam numa cadeira ao lado num monte colorido. O vapor subia das nossas canecas de chocolate quente; a face de Inary estava rosada, assim como a ponta de seu nariz, depois de termos patinado por uma hora no frio intenso.

Ok, era hora. Eu simplesmente a convidaria. Quer sair pra jantar comigo? Só nós dois?

Respirei fundo e me preparei.

– Eu estava pens...

– Puxa, veja aquelas luzes! Adoro o inverno de Londres – ela disse. – É reluzente. O inverno em Glen Avich é tão escuro e silencioso.

Droga! Perdi a oportunidade!

– Escuro e silencioso também pode ser bonito – respondi. – Você se vê voltando pra lá? – esperei pela resposta com o coração na boca. Eu não queria que ela fosse a lugar algum.

– De vez? Não sei. Mas sinto falta da Escócia. Nunca pensei que fosse embora um dia. Mas então... coisas aconteceram – ela olhou para o lado. – Você voltaria?

– Não tenho certeza. Também sinto saudades da Escócia, mas... Não sei se voltaria.

– Seus pais estão em Edimburgo, certo?

– E minhas irmãs também.

– O que está fazendo aqui sozinho, então? – ela riu. – Talvez o mesmo que eu...

– Por quê? O que *you* está fazendo? – retribuí o sorriso.

– Esquecendo – respondeu, e lambeu a colher coberta de chantilly. – Hummm... Isso é maravilhoso.

– O quê? Quero dizer, esquecendo o quê? Desculpe, não quis me meter...

– Não, tudo bem. Esquecendo alguém – ela deu de ombros.

– Ah... Sinto muito – respondi, pedindo a Deus que esse cara estivesse fora de cena.

– Melhor assim. Aprendi uma lição. Eu só quero tocar a vida – suspirou e deu um sorriso fraco. – Já deu pra mim. Nunca mais, estou te dizendo.

Puxa.

– Desculpe, não quis deprimir você! Você está com alguém? – ela inclinou a cabeça de lado.

– No momento, não. Não mais – tomei um belo gole do chocolate e queimei os lábios. Melhor não dizer que o meu rompimento com Gaby tinha muito a ver com o fato de eu a ter conhecido.

– O que te trouxe a Londres?

– No começo, trabalho. Mas amo Londres. Novembro passado fez cinco anos.

–Você não perdeu o sotaque.

– Nem pretendo.

– Nem eu – ela disse, rindo. – Acho que devíamos começar a cantar agora...

– Algo sentimental sobre sentir saudades da Caledônia?

– Isso mesmo. Ou talvez aquela sobre Rudolf, a rena do nariz vermelho.

E então pensei “pro inferno, vou convidar logo!”. O que poderia acontecer de pior? Ela me diria “não, não acabei de dizer que não quero mais saber disso?” Se eu não tentasse, nunca saberia...

– Inary. Eu estava pensando... Talvez a gente pudesse sair pra jantar um dia desses...

– Claro! Por que não hoje?

– Hum... Sim. Maravilha... Posso fazer uma reserva em algum lugar...

– Lesley deve chegar a qualquer minuto, ela disse que estava com vontade de comida indiana...

Certo.

Como se estivesse esperando pela deixa, uma voz muito conhecida nos interrompeu.

– Ei! Como foi a patinação? – era Lesley, cheia de compras natalinas. Ela se deixou cair numa cadeira junto à nossa mesa. – Preciso de uma xícara de chá!

Recostei-me na minha cadeira, murcho.

Deu tudo certo. Só que não.

– Olá! Eu pego uma pra você – disse Inary, levantando-se de pronto.

Meu rosto estava congelado num sorriso. Era a primeira vez desde que Lesley e eu nos conhecemos que eu não estava feliz em vê-la.

– Está frio demais lá fora! A propósito, você vai ficar feliz em saber que seu presente de Natal está numa dessas sacolas. Mas em qual? – brincou com ênfase. Olhei para ela, tentando formular um sorriso. – Alex?

– Sim?

– Está tudo bem? – Lesley arqueou uma sobrancelha.

– Sim, por quê?

– Inary me mandou uma mensagem dizendo que estavam aqui e, como eu estava perto na Candle Company... Você se importa se eu ficar com vocês?

Ela tentou ler a minha expressão. Senti-me péssimo e tentei me recobrar.

– Não, nem um pouco! Está com fome? Quer ir comer alguma coisa?

– Ah... – ela disse, e seus lábios se curvaram num sorriso lento.

– Ah, o quê? – perguntei.

Seus olhos brilharam e o sorriso se ampliou.

– Você *gosta* dela. Isto é... *está interessado* nela. Na Inary... – sussurrou, virando-se só para ver se Inary não podia ouvir antes de se inclinar na minha direção. – Ai, meu Deus!

– É, bem, hum...

– Ai, meu Deus! – repetiu, um pouco mais alto. Ela estava radiante. – Bem como eu planejei!

– Você *planejou*? – comecei. Não conseguia acreditar. Minhas irmãs, Gary, Kamau, e agora Lesley. Será que estava escrito “à procura da minha alma gêmea” na minha testa? Por que todos estavam tentando me arranjar alguém?

– Aí estão vocês! – Inary tinha voltado e colocou uma xícara fumegante diante de Lesley. – Pra te esquentar um pouco. Também peguei bolo. O que foi? – perguntou, olhando de mim para Lesley e de novo para mim.

– Nada – respondeu Lesley rapidamente. – Alex estava me contando o quanto ele ama patinar. Você gosta mesmo, não gosta?

– Sim – assenti. Suspeitei que o meu rosto estivesse vermelho como o de um garoto de dez anos que é mandado a se sentar ao lado da sua primeira paixão.

– Eu também! A partir de hoje! – Inary declarou, sorvendo um gole do chocolate dela.

– Você tem que trazer Inary com mais frequência – disse Lesley, alisando o rabo de cavalo de tranças. – Vocês dois me parecem tão felizes...

À procura de Emily

Inary

Só subi de madrugada. Logan estava no quarto dele – a bebida o nocauteara –, e Lesley e eu ficamos assistindo TV, vendo nada importante e sem prestar atenção. O que importava era não ficar sozinha, não ter que ir para a cama, fechar os olhos e me consumir com pensamentos terríveis. Estávamos quase caindo no sono no sofá quando Lesley me arrastou para cima. Relanceei para o relógio: duas da manhã. De novo. Eu vivia sem dormir.

– Para a cama – anunciou ela, e me apertou no ombro. – Você vai ficar bem?

Assenti, ainda que a resposta verdadeira fosse *não, não vou* – mas eu sabia que Lesley precisava descansar, e eu também. Segui-a para o andar de cima e ela desapareceu seguindo para seu quarto com um boa-noite sussurrado.

No fundo da minha mente, havia ao mesmo tempo medo e esperança de que o que acontecera na noite do falecimento de Emily voltasse a acontecer, que eu a *visse*. Uma parte de mim estava esperançosa, outra parte estava assustada. Todas as partes de mim sentiam saudades de Emily. Será que aconteceria novamente?

Depois de ver a aparição na minha penteadeira, passei horas fitando a escuridão, meio que desejando, meio que aterrorizada. Incitei meus membros a formigarem, que o zumbido em meus ouvidos começasse. Incitei o ar a ficar elétrico, que os cabelos da nuca eriçassem e um frio repentino me envolvesse. Mas não houve nada. Fiquei deitada na cama, rígida de frustração, minhas lágrimas gelando no frio da noite, torturando-me com os pensamentos a respeito de Emily.

Ainda assim, se a minha Visão tivesse de fato voltado, isso também era assustador. O motivo pelo qual eu perdera meu dom

quando tinha doze anos de idade era aterrorizante demais para eu querer lembrar. Eu tinha me esforçado ao máximo para esquecer.

Agora, assim que atravessei a soleira do meu quarto, parei. O ar estava rarefeito, carregado, como pouco antes de uma tempestade; parecia diferente do que no resto da casa. Olhei ao meu redor e dei um passo hesitante, pressionando o interruptor. A luz iluminou todos os cantos e perscrutei o quarto. Não havia ninguém ali, mas, mesmo assim, eu sentia *algo*. Alguma coisa no espaço ao meu redor. Algo dentro de mim.

Lavei-me e vesti-me querendo ir para a cama rapidamente; meus dentes batiam no úmido ar noturno. Apaguei a luz e me deitei, ainda tremendo, debaixo da colcha. Eu não conseguia me aquecer, e embora quisesse chorar, tentando atenuar um pouco da dor do luto, eu estava sem lágrimas. Fiquei deitada toda enrolada como se tivesse dezesseis anos de novo e tivesse acabado de ficar órfã, abraçando o travesseiro e desejando que o dia amanhecesse logo. Outra noite sem dormir.

De repente, algo viajou pelo ar e entrou no meu quarto como a explosão de um raio – uma corrente rápida de estática, preenchendo meus ouvidos com um som baixo e tocando cada um dos meus nervos, como um arco tocando as cordas de um violino. Meus membros começavam a formigar, o cabelo da nuca se eriçou e a minha pele ficou toda arrepiada. Sentei-me e olhei para a escuridão, arfando.

Emily? Movimentei os lábios. E depois arrisquei um *Emily, você está aí?* Nenhum som saiu da minha boca, mas eu sabia que isso não faria diferença para ela.

Ninguém respondeu. A escuridão não se alterou.

Ninguém.

O desapontamento voltou a me encher e se transformou em raiva, e lágrimas zangadas finalmente começaram a rolar pelo meu rosto. Seria algum tipo de truque cruel dos meus sentidos caçoando de mim? Algum terrível efeito colateral do luto, a esperança dada e arrancada, para me partir ainda mais do que eu já estava partida? Bati as palmas abertas na parede e de novo e de novo, apreciando a libertação da dor, sons baixos escapando da minha boca como

gritos de um animal. Depois me lembrei e parei de imediato – será que Logan e Lesley tinham me ouvido? A última coisa que Logan precisava era me ver assim. Agucei os ouvidos na escuridão – nada.

Recostei-me no travesseiro, sentindo-me completamente só, absolutamente perdida. De repente, a escuridão pareceu pesar à minha volta, apertando o ar para fora dos meus pulmões. As quatro paredes do quarto estavam se fechando ao meu redor e eu tinha certeza de que logo não conseguiria mais respirar, assim como minha amada irmã.

Saltei da cama e abri as cortinas e a janela, bebendo o ar frio, fitando maravilhada a beleza diante de mim: o céu pintado de negro salpicado de estrelas brilhantes ao encontro do cobertor de nuvens, uma lua em forma de garra, e Vênus brilhando fria e prateada.

Onde você está? Por favor, volte pra mim. Volte pra mim, implorei, tocando a pequena andorinha da pulseira de Emily. *Onde você está? Onde posso te encontrar?*

Eu tinha que sair para respirar. Eu tinha que sair e procurar por Emily.

Vesti algumas roupas e desci nas pontas dos pés, o mais silenciosamente que consegui. Calcei as botas e apanhei o casaco, saindo antes que alguém notasse.

A noite estava cheia de vento e impregnada pelo cheiro do solo molhado e da umidade – o cheiro da noite escocesa. O alívio por estar do lado de fora foi imenso. A escuridão nunca me assustou; eu me sentia em casa nela. Quando era pequena, muitas vezes tentava ficar fora de casa depois do pôr do sol, porque as chances de Ver eram maiores. Na época me parecia estranho, mas antes daquele dia horrível no lago, o dia em que perdi minha Visão, eu costumava procurar pelos espíritos. Em vez de me assustar, eu acolhia os sinais físicos do que estava para acontecer, os pensamentos sussurrados que não me pertenciam – e depois vinham as aparições, surpreendendo-me no que quer que estivessem fazendo, congeladas no tempo. Uma mulher com saia rodada carregando o bebê pelo parque para brincar, andando diretamente para os balanços e arredores; duas meninas, lado a

lado, no cemitério, com cabelos presos em coque, usando vestidos compridos cheios de saias, rindo de algo que só elas sabiam; uma senhora caminhando ao lado da estrada, o cabelo coberto por um lenço, um rastelo na mão... Toda vez que acontecia – não foram muitas, mas foram raras e mágicas – eu me sentia um pouco mais forte, um pouco mais rica. A Visão era uma parte de mim, uma parte que eu estimava.

Até aquele dia em que entrei no lago com meu pai, e o choque do que vi tirou o dom de mim. Durante anos senti como se me faltasse um membro. Mas agora os antigos sentimentos e as antigas sensações tinham voltado, para o meu alívio – e também horror. O que mais importava era ver Emily de novo.

Por favor, deixe-me vê-la novamente, implorei ao andar pela St. Coleman Way na direção do poço.

Passei pela casa de Eilidh, escura e silenciosa, e pela loja de Jamie, e depois as casas foram ficando mais espaçadas conforme o poço se aproximava. Não havia barulho algum, a não ser pelo pio ocasional de uma coruja, o uivo distante de raposas, e o som das minhas botas contra o chão. Passei por jardins, com as luzes acesas ao redor, conferindo um brilho espectral. Dali de cima eu conseguia avistar Glen Avich se espalhando como uma colcha de retalhos, com seus chalés brancos e casas avarandadas ao longo da rua principal, e o rio cortando o vilarejo ao meio. E além de Glen Avich, as colinas com seus cumes entrecortados borrados contra o céu, preto contra preto.

Mergulhei os dedos na água no fundo do poço de pedras, arfando com o frio e sentindo as algas pequenas e macias grudadas à pedra. Uma rajada repentina me fez estremecer e subi o colarinho do casaco ao redor do pescoço. Olhei para o céu e vi que as nuvens estavam se fechando sobre minha cabeça. O céu escocês pode mudar num piscar de olhos – antes que você se dê conta, os céus desabam e você fica completamente encharcado. Mas eu não poderia ir para casa, simplesmente não poderia – melhor me molhar do que me entocar em casa novamente. Emily estava em algum lugar, e eu a encontraria.

Passei pelos jardins, espiando nas sombras, esperando e observando e procurando, mas não havia ninguém, e eu não conseguia sentir nada. Olhei ao meu redor. Com os olhos da mente, eu via Emily, em seu uniforme escolar castanho, sentada no muro baixo de pedras que delimitava os jardins, lendo *Harry Potter*... Uma recordação, uma dentre tantas, e cada uma delas uma facada no meu coração.

Desci pela St. Coleman Way, pisei no parquinho e me sentei no banco por um instante. Ali a escuridão era interrompida pela luz alaranjada dos postes. Avaliei-me. Nada ainda. Nenhum formigamento, nenhum zunido, nada. O pio da coruja ressoou no ar novamente, ecoado por outro no bosque, já as raposas tinham parado de uivar. A silhueta esvoaçante de um minúsculo morcego, menor que um pardal, passou rápido.

Quantas vezes Emily e eu nos sentamos naqueles balanços, quando crianças e depois adolescentes, conversando baixinho e contando uma à outra coisas que não queríamos falar em casa, onde nossos pais e nosso irmão poderiam nos ouvir? Ali, bem ali, ela me contou que David beijava bem, mas que tinha um gosto terrível para música. Que planejava fazer uma tatuagem de golfinho no pulso, assim que conseguisse convencer Logan de que isso era uma boa ideia. Que queria ser estilista, quando crescesse...

Ah, Emily. Sinto tanto, tanto, tanto a sua falta.

Levantei-me e passei diante do cabeleireiro – aqui você veio se arrumar para o baile da escola –, da loja de Peggy – aqui costumávamos vir comprar doces depois da escola –, do novo café – aqui não há lembranças suas porque você estava doente demais para vir. Passei diante do Green Hat, escuro e fechado, sem música e vozes se infiltrando pelas portas – aqui você costumava colocar, sorradeira, uma dose de vodca no seu suco de laranja, mesmo sabendo que não devia por causa dos remédios. “De que adianta viver se não posso fazer nada?”, você costumava dizer.

Lembranças da minha irmã estavam em todos os lugares, dentro e fora de mim. Senti meus olhos arderem novamente. Essas lembranças... Elas eram tão intensas agora, será que eu esqueceria com o tempo? Mesmo eu a amando tanto, conforme o tempo

passasse, será que me esqueceria da sua voz, do cheiro da sua pele, de todos os seus trejeitos? Lembro como ela afastava o cabelo do rosto com as duas mãos quando estava concentrada em alguma coisa, ou como chamava tudo de “completamente surpreendente” em seu modo apaixonado e ardente, ou como enrugava o nariz quando ria. Ou como cantava qualquer canção que tocasse no rádio, mesmo sem conhecer a letra.

Lembro-me de quando ela resgatou uma joaninha – ela devia ter uns cinco anos – e a batizou de Polly, e toda joaninha que ela via depois disso era uma *polly*. Lembro-me de quando ela tingiu os cabelos de azul para o seu décimo quinto aniversário e enlouqueceu Logan. Lembro-me de quando ela adotou uma ninhada de gatinhos, todos pretos de patas brancas, chamando-os todos de Murdo. Mesmo as fêmeas. Glen Avich ainda está cheia de Murdos². Homenagem a Murdo MacLeod, jogador de futebol da seleção escocesa que participou da Copa de 1990. (N.T.)

Lembro-me da minha irmã. Eu me lembro de você, Emily.

Eu estava chorando de novo, sem pudor nem limites, o rosto amparado nas mãos. Saí correndo pelas ruas e entrei no bosque, chamando-a a cada passo que dava. De repente, vi um rosto em forma de coração olhando para mim de um galho e parei – era a coruja que estava piando antes. Caminhei na direção dela, com cuidado, em silêncio, para não afugentá-la. Mas ela abriu as asas e voou, apoiando-se em outro galho não muito longe de mim. Acendi a luz do meu celular e a segui, e bem quando estava quase alcançando-a novamente, ela voltou a voar, desta vez um pouco mais longe.

A coruja continuou me atizando por um tempo, pousando em galhos cada vez mais distantes, e eu continuei seguindo-a, os galhos se prendendo nos meus cabelos, gravetos estalando sob meus pés como ossos frágeis. A aurora se aproximava – eu via um indício de cinza ao leste –, mas ainda estava bem escuro. O céu estava negro e trêmulo com nuvens fantasmagóricas de extremidades de aço. As árvores pareciam sussurrar ao meu redor,

os galhos balançando e rangendo no vento crescente. De repente, a coruja alçou voo novamente e desapareceu de vez na escuridão.

Fiquei ali, parada, perdida. Pensei que a coruja me levaria até Emily. Pensei mesmo. Mas, ao me virar, havia silêncio e solidão. Eu estava sozinha. Completa e absolutamente sozinha. Não havia mais nada a fazer a não ser voltar para casa.

Subitamente, a luz fraca do meu telefone iluminou algo. Era um pinheiro, e uma parte do seu tronco estava branca onde deveria estar marrom. A luz revelou um desenho, feito em baixo-relevo para que as letras ressaltassem em vez de estarem encravadas. Aproximei-me e coloquei o celular bem perto, para poder ler as palavras.

Estava escrito: *Emily, eu te amo. D.*

David. O que beijava bem, mas tinha terrível gosto para música, o rapaz que fora ao funeral com a mãe. Senti os primeiros pingos da chuva nas mãos e no rosto, e logo o aguaceiro caiu.

*Ela chegou de mansinho***Inary**

Quando cheguei em casa, eu parecia – e me sentia – tal qual um gatinho molhado. Afastei o cabelo ensopado da testa e passei pela porta de entrada.

A sensação me atingiu de imediato.

Meus cabelos se arrepiaram, e lá estavam eles de novo, os sinais de que havia um espírito nas proximidades – o formigamento, o som silencioso e contínuo vibrando em meus ouvidos, a pele arrepiada. Quase fiquei tonta de alívio. Claro. Claro. Procurei por todo o vilarejo e ela estava aqui o tempo inteiro. Onde mais estaria? Corri para a cozinha. *Emily, Emily, Emily*, chamei, inspecionando os armários da cozinha, o fogão, a mesa. Virei-me e andei pela sala de estar – os sofás, a lareira, as prateleiras, tudo meio escondido na escuridão. Nada.

Emily! Esforcei-me para chamar. Minha garganta doeu com as palavras não pronunciadas. Corri para cima, quase tropeçando no último degrau, tamanho era o meu desejo de vê-la. Meu corpo todo formigava, tanto que chegava quase a doer. A estática rastejava sob minha pele. Fui direto ao quarto dela. Meu coração estava na garganta quando empurrei a porta...

A luz amarelada do poste diante da nossa casa, o mesmo que eu via da janela, entrava por uma fenda entre as cortinas. Vistoriei o quarto – a cama dela, cuidadosamente arrumada, intocada; a escrivaninha; a penteadeira com seus perfumes e remédios todos perfilados; a máquina de costura; o espacinho aconchegante ente a cama e a parede onde costumávamos nos sentar, onde eu costumava lhe contar histórias.

Não havia ninguém. Emily não estava ali.

Um soluço escapou da minha boca. *Onde você está? Por que está se escondendo de mim?*

Ainda assim, eu sentia sua presença. Eu tinha até a sensação sinistra de que meu cabelo estava de fato começando a arrepiar para cima, como quando você escova com força e a estática o faz voar. Àquela altura, meu coração estava prestes a saltar de dentro do peito. Corri para o antigo quarto dos meus pais, mas, no segundo em que entrei, o desapontamento me atingiu como água fria – o formigamento estava diminuindo, assim como a sensação de estática ao meu redor. Ainda havia um leve zunido em meus ouvidos, mas muito sutil agora. O ar estava quase normal, não mais carregado de eletricidade. Ela estava indo...

Emily... Não! Não vá antes que eu te veja! Articulei com tanta força que um gemido estrangulado escapou, como uma respiração arfante. Abri a porta do meu quarto e entrei no escuro.

E foi então que eu a vi.

Havia uma forma sentada à minha penteadeira, a mesma forma feminina que vira antes, com as costas voltadas para mim. Por um segundo, o terror me cegou – a lembrança do que eu vira anos antes, a aparição horrenda que roubara minha Visão ficou piscando em meus olhos. Mas isso foi só por um momento; eu sentia esta aparição de maneira diferente. *Tinha* que ser a minha irmã. Tinha que ser Emily.

Pisquei de novo e de novo no escuro. O cabelo do espírito era escuro, e não ruivo-claro como o de Emily. Mas isso ainda não fez sentido para mim. Claro que era Emily. Quem mais poderia ser?

O cabelo dela estava preso num coque frouxo na base da nuca – Emily nunca prendia o cabelo assim. Sua figura delgada estava escondida por uma camisola de lã azul – Emily odiava camisolas.

Em seguida, ela virou a cabeça de leve, e captei um vislumbre do seu perfil.

Eu não poderia negar mais. Não era Emily.

O desapontamento estrangulou o meu coração. Fui enganada.

Ainda assim, apesar do luto renovado, apesar da ferida pela perda da minha irmã estar aberta e sangrando novamente – eu estava vendo um espírito.

Minha Visão voltara, depois de treze anos. Agora eu tinha certeza.

Eu estava enfeitiçada demais para me mexer. No silêncio, conseguia ouvir minha respiração superficial e rápida e as batidas do meu coração. A moça estava sorrindo, e uma luz se espalhava em seu rosto, uma luz de felicidade. Seus dedos longos seguravam uma caneta-tinteiro antiga; ela estava escrevendo uma carta. Fiquei o mais parada que pude, tentando impedir meu corpo de tremer e os meus dentes de baterem. Eu estava encharcada e morrendo de frio.

A voz da garota preencheu o cômodo, ressoando em minha mente e no meu coração, como se ela estivesse falando dentro de mim. Já tinha ouvido os pensamentos dos espíritos ecoando em minha mente antes, mas nunca os tinha ouvido falando de verdade. Ela era especial. Mais forte. Mais real do que qualquer outro fantasma que eu tivesse visto.

– Por favor, Robert, volte logo para Glen Avich – ela disse, murmurando cada palavra conforme as escrevia. – Sabe que estou contando os dias, sabe que não terei paz até o seu regresso. Serei para sempre sua. Com todo o meu amor, Mary – ela suspirou profundamente, enquanto, nesse meio-tempo, eu prendia o fôlego a fim de não perder nenhuma das palavras que a garota dizia. Eu estava tomada de medo e de surpresa. Não conseguia emitir som algum.

A moça chamada Mary entrelaçou as mãos sobre a carta e ergueu a cabeça para o céu cinzento do lado de fora. Deixei-me cair no carpete, em absoluto silêncio, e observei seu rosto adorável em perfil, os pés descalços escondidos debaixo da cadeira, as mãos movendo-se com graciosidade enquanto enfiava a carta no envelope. Fiquei sentada no piso de madeira frio, o cabelo pingando nos ombros, e observei admirada a garota que apareceu para mim na pior noite da minha vida. Eu estava partida por conta do desapontamento, mas, ainda assim, havia conforto em sua presença ali, como uma suspensão temporária na minha solidão.

Subitamente, uma batida na porta interrompeu a nossa intimidade silenciosa.

– Inary, você está bem?

Era Lesley. Olhei para a porta por um instante, e quando voltei a olhar para a penteadeira, Mary havia sumido.



Meia hora mais tarde, com o cabelo seco, eu estava de novo na cama. Desapontada por não ter visto Emily, sentia como se meu coração tivesse sido surrado e estivesse todo machucado; doía a cada batida. Mas eu também estava pasma pela visita de Mary.

Mary, repleta em sua felicidade, enquanto eu estava tomada de dor. Mary escrevendo uma carta de amor e suspirando de alegria.

De repente, do nada, surgiu o desejo premente de falar com Alex. Mas como eu poderia continuar procurando por ele depois do que tinha acontecido antes de eu o deixar? Ele não veio para o enterro. Isso devia significar alguma coisa.

Olhei para o relógio: 04:34. Era uma hora completamente incivilizada para ligar para alguém. E, de qualquer jeito, eu não conseguiria *falar* – eu só poderia respirar sem dizer nada, como um tipo de psicopata. Os meus dedos rolaram até o número de Alex e, antes que meu cérebro me dissesse para parar, apertei o botão da chamada. Tentei interromper a ligação, mas o aparelho caiu no chão e foi tarde demais. Apanhei-o o quanto antes – eu esperava ser atendida pela gravação da secretária que conhecia de cor – *Oi, aqui é o Alex, não estou no momento, mas me conte tudo e eu ligo de volta* –, no entanto, para o meu horror, percebi que o telefone estava tocando, a tela iluminada na escuridão. Finalmente consegui apertar o botão para encerrar a chamada. Meu coração batia num ritmo louco. No que eu estava pensando?

Eu nem me conhecia mais. Só precisava ter certeza de que ele estava lá. De que ele ainda *existia*.

De repente, meu telefone emitiu um som profundo que me pareceu incrivelmente alto no silêncio da casa, e dei um salto. Aquela seria a segunda vez em que acordaria Lesley, pensei arrependida. Era uma mensagem de Alex.

Precisa conversar? Quer que eu te ligue?

Sim. Sim.

O meu estômago revirou com a intensidade da minha necessidade de ouvir a voz dele, aquela voz que eu conhecia tão bem. Eu queria lhe contar tudo, sobre Emily, até sobre Mary, embora isso fosse difícil de explicar, e difícil de acreditar. Mas eu não conseguia falar, lembrei-me, tocando a garganta.

Desculpe te acordar. Perdi a voz. Não consigo falar. Não é uma desculpa, juro.

A resposta veio de imediato, a luz na lateral do meu aparelho piscando no escuro.

Estou preocupado com você. Estou te mandando um e-mail agora.

Levantei-me e liguei o laptop. Quando vi o espaço vazio onde havia um atalho para a minha pasta de histórias, senti uma pontada de arrependimento. Todas tinham ido. Inspirei fundo ao ver que o e-mail que Alex me prometera já estava na caixa de entrada – estávamos entre as raras pessoas que não acessavam o Facebook. Nós dois odiávamos a falta de privacidade, a invasão de milhares, milhões de usuários que se intrometiam nas vidas alheias.

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Para: Inary@gmail.com

O que houve com a sua voz? Desculpe não ter ido ao enterro. Não sabia se você queria que eu fosse. Espero que me entenda. Você está bem?

Não muito. Eu não conseguia pensar em nada que estivesse bem na minha vida.

De: Inary@gmail.com

Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Querido Alex,

Desculpe por não ter falado com você por tanto tempo. Fiquei sem voz. Estamos dizendo a todos que é uma inflamação na garganta, mas não acho que seja isso. Aconteceu na noite em que Emily morreu. Tudo parece estranho e errado agora que Emily se foi. Inary

A resposta chegou após poucos minutos.

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Para: Inary@gmail.com

Querida Inary,

Tenho certeza de que você está em estado de choque e que a sua voz logo voltará. Sinto muito pela sua irmã, por Logan e por você. Eu gostaria de poder ajudá-los.

De súbito, meus olhos começaram a se fechar. Tudo o que acontecera durante o dia – e à noite – pesou sobre meus ombros de uma só vez, e me senti esmagada sobre esse peso. Meu corpo estava começando a adormecer sem me consultar antes.

De: Inary@gmail.com

Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Falar com você está ajudando...

Tenho tanto pra te dizer. Estou prestes a dormir a qualquer segundo, a noite foi longa, mas logo te mando um e-mail.

Inary

P.S.: Desculpe.

Deixei-me cair na cama e me enrosquei debaixo da coberta. Eu deveria evitá-lo, e lá estava eu, indo atrás dele de novo.

Eu sabia que era minha culpa. Não deveria ter deixado acontecer – aquela nossa noite, aquela noite tão gloriosa, tão carinhosa... dóia só de pensar. Quando lhe disse que havia sido um erro, não sei qual de nós ficou mais devastado, mas eu não podia permitir que nem ele, nem qualquer outra pessoa se aproximasse assim de mim.

Ninguém nunca mais teria esse tipo de poder sobre mim de novo. E a maneira como Alex tivera meu coração nas mãos naquela noite...

Nunca. Nunca mais.

Mesmo assim, eu não conseguia parar de pensar nele.

Eu estava cansada demais para ficar brava comigo. Meu consciente começou a definhar de vez, bem quando pensei ter ouvido Mary sussurrando de novo; tentei prestar atenção, mas não consegui me impedir de me jogar na escuridão. Adormeci com a voz dela em meus ouvidos, como uma canção de ninar murmurada.

*Um pensamento meu para você***Alex**

Eu dormia agitado quando alguma coisa me despertou num rompante – um barulho vindo de algum lugar. Meu telefone tocando. Olhei para o relógio sobre o criado-mudo: 04:30 da madrugada.

Apanhei o celular – temendo más notícias, como sempre pensamos quando o telefone toca no meio da noite – e vi o nome de Inary piscando na tela por um instante. Inary estava trilando. Pisquei, tentando acordar.

Sim. *Ligação perdida de Inary*. Eu não tinha sonhado.

Nem pensei a respeito – mandei uma mensagem. Se ela tinha trilado, era porque não podia falar no momento, portanto, não fazia sentido ligar. Ainda estava furioso pelo que tinha acontecido, mas não havia como ignorá-la. Eu só precisava saber que ela estava bem.

A resposta chegou após alguns segundos – ela perdera a voz? Talvez estivesse gripada. Mas não me parecia isso. Não me pareceu um vírus. Meus instintos me diziam que era algo mais agourento. Levantei-me e liguei meu laptop para enviar um e-mail – nada intenso demais, apenas algumas linhas para tentar captar o estado em que ela se encontrava. Mas as respostas dela foram tão vagas que não consegui entender o que estava acontecendo. *Desculpe*, ela dissera.

Meu estômago queimou.

Eu ainda estava bravo. Toda vez que eu pensava sobre o que ela dissera naquela manhã – ah, toda vez que as palavras dela me vinham à cabeça, o meu peito se apertava de novo... Ela fora tão injusta. Mesmo assim...

Era Inary. A irmã dela tinha morrido, e ela não conseguia falar.

Eu tinha que me defender – mas Inary era o meu ponto fraco, o meu vício. Parar com aquilo seria muito mais doloroso do que ceder.

Eu já sabia que, quando ela entrasse em contato comigo de novo, eu sempre responderia.

*Vozes do passado***Inary**

Tia Mhairi apareceu em casa no domingo de manhã em seu melhor vestido. Eu sabia o que estava por vir.

– Vou à missa. Vocês vêm?

– Não conte comigo – disse Logan da cozinha. Ele estava se preparando para caminhar nas colinas.

Hesitei. Fazia muito tempo que eu não ia à missa. De repente senti saudades da igreja de pedra e de todas as vezes em que fui lá quando criança, com mamãe e vovó. Ao que tudo levava a crer, quando eu tinha uns três anos de idade, convenci-me de que a igreja era o lugar certo para soltar a voz, e costumava disparar canções aleatórias no meio da celebração... Padre McCroury pensava que aquilo era hilário (ainda bem para a mamãe) e sempre agradecia a “pequena Inary Monteith por seu canto adorável”. Ainda sinto vergonha ao me lembrar disso.

Sim, eu iria. Assenti, e o rosto de tia Mhairi se abriu num sorriso. Ela estava extasiada que sua sobrinha desgarrada ainda tivesse chance de salvação.

Caminhamos até a igreja St. Coleman debaixo de uma garoa fina. A cada dez passos, encontrávamos algum conhecido – exatamente como quando eu era pequena, e todos os meus domingos se resumiam em ir à missa e encontrar os amigos e os parentes ali.

Só que Emily sempre esteve conosco.

Não mais.

Foi triste e saudoso andar com tia Mhairi e sentir a presença de Emily tão forte, tão real, pairando entre nós em cada conversa, a cada passo.

A capela era bem menor do que a igreja presbiteriana, mas era linda com suas paredes de pedra e uma cruz simples no alto. Estávamos quase entrando quando Maggie, uma das amigas de tia Mhairi que nos ajudara no funeral, apareceu ao nosso lado.

– Ah, Inary! Como é bom ver você aqui, querida! Como vai? – ela perguntou com preocupação no olhar. Isso deveria ter me irritado, mas senti que a preocupação dela por mim e a tristeza que sentia por Emily eram reais.

Assenti – era tudo o que eu podia fazer.

– Ela ainda não consegue falar – explicou tia Mhairi. E foi aí que aconteceu.

Maggie começou a falar – eu via a boca dela se movendo, e via tia Mhairi assentindo –, mas não conseguia ouvir o que estavam dizendo. De repente, meus membros começaram a formigar por completo, e um zunido baixo sufocou todos os outros sons ao redor. Meu coração começou a bater forte – era como se eu estivesse submersa em águas profundas, distanciada de todos ao meu redor. Fechei rapidamente os olhos, tomada de medo e da sensação de irrealidade – e quando os abri novamente, eu estava em outro lugar.

A igreja ainda estava atrás de mim, e lá estava Glen Avich, espalhada aos pés da pequena colina. Mas tia Mhairi e Maggie tinham sumido. Todos tinham sumido.

Eu conseguia sentir a garoa leve caindo nos meus braços e nas minhas costas, sentia a brisa em meus cabelos e o cheiro do chão molhado. Subitamente, uma fila de pessoas começou a sair da igreja. As roupas deles eram estranhas – as mulheres em vestidos compridos e chapéus duros de feltro, e os homens em calças de lã e camisas, tudo em cores neutras. O medo me perpassou. Nada semelhante me acontecera antes. Eu via espíritos no *meu* mundo – mas nunca tinha visto o mundo de onde *eles* vinham. Nunca tinha sido transportada para outro lugar, para outro tempo...

Dei um salto. Alguém apareceu ao meu lado – um padre, parando para cumprimentar os paroquianos depois da missa. Olhei para ele, esperando que ele me visse, que me sentisse. Mas ele não me notou. Eu estava lá, e também não estava.

Fiquei parada estudando rosto após rosto, homens, mulheres e crianças saindo pelas portas da igreja, trocando algumas palavras com o padre – padre Hall, eles o chamaram.

Finalmente, um rosto que reconheci. Mary, caminhando ao lado de uma senhora... Olhei com atenção, e uma saudade súbita preencheu meu coração: a mulher era muito parecida com a minha mãe. Ao lado dela havia uma garotinha com longas tranças.

– Mamãe, só vou esperar Leah – disse Mary. – Ah, lá está ela...

Forcei meu olhar a abandonar o rosto da senhora e segui o olhar de Mary na direção de uma garota loira, alta, de rosto corado e sorridente, rindo para um jovem em paletó de *tweed*. O homem se afastou para se juntar a um grupo de mulheres paradas no gramado a poucos metros da igreja.

– Vejo você daqui a pouco – sussurrou Leah, que se apressou para junto do jovem com quem estivera conversando. Mary os observava com um sorriso no rosto.

Meu olhar se voltou para Mary, que, de repente, pareceu estar muito, muito longe, distante do grupo e de todos, em seu mundo. Ela estava parada, olhando para alguma coisa – para alguém: um homem que também a observava, os olhares presos um no outro. Devia ser Robert. Ele estava sorrindo, e também parecia maravilhado. Como se não estivesse esperando que aquilo acontecesse.

Meu coração deu uma pequena cambalhota ao sentir a emoção de Mary me varrer, tão intensa que era praticamente física, quase dolorosa. Segurei o coração enquanto a consciência de Mary explodia dentro de mim.

Em seguida, uma mulher com um lindo rosto e uma expressão equilibrada, vestida num belo casaco de lã e chapéu de veludo, foi para o lado de Robert, pousando a mão em seu braço. O gesto indicava *ele é meu* – e o elo silencioso entre Mary e ele se rompeu.

Subitamente, os contornos da cena começaram a ficar borrados, e era como olhar através de uma janela na chuva – tudo estava derretido e sem nitidez diante dos meus olhos, até que só vi o escuro. Nada. E depois meus olhos se abriram e Maggie estava falando.

– Então eu disse ao padre McCroury, se não conseguirmos encontrar uma catequista antes da primavera, eu mesma posso assumir...

– Absolutamente. A menos que ela nos garanta com certeza que voltará...

O mundo girava ao meu redor, e o céu e o chão estavam quase trocando de lugar. Cutuquei tia Mhairi de leve no ombro e gesticulei na direção da porta da igreja.

– Sim, meu bem, vá na frente – disse ela, sem saber o que acabara de me acontecer.

Entrei na igreja e me deixei cair num dos bancos, respirando profundamente para acalmar meu coração. Eu tinha certeza de que acabara de testemunhar o primeiro encontro de Mary e Robert, e mal conseguia esperar para ver o que aconteceria em seguida.

*Os dias entre o inverno e a primavera***Inary**

Lesley partiu no dia seguinte. Ela não tinha como conseguir um afastamento mais longo do trabalho tão em cima da hora. Enquanto via seu carro desaparecer, eu sentia como se minha vida antiga estivesse acabando, e uma nova estivesse começando. Uma sem Emily e sem Lesley ao meu lado todos os dias, como eu estava acostumada. Era muito difícil, mas, mesmo assim, eu sabia que teria que enfrentar. Eu tinha que viver meus dias e minhas noites e ser grata por cada um deles, por mais difíceis que fossem.

Vai ficando mais fácil, mesmo que isso não pareça possível agora, Eilidh dissera. Eu tinha que acreditar nela.

Tia Mhairi se oferecera para cuidar das coisas de Emily conosco. Para ver o que podia ser dado para a caridade, o que podia ser presenteado e o que seria jogado fora, disse ela, a voz sumindo quando notou as expressões horrorizadas em minha face e na de Logan. Ela não dissera por mal, sabíamos disso, e sabíamos que teríamos que decidir o que fazer com tudo aquilo, mas jogar fora alguma coisa que tivesse pertencido a Emily, qualquer coisa, mesmo revistas velhas, um vidro de esmalte de unhas pela metade, ou até mesmo os bilhetes de ônibus usados – os escombros da vida dela – nos pareceu simplesmente cruel.

E lá estávamos nós, no quarto de Emily, eu sentada na cama recentemente arrumada – eu não suportaria vê-la sem lençóis – e Logan no tapete, as costas apoiadas na parede. Nenhum de nós dava sinais de que queria se mexer. Por um instante a dor me assolou novamente e meus olhos marejaram. De repente, todos os detalhes do quarto – as pilhas de roupas cuidadosamente dobradas sobre a cama de Emily, seus livros, seus perfumes, as fotografias que Logan tirara com amor, imprimindo-as e emoldurando-as para ela – formaram uma visão insuportável. Tudo falava sobre a ausência dela. A camisa cor de ameixa em que ela estivera

trabalhando ainda na máquina de costura. Eu não tive coragem de tirá-la. Era como se, a qualquer momento, ela pudesse entrar e se sentar para terminar...

Subitamente, não suportei mais o silêncio. Eu tinha tantos pensamentos na cabeça, tantas emoções fluindo do meu coração e que não tinham como sair, e nenhum alívio no mundo falado. Eu não conseguia encontrar alívio nem mesmo em uma simples conversa. O silêncio estava me devorando. Corri para o meu quarto, sob o olhar perplexo de Logan, e abri uma gaveta da minha escrivaninha, depois outra, até encontrar papel e caneta.

Quer que eu vá embora?, escrevi, inclinada sobre a escrivaninha. Voltei para o quarto de Emily, sentei-me no chão ao lado de Logan e lhe mostrei a minha anotação, com as mãos trêmulas.

– *Quer que eu...* Não seja besta – ele me lançou um olhar, um olhar de Logan. Em seguida, ergueu-se e foi se recostar à janela. – Mas você vai de qualquer jeito.

Levantei-me e segurei o braço dele, forçando-o a olhar para mim, depois balancei a cabeça.

Não quero ir, escrevi. Estava furiosa comigo, porque sentia as lágrimas ardendo nos meus olhos e não queria chorar na frente dele. Mostrei o caderno. Escrever estava me fazendo bem. Não era uma conversa imediata, mas, pelo menos, eu conseguia me comunicar.

– Você não quer voltar? Por quê? O que há de errado com Londres agora? – ele disse, atormentando-me.

O que eu poderia dizer? Não quero ir porque você precisa de mim? Porque precisamos um do outro? Não sabia como ele responderia àquilo. Que era tarde demais. Que o estrago estava feito. Como eu poderia explicar que tudo aquilo me envenenara por dentro e a minha vida não me parecia certa, nunca pareceu, desde que parti de Glen Avich e me afastei do meu irmão e da minha irmã?

Só havia uma coisa que eu poderia dizer.

Sinto muito por ter ido embora, escrevi e lhe entreguei o caderno. Minhas mãos estavam tremendo. Seus olhos piscaram sobre a

página e ele a devolveu sem olhar para mim. Enxuguei as lágrimas com os dedos e respirei fundo.

– Foi muito difícil, Inary – Logan disse. Seu rosto estava sombrio.

Por um momento, pensei que não havia esperança para nós, que o muro entre nós nunca viria abaixo. Mas então, de repente, ele se virou para mim.

– Você ainda tem galochas aqui?

O quê? formulei com os lábios.

– Galochas. O solo das colinas está encharcado nessa época do ano.

Assenti, atordoada.

– Ainda bem. Senão eu iria até a loja pra pegar um par para você. Vamos.

Para onde?

– Precisamos tomar ar fresco. Vou subir a colina com minha máquina. Quer ir comigo?

Quer que eu vá?

– Hum... sim. Você não vai ficar me amolando com seu papo furado mesmo – ele disse, de modo inexpressivo. A piada foi tão surreal, dada a situação, que eu não pude deixar de rir. Havia tanta tristeza ao meu redor, mas uma pequena centelha iluminou a escuridão. Ainda haveria tempo para rir, mesmo em meio às nossas lágrimas. Calcei as galochas, com esperança florescendo na minha mente e me surpreendendo.



Caminhamos em silêncio, nossas respirações eram o único som. No bosque invernal, o silêncio parecia pacífico e absolutamente correto. O céu estava escuro como chumbo, e um chuvisco suave começava a cair. Estávamos com jaquetas quentes e à prova d'água da loja de Logan, então a chuva não me incomodava. Tudo me parecia belo demais para eu me incomodar com o tempo, de todo modo.

Tinha sido um inverno brando, e folhas avermelhadas ainda cobriam as árvores. Estava cedo demais para as flores, cedo demais

para novos ramos romperem o solo, contudo, de algum modo, apesar de não vermos nenhuma, eu as sentia. Estavam enroscadas em seus galhos debaixo da terra, como bebês nos ventres das mães, à espera do momento certo. O vazio do inverno estava para terminar e o ar estava carregado do cheiro das coisas por vir, sussurrando e estremecendo e sonhando sonhos de vida.

De vez em quando, Logan parava e avaliava uma cena, silenciosamente considerando a luz e o enquadramento que o satisfariam. Fiquei ao lado dele, apreciando a paz ao meu redor, deixando-a me envolver e relaxando os nós em minha alma. Quanto mais eu ficava na floresta, mais serena me sentia.

Depois de algumas horas, sentamos na lona à prova d'água de Logan, envolvidos em nossas jaquetas caras, apreciando aperitivos em canecas coloridas de resina. Logan adorava seu equipamento. Ele era capaz de levar uma bússola para ir até Tesco, só pela graça da coisa. Ele carregava seu kit para todos os cantos, mesmo para o cinema – para o caso de se perder entre lá e nossa casa. Cedo ou tarde, meu irmão acabaria sendo confundido com um incendiário.

– Vi você conversando com meu amigo Taylor, no funeral de Emily – as palavras *funeral de Emily* foram como agulhas cutucando minha pele. Assenti. – Ele é de São Francisco – continuou. – Está aqui por causa da escavação no lago.

São Francisco? Não Nova York? Eu realmente não prestava para identificar sotaques. Fiz uma careta que dizia *que escavação?*

– Estão escavando um *crannóg*³ no lago. Sabe, uma daquelas construções sobre paliçadas, construídas debaixo da água. Ele é arqueólogo... Me dá um de chocolate? Obrigado. Ele está baseado em Edimburgo, mas vai ficar aqui alguns meses. De vez em quando saímos para beber.

Certo. E por que Logan estava falando desse Taylor? Estava tentando me arranjar com o cara? Não podia ser. Meu irmão, casamenteiro? Impossível.

– Então... Ele disse que queria levar você para ver a escavação. Fiquei sem saber o que dizer, já que você não gosta muito do lago...

Mas pensei em deixar nas suas mãos. Fui ver o *crannóg*. É incrível, bati um monte de fotos.

Eu não tinha certeza se queria voltar para o lago – eu o evitara pelos últimos treze anos, especialmente nos dias de cerração. Tirei as migalhas da jaqueta e peguei um pedaço de papel amassado e uma caneta que trouxera comigo. Olhei de esguelha para Logan enquanto fazia isso e, como imaginei, ele estava completamente à vontade e distraído, como se a nossa conversa sobre Taylor não importasse muito. Ele estava mais preocupado com seus biscoitos. Suspirei de alívio. Não havia nenhuma conspiração entre o meu irmão e o arqueólogo americano (A.A., como eu o chamaria) para tentar me distrair e alegrar. Ou para me arranjar um namorado.

Crannóg é uma ilha artificial, normalmente construída nas águas de um lago, rio ou estuário e usada, sobretudo, como habitação e fortificação na Pré-História e na Idade Média. O *crannóg* normalmente consistia numa plataforma de madeira erigida em águas pouco profundas. (N.T.)

Você está saindo com alguém? escrevi num impulso, sabendo que estava entrando num caminho espinhento. Logan não parecia se dar muito bem em relacionamentos. Imagino, então, que éramos dois com o mesmo problema.

– Hum... Só pessoas, sabe. Ninguém importante – ele deu de ombros.

Logan só parecia capaz de ter relacionamentos casuais. Ele não tinha dificuldade para conhecer pessoas; era um homem bonito, com feições bem definidas e um olhar intenso, daquele tipo “eu cuido disso” que as mulheres parecem adorar. Contudo, ele tinha passado todos aqueles anos com Emily, cuidando dela, e nunca pareceu querer se envolver num relacionamento romântico. Eu costumava pensar que era assim que ele queria que fosse: relacionamentos ocasionais, nada muito profundo. Mas, nos últimos anos, eu me peguei pensando se isso era o suficiente para ele.

– Hora de voltarmos – ele anunciou, juntando os restos do nosso piquenique. Captei a mensagem: nada de falar de sua vida amorosa. Mas eu ainda tinha uma coisa para perguntar.

Você ainda não me disse se quer que eu vá embora, escrevi.

– Quer mesmo ficar? – ele perguntou, ocupando-se com nossas garrafas térmicas.

Assenti.

– Fique, então – ele tentou soar despreocupado, mas eu o conhecia bem demais para não detectar a emoção em sua voz. Inspirei profundamente. Era o mais próximo de uma reconciliação que poderíamos chegar naquele momento. Tinha que bastar. Talvez fosse o momento certo para lhe contar a respeito de Mary. Ele sabia de tudo sobre minha avó e eu, como eu tivera a Visão, e como a perdera anos atrás. Meus pais acharam que seria bom que Logan e Emily estivessem a par, ainda mais se o dom aparecesse nos filhos deles.

A Visão voltou, escrevi.

– A Visão... Ah... E como se sente a respeito disso? Quero dizer... – ele hesitou. Seus olhos estavam cheios de preocupação, e eu suspeitava o motivo. Nunca contei a ninguém o que vi naquele dia no lago tantos anos atrás, mas a minha família logo deduziu que algo muito assustador tinha acontecido. Minha mãe e minha avó tentaram descobrir perguntando-me com gentileza, mas insistentemente, e depois ralharam com meu pai, que me levava para passear naquele dia. Mas eu nunca disse nada, e meu pai nada vira, claro. Colocar em palavras teria sido muito aterrorizante, real demais.

Não sei como me sinto ainda, escrevi.

– Quem... quem você viu? – ele perguntou, relanceando para suas mãos.

Uma moça chamada Mary. No meu quarto, escrevi, assentindo para cada palavra para dar ênfase. Nesses dias, eu andava assentindo tanto que estava preocupada em acabar com uma lesão no pescoço.

– Quem é ela?

Não sei bem. Dei de ombros.

– Certo. Tem certeza de que está bem?

Saberei lidar com isso, escrevi com sinceridade. Na verdade, a garota meio que me fez companhia. Foi bom vê-la. Sei que é estranho...

Logan suspirou.

– Não sei se é estranho. Quero dizer, não sei como eu me sentiria se visse o que você vê. Às vezes eu até queria, para, quem sabe, ver nossos pais. E Emily...

Inspirei fundo. Logan não era muito de expressar seus sentimentos, e nunca pensei que ele desejasse ter a Visão.

– Mas quem sabe como seria vê-los de verdade... mortos.

Inclinei a cabeça. Perdi a Visão antes que minha avó e meus pais morressem, então não fazia ideia de como me sentiria se os visse em forma de espírito. Sei que daria qualquer coisa para ver Emily.

– Inary... – meu irmão sussurrou, recostando-se contra a árvore mais uma vez. Logo deduzi o que ele me pediria. Não se tratava de premonição. Era apenas a natureza humana. – Fico imaginando se você vai vê-la – não havia motivo para perguntar sobre quem ele estava falando.

Espero que sim, rabisquei.

Uma pausa. Depois Logan se aproximou de mim, sutilmente, imperceptivelmente.

Andamos de volta para casa, o solo úmido e macio sob nossos pés, cedendo como um tapete de musgo – o cheiro da terra molhada e do céu imenso e enorme sobre as nossas cabeças. Muitas gerações da nossa família caminharam por aqueles bosques. Eu conseguia sentir Glen Avich correndo em minhas veias e, mais uma vez, perguntei-me como suportei partir um dia.

*Fogueirinha***Logan**

Minha irmã sempre seguiu as próprias regras. Certa vez, quando estávamos na escola primária, ela se esqueceu de entrar depois que o sino do recreio tocou. Simples assim – ela se esqueceu. Passados vinte minutos, a professora percebeu que ela não estava na sala e entrou em pânico – Inary foi encontrada agachada num canto do parquinho, alimentando uns passarinhos. Ela sequer percebera que todos tinham entrado e que estava sozinha no parquinho. Outra vez, ela foi para a escola de chinelo. Não estou inventando isso.

Ela sempre viveu no Planeta Inary, o que era uma bênção confusa. As coisas não pareciam aborrecê-la. Ela estava sempre contente, perdida em sua cabeça ou num livro. Era eu quem tinha que enfrentar a realidade por nós dois.

Quando nossos pais morreram, ela mudou. Foi como se um feitiço tivesse se quebrado. Ela não morava mais num lugar encantado – agora enfrentava a vida, como eu sempre fizera, e o que ela viu a aterrorizou.

Quando Lewis apareceu, foi como ter a antiga Inary de volta por um tempo. Foi um alívio imenso vê-la sorrindo novamente. Eu gostava do cara. Ele era decente, e tinha vindo para ficar, ou foi o que pensei. Eu, por outro lado, não parecia capaz de ter um relacionamento que durasse mais do que seis semanas, mas, fazer o quê, a culpa disso era minha.

E depois Lewis a deixou, e Inary ficou despedaçada. Esse é o único modo de descrever. Nem todo mundo percebeu – na verdade, a maioria das pessoas pensou que ela estava enfrentando muito bem a situação –, mas foi o que aconteceu. Pedacinhos de Inary voltaram para o seu antigo eu, mas a Inary que eu conhecia desaparecera de novo.

Ela não sabia que eu procurara Lewis, e que foi preciso todo o meu autocontrole para não socá-lo até ele ficar roxo. Quando terminei de falar, apesar de não ter colocado um dedo nele, Lewis se mostrou bastante assustado.

Portanto, sim, Inary ficou despedaçada. Ela não poderia ficar em Glen Avich, não poderia vê-lo por perto, e aquela mãe horrorosa dele, e blá-blá-blá. Então ela fez as malas e partiu. Mas não consegui aceitar isso. Ela não podia se mudar para tão longe, não com Emily precisando tanto de nós.

Não comigo precisando dela, pelo amor de Deus. Egoísmo? Talvez. Tente você, ficar encarregado de uma moça doente. Sozinho. Porque Emily ficou doente e moribunda por vários anos – Inary era a única pessoa que acreditava que tudo ficaria bem. Talvez eu devesse ter soletrado para ela.

Mas eu não podia.

Fiquei bravo com Inary por muito tempo. Três anos. Nunca disse a ela o quanto sentia a sua falta. Mas senti. Hoje, pela primeira vez em muito tempo, senti que podia me aproximar dela, e ela de mim.

Ainda há um longo caminho para nós, mas vamos chegar lá.

Temos que chegar. Somos tudo o que restou da nossa família.



Sair andando por aí sempre me ajudou a lidar com tudo em casa. Nos últimos dias de vida de Emily, eu necessitava desesperadamente do bosque. Precisava sair e sentir o vento no rosto e o céu imenso sobre mim. Mas eu não podia deixá-la, nem mesmo por meia hora.

Num dia em que me sentia especialmente deprimido e sozinho, há uns dois anos, fui para Aberdeen e, num impulso, comprei uma câmera de primeira linha. Juro que isso mudou a minha vida. Até me matriculei num curso de fotografia – a primeira coisa que fiz para mim mesmo em anos. Quando eu saía atrás de fotos na floresta, às margens do lago, nos charcos, era quando eu chegava mais perto de me sentir em paz. E voltava para casa cheio de imagens belas que capturavam o momento para sempre. Uma

galeria de beleza que eu imprimia e emoldurava, enchendo a minha casa e a loja com natureza, trazendo o que encontrava lá fora para dentro.

Vamos encarar: sou um maldito solitário. Fico feliz sozinho, sem falar com ninguém. Mas isso também pode ser uma bênção confusa, como Inary vivendo em seu planeta – é bom até certo ponto, mas depois se torna cansativo e, antes que você se dê conta, está congelado. Acho que Emily pressentiu isso. Ela se preocupava se eu ficaria sozinho.

Um dia voltei para casa depois de uma noite acampando e encontrei um desenho grudado por um ímã em forma de ovelha na porta da geladeira: um urso acenando com a pata, dentro de uma tenda pequena, com a legenda que dizia: *Eu sou Logan!* Isso me fez sorrir, mas eu sabia que havia muita verdade no desenho de Emily.

Portanto, essa era a minha vida. Imagens congeladas de um cervo, com os chifres delineados contra o céu; as águas escuras do lago Avich no momento em que a noite cai; raios num céu tempestuoso; um barco solitário atracado entre pedras; rostos no tronco de uma árvore antiga. As histórias que eu quero contar. Fragmentos de um mundo imenso, no qual Glen Avich é um cantinho minúsculo, perfeitamente belo.

Mas tudo o que eu amava, tudo o que conhecia, se mantinha unido por Emily. Agora ela se foi, e nada mais parece fazer muito sentido.

Na noite em que Emily morreu, Inary abriu bem a janela para deixar a alma da nossa irmã partir. Eu via acima das colinas o céu repleto de estrelas. Os antigos navegadores não tinham radares nem satélites, tampouco instrumentos sofisticados; eles só podiam confiar nas constelações para lhes mostrar o caminho. Eu passara a vida inteira seguindo uma estrela, sem deixar que nada mais me influenciasse ou mudasse meu curso. Segui o que para mim era o Norte verdadeiro. E agora a minha guia se fora, e eu não fazia ideia de onde estava ou para onde ir. Sem Emily, eu estava perdido.

Não quero contar a Inary o quanto me sinto sombrio por dentro. Ela está lutando a própria batalha. Não quero lhe contar que estou tão morto quanto Emily.

*Cenas de um vilarejo escocês***Alex**

Girei as chaves na porta, passei por cima de uma montanha de envelopes e panfletos que o carteiro entregara enquanto eu estivera ausente e entrei em casa. Estava muito gelada. Uma frente fria atingira a Inglaterra, e eu tinha me esquecido de ligar o aquecimento. Desde o que acontecera com Inary, desde que ela partira, fico me esquecendo das coisas, coisas grandes e coisas pequenas. Coisas que, de repente, não me parecem mais importantes – meu trabalho, as pessoas que me rodeiam –, mas que eram as peças do quebra-cabeça da minha vida. Eu sentia como se o mundo ao meu redor não existisse, apenas fingia existir, como um tipo de sonho – persistente, mas ainda assim apenas um sonho.

Eu tinha um bom emprego, e aquele não era apenas trabalho para mim, era a minha paixão; eu trabalhava com pessoas maravilhosas que dependiam de mim, eu tinha amigos e uma família que estava distante, mas que era muito amorosa. No entanto, tudo me parecia uma ilusão que não valia muito a pena perseguir.

Imagino que a verdadeira pergunta agora era: essa sensação de irrealdade sumirá com o tempo? Será que eu melhoraria, como se Inary fosse algum tipo de doença que eu tivesse pegado e da qual não conseguia me curar?

Abri a porta da geladeira, mais por hábito do que por qualquer outro motivo. Não estava com fome e, de qualquer jeito, ela estava quase vazia; eu tinha chegado na noite anterior depois de ter passado dois dias na Cracóvia. E, sim, encontrei uma coruja para Inary lá. Não pude evitar.

Eu sei, eu sei. Mas o que posso dizer? É difícil superar velhos hábitos. Por mais que eu tentasse me esquecer dela, descobri que ela estava sempre na minha cabeça.

Acendi a lareira rapidamente, depois me sentei no tapete diante do fogo, esperando que as chamas se avivassem. Num impulso, liguei o laptop e procurei no Google as palavras *perda de voz por trauma*.

Uma lista de websites surgiu diante de mim: perda de voz, estresse pós-traumático, encontre sua voz com o doutor Seiláqualseunomestein, uma longa lista de asneiras em que nadava um pouco de verdades. Depois de um tempo, descobri que o que Inary tinha era chamado de disfonia psicogênica, ou perda de voz por causa de um trauma – sim, isso eu já sabia, fora o nome elegante. O que eu queria mesmo saber era se havia uma cura.

Não havia, óbvio. Não assim. Não havia uma pílula mágica para fazê-la falar novamente. Como a maioria dos males da alma, a estrada para a cura seria longa e árdua. Psicoterapia, aparentemente e, se você quisesse, um punhado de outras terapias desde a mais plausível à mais absurda – nadar com golfinhos, alguém a fim? Terapia dos sonhos? Terapia da dança?

Inary estava com o coração partido. Era isso. Ficara sem voz porque estava tão tomada pela dor que não sabia como lidar com isso e se fechou em si. O que ela precisava era de alguém que a ajudasse a superar o trauma, alguém que pudesse guiá-la. Eu tinha certeza de que ela poderia encontrar um bom terapeuta em algum lugar perto dela... talvez em Aberdeen.

Mas isso exigia que Inary se abrisse a respeito daquilo pelo que passara – a perda dos pais, e de Lewis, e agora de Emily – com um desconhecido. Eu simplesmente não via isso acontecendo.

Num impulso, digitei *fotografias de Glen Avich*, e uma tapeçaria de quadrados e retângulos apareceu na tela. Então era ali que ela estava. Aquilo era Glen Avich.

A maioria das fotos era de tirar o fôlego – o lago, cinzento e imóvel sob o céu plúmbeo, e as colinas, em milhares de tons de marrom. Algumas fotos eram engraçadas e encantadoras (uma tal de senhora Edna Boyle, 84 anos), a inauguração do primeiro café de Glen Avich (proprietários orgulhosos sorrindo diante da porta azul prateada), uma garota participando do festival Mod em Paisley

(o cabelo arrumado, o rosto em algum ponto entre o de uma mulher e uma criança).

Continuei pesquisando, passando pelas fotos das ruas de Glen Avich – o rio com sua ponte de pedras, a rua principal com suas lojinhas. Ao que tudo levava a crer, havia um poço sagrado que tinha vista para todo o vilarejo, o poço de St. Coleman. Dizia-se que ajudava na fertilidade. Inary o mencionara para mim? Porque o nome me parecia familiar. Ah, sim, mencionara; ela disse que costumava ir lá depois da escola com os amigos e com Emily...

Foto após foto, a vida de Inary no vilarejo parecia tomar vida diante dos meus olhos. Agora eu conseguia visualizar onde ela estava, onde a família dela estava. Isso me confortou um pouco. As maravilhas da internet...

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Para: Inary@gmail.com

Querida Inary,

Pesquisei na internet e, aparentemente, o que você tem é chamado de disfonia psicogênica, ou perda de voz por causa de um trauma. Aqui estão alguns links pra você pesquisar. A maioria das pessoas recupera a voz depois de um tempo. Algumas parecem tomar medicamentos e seguir algum tipo de terapia. Não consigo ver você fazendo isso, mas talvez você deva considerar. Vi fotos de Glen Avich. É lindo, como Lesley sempre disse. E, por favor, parabeneze a senhora Edna Boyle por mim pelo seu troféu de tricô.

Bjs,

Alex

P.S.: Mandeí uma coisa para você por correio.

A química do luto

Inary

– Inary... Sinto muito por Emily.

Olhei para o rosto gentil da doutora Nicholson. Ela nos conhecia desde que éramos crianças, e eu confiava nela. Mas também tinha certeza de que estar ali era perda de tempo. Tinha certeza de que um médico não poderia me ajudar a recuperar a voz. O e-mail de Alex me dera uma ideia mais clara sobre o que provavelmente havia de errado comigo, e me senti menos apreensiva quanto ao que a doutora Nicholson poderia me dizer.

Obrigada, eu articulei.

Ela inspirou fundo.

– Inary. Acho que nós duas sabemos que isso não é uma infecção na garganta, nem nada parecido. Contudo, só pra garantir, eu gostaria de dar uma olhada em você.

Assenti. Ela acendeu uma luz para examinar a minha garganta, meus ouvidos e meus olhos; verificou meus batimentos cardíacos e minha respiração; chegou até a dar uma marteladinha nos meus joelhos, algo que eu só havia visto em filmes.

– A sua saúde está perfeita, mas acho que já sabia disso.

Assenti, abotoando a blusa.

– Trabalho nisso há muito tempo. E já vi o luto provocar coisas estranhas nas pessoas – ela disse, ecoando as palavras de Eilidh. – O que preciso saber, Inary, é como está se sentindo por dentro.

Como acha que estou me sentindo? quis dizer. *Minha irmã caçula acabou de morrer. Sinto como se também devesse morrer. Sinto que meu coração deveria parar a qualquer instante.*

Dei de ombros. *Estou despedaçada*, escrevi. Não conseguiria ser mais eloquente do que isso.

– Eu sei, querida – ela disse, e pousou uma mão maternal em meu ombro. – Foi muito difícil para vocês. Lembro-me dos seus pais, e de toda preocupação que eles tiveram...

Foi um esforço físico não chorar. Franzi a testa e olhei para baixo. Se eu começasse, nunca mais pararia.

– Tem dormido, Inary?

Assenti. Era verdade. Eu estava dormindo, só que não muito bem nem por muito tempo.

– Que bom. E tem comido bem?

Assenti mais uma vez.

– Inary, você tem que me prometer uma coisa. Se sentir que tudo é demais pra você, se sentir que a tristeza está insuportável... se não conseguir dormir ou comer e se chorar constantemente... você precisa vir me consultar de novo.

O que a senhora vai fazer então? Nada pode trazer Emily de volta, escrevi. Não tive a intenção de ser grossa com a doutora Nicholson, mas eu sentia de verdade que ela não poderia me ajudar. Era como se alguma química misteriosa do luto tivesse arrancado a minha voz, e não havia como saber se e quando ela voltaria.

Ela se mostrou imperturbável.

– Podemos discutir as opções. Talvez pensar em algum medicamento.

Olhei para ela com os olhos arregalados. Ela queria me dar antidepressivos? Algum composto medicinal que afastaria artificialmente a minha tristeza, como se Emily não merecesse ser lamentada? Como se não fosse correto o meu coração estar partido?

Balancei a cabeça.

– Bem, se isso é algo que você prefere não considerar, vamos deixar assim por enquanto. Mas, se você se sentir pior, por favor, volte pra me ver.

Assenti. Não faria isso.

– Promete? – disse ela.

Assenti novamente e, mais uma vez, menti.

Ela olhou para mim, a cabeça ligeiramente inclinada, como se estivesse me avaliando. Médica há trinta anos, mãe de quatro e avó de seis, ela *sabia* que eu estava mentindo. Sabia que eu não voltaria.

– Muito bem. E como está Logan?

Senti meu coração falsear. Aquilo era algo que merecia ser discutido. Talvez ela pudesse ajudá-lo, já que não podia me ajudar... *Nada bem, escrevi. Estou tão preocupada com ele. Ele está...*

Balancei a cabeça. Eu não conseguiria pôr em palavras. Não conseguia explicar como ele estava... quebrado. Simples assim.

– Entendo. Pode pedir pra que ele venha me ver? Acho que ele deveria.

Vou tentar, mas vai ser difícil convencê-lo.

– Bem, de todo modo, vamos ver o que você pode fazer. Ele tem sorte por ter você por perto cuidando dele.

Mesmo? Eu me sentia tão impotente. Assenti novamente e segui para a porta. Tia Mhairi saltou da poltrona quando nos viu sair.

– O que é, Shona? – sussurrou para a doutora Nicholson. A sala de espera estava deserta a não ser pela enfermeira, que, com tato, fechou a porta dela, e pela senhora Boyle – uma das irmãs Boyle, as famosas tricotadeiras de roupinhas de bebê, surda como uma porta.

– Acho que foi o choque, com tudo o que aconteceu... Mas Inary vai voltar pra me ver, e veremos o que podemos fazer. Não é?

Outro aceno acanhado.

– Mhairi, acredito que seria bom Logan vir se consultar – continuou a médica. – Inary disse que ele não anda muito bem...

– Ah, ele não vai vir. Ele preferiria andar sobre o fogo a ver um médico! O pai dele era igual e o meu marido também...

– Eu sei, eu sei. Mas veja o que você pode fazer.

– Faremos o que pudermos. É aquela bebida toda... – ela balançou a cabeça. Fiquei imóvel. Pensar que Logan tinha um problema já era bem ruim; ouvir esse problema ser dito em voz alta era simplesmente horrível. – Obrigada, Shona... – prosseguiu minha tia.

– De nada. E obrigada pela foto – disse a doutora Nicholson, indicando a sala dela. De onde eu estava, conseguia ver a mesa dela, e lá, em sua moldura de papelão branco, a foto de Emily que enviamos para a família e os amigos. Estranho, eu não a notara

enquanto estive lá dentro. A foto tinha sido tirada na noite do desfile de moda – ela estava sorrindo, usando o vestido verde-claro de seda que ela mesma desenhara, o cabelo solto nos ombros e as unhas pintadas de verde-claro também.

Emily.

Tia Mhairi e eu voltamos em silêncio. A alegria repentina e estranha que eu sentira durante a caminhada nas colinas no dia anterior tinha sumido de dentro de mim. Somente o luto permanecia. De novo. Imagino que era de se esperar. Dias bons, dias ruins, não é assim que o período de luto deve ser?

Onde estaria o vestido de seda verde? Queria mantê-lo comigo para sempre. Queria vesti-lo e ter Emily comigo, como se ela nunca tivesse partido.



Eu mal chegara em casa quando Lynne, nossa vizinha, bateu à porta.

– O correio deixou isso pra você – disse ela, entregando um pacote pequeno.

Não havia nada escrito nele, nenhum remetente, somente o meu endereço e alguns selos estrangeiros – mas eu sabia de quem era. Dentro do pacote, como num conjunto de bonecas russas, havia outra caixinha, pequena e de veludo – aninhada dentro dela, havia uma coruja de louça e um bilhete minúsculo dobrado em quatro.

Aqui está a primeira da família de corujas de Glen Avich. A.

Grudada com fita adesiva havia uma bandeira da Polônia, colada com um palito de dente e colorida com canetinhas.

Um sorriso minúsculo e indeciso abriu caminho do meu coração até meus lábios.

De: Inary@gmail.com

Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Querido Alex,

Recebi sua coruja! Muito obrigada. Ela está na escrivania do meu

antigo quarto. Obrigada também pelo e-mail com os links a respeito do meu problema. Chamá-lo de disfonia psicogênica o faz parecer meio assustador. Fui à médica, mas ela disse que não há nada que eu possa fazer. Apenas esperar. Vou ficar aqui por um tempo. Rowan vai me mandar trabalho. Tudo parece estranho esses dias... Apaguei todas as minhas histórias, nem sei por quê. É como se eu estivesse numa bolha. Sinto saudades de Lesley e eu...

... sinto sua falta, quis escrever. Mas resolvi não fazer isso. Não seria justo com ele.

Eu nem deveria estar escrevendo – prometi para mim mesma que não ficaria fazendo isso com ele, que não brincaria com seus sentimentos.

... estou tendo sonhos estranhos.

Será que podia contar a Alex a respeito da Visão? Ele entenderia?

... isto é, visões a respeito do passado. Eu vejo o passado. Ou seja, pessoas mortas.

Ninguém, a não ser a minha família, sabia a verdadeira extensão do meu dom. Minha família, e Lewis. Que ficara completamente aterrorizado, dizendo que isso o assustava e que o fazia se perguntar o que estava se passando pela minha cabeça. Código para "isso o fez se perguntar se eu não era louca". Imagino que não seja possível ser educado por dois carolas fanáticos sem sequelas – Anabel acreditaria que eu estava possuída pelo demônio.

Não achava que Alex fosse assim, mas eu ainda estava atenta. Apaguei a frase inteira.

... sinto saudades de Lesley e estou tentando ajudar Logan a enfrentar essa situação. Espero que você esteja bem, e agradeço mais uma vez pelas informações a respeito da perda de voz. Estranho. Esse é o tipo de coisa que acontece com outras pessoas, até acontecer com a gente...

Bjs,
Inary

Meus dedos pairaram sobre o teclado. Eu estava abrindo a nossa comunicação e, conhecendo o modo como as coisas funcionavam entre mim e Alex, logo estaríamos trocando e-mails diários, e voltaríamos à mesma situação em que estávamos antes.

Fui clicar “apagar”.

Em vez disso, cliquei “enviar”. Óbvio.

Eu estava tão brava comigo e, ao mesmo tempo, aliviada por continuar a falar com ele... Enfim, os sentimentos caóticos induzidos pelo Alex de novo. Levantei-me e andei de um lado para o outro no quarto até ouvir um alerta do laptop.

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Para: Inary@gmail.com

Inary,

Você apagou as suas histórias? Isso foi meio radical... mas, pensando bem, toda a sua vida mudou agora, e você não é de ficar parada. Abriu espaço para o novo. Há tantas coisas dentro de você esperando para sair, e sairão.

Se cuida,

Alex

Ele sempre tinha as palavras certas.

Estranho, pensei. Esforcei-me ao máximo para trancar meu coração, e fui tão bem-sucedida que não conseguia mais encontrar a chave. E um coração trancado pode ser bem pesado.

Entrei sorradeira no quarto de Emily e abri seu armário. Uma dor melancólica me invadiu quando a fragrância dela me envolveu – um misto de Miss Dior, seu perfume predileto, e a essência individual de Emily. Fechei a porta de imediato – se eu a abrisse, seu cheiro se perderia para sempre no ar, e eu não conseguiria mais sentir. Ele desapareceria. Será que eu conseguiria me lembrar dele? Na semana que vem, no mês que vem, sim – mas e no ano que vem? Em dez anos? Seria eu capaz de me lembrar da exata alquimia da pele da minha irmã, da sua respiração?

Um soluço escapou dos meus lábios. Era inevitável. Aconteceria. Mesmo que eu mantivesse o armário fechado para sempre, sua fragrância desvaneceria, as lembranças sumiriam, até que um dia

eu também partiria, e depois Logan. E todos daquele vilarejo, toda essa geração.

Mas antes que isso acontecesse, eu estava aqui, eu estava viva, eu me lembrava da minha irmã. Abri lentamente a porta do armário de novo, e afaguei a fileira de vestidos e camisas e jaquetas, até captar algo verde-claro. Lá estava ele: seu vestido de formatura.

Tirei-o do armário e enterrei meu rosto nele, com os olhos fechados.

Eu usaria o vestido de Emily. Dentro de mim, Emily estava viva.



À noite, minha pele voltou a formigar e senti um zunido suave nos ouvidos. Não me surpreendi quando, no meio da noite, na hora mais escura, uma agitação interna me despertou, e Mary estava perto da minha janela novamente. Fiquei deitada imóvel com os olhos bem abertos, completamente acordada; não me mexi, não produzi nenhum som, até prendi a respiração pelo tempo que pude, para o caso de ela desaparecer. Era como se uma luz a estivesse iluminando, ou emanasse de dentro dela, porque eu a via claramente. O cabelo estava solto nos ombros em ondas sedosas escuras, e ela parecia jovem, fresca e radiante. Dava para ver que ela estava feliz. Seus lábios se moviam; ela estava falando, mas eu não a ouvia... Depois, conforme me sintonizei melhor à sua presença, comecei a captar as palavras. Ela estava falando com alguém, uma sombra escura e sem forma que eu não conseguia distinguir.

– Nunca pensei que poderia me sentir assim por alguém – ela dizia. – Parece que tenho que esperar para sempre pelo regresso dele. Sei que ele tem que conversar com ela, resolver tudo, mas não consigo esperar. Só o quero aqui comigo – uma pausa enquanto a sombra falava, um murmúrio baixo que não consegui entender. – Sim, acho que minha mãe sabe. Claro que não contei pra ela, pois ela não aprovaria, mas você sabe como as coisas funcionam por aqui. Não se pode ter segredos. Contarei a ela assim que ele estiver

desimpedido do seu noivado. Ela não poderá dizer nada contra ele então. E, de qualquer jeito, Robert a conquistará.

Senti-me completamente intrigada. A vida de Mary estava sendo revelada pouco a pouco para mim. Mal podia esperar para ver o que aconteceria em seguida. Mas, para meu desapontamento, vi que ela começava a desaparecer lentamente. Ela ainda estava falando, mas a voz sumia, suas palavras iam se perdendo... Quis que ela ficasse um pouco mais, porém eu não tinha como detê-la.

Depois de alguns minutos, ela sumiu, e eu já estava adormecendo, um pensamento girando e girando na cabeça – Robert manteria sua palavra e voltaria para Mary? Meu coração se apiedou da mulher do outro lado dessa história, a mulher de quem ele estava noivo. Estava certa de que era a linda mulher ao lado dele na visão que eu tivera do primeiro encontro dele e de Mary.

Eu sabia como ela se sentiria quando ele lhe contasse.

20

Remédios

Inary

O doce de leite de tia Mhairi estava divino, como tudo o que ela fazia. Eu estava atacando um segundo quadradinho e bebendo uma xícara de chá. Estávamos sentadas à mesa da cozinha com um caderno, já repleto de conversas, ao lado da minha xícara.

Pensei que tia Mhairi talvez soubesse quem era Mary – suas roupas e penteado sugeriam que ela tinha morado em Glen Avich no fim do século xix, ou seja, na geração da avó dela, da minha bisavó. Tia Mhairi poderia conhecer incríveis histórias de Glen Avich de quando a avó dela era criança. Sabia algo a respeito da própria Mary? Eu tentaria descobrir alguma coisa sobre ela sem explicar por que eu queria saber. Tia Mhairi não tinha nenhum motivo para saber da Visão – sendo irmã do meu pai, isso não era da família dela.

Entrei no assunto falando da casa dos meus pais – uns trabalhos que precisavam ser feitos no telhado, pois era uma casa antiga, estava na família há gerações... Percebi a oportunidade.

Existiu alguma Mary vivendo ali?

– Mary? Deixe-me pensar. Bem, a casa é bem antiga, e Mary costumava ser um nome comum... Por que a pergunta?

Dei a desculpa que eu havia preparado.

Pesquisando para um livro.

– Ah, um livro, que bom – ela ajeitou os óculos sobre a ponte do nariz e mexeu no chá.

Rapidamente rabisquei:

A senhora sabe de alguma história sobre alguma Mary que morou em Glen Avich na época em que a sua avó era jovem?

– Bom, não sei se posso ajudar muito, querida. Minha avó faleceu quando eu era bem pequena, e o seu avô nunca falou muito sobre a infância dele. Por que não vai procurar na *Heritage Collection* em Kinnear? Sheila Ramsay confia muito neles, e você sabe o quanto ela gosta de árvores genealógicas e esse tipo de coisa, não? –

assenti, era uma boa ideia. – Inary, escute, meu bem. Não me leve a mal, mas a respeito da sua voz, querida...

Suspirei. Outro remédio? Porque quase todo mundo parecia saber de um, e tentei de tudo. Leite com mel, chá de hortelã, de menta, água fria ou quase escaldante, compressas quentes no peito, compressa gelada na garganta, anchovas. Sim, anchovas. Aparentemente, elas eram maravilhosas para manter a voz dos cantores firme e forte. Então, talvez, minha voz voltasse e eu começasse uma carreira de cantora... mas só o que aquelas anchovas fizeram foi deixar um cheiro horrível na geladeira e me fazer beber litros de água.

Colei um sorriso no rosto, à espera da sugestão de tia Mhairi. Salamandras secas colhidas numa noite de lua cheia, talvez?

– Bem, você conhece minhas amigas Maggie e Liz...

Ah, sim, as peritas em funerais.

– Elas ficaram pensando que talvez o poço... o poço St. Coleman. Dizem que ele faz milagres...

Eu ri.

Dizem que ele ajuda as mulheres a terem filhos!

– Sim, bem, você sabe, mas esta é uma situação especial. St. Coleman saberá do que você precisa. Eu perguntaria ao padre McCroury o que ele acha disso, mas você sabe que ele não aprecia muito tudo isso, o poço, as pessoas que vêm para beber dele...

Com minha sorte, se eu bebesse aquela água, continuaria muda e ficaria grávida.

Obrigada. Diga a Maggie e a Liz que pensarei a respeito, escrevi e me levantei para ir embora.

– Já vai? Espere até eu embrulhar um pouco de doce para Logan...

Peguei o pacotinho envolto em papel alumínio obedientemente e abracei forte tia Mhairi. Ela era o que eu tinha de mais próximo a uma mãe. A seu modo desajeitado, ela tentava olhar por nós, e eu me sentia grata. Ela retribuiu o abraço, murmurando, *ah, meu bem, meu bem* – e eu sabia que ela estava pensando no que havíamos perdido.

Obrigada, articulei.

– De nada, querida... E pense na água do poço. Nunca se sabe...

Forcei um sorriso e assenti. De todo modo, seria muito melhor do que as anchovas.

Saí da casa dela sob a luz lilás do pôr do sol, o odor suave da água me envolvendo. Uma névoa leve se acumulava sobre o lago, e eu queria chegar logo em casa. Eu não gostava de estar perto dele na melhor das ocasiões, ainda menos quando a névoa se aproximava.

Afastei-me do chalé, deixando o lago obscuro para trás, aliviada. Continuei pensando em Mary conforme avançava, com uma brisa fria em meus cabelos e a noite começando a me envolver. Desejava do fundo do coração que ela voltasse logo para mim, para que continuasse a me contar a sua história.

Eu não conseguia ver Emily, mesmo sempre chamando; por algum motivo, era Mary quem aparecia. Só me restava aceitar as coisas como elas eram, tentar viver com a saudade constante de Emily e revelar os segredos de Mary. Ela me procurara por um motivo, percebi ao pisar na pontezinha de pedras sobre o rio Avich. Ela não era apenas uma aparição momentânea, tremeluzindo através dos tempos como um reflexo em águas correntes. Recostei-me no parapeito e observei a água correr por baixo. Tantas coisas preciosas foram tiradas de mim – meus pais, minha irmã, minha voz... Mary era algo a que me apegar.



Conforme me aproximava de casa, vi que havia alguém parado na porta de entrada – um homem. Alto, magro, cabelos claros e fartos... Ele se virou de repente, e pude ver seu rosto. Taylor.

Parei e pensei em me virar, mas ele me viu.

– Inary! – ele me chamou com um sorriso amplo. Não pude deixar de retribuir seu sorriso. Ele parecia tão... despreocupado. Seu rosto estava tão alegre e aberto como um céu azul. – Olá, eu estava passando aqui por perto...

Olá, formulei com os lábios e abri a porta para ele.

– Oi... ah, oi, Taylor – Logan nos cumprimentou. – Café? Mas tenho que te avisar, Inary fez bolo. Aceite um pedaço... O que não mata, engorda – disse Logan, pegando o meu *tiramisù* da geladeira.

Muito engraçado. Ok, a consistência tinha ficado um pouco líquida, mas estava gostoso. Só precisávamos de uma colher. Eu tinha comprado pela internet um livro de receitas da Nigella e estava fazendo uma receita de cada vez. Ou, para me expressar como Logan, eu estava *acabando* com uma receita de cada vez.

– Aceito o bolo, por favor. Nada de café pra mim. Não tomo cafeína.

Como consegue ficar acordado? escrevi rapidamente. Eu era viciada em cafeína. Menos do que três xícaras de manhã e eu sentia tremores.

– Os meus níveis de energia estão muito mais altos, na verdade, do que quando eu costumava tomar café – disse ele com veemência, como se estivesse anunciando algo miraculoso. Sorri para mim mesma.

– Vou te servir um drinque, então – disse Logan, pegando dois copos de uísque da prateleira. Meu coração pesou.

– Não, obrigado. Não numa segunda-feira à noite – riu Taylor, erguendo as mãos.

Logan hesitou, mas acabou se servindo.

– Então acho que vou beber sozinho – deu de ombros.

Taylor provou o meu doce.

– Hummmm. Inary. Isso está...

– Horrível – Logan o interrompeu.

– Claro que não! Está bom. Apenas a consistência... talvez... um pouco... – ele não terminou a frase. Eu simplesmente fui até o armário e peguei um pacote de bolachas de aveia.

Conversamos um pouco, basicamente sobre atividades ao ar livre, mas logo perdi o fio da conversa. A minha cabeça estava em outro lugar. Eu insistia em pensar na noite anterior. Em Mary. Em Emily.

– ... então, o que me diz?

Percebi que Taylor acabara de me perguntar alguma coisa, e eu não fazia ideia do que fosse.

Franzi a testa e balancei a cabeça, pedindo desculpas com os lábios. Senti que estava corando.

– Fiquei pensando se você não quer ir ver o local amanhã. As escavações do *crannóg*. O meu escritório, em suma! – ele riu.

Puxa, havia outra alternativa a não ser dizer sim? A menos que eu tentasse explicar que temia o lago... Obviamente, eu não poderia lhe contar o real motivo do meu medo. Eu teria que inventar uma desculpa qualquer, como não saber nadar ou algum medo de água. Só que eu era boa nadadora e não tinha nenhuma fobia (a não ser de jacarés, depois de ter visto um documentário sobre eles quando era garotinha, mas não se veem muitos deles na Escócia). Para alguém nascido e criado a centenas de metros da margem do lago, seria humilhante demais dizer que não sabia nadar.

Talvez tivesse chegado a hora de superar o meu medo. Afinal, aquilo acontecera há treze anos.

Assenti.

– Maravilha! – ele passou a mão pelos cabelos espessos e ondulados, e eu li algo nesse gesto. Um toque quase invisível de timidez que eu não achava que poderia existir ao lado de uma personalidade tão expansiva.

– Têm certeza de que não aceitam um drinque? – ofereceu Logan.

Balancei a cabeça e apontei para a testa, indicando uma dor de cabeça – esqueça essa coisa de escrever, toda aquela mímica acabaria me descolando um emprego mais cedo ou mais tarde.

– Você está bem? – perguntou Logan.

Só um pouco de dor de cabeça, escrevi. Acenei em despedida para Taylor e corri para meu quarto.

Então, parecia que eu iria ao lago com Taylor. Já me arrependia de ter aceitado, mas era tarde demais. Bem, chega de agonizar quanto a caras americanos e fantasmas de tempos passados. Coloquei os óculos e me sentei diante do computador. Eu tinha me preparado o dia inteiro para aquilo: eu voltaria a escrever. Não

sabia sobre o que, já que Cassandra levava um chute no traseiro – o que era tanto um alívio quanto um desalento. Mas eu tinha que tentar. Fazia pouco tempo que eu não escrevia, mas já estava com saudades.

Tenho escrito desde que consigo me lembrar, nos papéis de lição de casa da escola e cadernos, no computador do meu pai e depois no meu. Quando eu não estava escrevendo, estava lendo qualquer coisa que parasse nas minhas mãos. Eu devorava palavras. E ainda encontrava tempo para sair e me divertir – Logan era o ermitão da família –, mas sempre voltava para os meus livros. Os livros eram meu lar.

Escrevi pilhas de histórias e de poemas que ninguém, exceto Emily, leu. Como editora, eu sabia quantas pessoas escreviam, enviavam manuscritos para serem avaliados e depois eram rejeitados. Poucas, bem poucas, eram bem-sucedidas; a maioria tinha que lidar com o desapontamento. Ainda assim, muitos continuavam tentando e insistindo. Eu os admirava porque, ao contrário de mim, eles tinham coragem. Nunca mostrei meu trabalho para ninguém de dentro da indústria, nem mesmo Rowan ou o resto da equipe de editoração da Rosewood chegou a ler alguma coisa minha. Porque não é bom o bastante, uma voz em minha cabeça ficava dizendo, e sempre acreditei nessa voz, apesar de doer. Nunca achei que o que eu estivesse escrevendo estava pronto. A história seguinte estaria. Mas não esta. Nunca conseguia ficar satisfeita.

Agora que Emily se fora, quem leria as minhas histórias? Engraçado como o pesar podia ser multifacetado – como um prisma, lançando arco-íris nascidos das lágrimas por toda a sua vida. Refreei as lágrimas.

Sem conseguir aguentar mais, liguei o laptop e abri um documento no Word.

Fiquei encarando a tela por alguns minutos.

Depois me levantei e escovei os cabelos, para voltar a me sentar e ficar olhando um pouco mais.

Levantei-me e arrumei a gaveta de lingerie. Escrevi algumas palavras – um possível título, uma possível trama – e depois

apaguei.

Olhei ao redor. Tinha que colocar roupa para lavar. E a minha prateleira de livros precisava ser arrumada. Eu tinha que depilar as pernas, e veja só aquelas teias de aranha! De repente, desenvolvi um interesse fora do comum pelo trabalho doméstico...

Suspirei. Estava ficando com dor de cabeça de verdade. A tela estava muito branca e muito vazia, e a minha mente era um espaço vazio. Olhei para o relógio. Quarenta minutos diante do computador e apenas duas palavras escritas: *Capítulo Um*. Era só. Depois viria: *era uma noite escura de tempestade*.

Desliguei o computador, exausta por não ter feito nada. Só desejava que Mary não aparecesse. Eu não sabia lidar com encontros sobrenaturais naquela noite; o mundo dos vivos já era complicado demais.

*Leve-me para casa***Inary**

No dia seguinte, eu estava de volta diante do laptop. Dessa vez, editando um livro escrito por outra pessoa – alguém com coragem suficiente para permitir que seu livro visse a luz do dia. Alguém que escrevera um romance literário tão intensamente maçante que eu estava perdendo a vontade de viver: a história quase autobiográfica de uma mulher que amava, amava mesmo, corvos. Eu estava me debatendo com uma frase cheia de pássaros – pássaros voando, pássaros bicando, pássaros pousados em galhos – quando ouvi uma batida na porta, imediatamente seguida pela entrada de Logan, balançando o celular.

– Taylor mandou uma mensagem de texto, ele quer saber se pode vir te buscar às duas.

O quê? disse.

– Pra te mostrar a escavação.

Ah, é mesmo. O *crannóg*. Eu tinha mesmo concordado? Ai, Deus, eu tinha. Olhei para Logan com olhos suplicantes.

– Só depende de você. Você não tem que ir – ele deu de ombros.

– É só dizer não – ele sempre capturou as nuances e sutilezas dos relacionamentos humanos.

Eu disse a ele que iria, escrevi no verso de uma folha A4 que estava na impressora.

– Ora, você pode mudar de ideia.

Você vem? arrisquei.

– Não tenho tempo. Não tem ninguém na loja hoje, preciso estar lá.

Refleti por um segundo.

Diga pra ele que sim.

– Certeza?

Assenti.

– Tudo bem. Aqui está o número dele, estou mandando pra você... pronto. Vou preparar o almoço antes de você ir. Algo que te

sustente, pra te dar forças.

Sorri. Ele era uma mãezona. Resmungão e rabugento, mas ainda assim, uma mãezona.

Desliguei na cara da mulher dos pássaros sem nenhum arrependimento.



Fomos para o lago no Land Rover de Taylor. Ficava a apenas dez minutos e não havia nenhuma necessidade de ir de carro, mas suspeitei que Taylor quisesse se exhibir. Mas foi gentil.

Uma pena que eu tivesse aqueles pensamentos insistentes a respeito de Alex no fundo da mente. Por mais que eu tentasse, não conseguia parar de pensar nele...

Não. Eu tinha sorte por Alex estar falando comigo de novo. Eu não poderia me permitir voltar para lá, não depois de ter causado tantos problemas. Eu tinha feito uma promessa para mim mesma.

Com um esforço imenso, trouxe a minha cabeça de volta para o presente, de volta ao lago Avich. Era um dia límpido e frio, e fiquei aliviada por não haver nenhuma névoa sobre as águas. O barco de Taylor era de madeira, minúsculo e bonitinho. Era azul e tinha o formato de uma vagem de ervilha, e se parecia um pouco com o barco que o meu pai tinha. Não consegui deixar de sorrir – eu estava esperando algo mais tecnológico. Taylor leu a minha mente.

– Esta é a tecnologia avançada de que podemos dispor na escavação, Inary – ele riu. – Sério, concentramos nossos recursos nos equipamentos de mergulho, e isso é bem melhor para navegar no lago. É silencioso, não perturba a vida silvestre e é rápido o suficiente. E também pude escolher o nome... – ele apontou para o nome pintado em azul-escuro na lateral do barco: *Rover*. Nome estranho para um barco.

Sua namorada? escrevi no caderno que trouxera comigo. Esperei que ele entendesse a brincadeira.

Taylor riu novamente.

– Bobinha, Rover era nosso cachorro quando eu era criança – explicou. Ele era um charme, um charme todo americano. Eu tinha

que admitir isso.

Subi no barco. Ele balançou bastante, mas não foi o balançar ou o fato de ele ser tão pequeno que me preocupou. Era algo totalmente diferente. Era o sutil manto de neblina que estava começando a se erguer no lago, e a água estava tão escura... Sentei-me toda tensa, segurando nas laterais do barco. Taylor deve ter notado a minha expressão ansiosa, porque avaliou meu rosto, franzindo o dele.

– Você está bem? Não precisamos fazer isso se não quiser...

Balancei a cabeça com um sorriso mais animado do que eu me sentia. Eu estava certa de que era hora de superar o meu medo. Treze anos evitando algo que o assusta é tempo demais. E eu também não queria desapontá-lo – ele parecia tão ávido para me mostrar a escavação, tão entusiasmado a respeito de tudo aquilo.

E também havia meu orgulho. Eu não podia recuar agora e deixar que ele pensasse que eu estava com medo do barquinho! Seria humilhação demais.

Ele empurrou o *Rover* na água, segurou os remos e, vagarosamente, quase sem provocar nenhuma ondulação, fomos nos afastando da margem. O silêncio não se quebrou, a água era um espelho negro e o céu estava claro e enevoado ao mesmo tempo, do jeito que o céu de inverno é algumas vezes: um branco puro reluzindo de dentro. Passamos por Ailsa, a pequenina ilha rochosa no meio do lago. Não tinha muito mais do que cem metros de diâmetro, e estava coberta por árvores inclinadas e escuras e por moitas robustas. Ela me lembrava da pintura de Arnold Böcklin, *A ilha dos mortos*.

Ok, talvez aquele não fosse o melhor momento para fazer tal comparação. Tentei retroceder nesse pensamento.

– Não se preocupe, isso é perfeitamente seguro – Taylor tentou me assegurar entre remadas. – E depois que chegarmos à plataforma, você estará em terra firme, por assim dizer.

Peguei meu caderno da jaqueta e escrevi: *Não tenho medo da água* (mentira), *sei nadar bem* (verdade).

– Então não é isso o que a está deixando nervosa? Sou eu?

Eu ri e balancei a cabeça. Seria impossível ficar nervosa perto de Taylor.

Relaxei um pouquinho e me recostei, absorvendo a beleza do cenário e aproveitando o balançar suave do barco. Talvez eu pudesse me permitir não pensar em nada, só por uma hora. Só um pouquinho, o suficiente para começar a respirar profundamente de novo, sem a ansiedade da dor do luto, ou do medo das oportunidades perdidas. Apenas *ser*.

A água estava perfeitamente escura, mas eu conseguia ver peixes prateados arremessando-se contra a superfície de vez em quando. Era a primeira vez que eu ia para o lago em muitos anos, e não me parecia tão ruim, tive que admitir. Talvez eu tivesse sido uma tola evitando-o por tanto tempo – o que aconteceu naquele dia, há treze anos, parecia um sonho distante. Ou melhor, um pesadelo distante.

– Olhe! Já dá pra ver a escavação daqui – disse Taylor, virando o rosto para a direita sem largar os remos.

Uma plataforma de madeira erguia-se acima da água, a cerca de cem metros da margem. Um trailer azul e branco estava estacionado numa clareira do lado oposto, além da praia de pedras, e eu conseguia ver os restos de uma fogueira. Uma sessão de marshmallows assados após o trabalho, imaginei.

– O tempo está bom hoje, devemos conseguir enxergar debaixo da água – disse Taylor, arfando de leve devido ao esforço das remadas. – Mal posso esperar pra mostrar o que tem ali embaixo. É maravilhoso! Num dia claro, quando a água está transparente, você consegue enxergar os postes que costumavam sustentar o *crannóg*. Alguns deles ainda estão de pé. É incrível pensar que essas coisas foram colocadas ali há tantos anos por pessoas como você e eu. Isso me emociona toda vez – continuou ele, e subitamente meu coração começou a bater mais rápido.

O rosto dele tinha o tipo de brilho que se vê somente quando alguém é verdadeiramente apaixonado, genuinamente inspirado. Recentemente eu vinha me sentindo tão sem paixão – quis aspirar seu entusiasmo, embebedar-me dele, sentir o prazer da vida de novo.

Eu não queria ser a garota sentada diante da tela branca do computador, sem nenhuma das suas histórias.

Sentei-me mais ereta ao nos aproximarmos da plataforma. Taylor amarrou o barco num dos postes e subiu. Depois se agachou e estendeu a mão para mim.

– Venha – disse, e me ajudou a pisar numa das tábuas de madeira. Fui poucas vezes àquela parte do lago, era muito mais selvagem do que o lado que dava para o vilarejo. Era lindo, repleto da paz que você só encontra em lugares antigos, carregados pela passagem do tempo.

Fechei os olhos por um segundo, permitindo que os meus outros sentidos assumissem o comando – o som da água se chocando contra a plataforma, as batidas do barco contra o poste ao qual estava amarrado, o cheiro da água, fresca, úmida, nebulosa. Conseguia entender o motivo de Logan passar tanto tempo na floresta. Entendia a paz que isso lhe dava e como o ajudava a lidar com todas as complicações da vida dele, com o peso que carregou nos ombros por tantos anos.

Abri os olhos e a beleza me roubou o ar, como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez: os vales aninhando o lago; a extensão lisa de água, ondulando apenas com pequenas marolas, refletindo o céu branco; o manto infinito e suave de nuvens, em constante mutação.

Subitamente percebi que Taylor olhava para mim, a cabeça levemente inclinada para um lado, pensativo, como se estivesse observando um artefato de museu. Corei.

– Venha ver... – ele tomou minha mão e se ajoelhou na beira da plataforma, espiando o lago. Fiquei de pé, segurando a mão dele, hesitante. Queria me aproximar e me ajoelhar ao seu lado, mas titubeei. Mesmo que não estivesse sentindo nenhum dos sinais físicos que anunciavam uma aparição, minha última recordação ao ter o rosto assim tão próximo da água era...

Eu não queria lembrar. Meu coração começou a tremer novamente, e não por causa do flerte de Taylor. Verifiquei como me sentia de novo: nenhum formigamento, nenhum zunido nos ouvidos. Tudo ficaria bem. *Estava* tudo bem.

– Não se preocupe, Inary – sorriu Taylor. – Sou um excelente nadador, prometo que não vou deixar que se afogue.

Fiquei um pouco irritada; então, quando lhe disse que sabia nadar, ele não acreditou em mim. Bem, deixaria que ele pensasse assim. De todo modo, não poderia explicar o que de fato acontecera. Respirei fundo. Era hora de enfrentar os antigos medos.

Obriguei-me a me ajoelhar ao lado de Taylor e olhei para baixo, para as águas escuras e paradas.

– Consegue ver o contorno da casa, Inary? – Taylor começou. – Pessoas moraram ali, pessoas como nós, homens e mulheres e crianças, caçando e trabalhando na terra e dormindo juntos na casa deles no lago. Viveram aqui por gerações. Vai achar que sou louco, mas muitas vezes me pego sonhando acordado com eles... Como eles eram, seus nomes, suas vidas. Imagino que arqueólogos sejam obcecados pelo passado... Temos que ser...

A voz dele era hipnótica conforme ele falava sobre as escavações e o que o trouxera para cá e o que haviam descoberto. Ninguém poderia entender o que ele pensava e como se sentia a respeito das pessoas do passado melhor do que eu.

As ondulações na água escura, o silêncio absoluto rompido apenas pelo som suave da voz dele e da movimentação da água, tudo se mesclou em mim – ou eu me mesclei a eles. Subitamente, não consegui mais decifrar as palavras dele, porque os meus ouvidos estavam tomados pelo zunido que eu conhecia tão bem e que, ainda assim, tentei negar. Formas estavam começando a aparecer na água – disse a mim mesma que era o reflexo das nuvens. Ou os postes do *crannóg*. Eu tinha contado três de pé; um quebrado, o toco irregular parecendo um dente quebrado; e alguns outros espalhados entre as pedras.

Ouvi-me gemendo quando o formigamento começou em cada membro, acompanhando o zunido dos ouvidos – as sensações normalmente inócuas estavam me machucando sutilmente, como uma faca me acertando na pele logo abaixo da superfície, num corte superficial, lento, impossivelmente doloroso. Tentei me mexer, mas estava paralisada pelo medo. E mais do que isso: algo estava me mantendo parada e amarrada à água. Algo me mantinha prisioneira. Do redemoinho dos meus pensamentos, surgiu uma prece – *por favor, que sejam as pessoas do crannóg, que sejam*

seus fantasmas se mostrando para mim... e não aquela outra coisa no lago.

Mas eu sabia que não eram. Nunca antes me senti assim, a não ser aquela vez. Nenhuma outra visão me causaria tamanho horror.

De repente, meu rosto e meu peito pareciam estar sendo mergulhados em gelo, e eu sabia que o que quer que fosse estava próximo. Uma forma borrada e prateada apareceu diante de mim, rodopiando num padrão desordenado. Uma sensação sobrepujante de solidão e abandono preencheu minha alma, trazendo lágrimas aos meus olhos.

Eles me deixaram.

Eles me deixaram aqui sozinha.

Leve-me para casa.

Eu sabia que esses pensamentos não eram meus, não eram as minhas lembranças – eu sabia que era outra coisa, outra pessoa, invadindo a minha mente. Fiz outro esforço inútil de me afastar, mas não consegui, como se os pensamentos sobrepostos aos meus fossem mãos cruéis me mantendo onde eu estava – ajoelhada nas tábuas de madeira, o rosto diante da água, o cabelo cascadeando pelas laterais do rosto, as mãos agarrando a beirada com tanta força que doíam. Devo ter emitido um arquejo, porque Taylor passou os braços ao meu redor. Eu conseguia ouvi-lo falar, mas não fazia ideia do que ele estava dizendo; sua voz veio até mim como se estivesse do outro lado de um túnel.

Meus olhos estavam seguindo a forma que nadava tão rápido quanto um salmão, mas era grande demais para ser um peixe; tão branca quanto o reflexo de uma nuvem, mas sólida demais.

Eles me deixaram aqui sozinha.

Estou com frio.

Quero ir para casa.

Leve-me para casa...

Os pensamentos alienígenas gritavam em minha mente, agarrando-se a mim. Acima das palavras na minha cabeça, acima da dor que se espalhou pelo meu corpo, fiquei subitamente ciente de que meu peito subia e descia tão rápido que eu poderia acabar

desmaiando – eu já estava vendo estrelas tremeluzindo nos cantos dos olhos.

Agarrei a beira da plataforma com mais firmeza, rezando para não cair na água, onde *a coisa* estava. Rezando para que ela não me puxasse.

A forma branca continuou a nadar freneticamente ao redor da plataforma, enroscando-se e desenroscando-se como algas carregadas pela maré. Eu sabia que ela tinha vindo me buscar.

Ouvi Taylor dizer meu nome, e tentei implorar por ajuda, implorar para que ele me afastasse do espírito, do lago, mas não consegui. A minha boca estava aberta num grito silencioso. Aquilo não me soltava. *Ela* não me soltava.

A forma parou e flutuou bem diante de mim, acima do nível da água. Pensei que fosse morrer de medo. Mas, em vez disso, graças a Deus, todas as sensações me abandonaram e eu fiquei vazia, oca, muito além do medo e do terror.

Vi quando o espírito se ergueu sem fazer nenhum som, sem provocar nenhuma ondulação, como se ela mesma fosse de água.

Águas negras

Inary

Ela era exatamente como eu me lembrava – inchada pela água e de pele pálida, olhos negros e vazios, cabelos compridos e emaranhados tal qual algas. Era uma criança. Uma criancinha perdida.

Na primeira vez em que a vi, no dia em que perdi a Visão, eu também era uma criança.

Leve-me para casa, sussurrou ela mais uma vez, e o som da sua voz veio da minha cabeça e ecoou ao meu redor, em meu coração e em meus ossos. Ela pairou diante de mim, o rosto tão próximo que quase pressionava o meu, e sua mãozinha com unhas azuladas tocou minhas bochechas. Estavam molhadas e muito frias. Fitei-a nos olhos e caí neles, caindo no nada.

Escute-me, ela implorou. De repente, ela deu um salto para trás e se derreteu no lago, o cabelo se dissolvendo nas águas negras, o rosto perdendo a forma, o corpo líquido uma vez mais. Então era uma sombra branca flutuando na água, e depois desapareceu.

Também caí para trás, como uma marionete cujas cordas tivessem sido cortadas. Tudo escureceu por um segundo, mas me recobri quase imediatamente. Os braços de Taylor me envolveram, mas eu estava tonta e desorientada e, na minha confusão, devo ter acreditado que o espírito da menina tivesse me segurado, como fizera ao me puxar para fora do barco do meu pai, para dentro do lago. Entrei em pânico e me afastei de Taylor num safanão, com tanta força que o que eu mais temia aconteceu: caí da plataforma com estardalhaço.

A água se fechou sobre mim e eu não consegui respirar – estava aterrorizada demais para abrir os olhos e ver a menininha outra vez. Meu corpo entrou em pânico – eu só conseguia pensar em ar, oxigênio, na necessidade de respirar. Meus braços e pernas se debateram em terror absoluto, e minha pele queimava com o frio.

Instintivamente abri a boca e uma descarga de água desceu pela garganta, entrando nos pulmões. Quando o desejo de lutar ou fugir surgiu, abri os olhos, e lá estava ela, flutuando nas águas turvas, os braços esticados para mim. Nossos olhos se encontraram e, naquele momento, pensei já estar morta.

Durou apenas alguns segundos, mas, com o medo, me pareceu uma eternidade, antes que os braços de Taylor voltassem a me segurar.

A coisa seguinte da qual me dei conta foi de estar na margem, cuspiendo água e tossindo tanto que pensei que meus pulmões fossem rasgar. Uma lembrança invadiu minha mente: *se afogar dói demais*. Eu sabia de onde esse pensamento surgira, e não era da minha consciência. Cobri o rosto com as mãos e deixei Taylor me segurar, na esperança de que o elo entre mim e a menina se rompesse de vez – ela estava tão assustada, tão perdida. Eu não conseguia mais suportar.

Eu deveria saber. Não fui tola em evitar o lago por tanto tempo. Ela veio à minha procura, assim como há treze anos, uma pobre alma sem paz. Só percebi isso agora, depois de todos esses anos. Ela estava tentando chamar a minha atenção, estava tentando se comunicar comigo. E, assim como antes, implorou para que eu a levasse para casa – mas eu não tinha como ajudá-la, não tinha como atender ao seu rogo.



Fiquei tremendo diante de uma lareira a gás, com os dentes tiritando, vestindo apenas um suéter enorme da Fair Isle que alguém da equipe de Taylor deixara no trailer e um par de meias de lã. Eu ainda estava congelando, mas o fogo era incrivelmente quente e eu já o sentia me aquecendo lentamente, os cabelos começando a secar. Taylor tinha se trocado e estava usando uma camiseta preta e calças de sarja. Ele me deu café numa caneca com um desenho de Nessie⁴, que reconheci como uma das canecas que Peggy vendia em sua loja; nós mesmos tínhamos um par delas. É

engraçado como você nota pequenas coisas quando seus pensamentos estão todos confusos.

Suspirei. Era bom envolver meus dedos ao redor da caneca fumegante e estar longe da água.

Nessie é uma referência ao Monstro do Lago Ness. A lenda diz que o monstro habitou o lago, localizado nas Terras Altas escocesas. (N.T.)

– Melhor? – perguntou ele.

Assenti, olhando-o no rosto. Ele parecia mais novo do que era e... sincero. Sim, ele parecia sincero. Descomplicado. Fiquei imensamente grata por ele estar comigo. Caso estivesse sozinha, quem sabe o que poderia ter acontecido... Estremeci mais uma vez, e ele notou.

– Você vai se esquentar num minuto. Esse fogo é tão quente que é capaz de assar um javali! – riu ele.

Tomei um gole do café. O gosto era horrível.

– É chicória. Uma excelente alternativa pro café, sem nenhuma cafeína!

Consegui formar um sorriso, obrigando-me a tomar mais um gole – não quis parecer mal-agradecida.

Os olhos de Taylor ficaram sérios.

– O que aconteceu lá fora, Inary? Você estava... aterrorizada. Tentei te mover, mas você estava toda dura. E depois caiu e tentei te segurar, tentei te ajudar... mas você me empurrou – os dedos dele subiram para o rosto, sem querer. Só então notei que havia um hematoma logo abaixo do olho esquerdo dele. Era horrível. Devia ter sido quando eu...

Ai, meu Deus.

Eu tinha feito aquilo!

Pus a mão sobre a boca, arregalando os olhos para o machucado.

– Ah, isso? Não se preocupe. Não dói. Se eu ficar com o olho fechado.

Desculpe, desculpe, desculpe! repeti três vezes, e segui o contorno do machucado com a ponta dos dedos, com suavidade. *Desculpe*, articulei uma vez mais.

– Juro pela... pela vida de Rover que não está doendo nem um pouco.

Ergui a sobrancelha. O cachorro que ele tinha quando era garoto? Ele já devia ter morrido. Não fazia muito sentido jurar pela vida dele.

– Verdade. Não foi culpa sua. Você estava perturbada. Caramba, aquilo foi bem assustador. Quando você caiu, por um momento eu simplesmente não conseguia enxergar você. Era como se houvesse algo sobre você... Como se algo a estivesse cobrindo.

Baixei o olhar para a caneca.

– Diga-me o que aconteceu, Inary – pediu ele com gentileza.

Dei de ombros e mostrei as palmas das mãos, como que dizendo *não posso!* Meu caderno estava no bolso da jaqueta – despedaçado ou completamente ensopado como todo o resto. Não havia por que procurar por ele. De qualquer jeito, aquela era uma boa desculpa.

– Desculpe, eu esqueci... – tocou na própria garganta, envergonhado.

Sorri e balancei a cabeça – eu não me importava. Ele fora ótimo. Eu tinha quase certeza de que ele me salvara. E recebera um olho roxo como agradecimento.

Olhei para os olhos azuis e francos de Taylor e fiquei me perguntando se poderia explicar de fato o que acontecera. O modo como eu via coisas... e sobre a menina do lago.

Eu poderia? Não. Essa não era uma opção.

Muitas pessoas em Glen Avich sabiam que a Visão corria na linhagem dos McCrimmon e em algumas famílias próximas. Mas apenas seis pessoas no mundo sabiam da verdadeira extensão do meu dom, e quatro delas já estavam mortas: meus pais, minha avó e Emily, Logan e Lewis. Ninguém mais. Ninguém mais poderia imaginar que esse dom, para as mulheres da família da minha mãe, era muito mais do que um sonho ocasional sobre um vislumbre do futuro, ou sentir uma presença de vez em quando. Era muito mais do que isso – muito mais forte, mais vívido. Real. E, pelo que minha avó dissera, ninguém nas últimas gerações tivera um dom tão potente quanto o meu. Era por isso que quando ele sumira, ela

ficara tão atordoada. Eu nunca contei a ela – nem a ninguém mais – sobre a menina no lago.

Arrependi-me de ter contado a Lewis. Arrependi-me de imediato, assim que vi o rosto dele quando ele percebeu que eu não estava brincando. Eu lhe contei num momento de fraqueza, de intimidade, quando senti que queria que ele soubesse tudo a meu respeito. No começo, ele pensou que eu estivesse brincando com ele. Quando compreendeu que eu falava a sério, ficou assustado. E me disse para nunca mencionar aos seus pais – como se eu fosse fazer isso –, porque eles nunca mais me receberiam na casa deles. Como se meu dom fosse algo demoníaco – quando, na verdade, era apenas um sexto sentido. Nem bom, nem mau em sua essência; era apenas o modo como eu era, o modo como muitas mulheres em nossa família eram.

– Inary? – Taylor me chamou com suavidade, arrancando-me gentilmente dos meus pensamentos. – Espere. Tenho certeza de que temos... – procurou ao redor e encontrou uma pilha de papéis impressos que pareciam planilhas, e uma caneta sem tampa. – Aqui está – disse ele, entregando-me um dos papéis e a caneta. – Pode escrever aqui.

Puxa.

Que desculpa eu daria para o que aconteceu ali?

– Mais chicória?

Deus, não, não mais daquele caldo marrom. Balancei a cabeça com tanta força que fiquei tonta por um segundo.

Fiz uma pausa e apoiei a ponta da caneta no papel, mordendo meu lábio. Que tal *eu vejo gente morta*⁵? Ri para mim mesma de um modo um tanto histérico.

– O que é engraçado? – sussurrou Taylor, a diversão substituindo a preocupação em seu olhar. Ele estava sentado perto de mim, e seu braço resvalava na minha perna nua. O sol estava se pondo, e a luz dentro do trailer era acinzentada e opaca, um prelúdio da escuridão. O fogo brilhava alaranjado e caloroso no rosto de Taylor, como uma janela numa casa escura.

– Lamento tê-la convidado. Deu pra perceber que você estava preocupada e eu devia ter prestado atenção nisso. Sinto muito que tenha se sentido obrigada a vir ver a escavação...

Balancei a cabeça de novo, com mais firmeza desta vez, e pousei uma mão no braço dele. Não suportaria a ideia de ele se sentir culpado por algo sobre o qual não tinha a mínima responsabilidade. Eu que deveria ter recusado.

Tanta coisa tinha acontecido, e eu estava com frio e abalada, e tinha muitas coisas na cabeça. Pus-me de pé. Eu só queria ir para casa.



Entrei em casa entorpecida. Pensamentos do espectro infantil preenchiam minha mente num emaranhado só, e eu não conseguia separar as pontas.

Frase do personagem de Haley Joel Osment no filme *O Sexto Sentido*, de 1999. (N.T.)

Os olhos negros e vazios da menina.

As palavras de súplica.

Afogar-me nas águas negras.

Leve-me para casa.

Quando despertei dos meus devaneios, notei algo sobre a mesa da cozinha – um pacote amarrado com um barbante e, ao lado, um bilhete de Logan: *Isto chegou para você*. Não precisava abri-lo para saber de quem era.

Dentro do pacote, havia algo aninhado após camadas e camadas de plástico bolha e um presente achatado em papel lilás, amarrado por uma fita de rafia. Rasguei o plástico bolha – dentro do qual havia uma linda coruja de porcelana, branca e azul, com uma bandeirinha da Dinamarca. Depois puxei a fita de rafia e desfiz o embrulho do papel lilás. Dentro dele, havia um caderno com capa de couro macio roxo.

Coruja número dois, e algo para você usar até a sua voz voltar.

A.

P.S.: Você deve ter adivinhado que estou em Copenhague.

Agora eu tinha duas corujas, lado a lado sobre a minha escrivaninha. Fiquei contente por a polonesa agora ter outra corujinha para lhe fazer companhia.

O dia fora longo, cheio de acontecimentos. Definitivamente, estava na hora de conversar com Lesley. Ela nem sabia ainda sobre o que acontecera entre mim e Alex... e eu precisava descobrir se ele lhe dissera alguma coisa. Talvez isso me desse uma pista sobre o que se passava na cabeça dele, porque, naquele momento, o nosso relacionamento estava tão bagunçado que eu não entendia nada.

De: Inary@gmail.com

Para: LesleyGayle@aldebaran.co.uk

Oi, Lesley,

Eu queria tanto poder te ligar e conversar de verdade. Está tudo bem por aqui. Na medida do possível.

A situação entre mim e Logan melhorou um pouco, parece. Ele parou de me atacar com frequência, então isso ajuda. O que me preocupa é que ele não anda bem. Tento ficar de olho nele e escondo as garrafas, mas isso não está adiantando. Ele fica lá sentado, bebendo. Eu queria tanto poder perguntar a Emily o que fazer, o que dizer a ele. Ela sempre soube como lidar com Logan, sabe? Como fazê-lo sair dos seus surtos de mau humor. Não consigo nem pensar no que aconteceria se eu não estivesse aqui, Lesley.

Você vem me visitar? Quero dizer, se puder? Sei que veio pro enterro e que é muito longe, mas, estando sem voz, estou com medo de sair de Glen Avich. Não fui a lugar algum ainda. E também não quero deixar Logan. Mas, se você não puder, eu entendo... Sei que é pedir muito.

Alex me mandou um caderno roxo. Estou escrevendo em vez de falar. Pelo menos é um meio de me comunicar.

Sabe... Aconteceu uma coisa entre a gente antes de eu partir. Não deveria ter acontecido e não estou certa de como lidar com isso agora. É demais. Eu disse a ele que foi um erro e o magoei muito. Ele te contou algo?

Pensei que seria melhor se não nos falássemos por um tempo, mas estava tão sofrido e horrível aqui que acabei mandando uma mensagem, então estamos nos falando de novo.

Por favor, venha, se puder. Mal consigo esperar pra ouvir a sua voz e ver o seu rosto.

Bjs,
Inary

De: LesleyGayle@aldebaran.co.uk
Para: Inary@gmail.com

Ah, Inary... Vocês dois... Francamente... Ele não me disse nada, mas achei que ele andava meio estranho. Pensei que fosse só porque você estava longe.

Eu adoraria ir até aí. Só me deixe resolver algumas coisas do trabalho e depois te dou certeza... Te aviso assim que puder.
Cuide-se,
Lesley

23

Ela não é você

Alex

Eu estava num dos meus lugares preferidos no mundo, Copenhague, tomando café no Café Kys e catalogando algumas cores no Chromatica, quando recebi um e-mail de Inary.

Oi, Alex,
Recebi a sua coruja dinamarquesa, obrigada.

Puxa, o correio era mais rápido que a velocidade da luz; eu tinha postado no dia anterior.

E como tem andado o Chromatica? Encontrou mais tons de roxo?

Acho que não vou voltar por enquanto. Por alguns meses, provavelmente.

Além do fato de eu não conseguir falar, o que já é ruim o bastante, a pior coisa é Logan. Ontem ele passou três horas cortando lenha - sem parar. Depois disso, as mãos dele estavam cobertas de bolhas. Ele age como se estivesse tudo bem, mas eu sei que, por dentro, a história é outra.

Então não vou te ver por um tempo. Sinto muito.

O desânimo tomou conta de mim. De repente, o café ficou com gosto de água suja.

Acho que te devo uma explicação sobre o que aconteceu entre a gente, e como agi depois. Você sabe, eu ter dito que aquilo foi um erro. Nunca planejei ter um relacionamento de novo, depois de Lewis. Mas com você... não sei, as coisas simplesmente foram acontecendo. O problema é que a minha vida está uma tremenda confusão agora. Não consigo pensar em nada que não seja Emily, não consigo falar e o meu irmão está um caco. Sim, é uma confusão e tanto. Não vou conseguir lidar com mais nada. Seria muito melhor se fôssemos só amigos. Espero que entenda e, por favor, não fique magoado. Só sou eu, toda errada, neste momento.

Bjs,
Inary

Fechei o e-mail sem responder.



Assim que voltei para casa, liguei para Kamau e saímos por aí. Muitos lugares, não sei bem onde. Não me lembro muito dessa noite – apenas algumas cenas meio loucas, palavras embaralhadas, a sensação de que nada estava certo. Lembro-me de ter tido uma longa conversa numa boate, gritando sobre o barulho da música e me afogando em coquetéis coloridos não identificados.

– Então, foi isso o que aconteceu. E agora ela foi embora...

– Que dureza.

– Duro mesmo, meu camarada – estava ficando difícil formar as palavras àquela altura, mas eu prossegui com bravura. – Ela pode demorar uns meses. Se é que vai voltar...

– Você não pode ir vê-la?

– Não sei. Posso? Será que ela quer que eu vá?

Ele deu de ombros.

– Vale a pena tentar.

– Não... Não depois do que ela me disse...

– O que ela disse?

– Que não conseguiria lidar com mais complicações e é melhor sermos só amigos. Estou citando. Porque decorei o e-mail dela.

– Você está mal, cara – concluiu Kamau.

Tomei outra mistura azulada e depois disso tudo ficou escuro.

Kamau deve ter me arrastado para casa no meio da madrugada. Tirou meus sapatos e me colocou na cama. Acordei vestido com as roupas do dia anterior, me odiando e odiando o universo inteiro.

Quando me levantei, o mundo girou e uma borra sedimentada chacoalhou no meu estômago, o pensamento me atingiu de novo: Inary e eu seríamos apenas amigos – para o caso de eu não ter entendido essa mensagem antes. Então por que ela continuava

falando comigo, me procurando toda vez que precisava de alguém, como uma espécie de tortura planejada para mim? Por quê?

Arrastei-me até a cozinha. Kamau ainda estava ali, acordado, bem vestido e sentado com um sorriso afetado no rosto.

– A Bela Adormecida acordou! Como está se sentindo?

– Melhor não perguntar... – gemi. – Como trocou de roupa?

– Eu meio que sabia que tipo de noite seria – ele sorriu. Estava sóbrio, sem nem um traço de ressaca. E estava cheio de si. Se eu não estivesse tão agradecido, eu o odiaria também, como o resto do planeta.

– Beba isso. E tome... isso – ele me entregou uma xícara de café preto e dois analgésicos.

– Esse café está praticamente *sólido*...

– É disso que você precisa. A propósito, são oito e meia, então você tem que terminar isso aí e se aprontar em dez minutos. Eu te levo pro trabalho.

Assenti, e isso foi tão doloroso que desejei que alguém arrancasse a minha cabeça.

– Ai...

– Bem, você só tem a si mesmo pra culpar, como minha mãe sempre dizia! – riu Kamau. – Vamos, vá se arrumar.

Alguns minutos agonizantes mais tarde, saímos. O ar fresco me fez bem, mas, quando chegamos ao meu escritório, tudo o que eu queria era me deitar e morrer.

– Obrigado, cara – disse ao abrir a porta.

– Disponha. Ah, e Alex?

– Hummm?

– Sabe o que mais a minha mãe costumava dizer?

– O quê?

– O que é seu ninguém toma.

– Ah.

– Isto é, se for pra ela ficar com você, ela vai voltar. Ou você vai até lá. Vai dar certo.

Eu não tinha tanta certeza.



Entrei no escritório, cada passo uma punhalada entre os olhos. Éramos só eu e Sharon.

– Oi, Sharon – disse. A minha voz parecia *alta* demais. Fiz uma careta.

– Oi. A noite foi boa?

– Não exatamente – respondi, pendurando o casaco. O escritório estava estranhamente tranquilo para aquela hora da manhã. – Onde estão todos?

– Gary está de férias, Molly e Clark estão em Manchester, e Alena está em casa, gripada. Liguei hoje cedo. Parece que seremos só você e eu. Você está horrível. Quer café?

– Deus, não.

Sentei-me e, por um segundo, pensei estar tendo alguma alucinação induzida pelo álcool. Havia uma coruja diante do meu computador. Era de pelúcia, azul-clara, com imensos olhos arredondados e uma combinação de retalhos e texturas. Como aquela coisa foi parar ali?

Por um instante de insensatez pensei – desejei... claro, só podia ser Inary! Olhei ao redor freneticamente, como se ela fosse sair num salto de dentro de alguma gaveta. Peguei a coruja e um envelope pequeno – do mesmo tom de azul da coruja – surgiu debaixo dela.

Abri.

Para a sua coleção, estava escrito.

O quê?

Deparei-me com o olhar de Sharon sobre o computador. Ela estava sorrindo. Os cabelos estavam bem rubros e bem penteados em ondas suaves e sedosas. Sharon não era apenas bonita – ela era linda, com sua pele cor de canela e lindos olhos escuros.

Então entendi.

– Comprei pra você – disse ela.

– Ah. Ah, obrigado – eu não sabia o que dizer. Por que uma coruja? Como ela sabia...?

– Gary me disse que você estava caçando corujas. Não literalmente! – ela riu. – Ele disse que você ficou procurando uma

legal em Copenhague. Que você as colecionava. Então, pensei que... – rubor estava se formando no rosto dela.

Aquilo não podia estar acontecendo. E a minha cabeça estava me matando. Ah, Deus, por favor, faça esse zumbido na minha cabeça parar, rezei.

– Bem, eram pra outra pessoa... Mas obrigado.

Uma nuvem cobriu o rosto dela.

– Puxa...

Puxa mesmo. Imagino que se um homem está comprando estatuetas e diz que são para outra pessoa, provavelmente são para uma mulher.

– Bem, você pode dá-la pra sua amiga – ela riu sem graça. Senti-me péssimo por ela. Que confusão...

Mas éramos adultos. Profissionais. Saberíamos lidar com aquilo.

Éramos profissionais adultos que deixavam bichinhos de pelúcia nas mesas das pessoas. Pressionei os dedos nas têmporas. Por favor, Senhor, deixe-me morrer. Nunca mais toco numa gota de vodca de novo, nunca, pelo resto da vida.

– Você está bem? – perguntou ela. – Escuta, sinto muito. Foi uma péssima ideia. No que eu estava pensando? Sério, pode dar pra sua amiga e vamos esquecer disso. Vou tomar um café do outro lado da rua...

– Não. Eu vou ficar com ela.

– Você não precisa...

Deus, eu me sentia péssimo. Ela realmente tinha se exposto. Como se, de fato, gostasse de mim, e estivesse a fim de se arriscar para se aproximar mais de mim.

Como se eu valesse a pena.

– Escuta, Sharon... – respirei fundo.

– Volto em dez minutos, ok?

– Sharon. Por favor, fique.

Ela parou onde estava.

Eu tinha que seguir em frente.

– Sim?

Eu tinha que tentar me libertar de Inary de novo.

– Alex?

Eu devia isso a mim mesmo. Já tinham se passado três anos, pelo amor de Deus. E ela ainda estava *confusa*.

Para mim, era o suficiente.

– Já faz um tempo que estou com vontade de comer comida tailandesa. Você, por acaso, não...? – disse de uma vez.

– Ah... Eu adoro comida tailandesa – respondeu ela, com um sorriso hesitante nos lábios.

– Maravilha. Vou fazer uma reserva. Posso ir te buscar às oito?

– Tudo bem – agora ela sorria. – Claro.



Foi uma noite boa. Não ficamos sem assunto, fizemos um ao outro rir, e toda vez que meus dedos resvalavam nos dela – não de propósito, claro, completamente *sem querer* –, sua pele me parecia suave como seda. Havia uma vela na mesa, e a luz fazia os olhos dela parecerem mel escuro líquido.

Mais tarde, eu a convidei para a minha casa e minha sala de estar. Exatamente no mesmo lugar em que abracei Inary, deixei que Sharon me envolvesse com seus braços. Seu cheiro era profundo e feminino, como uma flor noturna. Fiquei parado por alguns segundos, depois segurei seu rosto entre as mãos e a beijei.



Acordei saciado e faminto ao mesmo tempo. Ela dormia pacificamente, o cabelo escuro espalhado no meu travesseiro, os braços amparando o rosto. Ela parecia muito jovem, apesar de saber que ela tinha a minha idade, trinta e um anos. Ela parecia vulnerável. Passar a noite com ela tinha sido... bom. E, de certa forma, não bastara.

Alisei o cabelo dela e desejei, do fundo do coração, que pudesse me apaixonar por ela. E me apaixonaria – assim que Inary fosse expelida do meu sistema.

*No nosso sangue***Inary**

Taylor estava sempre por perto. Ele era cheio de energia, cheio de vida. Contou-me histórias de seu trabalho e como viajara ao redor do mundo antes de acabar na Associação de Arqueologia Subaquática da Escócia. Ele mergulhara nas costas da Turquia e do Japão, nadara ao longo de ruínas de cidades perdidas na Grécia e recuperara joias Vikings de lagos congelados.

Todas as coisas que ele me contava me levavam a quilômetros de distância de tudo o que me pesava naqueles dias. Ele parecia não se importar com a minha inabilidade de falar – ele simplesmente seguia conversando. O caderno roxo permanecia quase intocado.

Certa tarde, ele viera até em casa para tomar café (eu) e chá de ervas (ele). Eu estava sentada à mesa da cozinha, fazendo algumas anotações sobre o que sabia a respeito de Mary e todas as descobertas das minhas visões. Ela era diferente de qualquer outro espírito que já tinha visto. Ela me emocionava de um modo que nenhum outro conseguira – como se eu devesse me aproximar dela. Como se eu *precisasse* estar próxima dela.

– Trabalhando num projeto? – perguntou Taylor, olhando para a pilha de papéis com anotações.

Ah, sim, a respeito de um fantasma que eu vejo, pensei em responder. Mas claro que não poderia. Pensei rapidamente. *É para um livro. A respeito de uma moça que costumava morar aqui,* escrevi no caderno roxo.

– Legal! Logan disse que você escreve. Posso ler?

Sorri. *Ninguém lê meus livros.*

– Certo. Então para que você os escreve?

Ele tinha razão. Dei de ombros. *Estou esperando pelo momento oportuno.*

– Ah, ok. Bem, enquanto você espera, me avisa se eu puder fazer alguma coisa pra ajudar.

Subitamente, tive uma ideia. Eu queria saber mais sobre Mary, e a sugestão de tia Mhairi de visitar a *Heritage Collection* em Kinnear parecia promissora. Já tinha estado lá pesquisando para um trabalho quando estava no Ensino Médio, e me lembrava de que eles guardavam os arquivos paroquiais de Glen Avich e dos vilarejos vicinais. Talvez eu conseguisse descobrir alguma coisa. O problema era que... eu não podia sair de Glen Avich, não sem conseguir falar. Eu não me sentia pronta. Em Glen Avich, todos me conheciam, mas em Kinnear, tudo seria mais difícil. Eu considerava a ideia de ir sozinha muito difícil. Na verdade, impossível. Mas, talvez com Taylor...

Sentei-me melhor e escrevi rapidamente.

Tem uma coisa...

– Pode falar – ele disse, tomando um gole de chá.

Você iria comigo até a biblioteca em Kinnear? Quero pesquisar uma coisa para o meu livro. Não me vejo indo sozinha, sem conseguir falar...

Baixei o olhar. Acho que de vergonha. Nunca pensei que fosse pedir a alguém para ir comigo a uma maldita biblioteca. Mas a ideia de estar diante de desconhecidos, e ter que escrever tudo, e gesticular e assentir... Eu não estava pronta.

– Claro. Agora é uma boa hora?

Sorri. *Tem certeza de que não está ocupado?*

– Hoje não, senão não estaria aqui, mas na semana que vem vou estar, então o momento é perfeito. Vamos.

Apanhei meu caderno e canetas, peguei uma jaqueta e o segui para fora. Fazia semanas que eu não saía de Glen Avich. Foi estranho. Senti-me um pouco tonta – como se eu estivesse em algum lugar sombreado e protegido e agora estivesse piscando ante o sol forte.

Assim que entrei no carro, uma ansiedade floresceu no meu peito. Será que eu conseguiria sustentar a farsa de estar pesquisando para um livro? Será que ele pensaria que algo estranho estava acontecendo? Eu mal conhecia Taylor, afinal. E, de repente, ele estava me ajudando com algo tão importante, tão precioso.

O interior do condado de Aberdeen voava ao nosso lado enquanto passávamos pelas vias rurais entre Glen Avich e Kinneair, e depois na estrada para Kinneair. Glen Avich e Kinneair estavam apenas a meia hora, mas eram dois mundos diversos. Sempre pensei em Glen Avich como uma cidade congelada no tempo, apesar da comida chinesa a domicílio e do novo café elegante – ela ainda me parecia remota, como quando eu era pequena. Kinneair, com seus prédios de pedras cinzentas e até um pouco de subúrbio, era basicamente parte da Escócia moderna.

Chegamos em pouco tempo.

– Então, quer que eu fale? – disse Taylor. – Ah, sim, claro. Desculpe – ele deu uma breve risada.

Não pude deixar de rir também. Gesticulei para que ele esperasse, peguei o caderno e uma caneta, e escrevi um resumo do que estava tentando descobrir.

Mary

Provavelmente viveu na St. Coleman Way, Glen Avich

Provavelmente na virada do século?

– Mary... provavelmente viveu... ok. Como descobriu isso?

Bom e velho Google, menti.

– Ok... Então, nessa biblioteca, eles têm arquivos ou algo assim?

Eles deveriam ter os arquivos paroquiais da região, sob o nome Heritage Collection.

– Legal. Vamos ver o que dizem. Pronta?

Assenti. Saímos do carro e subimos a rua, na direção da biblioteca municipal. Eu estava um pouco nervosa e frustrada por não conseguir fazer isso sozinha, por a minha autoconfiança ter levado tamanho golpe e por eu precisar de alguém para falar por mim.

Atrás do balcão, havia uma garota com o cabelo preso no alto, usando um batom bem vermelho, olhando para a tela do computador. Ela devia ter a idade de Emily, pensei.

– Olá – disse Taylor, num largo sorriso. A bibliotecária ergueu o olhar e se alegrou visivelmente ao vê-lo. – Talvez você possa nos ajudar. Estamos pesquisando para um romance...

– Ai, que legal! Você é escritor? – ela perguntou, empolgada.

– Não, *ela* é...

Dei um sorriso hesitante. Sentia o rosto queimar.

– Uau! Então, sobre o que é o livro? Como posso ajudar?

Ela me pareceu muito gentil e me permiti relaxar um pouco.

– Estamos procurando informações da *Heritage Collection*. A respeito de alguém chamado Mary...

– Metade das mulheres da *Heritage Collection* se chama Mary – disse animada. – Mas não se preocupem, tenho certeza de que a encontraremos. Sigam-me...

Fomos atrás dela, por trás do balcão e através de uma porta. Era uma sala de teto alto, coberta por prateleiras de parede a parede, com arquivos em todos os cantos livres. Demoraríamos dias para ver tudo aquilo... Não, semanas...

– Estamos com falta de espaço, mas todas as coisas estão em ordem. Então, essa Mary, onde ela morou?

– Glen... – Taylor começou, mas coloquei a mão no braço dele. *Eu* queria falar. Aquilo era coisa *minha*.

Olhei para Taylor e indiquei a minha garganta e depois a bibliotecária. Taylor entendeu a mensagem.

– Ela não consegue falar. Em vez disso, escreve – explicou.

A bibliotecária pareceu desconcertada por um instante, depois se recobrou.

– Tudo bem, sem problemas. Que bom que é escritora então, não é? – disse com gentileza.

Sorri. Poderia fazer aquilo. Com ou sem voz, eu faria aquilo. Respirei fundo. Pelo canto do olho, vi Taylor olhando para mim com algo bem parecido com orgulho. Abri o caderno na página em que escrevera o que sabia a respeito de Mary e mostrei para a moça.

– Entendo. Glen Avich... é nesta seção. Não nos interessa o endereço por enquanto porque os arquivos paroquiais estão ordenados por data de nascimento e morte. Você tem ideia de quando... Ah, estou vendo, virada do século...

Calculei mentalmente. Nas minhas visões, Mary parecia ter uns vinte anos. Com cuidado, peguei o caderno das mãos da bibliotecária e escrevi: *provavelmente entre 1880 e 1890, mais ou menos*.

– Perfeito. Bem. Está tudo aqui – ela gesticulou para uma fileira de computadores sobre mesinhas na parede oposta. – Tudo foi escaneado e catalogado. Está em microfilme e também em PDF. O PDF é mais prático.

Minha visão de nós folheando páginas amareladas se dissolveu. Tudo parecia mais fácil do que eu tinha imaginado.

– Obrigado... – dizia Taylor.

– Lucy – informou a bibliotecária. Imaginação minha ou ela estava corando?

– Obrigado, Lucy.

Ela lançou os olhos rapidamente ao redor da sala e, por fim, os pousou sobre nós.

– Bem, vou deixá-los à vontade. Nada de café ou chá aqui dentro, mas, se precisarem de uma pausa, venham pra cá. Minha mãe fez *cupcakes* ontem – acrescentou, olhando direto para Taylor antes de sair.

– Ok, vamos lá – disse Taylor, efusivamente, e se sentou, dobrando as pernas longas sob a cadeira.

Obrigada, articulei, sentando-me ao seu lado.

– Bem, quando eu tiver alguma coisa bem entediante pra fazer na escavação, sei a quem pedir ajuda. Uma vez tive que catalogar e classificar setecentas e vinte e duas pedras. Demorei seis semanas.

Ri. Senti um peso abandonando o meu peito. Saíra de Glen Avich e me entendera com a bibliotecária. Sim, com a ajuda de Taylor, mas eu fizera a minha parte.

Eu ainda era eu. Ainda era Inary. Sem minha voz, mas ainda eu.

Comecei a pesquisar os registros, um a um. A bibliotecária não estava brincando quando disse que metade das mulheres se chamava Mary. Havia também muitas Annas, Catherines, Elizabeths, Margarets e umas poucas Floras. As vidas delas, de outra forma esquecidas, estavam ali na tela diante de mim. Mesmo que não fossem individualmente lembradas, o sangue delas fluía nas veias de Glen Avich. Reconheci tantos nomes – Monteith, o meu próprio sobrenome, e também Watson, Buchanan, Walker, Duff. Frequentei a escola com os descendentes daquelas mulheres – aquelas mulheres eram nós, todos nós. E tantas McCrimmon...

Anne McCrimmon, morta de tuberculose aos vinte e três anos... a idade de Emily.

Morag McCrimmon, morta aos oitenta e nove, depois de ter nove filhos, cinco dos quais morreram antes dos três anos de idade.

Elizabeth McCrimmon, nascida em Glen Avich e, segundo uma nota ao lado do seu nome, morta aos trinta e oito na Nova Escócia...

Será que alguma delas tinha a Visão?, perguntei-me. Senti-as ao meu redor. Conseguia ouvi-las sussurrando...

Eu estava começando a me sentir estranha – minha cabeça ficava mais leve, e os cabelos na base da nuca estavam se eriçando. Minhas mãos também formigavam. Observei ao redor, mas não vi nenhum espírito. Provavelmente eram as histórias delas provocando aquela sensação estranha em mim. Eu estava começando a perder a concentração e me sentia cansada pelo peso de todas aquelas sensações estranhas.

– Você está um pouco pálida. Está com frio? – Taylor pousou sua mão na minha. – Você está gelada! Talvez seja melhor continuarmos outro dia...

Você quer ir embora? escrevi.

– Fico feliz em continuar. Só acho que você não está se sentindo bem...

Só mais um pouco. Não restavam muitas certidões de nascimento para ver. Eu tinha certeza de que a encontraria.

E encontrei. Finalmente. O leve zumbido nos meus ouvidos anunciou – e lá estava ela.

Mary Gibson, nascida em Glen Avich, St. Coleman Way, 1o de outubro de 1895.

Assim que vi seu nome, meu coração começou a bater mais rápido. Por um segundo, pensei que estivesse flutuando. Foi como uma mudança na atmosfera, um eco de vozes e de sons tomando forma física e varrendo meu corpo dos pés à cabeça...

– Inary? – Taylor se virou na minha direção. Eu tinha acabado de apontar para a tela. – Mary Gibson... Acha que é ela?

Tenho certeza, escrevi rapidamente, com a mão trêmula.

– Como pode ter certeza?

Porque sinto nos ossos, eu poderia ter respondido. Mas não disse. *Tudo se encaixa*, escrevi, em vez disso.

Em seguida, eu ouvi. Palavras sussurradas – uma respiração cálida na minha bochecha, como se o rosto de alguém estivesse junto ao meu, a boca de uma mulher perto do meu ouvido.

Encontre-a.

Arfei e me levantei tão rapidamente que a cadeira caiu para trás. Taylor passou o braço ao redor da minha cintura, equilibrando-me, a expressão sobressaltada.

– Inary? O que foi?

Balancei a cabeça. Eu não conseguiria dizer.

– Desculpe, pessoal, está na hora de fechar... Está tudo bem?

A bibliotecária entrou, segurando a bolsa e o casaco.

– Sim, tudo bem – disse Taylor, e eu assenti de leve.

Peguei o caderno e a caneta e me inclinei sobre a mesa.

Encontrei o que procurava. Obrigada. E tentei sorrir.

– Tem certeza de que está bem? Gostaria de um copo de água?

Balancei a cabeça.

– Já estamos de saída. Obrigado... – Taylor interveio.

– Estou aqui todos os dias. Voltem quando quiserem – disse ela, lançando um sorriso de lábios rubros para Taylor.

– Faremos isso...

Já no carro, esfreguei o rosto com as mãos para tentar dissipar a tontura. *Encontre-a.* Era a voz de Mary, eu tinha certeza – mas sobre quem ela estava falando?

– Então, você encontrou a sua Mary. Mary Gibson. Ela vai aparecer no seu livro? – perguntou Taylor, dando partida no carro.

Assenti. Viajamos num silêncio agradável, até pararmos diante da minha casa.

– Quando vamos voltar? Só estarei livre na semana que vem...

Posso ir sozinha. Agora já me sinto segura.

– Ah... – ele pareceu murchar.

Não quero atrapalhar você... escrevi rapidamente. Era verdade. Eu estava contente em ter companhia, mas tinha certeza de que ele tinha coisas melhores para fazer do que me acompanhar até a biblioteca para encontrar um fantasma. Quero dizer, você não teria?

– Eu me diverti hoje, Inary. Adoraria voltar lá. Acho que posso ser tipo um escritor-assistente – ele riu. – Sério, está tudo bem. Que tal na quinta-feira que vem?

Eu tive que ceder. Assenti e sorri.

– Nesse meio-tempo... talvez a gente possa sair pra tomar um drinque, só você e eu?

A-há... Era só disso que eu precisava. Mais complicações.

Preparei a caneta para escrever – algo como estar ocupada nesta semana... mas suspirei e abaixei a caneta. Olhei para ele.

O belo rosto dele se partiu num sorriso.

– Certo, certo, acho que isso é um não...

Estou com muitas coisas na cabeça, Taylor, comecei a escrever enquanto ele observava por cima do meu ombro, eu não vou conseguir entrar numa coisa assim agora... Desculpe se lhe dei ideias, não tive a intenção.

Ele pôs a mão sobre o caderno, interrompendo a minha escrita. Levantei o olhar, alarmada, mas ele estava sorrindo.

– Ei, está tudo bem. De verdade. Olha só, eu gosto de você. Não posso mentir. Mas entendo que não seja a hora certa... Talvez exista outra pessoa? – ele perguntou com suavidade.

Pensei em negar, mas não consegui. Assenti.

– Em Londres?

Respirei fundo e assenti uma vez mais.

– É longe pra caramba...

Baixei o olhar.

– Bem, cara de sorte – ele disse com um suspiro.

Avaliei seu rosto. Ele me parecia um pouco abatido, mas não totalmente devastado.

Tem certeza de que quer voltar à biblioteca comigo? Você não precisa. Quero dizer, eu entenderia...

– Claro que quero ir – ele sorriu de novo e me encarou. Ele estava sendo franco. Graças a Deus.

Inspirei fundo. Eu não saberia lidar com mais situações complicadas. E gostava da amizade dele, não queria que ela terminasse.

— Então... você e Taylor estão saindo? — meu irmão perguntou durante o jantar, fingindo estudar o rótulo de trás do molho de pimenta.

Balancei a cabeça com os olhos arregalados.

— Certo. Bom.

Apanhei o caderno. *O que quer dizer com "bom"?*

— Nada — ele deu de ombros. — Ele me disse que gosta de você, mas não me parece o seu tipo.

Como sabe qual é o meu tipo?

Meu irmão, o perito em relacionamentos.

— Ei, calma. Só estou dizendo.

Revirei os olhos.

— Desculpe, esqueça que eu disse qualquer coisa.

Logan não me parecia nada bem. Ele empurrava a comida no prato. Eu tinha certeza de que ele perdera peso. Eu tentara sugerir, muitas vezes, que ele se consultasse com a doutora Nicholson, mas ele ficava adiando.

Eu tinha que encontrar outra maneira. Meio que fazer com que ele fosse lá sem perceber que estava indo.

Estou preocupada com a minha voz, escrevi. Era verdade, claro.

— Eu também, Inary — disse ele, fitando-me. O rosto dele estava carregado de preocupação. Bingo, pensei. Aperte o botão "cuidar dos outros", e Logan faz o que você quer.

Eu gostaria de voltar na doutora Nicholson, ver o que ela acha...

— Você deveria ir mesmo.

Não, pensando bem, melhor não ir.

— Por quê? Você deveria ir.

Não sei, é estressante demais.

— Ela pode lhe dar alguns conselhos...

Vou pedir à tia Mhairi que vá perguntar por mim.

— Tia Mhairi? Ficou louca? Que Deus a abençoe, mas conhece o jeito dela!

É verdade. Melhor esquecer isso tudo, escrevi.

Logan não respondeu, mas vi no rosto dele que meu plano tinha boas chances de dar certo.

25

Amanhã

Logan

Fechei a loja somente alguns poucos dias, quando Emily estava morrendo, durante o funeral, e logo em seguida. Era melhor me manter ocupado. Eu sabia que Inary estava trabalhando dali, mas pensei que ela precisaria de um dinheiro extra e algo para fazer, por isso pedi que me ajudasse.

Tenho que admitir que não me importava em tê-la por perto.

Deixei Inary e a ajudante de sempre na loja e fui até o consultório da doutora Nicholson. Não contei à minha irmã onde estava indo; não queria que ela soubesse que eu estava atrás de conselhos para o problema dela.

Sentei-me, folheando as páginas de uma revista médica. As imagens eram horrendamente gráficas. Comecei a ver os panfletos: diabetes, pressão alta, gripe e suas complicações. Alopecia, depressão, asma, artrite. Subitamente, senti dores generalizadas. Deixei os panfletos de lado.

Era estranho estar num consultório sem Emily. Não me lembrava da última vez em que isso acontecera – médicos não são uma coisa que eu curta muito. Mas eu tinha que vir, pois estava preocupado com Inary. A voz dela não dava indícios de que voltaria logo, e eu ficava com o coração partido ao vê-la escrevendo naquele caderno. Eu sabia que ela só estava tentando encontrar a saída no meio de tudo o que acontecera, mas já fazia um tempo. Fazia *semanas* que ela não pronunciava sequer uma palavra. Nenhuma. Tentei não mostrar o quanto estava ansioso, apenas ficando com ela do jeito que sempre fiquei, mas acho que ela desconfiava.

– Logan? Oi, pode entrar – a doutora Nicholson acenou de dentro do consultório e indicou a cadeira. – Sente-se. Como posso ajudá-lo?

Respirei fundo.

– O problema é a Inary. Ela ainda não está falando. Nem sussurrando.

A doutora Nicholson olhou para mim pensativa.

– E como ela está se sentindo?

– Ela parece bem. Está triste, claro, com tudo o que aconteceu... Mas está seguindo em frente. Está trabalhando, me ajudando na loja... Faço com que coma, claro.

– E quem faz com que *você* coma? – a doutora Nicholson perguntou com cautela.

Fiquei surpreso; eu estava ali para falar sobre Inary, não sobre mim. Nunca fui ao médico por minha causa. Por um momento, eu me senti completamente exposto, e desejei sair.

– Estou bem.

– Sabe, quando alguém que a gente ama está doente, nós dedicamos toda a nossa energia a eles. Acontece com frequência que os cuidadores necessitem de quase tanta atenção de mim do que as pessoas das quais eles cuidam...

– Então, como posso ajudar Inary? – perguntei com rispidez. Recusava-me a me ver arrastado para uma conversa a meu respeito. Perturbava-me ver a preocupação no olhar da doutora Nicholson enquanto ela me fitava. Uma das minhas irmãs estava morta, a outra não falava – e lá estávamos nós, falando sobre mim. Aquilo não fazia sentido.

– Você não pode fazer nada além do que já está fazendo. O luto segue seu curso natural. Mas, se não melhorar, podemos encontrar um meio de ampará-la ainda mais...

Ampará-la ainda mais? Como?

– O que quer dizer?

– Dar a ela algum tipo de apoio psicológico. Talvez pesquisar algum medicamento para depois indicar para ela. O que ela tem é chamado de disfonia. É causada por acontecimentos estressantes ou traumáticos. Normalmente, se autocorrige com o tempo, com ajuda, mas, às vezes, é necessária orientação profissional. Expliquei isso tudo a ela quando ela veio me ver. Mas não há nada que eu possa fazer se Inary não voltar a me procurar. Ela mesma.

– Ela não virá.

– Por que você acha?

– Já tive essa conversa com ela. Ela não acredita que a senhora possa ajudar.

– Talvez ela tenha razão. Talvez ela tenha que encontrar a saída sozinha. Mas se você perceber que as coisas estão ficando difíceis demais para ela... Se a voz dela não voltar num intervalo razoável... talvez ela necessite de ajuda extra.

– Não é assim tão simples. Não posso simplesmente dizer a Inary o que fazer.

– Muitas pessoas são assim por aqui – a doutora Nicholson disse com um sorriso. Desviei o olhar.

– Obrigado – respondi rapidamente e me dirigi para a saída.

– Logan... – a voz dela me alcançou já na recepção.

– Pois não?

– Se cuida.

Sim, eu cuidaria de Inary. Assim como cuidei de Emily.

– Pode deixar – eu só queria sair daquele lugar. Passei tempo demais ali. E, de todo modo, não havia nada para dizer a Inary, a não ser “você precisa de ajuda”. Mas o que eu esperava? Que a doutora Nicholson sugerisse algum tipo de cura miraculosa? Talvez ela conhecesse um método para fazer você parar de beber até passar mal.

Apressei-me de volta à loja e me mantive ocupado, tentando não pensar em nada.

*Você não poderia ter chegado numa hora melhor***Inary**

Passei a manhã inteira na loja de Logan – de vez em quando, ele me pedia para ajudar, e eu achava isso ótimo para ficar de olho nele. Meu irmão saía sorrateiro por mais de uma hora para tratar de algum assunto misterioso no centro e, assim que voltou, desapareceu no estoque sem dizer nada.

Minha preocupação com ele não diminuía. Pelo contrário. Eu me preocupava constantemente. Mas o que eu poderia fazer para afastar sua tristeza?

Apenas ficar ao seu lado. Era tudo o que eu podia fazer.

Suspirei e olhei para fora. Era um dia bonito, ensolarado e límpido de inverno; da janela eu conseguia ver um retângulo tentador de céu azul, e as colinas eram chamativas. Eu queria estar do lado de fora, sob a luz frígida do sol...

A porta se abriu, e o repicar suave dos sinos sobre ela tomou conta do lugar.

– Vocês têm galochas? – disse subitamente uma voz feminina.

Virei-me para ver quem considerava aceitável entrar numa loja sem nem dizer olá. Uma mulher estava de pé diante de mim, franzindo o cenho e segurando uma galocha vermelha na mão. Instintivamente, baixei o olhar para os pés dela; ela estava descalça, as unhas dos pés pintadas de azul turquesa. Devo ter arregalado os olhos, porque ela disse com o rosto sério:

– Estava tirando fotos no lago, consegui um ótimo enquadramento e caí. Minha máquina está nadando agora.

Só então notei que o cabelo dela, de cor chocolate, estava pingando e que ela estava tremendo. Ah, então aquele era o motivo do mau humor.

– Sinto muito. Máquinas fotográficas não são baratas – Logan disse de perto da prateleira.

– Não, não são. Bem, perdi uma galocha. Preciso de um par novo... – ela olhou ao redor. Ela tinha um sotaque do oeste. De Glasgow, provavelmente.

– Sem probl... – Logan começou a dizer enquanto se virava – ... emas – ele não a tinha visto. Não consegui reprimir um sorriso quando Logan olhou para ela. Ele a encarava porque ela estava pingando, estava descalça e era bem bonita, parada ali como uma criatura mitológica recém-saída do lago.

Ele engasgou. Tossiu. Depois se recuperou.

– Precisa de algum lugar para se secar? Minha casa fica no fim da rua. Minha irmã... – ele apontou para mim – pode levá-la até lá... – murmurou, para que ela não achasse que ele fosse algum pervertido atraindo-a para a casa dele.

Assenti enfaticamente – a mencionada irmã estava disposta a levar a garota misteriosa para casa para que ela se secasse.

Ela sorriu, o rosto se iluminando um pouco, o franzido entre as sobrancelhas se atenuando.

– É muito gentil da parte de vocês, obrigada... mas estou bem. Estou hospedada no Green Hat logo ali na esquina. Só que a loja estava no meu caminho e pensei em parar e calçar alguma coisa. Meus pés estão doendo. E gelados.

Logan arregalou os olhos. Acabara de ver as unhas dela.

– Veio andando descalça do lago até aqui?

– Bem, com uma galocha só – ela disse, erguendo a galocha sobrevivente. – É tão humilhante – revirou os olhos.

– Estou certo de que ninguém notou – respondeu meu irmão com toda sinceridade. *Ele* não teria notado. Qualquer outra pessoa, sim.

– Ah, sim, claro, ninguém percebeu a turista saltitando pelas ruas com apenas uma galocha. Pingando – ela disse, os cantos dos lábios começando a formar um sorriso. Exatamente o que eu estava pensando.

– Bem, qual o seu número? – Logan desapareceu para junto do estoque novamente.

– Trinta e quatro! – ela exclamou.

– Vejamos... Aqui. Vermelhas como as suas. Tome, pegue estas – disse ele.

A moça esticou a mão para pegá-las, mas Logan as colocou sobre o balcão – sem dúvida para evitar a possibilidade de que seus dedos se tocassem. Conheço meu irmão.

– Ficaram perfeitas, obrigada. Quanto devo?

– Não se preocupe com isso. Você teve um dia ruim. Apenas fique com elas.

Ela balançou a cabeça molhada e começou a vasculhar a bolsa que trazia atravessada pelo ombro.

– Não posso aceitar...

– Bem, não vou pegar o seu dinheiro, então vai ter que aceitar – ele disse, com simplicidade.

– Ah, obrigada. Não sei o que dizer. Olhe, ainda tenho o pé direito, só preciso do esquerdo... – ela parou por um instante, depois desandou a rir. – Não, acho que isso não daria certo!

– A menos que um pirata entrasse aqui. Sabe, um com uma perna de pau... – ele tentou fazer piada, examinando uma rachadura invisível no balcão.

Ele gosta dela, pensei.

– Ah, bem, nunca se sabe! – ela riu de novo. – Olha, sério, obrigada.

– Você perdeu seu equipamento. Se eu perdesse a minha câmera, ficaria devastado.

Ofereci o banquinho em que eu estava sentada e ela se sentou no meu lugar com um “obrigada” sussurrado.

– Espere! Tome – Logan disse, apanhando de um cesto um par de meias novas e secas, e jogando-as para ela. Francamente, jogando coisas! Ela não era radioativa...

– Ah, obrigada! As minhas estão ensopadas – ela disse, colocando a mão no bolso e puxando o que um dia foram meias listradas, e agora não passavam de uma bola de lã encharcada e cheia de barro. Ela começou a vestir as meias e calçar as galochas. Eu adorei mesmo o esmalte de suas unhas. Fiz uma nota mental para comprar um da mesma cor assim que juntasse coragem suficiente para ir até Kinnear.

– Puxa, foi você quem tirou essas? – a moça perguntou para Logan, olhando para a fileira de fotografias emolduradas nas

paredes da loja.

– Isso mesmo.

– Você é fotógrafo! – exclamou ela, como se tivesse encontrado outro membro de uma sociedade secreta.

– Bem, não sou profissional...

– Uau, adorei essa – ela havia notado a minha predileta: Glen Avich num dia em que nevava e fazia sol ao mesmo tempo, terra e céu reluzindo como no interior de um globo de neve. – É linda.

– Gentileza sua – meu irmão replicou, com timidez. As bochechas dele estavam escarlates. – Você provavelmente vê muitas melhores todos os dias...

– Não – ela sorriu.

– Não o quê?

– Não se subestime.

Logan retribuiu o sorriso, envergonhado. A moça tinha a estranha habilidade de compreendê-lo instantaneamente, pensei.

– A propósito, sou Aisling.

– Aisling – ele repetiu, como se saboreasse a palavra. – Sou Logan. E esta é a minha irmã, Inary. Ela não consegue falar.

Obrigada, Logan. Isso foi bem direto. Sorri e estendi a mão. Aisling a aceitou; ela tinha uma pegada firme e forte. Gostei dela.

– Prazer em conhecê-la. E obrigada por isso – ela disse, balançando um pé e encarando Logan, um sorriso iluminando o rosto dela.

– De nada. Então... está aqui a trabalho?

– Sim. Sou fotojornalista, vim tirar fotos da escavação. Moro em Aberdeen, mas, originalmente, sou de Dublin – mais uma vez meu infalível instinto para detectar sotaques... – Ah, a propósito, eu adoraria ter uma cópia dessa foto... Está à venda?

– Sim... Uso essa como amostra, mas logo vou mandar fazer cópias.

– Vou te dar o meu número, pode me ligar quando estiver pronta. Vou ficar aqui por um tempo – ela disse com um sorriso capaz de derreter gelo, aproximando-se do balcão. Entreguei-lhe uma caneta e um pedaço de papel para que ela escrevesse seu número.

– Então, me avise – disse ela, passando o papel para Logan.

– Claro – ele respondeu, virando-se para afixar o papel no quadro de cortiça acima do balcão.

Ele não vai ligar, pensei triste, enquanto a via sair da loja e descer a rua, suas galochas vermelhas um salpico de cor contra o asfalto cinza.

*O amor perdura***Inary**

Estava sentada diante do laptop, num estado de sonolência, editando outro livro inacreditavelmente chato – a respeito de pássaros. De novo. E esse era pior que o primeiro. *Asas como almas* contava a história de um homem que viveu sozinho numa ilha por um ano, para estudar uma colônia de andorinhas-do-mar do Ártico. Tratava-se de um relato de onze meses observando pássaros debaixo da chuva (boa parte do tempo), refletindo sobre a condição humana (o tempo todo) e seu estado mental se deteriorando lentamente (não era de se admirar). No fim, ele se jogou de um despenhadeiro. Bem compreensível. As escolhas de Rowan estavam bem lúgubres recentemente – eu rezava por um pouco de romance, de ação. Um pouco de qualquer coisa que não fossem pássaros.

Mary. Mary e Robert, rabisquei no meu caderno.

Eu não vira nenhum sinal de Mary desde que ela me sussurrara aquelas palavras na biblioteca. Eu sentia falta dela. Estranho o quanto tinha me afeiçoado, o quanto eu ansiava pela sua presença, mesmo ela tendo aparecido no lugar da minha irmã. E eu não fazia a mínima ideia do que poderia ter acontecido. Queria vê-la e conhecer mais a sua história.

Mas ainda me parecia estranho e cruel que fosse Mary a aparecer para mim, e não a minha irmã, levando-se em consideração o meu desejo de ver Emily novamente. Eu chamava por Emily todas as noites, na esperança de que, cedo ou tarde, ela voltasse de onde quer que estivesse, mesmo que apenas uma vez, só por um momento. Eu tinha decidido não sair mais à procura dela... não por enquanto, pelo menos. Era devastador demais, e meu coração já estava aos pedaços. Mais mutilações e logo eu teria que me contentar em não ter coração algum.

Talvez Emily já estivesse em outro lugar. Muitas vezes me perguntei por que alguns espíritos permaneciam e outros não, ou

por que só ficavam por um tempo. Talvez por terem algo para fazer, algo a dizer. Às vezes, porém, eu tinha a esmagadora sensação de que eu não estava vendo um fantasma, mas uma lembrança – a lembrança de algo que acontecera. Espíritos e lembranças eram de alguma forma sutilmente diferentes no modo com que se apresentavam para mim.

Com Emily, eu não tinha nada. O seu espírito se fora, e suas lembranças só estavam no meu coração. Ainda assim, eu procuraria por ela até ter certeza.

Sentei-me à escrivaninha e fiquei olhando pela janela. O céu estava límpido, salpicado de estrelas, e a vista das colinas cobertas de pinheiros era tão linda que apoiei o queixo na mão, deixando que esse esplendor me envolvesse e mergulhasse em mim. Eu sentira tanta falta desse céu imenso e infindável – como nunca me dera conta disso? Alex teria amado as cores trespassando as nuvens, roxos e azuis e um tom entre cinza e rosa sem nome... Pensei em escrever um e-mail para ele. Ele não me respondera, e eu tinha tantas coisas para contar. Mas, talvez, ele tivesse lido meu e-mail e preferisse o silêncio...

Eu estava para desligar o computador quando percebi algo se movendo abaixo, na rua, e meus olhos se viram capturados. Era uma figura solitária, bem diante da minha porta. Ela pareceu vir de lugar nenhum, do meio da escuridão. Logan? Ele tinha ido até o pub; talvez já estivesse de volta. Não, era uma mulher. Alguém nos visitando às – olhei para meu relógio – onze e meia da noite?

Estreitei o olhar. Uma mulher magra pairando diante da nossa porta por alguns segundos e depois... entrando.

Ela entrou na casa.

Dei um salto e disparei escada abaixo, desejando poder gritar: *Quem está aí?* E me perguntando quem entraria sem se anunciar, ou pelo menos bater à porta – as portas quase sempre ficavam destrancadas em Glen Avich, mas, mesmo assim, não se entra nas casas das pessoas desse jeito. Minhas mãos tremiam um pouco sobre o corrimão quando cheguei ao último degrau, e, de repente, o formigamento nos membros e o zunido nos ouvidos começou. Claro. Agora eu a reconhecia: Mary.

Ela estava tirando o casaco e as luvas, e seu rosto estava crispado de angústia. Fiquei parada quando ela correu para mim, *através* de mim, subindo as escadas – uma náusea repentina me acometeu, fazendo-me arfar. É difícil explicar a sensação de ter alguém atravessando você. Virei-me rapidamente para vê-la apressada escada acima, e, em seguida, aconteceu de novo – alguma coisa me atravessou, a sensação de náusea retornou, apesar de não tão forte. Havia outra pessoa. Emily?

Apoiei-me com força no corrimão por um segundo, tentando me recobrar. Tinha sido *atravessada*. Duas vezes. Argh! Estremeci e, de repente, percebi que estava gelada até os ossos. Sacudi-me e segui Mary e o segundo espírito até o andar de cima, subindo um degrau de cada vez, pois minha cabeça ainda girava. Permiti-me ter esperanças: por favor, por favor, por favor, que o segundo espírito seja Emily...

Quando parei no último degrau, vi Mary desaparecendo em meu quarto. Entrei. O cômodo estava escuro, a não ser pela luz da tela do computador. Mary estava sentada em minha cama, e o segundo espírito – ainda borrado, impossibilitando que eu distinguísse suas feições – estava ao lado dela.

– Nunca mais a veremos – ela sussurrou entre lágrimas, enquanto o segundo espírito lentamente começou a se solidificar, tornando-se mais visível. Concentrei-me nele, procurando sua mente, e finalmente toquei os limites da sua consciência. Senti desespero, tristeza infinita e gélida, forte o bastante para me tirar o fôlego. Naquele momento eu a vi, mas só por um segundo – era a mãe de Mary, a mulher que tanto se parecia com a minha mãe –, e logo as duas começaram a desaparecer enquanto choravam juntas. Suas formas já perdiam a consistência, e eu enxergava meu travesseiro e minha colcha.

Os espíritos tinham desaparecido quase completamente agora. O formigamento estava sumindo, bem como o leve zunido em meus ouvidos. Minha cabeça parara de girar e eu estava estável sobre meus pés novamente.

Elas estavam tomadas de tristeza, chorando como se seus corações estivessem partidos – e aquelas palavras... *Nunca mais a*

veremos. Do que estavam falando? Sobre quem falavam?

Naquela noite, não consegui dormir. Tudo me parecia errado, como se meus órgãos tivessem mudado de lugar, como se minha pele, uma vez mais, estivesse apertada demais. A ausência de Emily me dilacerava.

Esperei e desejei em vão que Mary voltasse para mim e me fizesse companhia, mas ela não apareceu. Onde estão os fantasmas quando se precisa deles?

Abri as cortinas e fiquei deitada, olhando para fora da janela. Havia um mundo de diferença entre Mary e mim. Ela estava tão apaixonada por Robert, enquanto eu fechara a porta para a vulnerabilidade...

E a mensagem, *Encontre-a*. Sobre quem ela estava falando? E por que elas estavam chorando? Quem elas nunca mais veriam?

Virei e revirei metade da noite, com a mente agitada, trabalhando. Se ao menos eu pudesse contar tudo a Alex... Se eu pudesse lhe contar sobre a Visão e sobre Mary...

Eu ficava imaginando o que ele estaria fazendo. De todos os pensamentos que eu tinha, havia um que eu tentara silenciar repetidamente, mas que insistia em voltar: nunca tinha me sentido mais em paz do que quando estive nos braços de Alex. Fragmentos da nossa noite juntos apareceram diante dos meus olhos fechados, cada um mais afetuoso do que o outro, cada um cravando uma faca ainda mais fundo em minha consciência ferida.

Ele afastara meus cabelos do rosto e plantara um beijo em meus olhos, na minha testa, no meu nariz e só depois encontrou meus lábios. Ele me fitara nos olhos e dissera: *você é tão preciosa para mim...* E outras lembranças que nunca poderei partilhar, recordações tão doces que me estilhaçavam. Tentei me convencer de que elas desapareceriam, mas eu sabia que não.

Por fim, quando a luz irrompeu, não suportava mais e me levantei. Cinco da manhã. Aquele seria um longo dia.

De: Inary@gmail.com

Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Querido Alex,

Como estão as coisas com você? Faz tempo que não tenho notícias suas. Eu estou bem. Mais ou menos. Sabe, antes de adoecer, Emily estava fazendo uma blusa. Ela era ótima em desenhar roupas e costurá-las... Você se lembra do meu vestido branco, aquele que eu usei na sua festa de aniversário há alguns meses? Foi ela quem fez para mim. Puxa, faz tão pouco tempo assim? Parece uma vida. Tantas coisas aconteceram.

Então, ali está a blusa, interminada. Não tive coragem de tirá-la da máquina de costura; ainda está lá, com a agulha enterrada.

A casa está tão vazia sem ela. Toda vez que passo pelo quarto de Emily, penso que vou ouvir a voz dela. O perfume dela ainda está no ar, em toda parte.

Estou fazendo alguns trabalhos para a Rosewood e ajudando Logan na loja, mas nada parece prender minha atenção. Parece que não consigo escrever. Tentei, mas não sei nada. Acho que estou vazia...

Mas Mary apareceu para mim. E eu precisava descobrir mais a respeito dela e fui até a biblioteca em Kinnear...

Desejei poder contar isso a ele.

Mas eu tinha medo.

... Bom, melhor ir agora. Nos falamos em breve?

Bjs,
Inary

*Um pensamento fugidio***Alex**

– Uma frente fria, é?

Brenda, minha irmã mais velha, riu.

– Sim. Por que está tão interessado no clima da Escócia, assim, de repente?

– Por nada. Só puxando assunto – respondi.

– Tá. Você está bem?

– Sim, claro.

– Parece preocupado com alguma coisa – ela me conhecia bem demais.

– Não, estou bem. Uma amiga minha está em Aberdeen agora, e eu só estava pensando...

– Amiga?

– Brenda. Chega. Tenho que ir.

Ela riu.

– Tudo bem. Sabe que eu vou descobrir, não sabe?

Claro que descobriria. E depois, provavelmente, gostaria de enfiar um pouco de juízo em Inary.

Desliguei e repousei o queixo na mão, olhando para a tela do computador, a caixa de mensagens aberta. Inary me pareceu tão para baixo, e não havia nada que eu pudesse fazer.

E também havia Sharon. Minha *namorada*. Eu não podia justificar falar tanto com Inary como costumava fazer antes de tudo aquilo. Eu não tinha como justificar nem para mim. E mesmo assim falava.

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Para: Inary@gmail.com

Querida Inary,

Lembro-me desse vestido. Parecia que você era feita de espuma e que tinha acabado de sair do mar...

Piegas. Apaguei tudo e recomecei.

Querida Inary,

Lembro-me desse vestido. Emily era tão talentosa, e você também é. Você vai voltar a escrever, claro. Só tem que ser paciente e dar tempo ao tempo. Só posso imaginar o que você está sentindo agora... Gostaria de poder tirar essa dor de você, mesmo. Eu queria poder ajudar mais. Desculpe por ter desaparecido. Ando ocupado!

Alex

Fiquei agonizando se deveria ou não colocar um "bjs". Não coloquei. Apertei "enviar".

Alguns instantes mais tarde, meu telefone tocou de novo – o nome de Sharon surgiu na tela. Eu estava atendendo e levando o aparelho à orelha quando um e-mail apareceu na caixa de entrada: era de Inary.

– Oi...

– Oi... Tudo bem?

– Sim. Você?

Querido Alex,

Sem problema. Ficar ocupado às vezes é bom. Você me ajuda muito. Claro que deve saber disso. Os seus e-mails sempre me fazem sorrir; adoro ficar sabendo das novidades do Chromatica e das suas viagens...

Sharon suspirou.

– Alex?

– Sim, desculpe. O que você disse?

... Então, para onde você vai da próxima vez? A sua vida é tão glamourosa. Todos aqueles lugares que você vê... Mesmo assim, neste instante, eu só quero ficar aqui em Glen Avich, onde posso me sentir perto de Emily... Tenho tanto para te contar, mas preciso ir adiantando o trabalho. Mais pássaros, Alex! Lembra do que eu te contei sobre os livros de Rowan? Francamente, é uma tortura.

Até mais,

Bjs,

Inary

– Alex? Liguei numa má hora?

– Não, claro que não. Desculpe. Então, você estava falando sobre hoje à noite...

– Não se você estiver ocupado demais – ela parecia irritada.

– Claro que não. Na minha ou na sua?

– Venha pra minha casa. Preparo o jantar. Nos falamos mais tarde. Te amo...

– Ok. Até mais tarde.

Houve uma pausa silenciosa, e eu percebi o que acabara de dizer. O que eu não dissera.

– Eu te amo – acrescentei rapidamente, sentindo-me nauseado.

29

Separação

Inary

Suspirei e forcei meus olhos a voltarem para a tela, tentando juntar forças para trabalhar, quando meu telefone emitiu um sinal.

Estou aqui fora.

Era Taylor – tínhamos marcado de caminhar no bosque. Levantei-me e acenei para ele da janela. Ele estava recostado no Land Rover, esperando por mim. Ele retribuiu o aceno, sorrindo. Para minha surpresa, vi Logan atravessando a rua na direção dele, com a câmera em volta do pescoço.

Apressei-me escada abaixo e saí debaixo de um céu rosado, tão suave quanto um abraço. Acabara de chover, e alguns raios de sol rompiam as nuvens, fazendo tudo – as árvores, a rua, a ponte de pedra – reluzir com as gotas da chuva. O ar estava com aquele cheiro de molhado depois da chuva, um dos meus cheiros preferidos em todo o mundo.

– Vou tirar algumas fotos de árvores – Logan disse ao entrar no carro. – Estou preparando um projeto com texturas para a galeria de arte – explicou. – Importa-se se eu for junto?

Balancei a cabeça com um sorriso.

Taylor ligou o carro.

– Então, pessoal... Pensei em andarmos ao longo da margem, depois pelo *crannóg*?

Senti a cor fugir do meu rosto. Estaríamos muito próximos do lago. Pensando bem, era só eu evitar a margem.

Paramos o carro numa pequena clareira, a uma distância segura da água. Eu conseguia ver o lago imóvel e escuro ao longe, e a silhueta de Ailsa, a ilha no meio dele, mas eu estava longe o bastante para não ter medo. Taylor e eu começamos a andar devagar, inspirando o ar fresco, enquanto Logan ficava parando para tirar fotos de folhas e de raízes. Estávamos em uma prainha

de seixos quando olhei de relance para a margem do lago. Havia uma figura parada nas pedras. O terror se apossou de mim por um segundo, mas só por um segundo – logo vi que não era a menina do lago. Era uma mulher, uma forma delgada coroada por cabelos ondulados. Seria uma pessoa viva ou um espírito? Relanceei rapidamente para Taylor – ele não demonstrou tê-la visto, mas isso não significava necessariamente que fosse um fantasma. Talvez ele só não a tivesse visto. Prestei atenção em mim – nenhum formigamento, nenhum zunido. Mas talvez eu estivesse longe demais.

Parei e fiquei imóvel. Taylor parou também e se virou, olhando para mim. Era como se ele pudesse sentir que algo sinistro estava acontecendo.

Bem naquele instante, tive a minha resposta: podia ver seixos molhados através dos pés da mulher, e a superfície tranquila do lago estava embaçada através do corpo dela. Afastei-me de Taylor – eu não poderia tê-lo me prendendo no nosso lado da realidade, eu tinha que estar sozinha – e me aproximei um pouco. O vestido azul, o cabelo escuro numa trança às costas, a forma delicada – *Mary*, chamei-a silenciosamente.

Não corri para não perturbá-la; em vez disso, avancei lentamente, o mais silenciosamente que consegui, deixando Logan e Taylor para trás, prosseguindo sozinha. Meus membros começaram a formigar de leve e meus ouvidos a zunir, como se a realidade se alterasse imperceptivelmente ao meu redor. Quanto mais eu me aproximava dela, mais fortes ficavam as sensações.

Em seguida, sem aviso, uma parede de tristeza me atingiu e me deixou ligeiramente tonta. Era algo praticamente físico. Levei as mãos ao peito e segurei meu coração, a poucos metros de Mary. Os pensamentos dela eram soturnos, carregados de tristeza, e meus olhos ficaram marejados.

Podia ouvir meu irmão e Taylor me chamando, mas não conseguia me forçar a sair do meu semitransê e dar as costas. Eu tinha que saber o que estava acontecendo com ela. Fiquei imóvel, as mãos ainda agarradas ao coração, olhando. Mary pisava numa pedra achatada na beira do lago. Havia uma coisa em suas mãos.

O lago estava assustadoramente próximo e a ideia de me aproximar ainda mais me aterrorizava. Mas Mary estava tão triste... Eu queria tocá-la, queria abraçá-la. Queria lhe dizer que eu estava ali. Obriguei-me a avançar um passo, e depois outro, e mais um. O puxão na direção de Mary era mais forte do que o meu medo da água.

Caminhei suavemente sobre a grama na direção da praia de seixos, os olhos fixos nela, até estar quase atrás dela. Estiquei a mão...

– O que ela está fazendo? – ouvi Taylor dizer atrás de mim.

– Ela viu alguma coisa. Uma garça, talvez – Logan respondeu rapidamente. Obrigada, Logan, pensei atordoada.

Devagar, como se isso a fizesse sofrer, Mary ergueu a mão e soltou algo – um pedaço de papel, uma carta. Depois outra, e mais uma. Uma a uma, ela deixou as cartas caírem, a raiva revelada pelo arco do braço, das costas, e em seguida ela despejou um maço delas. Segui o voo delas com os olhos, e depois desapareceram no alto, sem tocar na água. Quando meus olhos abandonaram as cartas e retornaram para Mary, vi que ela também estava desaparecendo. Seu cabelo sedoso, os braços magros, a forma graciosa se dissolvendo em pleno ar, amalgamando-se aos seixos e ao lago.

O formigamento em meus membros desapareceu e houve silêncio uma vez mais em meus ouvidos, a não ser pelo barulho suave da água batendo nas pedrinhas. Mas a profunda tristeza permaneceu. O gesto de Mary estava carregado de perda. Algo acontecera. Ela jogara as cartas fora, na água – seriam as cartas de Robert? Algo me dizia que sim.

De repente, Logan apareceu perto de mim. Não disse nada, mas ficou bem perto, braço contra braço, e ele tocou minha mão de leve. Ele não passaria o braço ao redor dos meus ombros enquanto houvesse alguém por perto. Típico de Logan.

– Já foi embora? – Taylor nos alcançou.

Assenti, sem conseguir desviar o olhar de onde Mary esteve.

– Que pena. Teria dado uma excelente foto para você, Logan – ele disse, e pareceu estar recitando um roteiro.

Taylor suspeitava de alguma coisa, percebi. Fitei-o com os olhos arregalados, e ele sustentou meu olhar, sem revelar nada.

De súbito, lembrei-me de como estava próxima da água. Virei-me e corri terra adentro, seguida pelo meu irmão e por Taylor.

– Que tal uma cerveja agora? – Taylor convidou ao entrarmos no carro. Ele ficava olhando para mim, mal disfarçando a preocupação no olhar.

Eu queria voltar para casa – queria ficar só e refletir sobre o que acabara de acontecer, mas não sabia que desculpa dar que não os fizessem ficar preocupados comigo.

No fim, ficar sentada no pub com uma caneca de cerveja na mão foi o melhor que eu poderia ter feito, porque parte da tristeza que eu sentira por intermédio de Mary sumiu de mim com o calor da bebida.

Quando Logan se afastou para dar um telefonema, Taylor aproveitou sua chance.

– Inary... O que aconteceu lá...? – ele disse assim que Logan se afastara o suficiente para não ouvir. Relanceou de lado, à procura das palavras certas.

Fitei-o, uma fila de mentiras se formando em minha mente – qual eu escolheria? Estava acostumada a mentir a respeito da Visão, pois já mentira tanto.

– Foi o mesmo tipo de coisa que aconteceu na escavação?

E então a minha mente ficou em branco. Todas as desculpas desapareceram. Não consegui pensar em nada. Desviei o olhar e tomei mais um gole da bebida.

– Espero que um dia, em breve, você possa me contar, Inary. Porque, acredite em mim, isso está ficando *esquisito*.

E você acha que *eu* já não sei?



Consegui convencer Taylor e Logan de que estava cansada e precisava dormir cedo. Eu queria que Mary voltasse para mim, queria descobrir o que havia acontecido. Eu sentia nos ossos que ela me visitaria naquela noite.

Estava certa. Estava lendo debaixo das cobertas, o rosto virado para a parede, quando senti um peso ao meu lado, como se alguém tivesse se sentado na cama. Por uma fração de segundo, permiti-me ter esperanças de que fosse Emily, mas, no fundo, eu *sabia*. Virei-me e lá estava ela: Mary, sentada tão perto das minhas pernas, dobradas debaixo dos cobertores, que quase encostava no meu quadril. Suas costas estavam arqueadas, como se ela estivesse sob um peso enorme, o queixo encostado no peito. Suas mãos estavam cruzadas no colo, segurando algo amassado entre os dedos. Como uma onda, a mente dela fluiu para a minha, fazendo-me arfar de leve. Por sobre o zumbido em meus ouvidos, consegui ouvir seus pensamentos. Era como se toda a sua vitalidade e paixão pela vida tivessem sumido, tragadas pelo que quer que tivesse acontecido. Ela alisou o pedaço de papel e olhou para ele, um soluço baixo escapando dos lábios.

Minha querida Mary,

Eu sinto muito. Não posso abandoná-la. Anna está grávida do nosso filho – isso aconteceu antes que eu conhecesse você, e eu não fazia ideia, mas, ainda assim, tenho que ficar ao lado deles. Eu sinto muito mesmo, por tudo pelo que sua família passou.

Estou me odiando, mas não sou forte o bastante para dar as costas.

Por favor, me perdoe.

Robert

Cada uma das palavras era como uma pedra atingindo-a, e eu senti cada golpe. Então era por isso que ela tinha jogado fora as cartas dele.

Que triste... que cruel que Mary e Robert tivessem se conhecido bem quando os dados haviam sido lançados, rolando para sempre. A vida caçara deles, dos três.

Pobre Mary! Como desejei que ela não tivesse passado pelo que eu passei. De certa forma, pobre Robert também, por se ver diante de uma escolha tão difícil.

Ainda assim, pelo menos ele teve escolha. Diferentemente de Mary, que só pôde aceitar a dele.

30

Milagres

Inary

Eilidh e eu passamos a nos encontrar no La Piazza todas as quartas-feiras de manhã para tomar café e comer bolo. Eu sempre ficava ansiosa por essas quartas; nós duas éramos o centro desses encontros, mas existia uma constelação de mulheres, com ou sem filhos a tiracolo, indo e vindo ao nosso redor. Tenho que confessar que me divertia mais quando podia ter Eilidh só para mim.

O surgimento do La Piazza causara muita excitação e, no início, um toque de desconfiança na cidade. As velhas senhoras foram conhecer primeiro, para verificar a novidade e depois relatar aos amigos e à família. O lugar oferecia algumas coisas diferentes – especialmente no cardápio do almoço, cuscuz e queijo de cabra, pesto e frango *tagine* – e tinha todo tipo de café, como expresso caramelo, *mochaccino* e – pensem só – *chai latte*. Em Glen Avich. Mas também servia o básico como chá, pães de minuto e bolinhos, e o La Piazza passou no teste das Velhas Senhoras com louvor. O restante dos cidadãos de Glen Avich as seguiu e logo todos ficaram encantados com a adorável Debora, uma mulher ítalo-escocesa de olhos negros e infundável energia.

– Qual será o *potpourri* de hoje? – sussurrou Eilidh, inclinando-se na minha direção.

Potpourri?, ergui as sobrancelhas.

– É. Não percebeu? Debora troca o *potpourri* do banheiro todas as semanas. Em esquema de rodízio. Lavanda, pêssego, frutas vermelhas, rosas, limão... Vamos apostar qual é o desta semana? O que vamos apostar? Um bolo de creme, Sorley? Fechado? – ela balançou a mãozinha de Sorley, brincando, e ele gargalhou de felicidade em seu cadeirão.

Lavanda, escrevi.

– Ok, pra mim é pêssego. Sorley? – Sorley disse algo entre *dão* e *não*, o que interpretamos como sendo limão. – Ok. Lavanda,

pêssego e limão. Se não for nenhum desses...

– Dá! – gritou Sorley.

– Ele quis dizer que vamos comer o bolo de creme mesmo assim. Bom garoto. Lá vou eu... – e desapareceu para o banheiro, sob o olhar atento de Sorley.

– *Mna?* – ele perguntou.

Sorri e afaguei seu braço, que era a minha tentativa de dizer sem palavras: *Mamãe vai voltar logo, mas, enquanto isso, você está seguro comigo.* Ele retribuiu o meu sorriso – ele acreditara em mim e, por um momento, meu coração era como chocolate derretido.

– Inary, querida... – eram Maggie e Liz, as amigas da tia Mhairi.

– Como você está? – perguntou Liz.

Bem, articulei e sorri.

– Ainda sem voz. Pobrezinha. E quem é este bebê adorável? – disse ela.

– Não pode ser o efeito da água! – riu Maggie, Liz se juntando alegremente a ela.

Fiquei sem entender, até me lembrar da água do poço de St. Coleman. Elas acreditavam que se eu a bebesse, recuperaria a voz. Fiquei gélida ao pensar que Sorley poderia ser confundido por um filho meu, mesmo que de brincadeira. Não me entenda mal, ele era um bebê adorável, mas eu estava a quilômetros e quilômetros de me sentir pronta para ser mãe.

Ele é filho de Eilidh McCrimmon, escrevi.

– O que é isso? – disse Liz, estreitando os olhos. – Estou sem meus óculos.

– Espere um minutinho só... – Maggie vasculhou a bolsa, pegou uma caixinha com zíper e colocou os óculos. – Eilidh Mc... Ah, sim. Ele é filho de Eilidh McCrimmon – explicou para a amiga. – Claro que você é! Não o reconheci sem a sua mamãe. Olá, dedinhos gordos! Isso mesmo, dedinhos gordinhos, gordinhos!

– Ah, como ele é lindo! Você devia mesmo considerar aquela água, Inary... – sussurrou Liz.

– Com certeza. Você pode acabar com um efeito colateral muito bom! – riu Maggie. – Se tiver um homem também, claro. Quantos anos você tem, querida?

Quase 26, escrevi e rezei mentalmente para que elas deixassem o assunto de lado.

– Vinte e seis! Na sua idade eu já tinha as minhas três filhas!

– E fazia anos que eu estava casada!

Estremeci internamente.

Pensando bem, talvez fosse um bom plano. A água miraculosa do poço de St. Coleman me curaria e me daria um filho, depois publicaríamos a minha história no Facebook, colocando Glen Avich no roteiro de lugares milagreiros.

– Ou você pode procurar o padre McCroury. Ele abençoaria a sua garganta – disse Maggie, toda solene.

Senti meus lábios se curvando antes de conseguir me conter.

– Pode rir o quanto quiser, mocinha, mas foi assim que meu marido se curou dos cálculos biliares. Uma bênção.

– E Isobel, lembra? – reiterou Liz. – Ah, Isobel sofreu muito com as articulações. Artrite – repetiu ela e assentiu para dar ênfase. – Ela recebeu uma bênção do padre Sartori lá em Kinnear, e melhorou.

– O problema sumiu. Como se nunca tivesse existido – ecoou Maggie.

Sorri de um modo que esperava que fosse mais agradecido do que divertido. Elas não diziam por mal. Afinal, a minha avó também acreditava nos poderes miraculosos das bênçãos e da água benta. Talvez tudo estivesse na mente.

– Bem, querida... Tomara que não tenham acabado os pãezinhos de minuto. Eles sempre acabam às quartas – disse Liz, olhando para o balcão.

– É o pessoal do asilo. Agora eles vêm para cá às quartas. São como gafanhotos com esses pãezinhos – sussurrou Maggie.

– Gafanhotos! – ecoou Liz.

– Limão! Sorley ganhou! – Eilidh estava de volta. – Ah, olá – cumprimentou Maggie e Liz.

– Olá, querida. Que lindo menino você tem! E como vai a filha de Jamie...?

– Maisie. Ela está ótima, obrigada.

– Vocês dois têm dois lindos filhos, Eilidh – disse Maggie com uma gentileza sincera.

– Tenho mesmo. Obrigada.

Houve uma sequência de “cuide-se, meu bem” e “fique bem, meu amor”, e elas foram se sentar a uma mesa próxima à janela, com um último sussurro de Liz: *tente a água!*

– Do que elas estão falando? – murmurou Eilidh.

Elas acham que a água do poço pode me curar.

– Hum. Pensei que ela só ajudasse as mulheres a engravidar. Sempre suspeitei que Peggy tivesse colocado um pouco dela no meu chá, porque Sorley é um verdadeiro milagre. Muito bem! O garoto conseguiu seu bolo de creme. Conseguiu, sim! – ela fez cócegas nos pezinhos de Sorley, que começou a rir.

– Prontas, garotas? – era Debora, animada como sempre.

Conseguimos garantir dois *muffins* e o bolo de creme; os gafanhotos do asilo só tinham deixado isso.

– Mãe! – a voz de uma menina ressoou atrás de nós. Virei-me e vi Peggy entrando com Maisie. O rosto de Eilidh se iluminou e se abriu num sorriso ao vê-las. Eilidh já mencionara para mim o quanto ficara satisfeita quando Maisie começara a fazer isso. Quando estava em Londres, vira Janet Heath, a mãe biológica de Maisie, nos jornais e em pôsteres em toda parte. Alex era fã do trabalho dela, mas não tanto da pessoa, depois que lhe contei que ela abandonara Maisie e rompera qualquer forma de contato. Fiquei feliz em ver Maisie e Eilidh tão próximas, tão felizes – as duas mereciam isso. Vi quando ela passou um braço ao redor da cintura de Maisie, com Sorley sobre seu joelho, tão contente com sua pequena família, e fiquei me perguntando o que o futuro reservava para mim.

*Rios do tempo***Inary**

– Está pronta?

Assenti. Taylor abriu a porta do carro para mim. Era uma quinta-feira fria, um recuo para o inverno, e eu estava encolhida num cachecol e numa boina vermelha.

– O que vamos procurar hoje?

Peguei o caderno. *Certidões de casamento.*

– Ok. Precisamos descobrir com quem Mary Gibson se casou?

Sim. Obrigada por estar fazendo isso, Taylor.

– De nada. Não consigo pensar num modo melhor de passar meu tempo livre do que numa biblioteca.

Eu ri, e ele olhou para mim, surpreso.

– Não estou brincando. Sou arqueólogo, lembra? Adoro esse tipo de coisa.

Enquanto nos dirigíamos para lá, roubei um relance do seu perfil. Ele estreitava o olhar contra a luz do sol de inverno, os cabelos dourados, um indício de sardas no nariz... E além dele, os infinitos tons de marrom e púrpura do cenário passando ao nosso lado. Meu coração se contraiu de repente, e não soube bem o porquê – que pensamento, que lembrança acabara de me ferir, como um golpe de lado? Ah, sim, claro. As cores. Alex. Fiquei imaginando o que ele estaria fazendo, se a vida dele seguira em frente, enquanto a minha parecia ter parado. Numa eterna repetição, como no filme *Feitiço do tempo*. Suspensa.

Lucy ficou muito feliz em nos ver. Ok, ela estava muito feliz em ver Taylor. Ela nos conduziu até a sala dos arquivos novamente e nos desejou boa sorte. E nós precisamos, porque, três horas mais tarde, ainda vasculhávamos documentos. As certidões de casamento de Glen Avich, por algum motivo, estavam agrupadas com as de Kilronan e de Kinnear – e isso totalizava *muitos* documentos.

– Chá e pãozinho? – Lucy enfiou a cabeça para dentro da sala.

– Deixe-me adivinhar. A sua mãe que fez? – palpitou Taylor.
Lucy corou e deu uma risadinha.

– Ela fez mesmo! Foi um bom dia pra vocês virem.

Pode ir, eu estou bem, escrevi.

– Não vai levar nem um minuto – disse Taylor, seguindo Lucy até a sala ao lado.

Sozinha, recostei-me na cadeira e suspirei. Eu sabia que estava ficando obcecada por Mary e a história dela, mas era algo para me distrair da dor constante no meu peito. E eu não conseguia deixar de pensar que era meu dever descobrir mais coisas a respeito dela.

Depois de alguns minutos, Taylor retornou com uma caneca de chá e um pãozinho. Meu rosto revelou minha pergunta, lembrando-me das palavras da bibliotecária no nosso primeiro dia ali: comida e bebida não eram permitidas na sala de arquivos.

– Ela gosta de mim – sussurrou ele. – Por isso me deixou trazer isso pra você.

Sorri e me servi.

– Espere, Inary. Essa não é... – Taylor apontou para a tela. – Veja, Mary Gibson!

Fiquei ereta, alerta. Tivemos alguns alarmes falsos antes, aparentemente a combinação de nome e sobrenome, Mary Gibson, era comum naquela época...

– Mary Gibson, nascida em 1o de outubro de 1895... É ela!

Assenti freneticamente e rolei a tela para baixo. Casada com Alan Monteith... Monteith, meu sobrenome! Mas... Alan? E não Robert?

– Bate aqui! – ele levantou a palma da mão. Bati nela com a minha, rindo. Ele era tão... americano, às vezes, em seu modo expansivo e engraçado. Ele sempre arrancava um sorriso de mim. – Parece que vocês são parentes. Claro – disse ele –, todos aqui são parentes! Estou surpreso que vocês não tenham três pernas e um olho no meio da testa...

Não consegui deixar de rir. Ele tinha razão – todos eram parentes por ali. Deus abençoe os recém-chegados...

Concordei, anotando informações do documento. A excitação da descoberta estava começando a perder a graça quando percebi o seu significado: Mary e Robert não tinham se casado, no fim. Robert

rompeu com ela de vez. Ele deve ter se casado com Anna, a bela mulher da minha visão, e Mary se casou com Alan Monteith.

– Terminamos?

Assenti, sentindo-me um pouco murcha.

– Obrigado, Lucy – disse ele para a jovem bibliotecária, dando uma piscadela. Ele *piscou*. Revirei os olhos, mas achei engraçado.

– Ah, já vão embora? Quando voltarei a vê-los? Quero dizer, posso fazer mais alguma coisa...?

– Tenho certeza de que voltaremos – disse Taylor.

– Até mais, então – respondeu Lucy. Com sutileza.

Portanto, não houve um final feliz para Mary e Robert. Ela lhe entregara a alma, assim como eu tinha entregado a minha a Lewis. E, quando eles partiram, não sobrou nada de nós, a não ser uma pequena centelha, ameaçada de extinção a qualquer segundo. As forças, a alegria e a esperança de felicidade desapareceram.

Você não deveria tê-lo amado tanto quanto amou, Mary. É isso o que acontece quando você ama demais, quando se apaixona, pensei com tristeza.

À procura de um coração

Alex

Tudo corria bem. E então ela mencionou a Escócia.

Sharon e eu tínhamos passado o dia no Hyde Park, e depois voltamos para o meu apartamento. Ela preparara quitutes gregos, colocamos música, e tudo ia bem... até ela me perguntar quando eu planejava voltar para casa.

A visão de uma cidade com um vulcão no meio e um castelo sobre ele se formou diante dos meus olhos. E mais: colinas varridas pelo vento e céus pesados e praias infinitas – meu lar.

De um jeito estranho, lar era Inary.

O feitiço se quebrou. Fiquei distraído pelo resto da noite – eu via a preocupação no rosto de Sharon, e me odiei por causar aquele sofrimento. Será que eu a estava enganando? Será que Inary estivera *me* enganando? Enganando nós dois, sem querer? Seria aquele algum tipo de dança misteriosa, onde cada um de nós estava ligado ao outro numa determinada coreografia, estando destinados a nos magoar?

Foi bem típico, depois de ter passado o dia todo com Sharon, Inary aparecer nos meus sonhos. Sonhei com uma tarde em que fomos ao Regent's Park, para ver uma peça de teatro a céu aberto. Eu ainda estava naquele estágio em que pensava que poderia haver algo entre nós, antes de perceber o quanto ela estava determinada a manter nossa ligação dentro do espectro da amizade. Ou dentro do espectro da tortura, dependendo do ponto de vista.

No meu sonho, todos os detalhes daquele dia voltaram, como se tivesse acontecido ontem. Ela estava sentada ao meu lado, lendo a programação, o casaquinho de lã dobrado no colo e os cachos ruivos enrolados na orelha como alga ao redor de uma concha. Ela estava usando um vestido florido e curto em tons de verde, azul e verde-azulado, ressaltando o incrível tom de azul dos olhos dela. O

sol se pondo brilhava em seus cabelos, tornando-os cobre dourado. No meu sonho, eu até sentia seu perfume, o protetor solar e algo floral, como seu vestido. A presença dela ao meu lado – ternura e excitação e a promessa da pele macia – e as cenas sonhadoras de *Sonho de uma noite de verão* se mesclaram e, quando a peça terminou, eu também estava num sonho.

Então o sonho ficou estranho. Inary tocou no meu rosto e se inclinou para me beijar. Mas na fração de segundo antes de nossos lábios se encontrarem, ela começou a sumir, como uma visão. Como a fantasia que ela sempre foi.

Ao meu lado, sobrou uma cadeira vazia, o programa dobrado e enlameado aos meus pés, e nenhum sinal de Inary.

Ela tinha ido embora.

Era essa a nossa realidade agora, quer eu gostasse ou não. Inary estava longe, do outro lado do país, a quilômetros e quilômetros de mim. Fomos afastados – não, espere. Nunca estivemos juntos.

33

Colisão

Inary

Abri os olhos quando o dia já estava claro – o que é incomum para mim, já que costumo acordar muito antes disso. O sonho fora tão real, tão poderoso.

Fazia muito tempo que eu não pensava naquela noite: a noite em que Alex e eu fomos assistir *Sonho de uma noite de verão*. Naquele dia, eu não prestava atenção em muita coisa a não ser no fato de que, no dia anterior, fora o meu aniversário e Lewis não me telefonara. Eu não *queria* que ele me telefonasse, mas era tudo muito surreal. Parecia-me impossível que eu não falasse com ele no meu aniversário. Nem nunca mais.

Como se eu tivesse despertado de um pesadelo.

Nos dias que antecederam a data, mantive-me freneticamente ativa, incapaz de parar. Trabalho, compras, aulas de ginástica que eu odiava, baladas – qualquer coisa, menos ficar sozinha pensando na confusão que era a minha vida. Estava exausta, e a sobrecarga de atividades não surtira o efeito desejado – a minha mente ainda trabalhava constantemente, levando-me para lugares solitários e invernais. Portanto, ficara agradecida com o convite de Alex para passar mais uma noite fora de casa, tentando me distrair. A presença de Alex me acalmava. Só ouvir a voz dele já me relaxava, dando-me uma folga do caos das minhas emoções. Aparentemente, ele surtia o mesmo efeito em muitas pessoas.

Foi uma noite perfeita. Quase me senti feliz por alguns momentos – não exatamente feliz, mas quase. Depois da peça, fomos dar uma volta e comemos batatas fritas direto de um cone de jornal – brincamos que conseguíamos ler as notícias nas batatas. Quando ele me levou para casa e me deixou na porta, lembro-me de ter me sentido verdadeiramente desolada. Quis que ele subisse comigo e me ajudasse a esquecer, mas me contive. E eu deveria ter me contido *naquela outra noite* também.

No meu sonho, revivi todos os momentos, cena a cena, de um companheirismo tranquilo e de alegria reconfortante.

Quando acordei, esperei ver as paredes cor de lilás do meu quarto em Londres, ouvir o som abafado do trânsito através da janela. Precisei de alguns minutos para perceber que não estava em Londres, mas na minha casa em Glen Avich. E que Alex estava longe, muito longe.

Inary

Fiz um pequeno calendário até o dia da chegada de Lesley, e toda manhã riscava um dia. Mal podia esperar. Finalmente, o dia chegou, e ela me enviou uma mensagem de texto para dizer que estava a uma hora de distância.

Quando vi o carro de Lesley aparecer no fim da rua – eu estivera verificando a janela a cada dez minutos desde que ela me mandara a mensagem –, corri para baixo e comecei a acenar como um moinho de vento. Ela mal teve tempo para sair completamente do carro e eu já a abraçava com força, inspirando o perfume de baunilha que era a sua marca registrada.

– Estava com tanta saudade! – disse ela, e fizemos uma pequena dança do abraço no meio da rua. – Deixe-me olhar pra você – ela me segurou à distância do braço, as mãos em meus ombros. – Você emagreceu...

Preciso do seu curry, quis dizer, mas não conseguia. *Estou bem*, articulei em vez disso. Seus olhos se entristeceram de pronto. Sim, eu ainda não estava falando. Ela sabia disso, claro, mas eu podia imaginar o choque dela ao ver isso com os próprios olhos.

Não se preocupe, articulei. Mas sabia que ela não ficaria sossegada.

– Ah, Inary... – disse ela, abraçando-me novamente. Sorri e dei de ombros, tentando fingir que estava tudo bem, que me acostumara àquilo.

Levamos sua bagagem para dentro – duas malas para passar só um final de semana! Essa era a Lesley que eu conhecia e amava. Eu lhe dei o presente que preparara para ela – um colar feito por Jamie McAnena – e ela fez os ohs e os ahs que eu esperava. Em seguida, ela pegou algo na mala para mim.

– Pra você – disse ela ao me entregar o presente embrulhado num papel vermelho de bolinhas brancas e uma fita branca. Abri com cuidado, tentando não rasgar o lindo papel. Era um ursinho de

pelúcia com o uniforme vermelho da guarda da rainha, chapéu preto alto e tudo o mais.

– Pra que você se lembre da sua casa em Londres – disse ela, e nós duas ficamos com os olhos marejados. Em seguida, mais lágrimas viriam, porque eu tinha algo mais a lhe dar.

Peguei Lesley pela mão e a conduzi até o quarto de Emily. Abri a gaveta da mesinha de cabeceira e peguei o iPod verde. Entreguei-o para Lesley.

– Isso era... da Emily? – ela perguntou, pegando-o com cuidado. Inclinei-me sobre a escrivaninha para escrever.

São todas as músicas dela. Ela me pediu pra dar pra você.

Lesley cobriu a boca com a mão, sufocando um soluço.

– Obrigada – disse por fim. – Vou cuidar com muito carinho.



Meia hora mais tarde, estávamos no Green Hat diante de duas laranjadas com vodca.

– Então, o que é isso com a sua voz? – a testa dela se crispou.

Dei de ombros e baixei o olhar. Odiei vê-la tão preocupada comigo. E eu temia que ela fosse tentar me convencer a procurar um médico de novo. Eu não estava pronta para isso. Ainda não.

– Deus, o que se faz para curar um trauma? Terapia? Antidepressivos? Balancei a cabeça.

Tempo, escrevi.

– Querida, já faz três meses... – uma pausa, depois uma inspiração profunda. – Você não vai voltar para Londres, vai?

Puxa. Eu não estava esperando essa pergunta.

Não sei. Logan está sozinho. Ainda não me demiti do meu emprego. Se eu ficar, eu te aviso. Por causa do apartamento, quero dizer.

– Não se preocupe com isso. Eu entendo – houve outro instante de silêncio, e depois: – Foi esse que Alex mandou pra você? – perguntou, apontando para o caderno.

Sorri. *Sim.*

– Falei com ele ontem.

Eu não sabia o que dizer.

Ele sabe que você veio me ver?

– Sim. Mas não disse nada.

Ah.

– A propósito... acho que ele está saindo com alguém. Mas não tenho certeza...

Pisquei uma vez, duas. Fogos de artifício de confusão explodiam na minha cabeça, e não entendi o que Lesley disse em seguida.

Desculpe, o que você disse?

– Eu disse que acho que Alex está saindo com alguém. Uma garota do trabalho, Sharon. Não estou cem por cento certa de que estão juntos desse jeito, mas eu os vi recentemente e havia alguma coisa ali. Deve ser melhor assim, Inary. Vocês não podiam ficar nesse ir e vir a vida toda.

Os fogos de artifício continuaram explodindo, e eu tentei, desesperada, silenciá-los antes que Lesley percebesse. Fiquei furiosa comigo por me sentir assim. Recusei ter um relacionamento com Alex. Ele estava livre para fazer o que bem entendesse. Na verdade, aquilo deveria ser um alívio para mim. Eu estava tentando colocar um pouco de distância entre nós, não estava? Alex tinha que se manter celibatário para sempre e ficar se lamuriando, senão eu ficaria magoada... Egoísta e completamente absurdo.

É tão bom ter você aqui comigo, escrevi, tentando retribuir o seu sorriso. Como se tudo estivesse bem. Como se eu não tivesse sentimento *algum* por Alex, secreto ou não.



Todos fomos para Kinnear: Lesley, Logan, Taylor e eu. Mas a minha cabeça estava em outro lugar. Não consegui evitar. Eu ficava pensando em Alex saindo... com *aquela garota*. Eu não conseguia sequer pensar no nome dela.

– Recebi um telefonema de Lucy hoje – disse Taylor quando ficamos sozinhos por um instante.

Quem?, eu disse.

– Lucy, a bibliotecária, lembra?

Sorri. *Então você deu o seu número pra ela! Legal!*, escrevi no meu caderno. Obviamente a minha rejeição o deixara de coração partido.

– Não foi assim! Quero dizer... só pro caso de ela encontrar algo que pudesse nos interessar...

E o que ela descobriu?, escrevi, subitamente alerta.

– Ela me disse que existe outro lugar em que podemos procurar informações.

Assenti, encorajando-o a continuar.

– Você conhece os Ramsay, de Glen Avich?

Ah, sim, são meus primos. Do lado da minha mãe.

Taylor riu.

– Claro! Eu devia ter imaginado! Bem, ao que tudo leva a crer, o lorde Ramsay é um dos patrocinadores da biblioteca. Lucy fez um trabalho para eles nas horas de folga, catalogando coisas. Ela disse que eles sabem muito sobre a história local...

Lorde Ramsay... Isto é, Torcuil... ele estava no enterro de Emily. Tenho o número dele, escrevi, pegando o meu celular.

– Quer que eu ligue pra ele?

Importa-se?

– Imagina. Me dá o seu telefone...

Dez minutos mais tarde, ele voltou para a boate.

– Torcuil está em Londres agora, mas entrará em contato assim que voltar – ele sorriu. – A propósito, Lucy sugeriu, pra sua voz... já tentou comer anchovas?



Mais tarde, Lesley e eu escapamos sorrateiramente para comer batatas fritas no Golden Palace, nos jardins St. Coleman, só nós duas. Teria sido perfeito, se a minha cabeça não insistisse em voltar para Alex a cada dois minutos. Eu tinha a horrenda suspeita de ter encontrado aquela garota uma vez. Horrenda porque, se ela fosse a moça da qual eu me lembrava, alta, morena, cabelos sedosos que caíam em ondas sobre os ombros, ela era linda.

Meti os pés pelas mãos, não foi?

– Sabe, o apartamento está tão vazio sem você, Inary... – comentou Lesley.

Vazio sem a minha bagunça, você quer dizer!, escrevi, rindo, e deixando uma minúscula mancha de gordura na página. Percebi que aquele caderno continha toda a história dos últimos três meses – cada palavra, cada mancha, trazia uma lembrança. A minha vida inteira num caderno, com sua capa arranhada, manchas de chá, de grama e de maquiagem, contando a história dos meus dias.

Lesley suspirou.

– Eu aceitaria a sua bagunça, só pra ter você de volta.

Inary

– Eu adoraria vir no verão, talvez com Kamau... Você não vai se livrar fácil de mim! – o sorriso de Lesley tinha um toque de tristeza. Mais uma vez, teríamos a Inglaterra inteira entre nós.

Você sabe que sempre será a minha melhor amiga. A distância não importa, escrevi, depois peguei as mãos dela entre as minhas, entre nossos *muffins* e cappuccinos.

– Quando eu estiver rica e famosa, vou comprar uma casa de campo aqui. Não, sério! A Escócia é incrível. Alex sempre disse que não pretendia voltar a morar aqui, nunca mais... – baixei o olhar. – ... mas, estranho, faz pouco tempo que ele me disse exatamente o contrário. Que sentia saudades da Escócia. Sentia falta de morar perto da família.

Meu coração deu um salto.

– Ele me disse que foi ver a exata distância entre Glen Avich e Londres: oitocentos e quarenta e um quilômetros.

Puxa, articulei. *O que mais ele disse?*

– Que é muito longe.

Tenho certeza de que Sharon preencherá o vazio, escrevi, com um gosto amargo na boca.

– Talvez. Ei, Inary, dá um tempo pra ele. Você mesma disse que só queria que fossem amigos. Ele está tentando tocar a vida. Desculpe, não quero piorar as coisas. É só que Alex também está tentando lidar com tudo.

Assenti. Ela tinha razão.

Lesley me deu um abraço.

– Muito bem, chega de falar de garotos. Não perguntei sobre o seu livro! Como está Cassandra?

Cassandra não existe mais. Eu a apaguei.

– Sério? Que pena!

Não é, não.

– Então... parou de escrever? Quero dizer, depois de tudo pelo que tem passado...

Sim. Uma espécie de tempo. Talvez definitivo.

– Ah, não... Meu amor, que desperdício! Você tem que escrever. Prometa que vai escrever...

Não sei.

– Prometa que não vai desistir – repetiu ela. – Você tem que realizar o seu sonho.

Naquele momento, o mais sutil dos formigamentos tomou conta dos meus membros, e eu senti como se tivesse aproximado o ouvido de uma concha, porque eu ouvia um sussurro baixo, como as ondas se quebrando numa costa ao longe.

Emily.

As palavras de Lesley ecoaram as de Emily: você tem que realizar o seu sonho.



– Então, ela já foi – Logan me disse assim que entrei na loja.

Concordei.

– Sinto muito.

Relanceei para ele. Ele estava ocupado com uma pilha de recibos, então pensei que a conversa terminaria ali. Comecei a limpar a parte dos acessórios para bicicletas, sem me envolver muito. Por três anos, Lesley fora a primeira pessoa a quem eu dava bom-dia pela manhã e a última que eu via à noite. Partilhamos pastas de dente, três rompimentos (um meu, dois dela), comida entregue em casa e horas de programas televisivos no sofá com um pote de Häagen-Dazs entre nós. Ela cozinhava para mim, eu revisava *releases* dela, ela me mantinha acordada me contando sobre a sua última paixãoite e eu a fazia sofrer com a minha cantoria desafinada no chuveiro. Ela me deixava apoiar a cabeça em seu ombro toda vez que más notícias a respeito de Emily me deixavam de coração partido, e eu a acompanhei ao hospital quando o pai dela precisou ser submetido a uma cirurgia de emergência. Mas agora, mais uma vez, uma nação inteira se estendia entre nós.

– Você sente falta da sua vida em Londres? – Logan perguntou, com uma pontada de zombaria.

Ah, entendi. Estávamos tendo A Conversa. Aquela que eu sabia que viria um dia desses. Se eu ficaria ou não em Glen Avich para valer. Aquilo demandava um pouco mais do que acenos e meneios. Deus, aquela coisa de não falar tinha seu ônus.

Sim, imagino que sim.

– Então quando vai voltar? – o tom dele era áspero, mas havia uma nota de vulnerabilidade em sua voz.

Não sei se vou. Alex estar saindo com Sharon não era motivo suficiente para que eu me mudasse de novo – mas me balançava...

– Tudo bem. Escute, Inary – Logan me encarou. – Você tem que fazer o que for melhor pra você. Se você quiser ir...

Aquele era mesmo Logan falando? Como as coisas tinham mudado.

Por um instante, hesitei – mas, por sobre o ombro de Logan, eu via as colinas de Glen Avich emolduradas pela janela, uma camada leve de névoa encobrendo-as, suspendendo a respiração, pouco antes de se render à primavera...

Eu não quero ir, escrevi, e depois fitei a página, surpresa. Era verdade. Eu não queria partir. Não queria ir embora de Glen Avich e não queria deixar o meu irmão.

– Ah, tudo bem, então. Acho que vou ter que te aguentar – disse ele com brusquidão, afastando-se para ver alguma coisa no estoque. Mas, antes que ele se virasse, notei o olhar de alívio em seu rosto.

Sorri, um sorriso de alegria verdadeira.

Decisão tomada.

É a minha vez de cuidar de você, Logan, como você sempre cuidou de nós, pensei. Mas não escrevi. Algumas coisas nunca deveriam ser colocadas em palavras.

De: Inary@gmail.com

Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Querido Alex,

Lesley esteve aqui. Ela me contou sobre a Sharon.

Só para te dizer, espero que seja feliz.

Bjs,
Inary

Desliguei o laptop e o telefone também. Eles ficariam assim por um tempo, até que eu estivesse pronta para encarar esse novo mundo – o mundo em que Alex tinha uma namorada e no qual eu tinha feito a maior bagunça.

36
841 quilômetros

Alex

A pele de Sharon parecia ainda mais escura em contraste com os lençóis brancos, e a sua silhueta adormecida era tão convidativa quanto águas mornas. Ela adorava dormir até tarde nos fins de semana, enquanto eu sempre acordava cedo. Inary também se levantava cedo. Às vezes, nos juntávamos a Lesley para comer comida chinesa e assistir algum DVD, e Inary adormecia no sofá às dez da noite.

Pronto. Ela já tinha aparecido nos meus pensamentos duas vezes, e nem eram nove horas ainda. Sem dúvida, mais lembranças de Inary surgiriam quando eu levasse o café da manhã na cama para Sharon – granola e iogurte. Inary odiava granola, mas amava sanduíche de bacon aos sábados de manhã. Então chegaria a hora de alimentar os patos no Hyde Park, e Sharon demoraria uma hora para se aprontar – Inary só escovava os cabelos e já estava pronta; nunca usava maquiagem a não ser para sair à noite. E assim por diante, tão completa e equivocadamente errada.

– Oi... – Sharon estava descansando a cabeça na mão, olhando para mim. – Acordou faz tempo?

– Não... uma hora mais ou menos – respondi, e me sentei na cama para lhe dar um beijo. Graças a Deus que os pensamentos eram silenciosos e não pairavam sobre nossas cabeças como os balões nos desenhos em quadrinho.



O Hyde Park estava lindo, com os raios de sol dançando por entre as árvores e pessoas felizes em toda parte, de bicicleta, deitadas em mantas, brincando de frisbee e caminhando. Finalmente a primavera chegara a Londres. A Escócia superara o inverno, mas ainda estava friozinho, a minha irmã me dissera – de jeito nenhum

Inary estaria usando um dos seus vestidos de verão... Mas eu tinha que me concentrar no aqui e no agora. Sharon escorregara a mão dela na minha, e seu perfume almiscarado e profundo me envolvia.

Caminhamos na grama e nos sentamos para comer o piquenique. Sharon preparara deliciosas tortinhas de maçã com canela. Da última vez que Inary fez um bolo, ele seria capaz de quicar no chão – sorri com a lembrança. O mais estranho era que ela nunca desistia. Lembro-me de ter comido rosbife borrachudo e batatas queimadas só para agradá-la. Eu adorava o espaguete à bolonhesa dela. Ou espaguete *pantaneja*, como Lesley o chamava. Era horrível, mas tinha sabor de lar, de alguma forma.

Sharon estava partindo pedaços de pão e jogando-os para os patos. Libertei-me dos meus pensamentos e a imitei. Só que eu estava tão distraído que segurei um pedaço e joguei o pão inteiro, com embalagem e tudo. Acertei um pato no traseiro e foi uma revoadada de penas para todos os lados, os animais em pânico.

– Ai, meu Deus! Desculpe!

– Ah, não, Alex... pobrezinho do pato! – exclamou Sharon, mas ela estava rindo e seu rosto todo se iluminou. Ela era linda mesmo. Meu estômago se contraiu num nó, porque, no meio daquilo, bem no meio da minha confusão com Inary, estava uma mulher que só me demonstrava carinho. Uma mulher doce, generosa e engraçada, que não merecia ser a namorada da minha ressaca emocional.

– Sharon...

– Oi? – ela respondeu. Seu rosto ficou imediatamente sério ao ver o meu. – Está tudo bem?

– É só que...

Seus olhos se enevoaram, espelhando sua expressão solene. Eu não suportei.

Não suportava espalhar mais sofrimento, como se já não houvesse o suficiente.

– Eu só queria saber se você quer passar mais uma noite. Na minha casa.

– Claro – ela sorriu, todas as preocupações se dissolvendo do rosto.

Eu me odiei. Inary me magoara, mas fez isso sem intenção; ela nunca pediu que eu me apaixonasse por ela. E eu estava magoando Sharon sabendo muito bem o que estava fazendo.



A caminho de casa, verifiquei meus e-mails. Havia um de Inary. Prendi a respiração ao ler as palavras dela...

Ela sabia sobre Sharon.

Óbvio, ela acabaria descobrindo cedo ou tarde. Eu deveria ter lhe contado.

Eu deveria ter lhe contado porque não tinha nada para esconder, certo?

A raiva me mordeu, súbita e inesperadamente, por causa do tom dela – *traído*, como se eu tivesse feito algo errado, como se eu tivesse rompido o elo entre nós. Quando foi ela quem me manteve afastado, dormindo comigo e dizendo que fora um erro, dizendo que nós só poderíamos ser amigos.

E eu não tinha permissão para sair com ninguém.

– Não me diga que está trabalhando... – a voz de Sharon interrompeu meus pensamentos.

– Desculpe, vou desligar agora – e foi o que eu fiz. Desliguei o celular e resolvi, no auge da minha raiva, que não me dignaria a responder.

Porém, mais tarde, naquela mesma noite, cedi.

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Para: Inary@gmail.com

Inary,

Eram três da manhã e eu não conseguia dormir. Todas as coisas que eu queria dizer para Inary ficavam girando na minha cabeça, e eu não conseguia silenciá-las. Elas tinham que sair de mim.

Você e eu não estamos juntos, estamos? Você não quer que a gente fique junto. Você teve três anos para pensar a respeito.

Sim, estou saindo com a Sharon. Não consegui seguir com esse jogo.

Lamento tudo o que aconteceu, e juro por Deus que se eu pudesse melhorar as coisas para você, se eu pudesse ajudar... se você me permitisse estar ao seu lado... Você me afasta de você. Depois me procura e eu sempre respondo. Desculpe, mas isso não pode continuar assim. Não se faça de ofendida por eu estar saindo com alguém que não é você.

Claro que podemos ser amigos. Isso depende de você. Mas não vou parar de ver a Sharon para continuar a ter essa coisa esquisita com você, em que nós dois acabamos sozinhos no final.

Alex

*Arrebatamento***Inary**

Fazia quase quatro meses que eu estava em Glen Avich. A primavera finalmente chegara e, com ela, vieram as mudanças. Eu sentia a minha vida seguindo, cada pedaço do meu coração e da minha alma se envolvendo em novas possibilidades. Tudo estava mudando, tão inevitavelmente quanto a corrente do oceano entre os continentes. Mas duas coisas continuavam comigo. A ausência de Emily ardia tanto como no dia em que ela morrera, e a minha voz não dava sinais de querer voltar. Escrever o que eu precisava dizer ou gesticular se tornara natural para mim.

Talvez o silêncio não fosse assim tão ruim, no fim das contas. Eu me sentia estranhamente à vontade na minha bolha, mesmo que isso tornasse complicadas as coisas mais simples.

E havia uma coisa que me deixava temerosa se a minha voz voltasse. Ela sumira bem quando a minha Visão retornara, como se um sentido tivesse substituído o outro. E se eu recobrasse a voz e a Visão desaparecesse de novo? Antes que eu pudesse ver Emily?

Eu não podia arriscar. Mesmo com todos insistindo para que eu procurasse a doutora Nicholson novamente, eu ganharia tempo, ficando com o meu silêncio. Eu me tornara uma pessoa misteriosa, cujos pensamentos e sentimentos não podiam simplesmente escapar – eles tinham que ser traduzidos, tirados da minha garganta com caneta e papel, levados para o mundo com tempo e esforço. Se você escreve tudo o que precisa dizer, acaba omitindo grande parte do que teria dito sem pensar. O que costumava ficar na superfície se afundara e, conforme eu mergulhava no meu mundo silencioso, muitas coisas começaram a ficar cada vez mais claras. Mentiras e ilusões começaram a derreter enquanto eu gradualmente me aproximava do meu cerne, da minha essência.

Uma pessoa silenciosa e misteriosa. Nunca pensei que seria assim, mas me cabia bem. Depois de toda a dor pela perda de

Emily, seria impossível ainda me sentir assustada. Eu podia ter enchido um rio com as minhas lágrimas, mas, cedo ou tarde, os rios fluem para o mar, e aquilo que doeu, aquilo que nos dilacerou, se transforma numa lembrança.



Eu estava editando um texto quando Mary apareceu outra vez. Era começo de tarde e o barulho e o movimento da vida me cercava – a presença dela se misturou ao presente sem causar alarde. Crianças jogavam bola na rua, um carro ou outro passava pela St. Coleman Way, o rádio no andar de baixo fazia um barulho suave... e lá estava Mary, sentada à minha penteadeira. Ela estava no centro da minha percepção, mais forte e mais real do que qualquer outra coisa. Lágrimas silenciosas e tranquilas desciam pelo seu rosto – não havia mais raiva nem devastação, como no dia em que jogara fora as cartas de Robert no lago. Ela estava resignada.

As palavras que ela escrevia ressoavam em minha mente como se ela as estivesse dizendo.

Querido Robert,

Pensei que gostaria de saber que estou me casando. Ele é um bom homem e me ama, e nada mais importa. Imagino que nunca saberemos o que poderia ter sido, nunca saberemos se você e eu seríamos felizes. Mas, afinal, quem sabe?

Eu estava no lago no outro dia – o céu estava perfeito, todo azul, e o sol brilhava, e então, de repente, nuvens negras me cobriram e os céus desabaram. Foi tão repentino, tão forte o contraste entre o antes e o depois, que me fez pensar em nós. Estávamos juntos; você era a minha vida. Depois, de repente, você se foi.

Como o céu passando de ensolarado para tempestuoso no período de meia hora, a alegria se transformou em tristeza com a mesma rapidez – mas o oposto também acontece. Não havia um caminho especialmente escrito para nós, Robert. A vida seria como a teríamos feito.

Fico me perguntando que vida teríamos. Depois do que aconteceu com a minha família, depois do que aconteceu com você, muitas vezes sinto como se estivesse partida e nunca mais voltarei a ficar inteira. Parecia que eu não tinha nada a perder, enquanto toda a minha vida estava em jogo. Mas isso não é verdade. Eu poderia me afogar, e me afoguei. E acho melhor parar aqui, para o caso de falar demais.

Desejo-lhe toda a felicidade e alegria, e uma vida longa e pacífica ao lado de Anna. Por favor, mande-lhe o meu amor, caso ela o aceite. A hora dela deve estar se aproximando. Não deve demorar até que Alan e eu tenhamos boas notícias também – tenho certeza de que é o único modo de trazer de volta um pouco de alegria para a minha vida. Tenho esperanças de que a vida traga um pouco de alegria reservada para mim, mesmo que me pareça impossível agora, e que as lágrimas um dia sejam apenas uma lembrança. Espero que a passagem dos anos leve embora este sofrimento. Mas posso lhe prometer uma coisa: você estará para sempre em meu coração, quer queira ou não. O que quer que aconteça, você não desaparecerá de dentro de mim.

Não vejo por que continuar a escrever. Seriam apenas palavras e mais palavras, não? E tivemos tantas. Só mais uma coisa, Robert. Se você nos transformar, a você e a mim, num poema, faça-o alegre. Escreva sobre mim e você naquele dia no lago, em maio, lembra? Chega de tristeza.

Ouça as palavras não ditas e saiba como eu subscreveria, se pudesse. Só o que tenho a permissão de dizer é:

*Desejo-lhe toda a felicidade,
Mary*

Quando ela se foi, todas as minhas forças me abandonaram e senti meus joelhos se dobrarem até o piso de madeira. Estava exausta. Não havia mais esperança para Mary e Robert.

Nem para mim e Alex.

Só que Mary não merecia isso; não fizera nada para atrair toda aquela tristeza para si. Mas eu sim, ao mentir tão veementemente

sobre os meus sentimentos por tanto tempo – para Alex, para todos e, mais importante, para mim mesma.

Pela primeira vez em dias, liguei meu laptop e o meu celular... Dentre dúzias de e-mails acumulados, havia um que eu não esperava. De Alex.

... Você me afasta de você. Depois me procura e eu sempre respondo. Desculpe, mas isso não pode continuar assim. Não se faça de ofendida por eu estar saindo com alguém que não é você.

Mesmo que as palavras dele doessem, ele estava certo.

Fiquei imaginando se era sério aquilo entre Alex e Sharon, se ele apenas a *desejava* (tal pensamento me dilacerava) ou se ele estava fazendo aquilo só como desforra pelo que eu lhe fizera.

Ou se ele estava apaixonado. *Aquele* era o pior cenário: que ele estivesse apaixonado por ela. Que ele olhasse para ela como havia olhado para mim, na noite em que dormimos juntos.

Aquilo doeu. De súbito, senti raiva.

Alex,
Sei que pisei na bola. Desculpe. Mas não demorou muito para você arranjar alguém!

Apertei o botão “enviar” com o peito pulsando de ódio. Por que eu estava furiosa com ele? Ele não merecia. Talvez eu estivesse com raiva de mim.

Fiquei olhando para a tela, na esperança de que ele estivesse lá – e estava.

Não consigo falar assim. Ligue o Skype.

Assim que entrei no Skype, uma mensagem instantânea apareceu.

Não demorei? Três anos, Inary. Três anos!

Para meu assombro, senti uma lágrima correndo pelo rosto e me odiei por isso. Aquele era exatamente o tipo de situação que eu me

esforcei tanto para evitar – me envolver novamente, me magoar de novo.

Não posso explicar por que sou assim. Não tenho palavras para lhe explicar por que toda vez que me aproximo de você, eu fujo.

Digitei. Senti a verdade enchendo meu coração, ameaçando se derramar pelos meus dedos. Eu queria contar para ele. Queria contar tudo...

Alex: *Encontre as palavras, pelo amor de Deus! Você é escritora!*

Eu: *Certo. Tudo bem. Quer saber o que aconteceu? Lewis me deixou porque pensou que eu fosse uma aberração. E talvez eu seja.*

Alex:?

Eu: *E se eu te disser que vejo fantasmas?*

Alex: *O quê?*

Eu: *Alex, eu vejo fantasmas.*

Alex: *~O quê?~*

Respirei fundo. Eu daria qualquer coisa para conseguir falar.

Eu: *Você já assistiu O sexto sentido? Bem, a minha vida é um pouco parecida com aquilo. Só que menos assustadora (em grande parte). Eu vejo pessoas mortas de verdade, desculpe o clichê. O mesmo acontecia com a minha avó. É como um sexto sentido... e parece natural quando você nasce assim. Comigo começou quando eu tinha oito anos, mas parou quando eu tinha doze porque levei um susto enorme e o trauma me tirou a Visão. Mais ou menos como o trauma da perda de Emily me tirou a fala. Muito bem, contei a Lewis e ele pensou que eu fosse louca. Acho que isso o assustou o*

bastante para que ele rompesse comigo. Não sei ao certo, mas acho que foi isso mesmo o que o afastou de mim, no fim. Ninguém mais sabe, a não ser a minha família. E agora a minha voz foi embora e a Visão voltou. Eu tinha esperanças de ver Emily. Procurei por ela em toda parte, mas não a encontrei. Então, é isso. Agora você vai achar que eu sou louca.

Minutos longos e demorados esperando pela resposta dele. Ele devia estar em estado de choque.

Alex: *Você está brincando comigo.*

Meu coração afundou. Ele pensava que era uma maldita brincadeira.

Eu: *Não, não estou.*

Alex: *Isso é pra valer?*

Eu: *Lamento dizer que sim.*

Alex: *Então é esse o dom que você me contou, aquele que Lewis não aceitou?*

Eu: *Isso mesmo.*

Uma pausa. Eu vi que ele estava digitando, mas nada aparecia, como se ele estivesse apagando mensagem atrás de mensagem.

Consegui. Contei a ele sobre a Visão. A enormidade disso fazia meu coração bater forte dentro do meu peito, numa mistura de terror e alívio...

Por fim, vi que ele estava me ligando pelo Skype. Mas por quê? Ele sabia que eu não conseguia falar. Aceitei a chamada, e ver seu rosto na tela fez meu coração saltar. Lá estava ele: Alex. O meu Alex. Com o cabelo preto todo espetado, num jeito bonitinho pós-dia-de-trabalho. Estava de camisa, aberta no colarinho. Ao fundo, vi

o cenário familiar da sala dele: a lareira, as fotografias das sobrinhas e sobrinhos sobre a cornija... Meu olhar voltou para ele, e quando nossos olhos se encontraram, ele sorriu. Alex tinha essa coisa, toda vez que ele sorria, seus olhos se enrugavam e ele parecia tão jovem, como uma criança feliz. Eu queria aquele sorriso para mim, mas estava ansiosa demais.

– Oi – ele disse e eu acenei.

Subitamente, lembrei que ele também estava me vendo, e minhas mãos subiram para o cabelo, sem pensar. Eu devia estar com a aparência de alguma coisa que o gato tinha trazido do mato.

– Você está linda – disse ele, e o começo de um sorriso curvou meus lábios. – Tenho uma coisa para te dizer.

Assenti. Eu não podia fazer muito mais do que isso.

Ele levantou um pedaço de papel, com algumas palavras escritas em canetinha vermelha: *você é ainda mais incrível do que eu imaginava.*

A esperança emanou de mim tal qual um balão voando para o céu.

Levei as mãos à boca. Ele acreditava em mim. Ele entendia. Não achava que eu era a filha de Satã ou estivesse mentalmente doente ou alucinada.

Uma pontada de saudade me atravessou.

Eu sentia tanta falta dele.

Eu o amava.

Ah, vida.

Aquela era a primeira vez que eu admitia, mesmo que só para mim, que os meus sentimentos por Alex não eram tão definidos como sempre fingi que fossem. Coisa que todos provavelmente já sabiam, menos eu. Eu o afastei por causa do meu medo de me ferir, mas eu já estava mais forte. Talvez eu tivesse outra chance. Seria tarde demais?

Rapidamente peguei o caderno e escrevi: *Não consigo esperar pra te contar tudo! A respeito de uma fantasma, Mary... e sobre tudo o que está acontecendo.* Levantei o caderno e mirei na câmera.

– Mal posso esperar pra saber de tudo. Bem, acho que faz sentido nós sermos amigos... depois de tudo pelo que passamos.

O quê? Como podemos ser amigos? *Eu te amo*, quis dizer, mas simplesmente parecia impossível escrever algo assim. Assenti, esperando, com a respiração suspensa, o que viria em seguida...

– Não quero te perder, Inary. Quero dizer, por eu estar saindo com a Sharon e tudo mais...

Ah. Meu estômago afundou até os tornozelos. Senti-me nauseada de desapontamento.

Sim, escrevi apenas e levantei o caderno.

– Legal – disse ele e meu coração se partiu. – Agora me conte dessa Mary...

E-mail, escrevi. Ele assentiu e desligamos o Skype.

Na mesma hora, senti as lágrimas que estavam se juntando atrás dos meus olhos se derramarem. Esforcei-me muito para refreá-las enquanto conversávamos, para que ele não me visse chorando.

Contei tudo, sobre o que acontecera no lago treze anos atrás, sobre Mary, sobre a minha pesquisa. Fiquei tão aliviada com a reação dele, tão emocionada por ele acreditar em mim e por me entender... mas chorei o tempo todo.

Seríamos amigos.

Talvez ele a amasse.

Eu recebera a minha resposta. Como eu temia, era tarde demais.

Inary

Alguns dias mais tarde, Taylor e eu embarcamos na nossa jornada até Ramsay Hall. Era um castelo magnífico, embora pequeno, e a propriedade era verdejante, bem cuidada, salpicada por cervos. O longo caminho de pedregulhos nos conduziu até os degraus de pedra e a uma porta que era do dobro do tamanho da nossa casa.

– Entrem, entrem – disse Torcuil com suavidade. – A senhora Gordon está de folga hoje e não consegui fazer o aquecimento funcionar... Costumo me virar bem, mas, desta vez, parece estar emperrado.

– E se eu desse uma olhada? – ofereceu-se Taylor.

– Sim, claro, seria ótimo. A propósito, meu nome é Torcuil – disse ele ao apertar a mão de Taylor. – Venham por aqui... Então, ouvi dizer que está escrevendo um livro.

Assenti, mas ele estava andando e não me viu. Virou-se e fitou-me.

– Ouvi dizer que está escrevendo um livro... – repetiu, pensando que eu não tivesse ouvido. – Ai, puxa, desculpe! Taylor me disse ao telefone que você não estava conseguindo falar! Sinto muito. Estou mortificado. Deve ser esse frio na minha cabeça – disse ele, absolutamente sério. Eu tive que rir. Com seus enormes olhos azuis protegidos pelos óculos redondos, ele se parecia um pouco com uma coruja piscando à luz do sol. Ele nos conduziu por uma sucessão de salas e corredores, descendo dois lances de escadas até chegarmos a uma espécie de porão. Fiquei ao lado de Torcuil enquanto ele mostrava o aquecedor para Taylor. Era gigantesco e certamente antigo.

– Aqui está. O que a senhora Gordon... minha governanta... costuma fazer é bater duas vezes aqui e uma aqui, o que

geralmente dá certo. Mas não comigo. Ele meio que reconhece seu dono. Ou dona, no caso.

– Certo, duas vezes aqui e uma aqui? – perguntou Taylor, imperturbado com a coisa toda e, como sempre, disposto a ajudar.

– Ok, lá vamos nós! – ele bateu no aquecedor três vezes, e a coisa começou a emitir um assobio longo e sinistro, que se dissolveu e se transformou num zunido e depois num sussurro baixo e seguro.

Sorri e me virei na direção de Torcuil, que estava ao meu lado – só que não era Torcuil. Era outra pessoa. Um homem cujo rosto pálido e sorridente estava a poucos centímetros do meu.

Gritei com todas as forças e dei um pulo para trás, mas a sombra já tinha desaparecido.

– O que foi?

– Você está bem?

Taylor e Torcuil se postaram ao meu lado. Nessa hora percebi que meus braços e minhas pernas estavam formigando, e que o zumbido nos meus ouvidos estivera encoberto pelo barulho do aquecedor.

O homem estava começando a se dissipar bem diante dos meus olhos, mas meu coração não dava sinais de desacelerar. Às vezes isso acontecia com a Visão. Você via coisas que preferiria não ver, especialmente em lugares antigos como o Ramsay Hall.

Dei um sorriso fraco e fiz um gesto com os dedos no braço de Torcuil, tentando indicar uma aranha.

– Ah, sim, temos algumas delas aqui embaixo. Desculpe.

Conforme subíamos, vi Taylor olhando para mim de esguelha. Fiquei imaginando se certos aspectos do meu comportamento o intrigavam.

Sentamo-nos no escritório, uma sala esplêndida com piso de madeira e imensas janelas que se abriam para os jardins. Sempre adorei Ramsay Hall desde pequena, pois vinha brincar ali com Torcuil e a irmã dele, Sheila. Da janela, eu conseguia ver a casa na árvore na qual costumávamos brincar, e essa lembrança trouxe um sorriso ao meu rosto.

– Outra vida, não? – comentou Torcuil, acompanhando o meu olhar. – Lembranças felizes. A não ser pelo fato de que eu tinha a

tendência de cair da árvore. Quebrei o nariz ali. Duas vezes. Você deve se lembrar porque, na segunda vez, caí em cima de você.

Gargalhei. Eu me lembrava.

– Muito bem, foi isso o que eu consegui encontrar... Mary Gibson costumava trabalhar aqui. A minha bisavó, lady Edwina, empregou-a como criada. Ela está em algumas fotos... veja – disse ele, e me entregou um álbum grosso com capa de couro. – Ela devia ter uns vinte anos quando esta foto foi tirada. Não muito antes de se casar com Alan.

Sorri ao reconhecê-la. Sim, aquela era ela, a minha Mary. O cabelo escuro preso num coque, coroado por uma trança, a silhueta delgada, as mãos pequenas e femininas. Finalmente, eu conseguia ver melhor seu rosto: o formato de coração na testa, os olhos, tão cheios de vida que pareciam brilhar, mesmo na foto em preto e branco. Os cantos dos lábios se curvando para cima – ela estava tentando parecer solene quando a foto foi tirada, mas sem muito sucesso. Estava de braços dados com outra moça, um pouco mais alta e mais cheinha do que ela, de cabelos claros e aparência pacata – Leah. Eu a reconheci da minha visão, mas, claro, não podia contar isso a Torcuil.

– Pelo que sei, Mary e Alan passaram por dificuldades. Alan voltou da guerra muito ferido e não pôde trabalhar por um bom tempo. A minha bisavó ofereceu um emprego a ela aqui na propriedade e lady Kilpatrick também os ajudou bastante.

Lady Kilpatrick?

– Anna Kilpatrick.

Claro! Anna, a noiva de Robert, era lady Kilpatrick! Ela não sabia o que tinha acontecido entre Mary e Robert? Devia saber. Mas ajudou mesmo assim. Pensei em seu belo rosto, e em como ela parecia graciosa e digna. Ela se destacava numa multidão – e ainda assim, foi Mary quem Robert amou. Mas não quem escolheu.

Só então percebi que uma fotografia tinha caído do álbum, e estava no chão.

Peguei-a. Era de uma criança – uma menina, usando um vestido branco e botas de botões. Seu cabelo estava preso em longas tranças com laços de fita branca nas pontas. Tudo girou ao meu

redor. De repente, só o que eu conseguia ouvir era um barulho baixo, como água batendo na margem bem ao longe.

Não consegui acreditar nos meus olhos.

Era a menina das minhas visões.

A menina do lago.

– Você está bem, Inary? – perguntou Torcuil, mas a voz dele soou muito longe.

Assenti.

– Tem certeza? Você está um pouco pálida.

Estou bem, escrevi. Sabe quem é esta menina?

Torcuil pegou a fotografia da minha mão, rompendo meu elo com ela tão subitamente que fiquei levemente nauseada.

– Acho que é a irmã de Mary. Não acho que eu tenha fotos das duas juntas... Ela desapareceu, não muito antes do casamento de Mary. Pobrezinha.

A irmã de Mary e a menina do lago eram a mesma pessoa.

A irmã de Mary tinha se afogado – *encontre-a*, ela me implorara. As duas irmãs imploravam para ser reunidas. Era por isso, então, que ela e a mãe estavam chorando naquele dia em que entraram em casa.

Sabe o nome dela?

– Não tenho certeza... Mas posso dar uma olhada nos papéis e nas fotos para ver se descubro.

A menina do lago era a pessoa que elas não voltariam a ver.

Obrigada. Posso pegar este álbum emprestado? Tomarei cuidado, prometo.

– Claro. E estou ansioso para ler o seu livro...

Assenti uma vez mais, baixando o olhar.

– Há um banheiro por aqui? – perguntou Taylor.

– Sim. Seis. O mais próximo é o da porta azul próxima à escada... por onde descemos para o porão, sabe?

– Seis banheiros? Você usa todos?

Torcuil riu.

– Um é meu, um para os hóspedes, e os outros quatro são perfeitos para guardar livros.

Taylor desapareceu no labirinto à procura da porta azul – fiquei surpresa por Torcuil não se oferecer para mostrar onde ficava, mas assim que Taylor se foi, descobri o motivo.

– Muito bem, Inary. O que você viu lá embaixo? No porão?

Senti o sangue fugir do rosto.

Como assim?

Ele sorriu.

– Costumávamos brincar juntos, lembra? Faz muito tempo que eu sei. Sobre você ter a Visão. Também tenho o sangue dos McCrimmon...

Baixei o olhar. Fui pega desprevenida, não sabia como discutir aquilo com alguém. Eu gostava de Torcuil, mas, a não ser pelo funeral de Emily, fazia séculos que eu não o via, e não sabia se poderia confiar nele.

– Não vou fazer mais perguntas, Inary. E não se preocupe, não comentarei isso com ninguém.

Assenti.

– Oi, voltei – disse Taylor com vivacidade, andando a passos largos pelo corredor. – Acabei numa sala cheia de cabeças penduradas, mas tudo bem.

– Ah, a outra porta azul. Essa era a sala de troféus.

– Legal. Este lugar deve estar repleto de fantasmas. Já pensou em instalar câmeras de luz infravermelha?

– Elas só me capturariam vagando por aí à procura de uma tigela de cereais – riu Torcuil, mas seu olhar se deparou com o meu.

Eu não tinha tanta certeza disso.



Deixei o álbum de fotografias sobre minha escrivaninha. Estava dolorosamente ciente sobre a foto da menina ali, como se ela estivesse pulsando entre as páginas e em minha mente, em silêncio. Eu a *sentia* ali. Escrevi um longo e-mail para Alex contando-lhe o que havia acontecido, e como descobri quem era a menina do lago.

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk
Para: Inary@gmail.com

Isso é incrível. Acha que é por isso que ela apareceu pra você, então? E o cara no porão do seu primo... A sua vida é como um episódio de *Most Haunted*⁶.

***Most Haunted* é um programa de televisão, uma espécie de documentário investigativo sobre relatos de atividades paranormais em muitos lugares no Reino Unido. (N.T.)**

De: Inary@gmail.com
Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Nunca soube que você gostava de *Most Haunted*..

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk
Para: Inary@gmail.com

Ô se gosto. É o meu prazer secreto. Adoro quando ficam histéricos. Ah, me diga uma coisa, o agradável Taylor estava com você quando você fez essa descoberta?

Sorri em triunfo. Éramos apenas amigos, mas ele ainda sentia ciúme de mim.

De: Inary@gmail.com
Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Sim, ele estava. Ele é um cara legal, mas não faz o meu tipo.

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk
Para: Inary@gmail.com

Bem, acho que isso não é da minha conta. Inary, eu estava pensando, toda essa história... A história de Mary... Talvez você pudesse colocá-la no papel, não acha? Já que Cassandra não existe mais... Bem, foi só uma ideia... Tenho que ir.

Até logo,
Bjs,
Alex

Suspirei. Todas as histórias tinham sumido de dentro de mim. Fazia semanas que eu não tentava escrever – nem havia por quê. Mas fiquei emocionada. Alex sempre me incentivara. O problema

era que eu me sentia esgotada e oca, e escrever me parecia impossível, como escalar o Ben Cruachan⁷ descalça.



Naquela noite, tive o primeiro pesadelo: a água negra se fechava sobre mim, e depois eu flutuava sem ar nos pulmões, com o coração parado. Passava longos e solitários anos no fundo do lago. Acordei arfando e, quando voltei a dormir, o pesadelo recomeçou. Afoguei-me lenta e dolorosamente; a água se fechava sobre a minha cabeça, meus pulmões se enchiam de água, meu coração parava – e depois o silêncio. De novo e de novo. Às vezes, eu tinha um vislumbre do meu vestido branco, das minhas mãos infantis, dos meus pezinhos protegidos em botas de botão, das minhas tranças pretas. Eu era ela. A menina do lago. A irmã perdida de Mary.

Ela era tão pequena e estava tão assustada. Pedindo ajuda, mas ninguém ouviu.

Eu não tinha como saber se esse pesadelo ainda me atormentaria por muito tempo... Toda noite eu rezava para que fosse a última vez que ela me procurasse, rezava para que, em seu lugar, fosse Emily a me procurar. Mas nunca era.

Montanha de 1.126 metros, sendo o ponto mais alto de Argyll and Bute, uma das 32 subdivisões administrativas da Escócia. (N.T.)

*Garotinha perdida***Inary**

A loja de Logan era cada vez mais procurada à medida que o tempo melhorava e os montanhistas do sul e das cidades próximas chegavam aos bandos. De vez em quando, Logan desaparecia. Para caminhar, ao que tudo levava a crer. Muitas vezes eu o ouvia falando ao telefone à noite. Fiquei preocupada, mas a questão era que ele parecia alegre. Uma noite, peguei-o sentado na sala de estar, assistindo à TV com um copo na mão. Nada estranho nisso – desde que Emily morreu, ele sempre tinha um copo na mão. Mas, naquela noite, havia suco de laranja no copo, e eu percebi várias embalagens de suco na geladeira...

Então, lá estava eu na Welly, tentando me concentrar, mas a minha cabeça estava em outro lugar. Eu me esquecia do que estava fazendo e ficava olhando para o espaço.

Três noites. Três noites de pesadelos com afogamento. Eu estava exausta. Era como se ver o rosto da menina tivesse destrancado alguma linha de comunicação entre nós; os sonhos se tornavam mais fortes, e até mais perturbadores. E incansáveis.

Ela estava falando comigo, estava me contando o que havia acontecido com ela, mostrando para mim, fazendo com que eu sentisse cada momento do seu terrível destino. Ela estava me oferecendo as suas lembranças, as recordações da sua morte e da sua existência fantasmagórica. A menina do lago era uma força elemental, com toda a intensidade de uma criança abandonada. Ela estava sugando a minha vida. Eu temia pegar no sono, para o caso de ela vir – e ela sempre vinha. Ela não me deixava em paz.

– Ei! Olá! – Eilidh acabara de entrar com Maisie.

– O que posso fazer pra ajudar? – Logan apareceu do estoque.

– Esta menina precisa de um novo capacete pra andar de bicicleta. Perdeu o dela.

– Ok. Vamos experimentar alguns? – disse Logan com um sorriso.

Ele acabara de voltar de uma das suas expedições e estava num humor estranhamente jovial. Maisie o acompanhou contente – ela adorava o meu irmão, assim como muitas outras crianças. Existia algo caloroso, alguma coisa inequivocamente gentil sob a sua rispidez, e as crianças pareciam captá-la melhor que os adultos. Sempre pensei que meu irmão daria um excelente pai, um dia.

– Inary... – Eilidh me chamou de lado. – Olha aqui... Vi Lewis outro dia. Lewis McLelland.

Engoli em seco e assenti. Eu não precisava do sobrenome. Sabia sobre qual Lewis ela se referia.

– Ele me pediu o seu número... Claro que não dei. Mas é só pra você saber que ele está te procurando. Ele disse que precisa falar com você.

Senti-me mal. Era só o que eu precisava.

Eilidh e Maisie logo saíram com o novo capacete, e eu fiquei num estado de maior torpor ainda.

– Acorde, Inary... – Logan me chamou com gentileza.

Desculpe, articulei.

– Vá pra casa... – disse Logan.

Balancei a cabeça e comecei a dobrar alguns cachecóis axadrezados de lã, com vontade.

– Não estamos tão cheios. Vá pra casa. De verdade, vai lá.

Quando saí da loja, eu me virei para dar tchau e vi que Logan olhava para mim. Sua expressão era de preocupação, e me senti levemente culpada por lhe trazer ainda mais preocupações do que ele já tinha, visto que minha voz não voltava. Ainda assim, se eu lhe contasse sobre a menina no lago e o verdadeiro motivo pelo qual eu tinha caído na água quando saí de barco com Taylor, ele ficaria ainda mais preocupado. E se contasse que Lewis estava me procurando, eu sabia que seria Logan a procurá-lo em seguida. E, provavelmente, não para conversar.

Tomei o caminho de casa, mas era um final de tarde bonito de primavera, e meus pés pareciam não querer me obedecer. Eles me conduziram para a rua principal e depois para o caminho até o lago. Fiquei parada na margem sob a luz suave do entardecer. O pio de uma coruja-do-mato rompeu o silêncio uma, duas vezes.

Leve-me para casa, ela tinha implorado. Duas vezes. Uma vez quando eu era uma menina, um pouco mais velha do que ela, e outra vez há poucas semanas. Por duas vezes, ela me procurara – havia esperado treze anos para que eu voltasse ao lago, muito provavelmente esperara treze anos para poder falar com alguém. Na esperança de que eu a ouvisse. E a irmã dela também me procurara – sempre soube que havia um motivo para as visitas de Mary. Nenhum outro espírito me procurara com tanta frequência, nem com tanta intensidade.

Mas eu não sabia como levá-la para lá. Lágrimas de impotência começaram a fluir de mim e, antes que eu me desse conta do que estava fazendo, estava à beira do lago, soluçando. Eu já não sabia mais por que estava chorando: pela irmã de Mary, pela minha, ou talvez pelo amor que Mary e eu já não tínhamos mais. Por todos esses motivos, provavelmente. Duas garotas perdidas, e eu no meio, confusa.

*Ainda assim, eu a encontrei***Alex**

Então, Inary era mágica. Simples assim. Ela tinha um dom que eu sequer sabia que existia, embora tivesse lido em livros e visto em filmes – não era o tipo de coisa que você acha que exista de verdade. Quais são as chances de se apaixonar por alguém tão singular?

E, ainda assim, eu a encontrei.

Acreditei nela logo. Não havia espaço na minha mente para questionar se ela estava mesmo dizendo a verdade, para suspeitar que houvesse algo errado com ela. Eu a conhecia bem demais para duvidar.

O que ela me contou a respeito da menina do lago era perturbador. Eu não queria ficar pensando em Inary nas águas geladas do lago, ou tendo pesadelos todas as noites. Quem sabe, se eu a tivesse nos braços, ela não teria mais pesadelos – eu poderia afastá-la da menina do lago.

Mas não era Inary que eu tinha nos braços à noite – era Sharon. E eu não sabia bem como sustentar aquilo, ter uma mulher no coração e estar com outra. Todos os dias eu me dizia para ser forte e tentar, tentar mesmo me apaixonar pela pessoa ao meu lado. Todas as noites, eu percebia que havia fracassado de novo. Como eu poderia manter Sharon nesse limbo? Mas, se eu rompesse com ela, assim como tinha rompido com Gaby, significaria continuar nesse caminho medonho e solitário com Inary ao meu lado, mas não comigo? Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come... Esse era eu.

*Promessas quebradas***Inary**

No dia seguinte, como se eu já não estivesse suficientemente abalada, deparei-me com ele.

Lewis.

O mundo girou ao meu redor, conforme uma enxurrada de lembranças me assolava.

– Inary. Estive à sua procura...

Cruzei os braços, baixando o olhar. Ele sabia onde eu morava. Embora talvez não ousasse enfrentar Logan. Eu não tinha como culpá-lo por isso.

– Você está linda – disse ele, e eu fantasiei que o esbofeteava, como deveria ter feito há três anos. – Ver você de novo... é tão bom.

Bom não seria o meu modo de descrever aquilo. No funeral de Emily, eu estava atordoada demais, oprimida demais por tudo para ter a presença de espírito de mandá-lo embora. Ele teve sorte por Logan não tê-lo visto lá.

– Escute, podemos ir a algum lugar? Algum lugar um pouco mais reservado do que o meio da rua?

Existia algum lugar reservado em Glen Avich? Além da minha casa? E lá ele não poria os pés. Balancei a cabeça.

– Inary... por favor. Apenas me escute. Só desta vez.

Suspirei. Ao diabo. O que quer que ele tivesse para me dizer não me magoaria mais. E, quem sabe, por fim, eu teria uma explicação, e ficasse sabendo se fora mesmo a minha Visão que o fizera me abandonar.

Comecei a andar pela St. Coleman Way, e Lewis me seguiu em silêncio. Sentei-me no banco que dava para o vilarejo, afundando-me no meu casaco macio de Angorá, e me preparei para o que quer que ele fosse dizer.

– Como tem passado?

Rebelde, peguei meu caderno.

Ok. Então, onde está Claire?

– Ela está bem. Está em casa – eles estavam *morando juntos*. Senti-me nauseada. – Meu Deus, Inary... você está escrevendo em vez de falar! Já foi ao médico?

Revirei os olhos. Era um pouquinho tarde para se importar comigo. *Trauma, provavelmente*, escrevi. *Um dia a voz volta*.

– Puxa, Inary... – disse ele, esfregando meu braço.

Senti-me dobrar ao meio, enojada – e, ainda assim, uma diminuta parte minha, aquela que ainda estava sentada à mesa da nossa cozinha em Kilronan, absolutamente chocada, aquela parte quase chorou de alívio ao sentir seu toque novamente. Odiei essa parte. Odiei mesmo, de verdade.

Você estava saindo com a Claire enquanto estávamos juntos?, escrevi com a mão trêmula.

– Não! Deus, Inary! Claro que não!

Certo, certo. Desculpe por pensar que você fosse mais cretino do que é na verdade.

– Não foi nada disso... É só que... Não sei. Tudo estava indo rápido demais...

Você quis que morássemos juntos. Você quis ficar noivo. Meus olhos ardiam com a injustiça de tudo aquilo. Foi ele quem apressou tudo, quem não se cansava de mim, quem prometeu ficar comigo para sempre.

– Eu sei. Eu sei. Sou um idiota – ele olhou ao longe.

Eu não conseguia acreditar na audácia dele em me procurar.

Foi a Visão?

Ele desviou o olhar.

Peguei você.

– Desculpe. Não sei o que deu em mim... quando você me contou aquilo. Entrei em pânico.

Por quê? O que aquilo tinha a ver com você?

– Inary! Você me contou que via fantasmas! Como você teria reagido se eu tivesse lhe contado isso? Você me contou que foi atacada por uma menina afogada que tinha saído do lago!

Eu fui.

– Eu não... Eu só não consegui...

Você pensou que eu estivesse louca.

– Pensei conhecer você. E daí você me jogou essa bomba.

Foi um erro. Eu nunca deveria ter contado.

– Não, não. Foi a coisa certa a fazer. Fui eu, eu fui um idiota...

Depois que te deixei, fiquei arrasado...

Ah, coitadinho.

– Logan me procurou. Ele disse que você estava em Londres. Me disse para ficar longe de você. Ele disse que quebraria o meu nariz, você conhece o seu irmão...

Que bom, rabisquei furiosamente.

– Eu sei, eu mereci. E depois não tive coragem de entrar em contato. Quando a vi no enterro de Emily...

Eu me retraí.

Chega de conversa, escrevi e me levantei.

– Inary. Por favor, não vá – disse ele, parando na minha frente. Ele deu um passo. – Desculpe – sussurrou, e passou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. – Quando você me contou sobre o seu... dom... eu deveria ter ficado ao seu lado. Eu deveria saber que você estava pedindo ajuda. Eu deveria ter ficado para ajudar você.

O quê?, articulei.

– Não tem por que se envergonhar, Inary – continuou ele, uma mão suave segurando a minha. – Agora eu entendo. Deveríamos ter enfrentado os seus problemas juntos...

Meus problemas?

Gargalhei.

Não consegui evitar.

– Inary?

Ele pensava que eu estava doente. Doente da cabeça. Bem, não havia mais o que discutir. Girei sobre os calcanhares e me afastei.

Simples assim.

E não senti nenhuma sensação de estar me dilacerando, não senti nenhum membro sendo amputado, como toda vez que estávamos separados.

– Inary? – repetiu ele.

Parei. Ainda havia uma coisa a dizer. Peguei meu caderno e escrevi rapidamente.

A propósito, estou vendo pessoas mortas de novo. Em todos os lugares. Conte isso à sua mãe. Ela pode mandar me exorcizar.

Bem que eu gostaria de dizer que isso me trouxe certa satisfação, mas eu estaria mentindo. A verdade é que não senti nada. Afastei-me e não olhei para trás, apressando-me pela St. Coleman Way, com o vento frio na cabeça e nenhuma lágrima nos olhos.

O meu dom não era uma doença. Era um privilégio.

E estava na hora de eu usá-lo.

Quando cheguei em casa, inspirei fundo. Pela primeira vez em três anos, senti-me livre. Livre de Lewis, livre de arrependimentos. Ele achava que eu era doente – mas a Visão era a minha melhor parte. E agora ele se fora, e eu tinha o meu dom de volta.

Eu estava inteira novamente. O coração que Lewis partira se tornara mais forte, e não havia mais motivo para eu me esconder, para esconder a minha Visão daqueles que eu amava.

Falar com Lewis me fez enxergar. O meu dom voltara no pior momento da minha vida, quando perdi Emily. Nesse instante, Mary chegara para me confortar nas horas mais escuras – agora era a minha vez de ajudá-la. A menina no lago precisava de mim. Assustar-me era o único modo que ela achava que me faria ouvi-la. Ela parecia um monstro, mas suas palavras eram as de uma criança assustada: *Por favor, Inary. Ajude-me. Leve-me para casa.*

Não havia mais ninguém. Ninguém para ouvir, ninguém para levá-la para casa.

Ninguém, a não ser eu.

De: Inary@gmail.com

Para: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Querido Alex,

Dei de cara com Lewis. Ele disse que lamentava o que havia feito e que, quando lhe contei sobre a Visão, ele deveria ter me ajudado a enfrentar os meus problemas.

Puxa, escapei por pouco.

Inary

De: Alex.McIlvenny@hotmail.co.uk

Para: Inary@gmail.com

Ah, como queria ter sido eu a dar de cara com ele. Ou dar na cara dele. Idiota...

A ideia de Alex batendo em alguém me fez rir – ele era tão gentil que era simplesmente impossível imaginar isso...

Desculpe, preciso ir.

Até mais,

Alex

Ah. Que pressa. Fiquei imaginando o que ele tinha para fazer, para onde estava indo. Mas ele estava saindo com Sharon, então era melhor não perguntar. Eu poderia me lamentar um milhão de vezes por ter sido tão cega. Mas eu não tinha como voltar no tempo.

*A verdade***Alex**

Ela começou a chorar. Eu não conseguia aguentar aquilo.

Mas eu tinha que fazer isso. Quer acontecesse alguma coisa entre mim e Inary ou não, Sharon merecia ser amada. De verdade.

– Desculpe... – esfreguei o rosto com as mãos.

– Não aguento mais isso, Alex. Faz anos que sou apaixonada por você...

Meu coração perdeu uma batida ao ouvir essa confissão.

– Desculpe...

– Pare de pedir desculpas! É aquela garota escocesa, não é? Aquela Hillary, Inary, sei lá qual o nome dela... – ela me forçou a me virar e encará-la.

– Não estamos juntos.

– Não, sei que não estão! Porque ela não te quer, e você fica indo atrás dela... Você é um idiota. E eu também. Sou uma completa idiota.

– Sharon...

– Vou pedir demissão, Alex. Não posso mais ver você todos os dias. Devo isso a mim mesma...

– Isso não é justo. Eu saio.

– Pelo amor de Deus, Alex. Deixe que eu mesma tome a decisão por mim – disse ela, e foi até a porta a passos largos, escancarando-a para mim.

Assenti, com o estômago cheio de nós.

– Vai embora.

Fui até a porta. Eu estava passando pela soleira quando ela me chamou.

– Alex...

– Sim? – disse, virando-me. Talvez ela tivesse uma palavra de perdão para mim. Talvez eu estivesse esperando absolvição...

– As corujas. Eram pra ela, não eram?

Assenti novamente.

– Vá se foder, Alex.

Mereci essa. Nenhum perdão para mim, não da Sharon.



A primeira coisa que fiz ao pisar na rua foi mandar uma mensagem para Inary – a necessidade que eu sentia por ela era mais forte que a culpa ou a vergonha. O amor me transformara num mentiroso, e isso não voltaria a acontecer. Se Inary e eu não ficássemos juntos, eu não magoaria ninguém mais no processo, nunca mais.

Sharon e eu rompemos, disse simplesmente.

A resposta chegou enquanto eu abria a porta do carro. *Sinto muito*. Não era isso o que eu estava esperando. Mas, pensando bem, eu era um tolo, nós já tínhamos estabelecido que seríamos apenas amigos.

Era isso. Voltei para casa sozinho.

Afogamento

Inary

Corri até a loja de Logan, com um embrulho cheiroso de sanduíches e de *brownies* do La Piazza sob a jaqueta, para mantê-los secos. Minha cabeça girava com pensamentos sobre Alex. Sobre a mensagem dele. Ele estava livre. Mas não dissera nada mais. Mesmo assim, eu mal podia esperar para contar o que eu estava para fazer. Talvez então eu tivesse coragem para entender meus sentimentos.

Uma chuva leve de primavera estava caindo, daquele tipo traiçoeiro, que te ensopa rápido e sutilmente. Corri com os cabelos já pingando. Eu tinha um plano em formação. Atenderia ao chamado dela; eu faria o que a menina do lago estava me pedindo. Eu a levaria para casa.

Pensei nas minhas opções: procurar a polícia e dizer que havia um corpo no lago. Como eu sabia disso? Não importava.

Não, essa não servia. E como a encontraríamos? O lago era grande. O único modo era tentar ter uma noção de onde a menina estava, e depois eu precisaria de meios para recuperá-la. Equipamento de mergulho. Taylor. Eu não poderia lhe contar a verdade, claro. Eu teria que encontrar algum tipo de explicação para o fato de eu saber onde o corpo estava submerso. Mas, antes, eu teria que descobrir onde a menina estava. E isso significava voltar lá e perguntar para ela.

Eu não poderia ir sozinha. O efeito que ela tinha sobre mim, de pânico absoluto, um terror tão forte que eu ficava desorientada – só isso já bastaria para que eu nunca mais pusesse os pés no lago. Eu não acreditava que ela quisesse me ferir, mas ela estava tão desesperada e aterrorizada como só uma criança consegue ficar. Se ela me arrastasse para o lago de novo, nesse estado, tão em pânico que eu nem conseguia nadar, eu me afogaria. Quer ela quisesse ou não me machucar.

Eu explicaria tudo para Logan, e ele iria comigo para ver se a menina podia me dar algum tipo de pista sobre a localização do seu corpo. Era uma possibilidade remota, mas eu tinha que tentar. Depois procuraríamos Taylor e... inventaríamos alguma coisa.

Enquanto tudo isso se passava na minha mente, o refrão constante era: *O que estou fazendo? No que estou me metendo?* Senti o coração acelerar e o pânico surgir lentamente. Corri mais rápido, tentando dissipar minha ansiedade. Essa era a única coisa verdadeiramente assustadora na minha existência, e lá estava eu, pronta para me oferecer a ela novamente. Eu sabia que ela era apenas uma menininha, mas seu espírito era tão poderoso, tão cheio de raiva e de desespero, que me aterrorizava mesmo assim.

Invadi a loja, arfando.

– Oi. Aqui no seu dia de folga? – Logan me recebeu. – Veio correndo?

Muito observador, pensei, sentindo os pulmões explodindo. Entreguei o embrulho de comida.

– Obrigado! É do La Piazza? E *brownies* também... Legal.

Fui até o balcão e peguei papel e caneta.

Aconteceu uma coisa, escrevi.

– O que foi? – pude ver a apreensão no olhar dele.

Respirei fundo. Agora ou nunca.

Tem alguém aqui?

– Não, por quê?

Assunto particular. Preciso que venha até o lago comigo.

– Por quê? – repetiu ele.

Inspirei fundo e comecei a escrever o mais rapidamente que podia.

O mesmo que treze anos atrás. Vi uma menina afogada. Assustador. Ela me pediu para levá-la para casa. Por favor, me leve até o lago. Preciso encontrá-la.

Logan ficou me olhando em silêncio por alguns segundos. Mesmo que sua avó e sua irmã tivessem a Visão, ainda era difícil para ele entender. Imagino que seja difícil para qualquer um.

Ela é assustadora. Mas é apenas uma criança. Lembra da moça que vi algumas vezes, Mary? É a irmã dela, escrevi e lhe mostrei a

fotografia que tinha na bolsa.

– Ah... É ela? Como ela foi parar no lago?

Não sei. Nem sei o nome dela. Só sei que o sobrenome é Gibson.

– Foi isso o que você viu naquele dia no lago com papai?

Foi.

– Onde encontrou essa foto?

Torcuil.

Logan respirou fundo.

– Samara, basicamente.

?, rabisquei.

– Samara. O espírito maligno do filme *O chamado*.

Ela não é maligna!

– Ela pode não ser maligna, mas você acabou caindo no lago. Duas vezes. E na primeira você quase não conseguiu sair, lembra? Mamãe e papai ficaram loucos. E, na segunda vez... ainda bem que Taylor estava lá.

Foi o que aconteceu com ela. Ela caiu no lago e não saiu mais. Não havia ninguém para ajudá-la. Ninguém.

– Hummm.

Ela está me pedindo para levá-la para casa.

– Sim, você já disse isso. Mas como? Jesus, não consigo acreditar que estou falando sobre isso... Você está me pedindo para procurar um espírito que quase te afogou duas vezes! Percebe isso?

Sim!!!

Eu havia refletido sobre o assunto. Não estava considerando tudo levianamente. E estava começando a ficar bem brava até que ele disse uma coisa que me amoleceu:

– Acabei de perder uma irmã. Não vou perder duas, Inary – a boca dele estava contraída numa linha fina, e eu sabia que ele não mudaria de ideia.

Eu não tinha escolha: iria sozinha.

44
Rose

Inary

As minhas mãos estavam tremendo tanto que tive que colocá-las dentro dos bolsos da jaqueta. A minha desculpa para Logan foi a de que iria visitar tia Mhairi naquela tarde. Não contara a Alex o que pretendia fazer; tinha escondido dele as piores partes dos meus encontros com a irmã de Mary porque não queria preocupá-lo. Contar-lhe que pretendia ir ao lago sozinha, depois do que acontecera lá – duas vezes – o teria apavorado.

Quando o lago apareceu ao longe, senti meus joelhos cederem. Mas eu não tinha escolha. Ela precisava de mim. Mary precisava de mim. E era ou isso ou intermináveis noites de pesadelos com afogamento.

O barquinho a remo balançou quando entrei. Apesar do meu medo, não tive como não notar como o lago estava bonito, com a água escura e tranquila refletindo o céu de chumbo, e Ailsa no meio, com suas árvores retorcidas e arbustos.

Eu não estava remando havia muito tempo quando os sussurros começaram, e com eles os sinais costumeiros de que eu estava prestes a Ver. Primeiro, baixinho, mas aumentaram de intensidade com mais rapidez do que eu podia suportar. Meus membros estavam rijos e meus ouvidos doeram com a vibração baixa de um espírito se aproximando. Caí de joelhos no fundo do barco, com as mãos segurando minha cabeça.

Os sussurros aumentavam e aumentavam, até que, por fim, as palavras ficaram compreensíveis.

Rose... Rose... Rose... era só o que eu conseguia ouvir. Então era esse o nome dela! Rose Gibson...

Rose. Conte pra mim onde você está, implorei. *Venha e me conte!*

Uma parte de mim registrou uma súbita oscilação no barco, e uma movimentação na água ao redor. Apesar da dor nos ouvidos e

no meu corpo inteiro, levantei a cabeça para ver.

Lá estava ela, flutuando diante do barco, pálida e inchada, os olhos duas poças de desespero, os lábios – o que restavam deles – algo entre azul e preto. O cabelo, que na foto estava lindamente trançado, estava molhado, pesado e entrelaçado a algas.

Onde você está, Rose?, perguntei mentalmente.

Eu não sei. No lago. Está escuro.

O que você vê?

De repente, ela flanou e se lançou sobre mim, com os braços esticados. Fechei os olhos. Não queria ver o rosto dela, não suportava ver o rosto dela... Mas antes que conseguisse me mexer, senti suas mãos frias e úmidas na minha face e seu hálito gélido em mim.

Nada! Não vejo nada! Estou no lago! Leve-me para casa!

Fiquei deitada formando um montinho no fundo do barco, com Rose sobre mim. Eu sentia seu cabelo pingando em mim, suas mãos me procurando... Ela me levaria com ela. Ela me afogaria...

Eu tinha que me concentrar. Com um esforço tremendo, fiz com que meus pensamentos tomassem forma novamente.

Onde no lago? Rose, por favor. O lago é grande... onde você está?

Ela me puxou para a borda do barco, tão subitamente que meus pulmões ficaram sem ar. Segurei-me às bordas com toda a força que tinha.

Leve-me para casa!, Rose gritou, tentando me puxar. Eu tinha que pensar rápido. Tinha que controlar o meu terror... As minhas mãos doíam, e ela puxava e puxava... *Solte-me, solte-me!,* implorei. Ela era muito forte – era a força do desespero. Seus olhos eram enormes, negros, sem íris, o cabelo pendia até a cintura, os restos do vestido rotos e pútridos. Ela ainda me assustava, mas eu estava tomada de piedade e de tristeza pelo seu destino. Consegui formular um pensamento. *Onde você estava quando caiu?*

Caí do barco. Eu estava procurando ninhos. Quero ir para casa agora.

Se ela estava procurando ninhos, talvez estivesse perto de Ailsa. Se estivesse perto da margem, não teria mencionado um barco.

Sei onde você está. Vou encontrar você.

De repente, ela parou de me puxar.

Vou levar você para casa, Rose.

Ela se movimentou numa explosão de saudade e, mais uma vez, seus pensamentos foram tão poderosos que eu me senti desequilibrar, e me segurei à borda do barco de novo. Uma vez mais, senti suas mãozinhas nos meus braços e seu hálito frio em meu rosto.

Não me deixe aqui...

Rose. Preste atenção. Se me arrastar com você, não conseguirei levá-la para casa.

Ela parou um minuto, depois se afastou um pouco, mas seu espírito estava tão enroscado ao meu que meu corpo pareceu segui-la, como se estivéssemos amarradas. Por um segundo, eu parei sobre a borda do barco.

Rose, solte-me...

E ela soltou. Lançou-se dentro da água com a mesma suavidade com que saíra antes, e depois desapareceu.

Leve-me para casa. Rose... Rose... Rose... Seus pensamentos continuaram ecoando em minha mente por alguns minutos enquanto eu arfava e tentava acalmar meu coração.

Remei de volta até a margem, o barco rangendo e ondulando debaixo de mim. Por fim, cheguei à terra firme. Esforcei-me para ficar de pé. De repente, o chão pareceu vir ao meu encontro, e tudo girou... Vi a escuridão, como se a noite tivesse chegado num piscar de olhos, e estrelas vermelhas e amarelas explodiram diante dos meus olhos.

– Inary!

Ouvi me chamarem, e senti os braços de alguém ao meu redor, e os seixos frios e duros sob meus joelhos e contra meu rosto.



Recobrei os sentidos depois de um tempo, não sei quanto. Estava sentada com as costas apoiadas numa árvore. Havia alguém ao meu lado. Logan.

– Como está se sentindo?

Ok, articulei e me ergui, devagar. O mundo girou ao meu redor, mas consegui ficar ereta. O que Logan estava fazendo ali?

– Cuidado... – sussurrou ele e se sentou ao meu lado. Ele fechou meus dedos ao redor de uma caneca de plástico. – Beba isso – bebi. Chá quente. Senti-me um pouco melhor. Tateei em meus bolsos, o caderno ainda estava ali. Ainda bem. Não fora parar no lago de novo. Peguei-o e escrevi com as mãos trêmulas.

O que está fazendo aqui? Como sabia?

– Você não sabe mentir, Inary. Quando me disse que ia visitar tia Mhairi, eu sabia que estava aprontando alguma. Telefonei pra ela...

Você foi atrás de mim!

– Pouco antes você estava falando em ir procurar fantasmas no lago, claro que fiquei de olho em você! O que esperava? Pelo amor de Deus, Inary, arriscar a sua vida assim... Não consigo acreditar!

Sinto muito...

– E deveria sentir mesmo! Esta é a última vez, ouviu bem? É a última vez que você sai numa expedição maluca de caça a fantasmas. Nunca mais, Inary!

Acho que sei onde ela está. Em algum lugar perto de Ailsa, escrevi.

Logan inspirou fundo.

– Então você a encontrou?

Acho que sim.

– Isso acaba aqui, Inary. Ok? Prometa.

Eu preciso resolver isso...

– Tudo bem! Tudo bem, mas nada de voltar ao lago sozinha!

Assenti e encostei a cabeça no ombro dele. Eu poderia ter simplesmente fechado os olhos ali mesmo.

Preciso falar com Taylor. As minhas mãos ainda tremiam tanto que tive dificuldades para escrever.

– Como você vai explicar... – Logan começou.

Vou contar a verdade. Não me importo se ele vai ou não acreditar. Só quero que Rose volte para casa.



Eu não conseguiria mais ouvir nenhuma palavra – nem dos vivos, nem dos mortos. Fechei os olhos e rezei para não ter mais sonhos com afogamentos... Mas minhas preces não foram atendidas, porque Rose mais uma vez me atormentou com visões da água – ondas batendo, costas imóveis cobertas de algas, quedas no mar, no lago, água na minha boca, nos meus pulmões, cegando-me, sufocando-me. E a mesma cena repetindo-se indefinidamente: eu via minhas mãos infantis, a bainha do meu vestido branco, minhas botinhas enquanto me inclinava na direção da água, o barco escorregando debaixo dos meus pés... Em seguida, a água escura se fechando sobre minha cabeça e meus pulmões se enchendo, impedindo a minha respiração. E depois, silêncio. Imobilidade. Solidão completa.



No dia seguinte, mandei uma mensagem de texto para que Taylor fosse me encontrar no La Piazza. Eu ia pedir que ele retirasse os ossos de Rose do fundo do lago. Sem precisar lhe contar como eu sabia que ela estava lá.

Moleza.

Pensei em usar alguma mentira elaborada – ter encontrado os restos de um sapato em Ailsa, ou talvez um osso, mas decidi que não havia motivo para complicar as coisas. Eu simplesmente lhe contaria tudo e veria o que ele diria.

– Oi, tudo bem? – ele me cumprimentou com vivacidade. – Puxa, chá de hortelã! Maravilha. Obrigado.

De nada. Preciso pedir um favor. Só para variar, pensei, um tanto envergonhada. Taylor era um amigo maravilhoso, mas eu me preocupava em estar me aproveitando dele. Imaginei que, cedo ou tarde, seria a minha vez de ajudá-lo.

– Claro. Pode falar – disse ele. – Mais pesquisa?

Mais ou menos. Preciso que você... que a sua equipe... encontre Rose Gibson. A irmã de Mary, lembra?

– A menina da foto... Pobrezinha. Acha que ela se afogou? Bem, se foi isso, seria quase impossível encontrá-la. O lago é imenso e só

estamos em cinco. Isso levaria meses. Quero dizer, nós temos que nos dedicar à escavação... Sinto muito – ele abriu os braços.

Eu sei onde ela se afogou e sei onde ela está. Em algum lugar perto de Ailsa.

– Ah... Bem, se ela está em algum lugar, a ilha seria o lugar para começar, imagino...

Então, acha que pode fazer isso?

– Claro. Posso tentar. Vou falar com a equipe...

Uma pausa. Eu sabia o que estava vindo.

– Mas como sabe que ela está lá?

Eu só sei. O que mais eu poderia dizer?

– Certo. Certo – disse ele, e sorveu um gole de chá. Eu tomei um gole do meu cappuccino e fitei a lareira, na esperança de que ele deixasse o assunto de lado. – Você só sabe.

Assenti.

E como vai a escavação?, escrevi apressada, tentando mudar de assunto. Ele não se deixou enganar.

– Sei que aí tem coisa, Inary. Quando fomos até o lago, algo estranho aconteceu...

Baixei o olhar.

– E se lembra de quando saímos para andar com Logan? Você viu uma garça...

Sim, ela era linda, escrevi.

– Não havia garça nenhuma, Inary. Eu não sou cego.

Senti o rubor cobrindo minhas bochechas e meu coração disparando.

– E no porão da casa de Torcuil, lembra? Você gritou e deu um pulo para trás. Daquela vez não foi uma garça, claro...

Uma aranha, escrevi, e minhas mãos tremiam.

– Certo. Uma aranha.

Houve um momento de silêncio, e eu fiquei sem saber o que dizer, o que fazer. Eu não poderia lhe contar sobre a Visão. Naquele curto espaço de tempo, Taylor se tornara um bom amigo. Eu gostava dele e ele gostava de mim e, de certa forma, eu confiava nele. Mas não conseguiria contar. Não tanto por me importar com as consequências, que ele pensasse que eu era louca – ainda que

essa fosse uma possibilidade. Era mais porque aquela era uma parte minha tão preciosa, tão secreta... eu não poderia.

– Olha aqui, Inary. Não sei bem o que está acontecendo. Mas vamos procurar Rose. Vou dar alguma desculpa... Talvez que eu tenha encontrado algumas pontas de flechas na ilha um tempo atrás e está na hora de trabalhar por lá, ou algo assim.

Obrigada.

– Depois eu te conto – disse ele, levantando-se.

Assenti. Depois, num impulso, levantei-me e lancei meus braços ao seu redor.

– Você me deve uma cerveja... – disse ele, sorrindo.

Acho que te devo uma explicação, pensei. Mas você vai ficar sem ela.

*Só se ama uma vez***Inary**

Era uma manhã cinzenta e chuvosa de primavera, e eu estava carregada de pensamentos e emoções e medo e esperança e preocupações. Não sabia o que fazer com a minha cabeça confusa. Tirei os óculos, desliguei o computador e saí para caminhar, deixando que o vento e a chuva me acalmassem. Eu estava me consumindo. Isso mesmo, me consumindo. E nem sabia por quê.

Eu tinha que ser sincera comigo mesma, pensei enquanto caminhava. Eu sabia por que estava definhando. Alex.

Sentir saudade dele era uma constante, assim como respirar. Eu sentia saudade dele todos os minutos. Mesmo voltando a falar com ele, ainda sentia a sua ausência, sempre presente, como um ruído branco em meus ouvidos.

Alex e Sharon. Sharon e Alex.

Aquilo não parecia certo, parecia? Ainda que eles não estivessem mais juntos, Alex não dissera nada sobre o que aquilo significava para nós. Se é que significava alguma coisa.

O amor também não fizera muito bem a Mary. A história dela não teve um final feliz. O amor não supera tudo, no final. Nem sempre encontra uma saída. Algumas vezes, perde a mão e nos arrasta.

Graças a Deus era quarta-feira, o dia do meu encontro semanal com Eilidh no La Piazza. Às vezes, quando você está muito estressada mesmo, só um bate-papo entre mulheres pode melhorar as coisas, ainda mais se acompanhado de café e bolo. Eu não podia bater papo do modo tradicional – ou seja, falando –, mas nada se colocaria entre mim e meu encontro de garotas.

Deixei-me cair no sofá perto da lareira, meu lugarzinho predileto. A chuva batia na vitrine e tanto a terra quanto o céu estavam cinzentos, derretendo-se num mar de névoa. Eilidh ainda não tinha chegado, então aproveitei a oportunidade para mandar uma mensagem para Taylor.

Alguma novidade?

Nada ainda. Vamos mergulhar amanhã de novo.

Suspirei. E se continuassem sem encontrar nada? E se Rose não estivesse em parte alguma, com seus ossos espalhados e enterrados, sendo impossível recuperá-los? E se ela estivesse perdida para sempre?

Mas eu não podia pensar assim. Eu tinha que continuar tendo esperanças.

– Oi! Desculpe o atraso! – disse Eilidh com um sorriso, sentando-se ao meu lado. Sorley estava dormindo em seu carrinho. Debora veio anotar o nosso pedido.

– Um pãozinho com creme e geleia e uma xícara de chá – disse Eilidh. – Inary?

O mesmo, articulei.

– Desculpe, acabaram os pãezinhos. Hoje é dia do asilo vir. Eles parecem gafanhotos com esses pãezinhos.

Eu ri. Já ouvira aquilo antes.

– Qual é o especial da *chef*, então? – perguntou Eilidh.

– Fiz uma torta de amêndoas com cereja que está de levantar defunto! Por favor, não, pensei.

– Maravilha – Eilidh olhou para mim, eu assenti. – Duas, por favor. Obrigada – Debora se afastou, e Eilidh retomou a nossa conversa. – Bem... Inary, não me leve a mal, sabe que não sou de me meter, mas... Já faz o quê? Quatro meses? E nenhum sinal da sua voz voltar. Talvez fosse melhor você ir se consultar de novo...

É a última coisa que quero fazer.

– Eu sei. Sabe, não sei se já te disse isso, mas há dois anos, eu não estava nada bem. Antes de voltar pra Glen Avich. O meu médico me receitou antidepressivos e coisas assim... estava me sentindo uma zumbi. No dia em que dirigi para cá, joguei tudo na lata do lixo.

Aquilo não funcionou pra mim. Mas pra algumas pessoas funciona. Ou é até mesmo necessário. Você pode ser uma delas...

Espero que não.

Eilidh suspirou.

– Pode ser. Você sabe o que é melhor pra você. Tenho certeza de que o tempo fará o seu trabalho. É disso que você precisa. Tempo pra se recuperar depois da sua perda. Depois a sua voz volta.

Eu não tinha tanta certeza assim, mas me deleitei com as palavras de Eilidh, que eram como água fresca num dia quente. Eu precisava delas. Pensei que era uma boa hora para perguntar uma coisa que eu vinha querendo saber há algum tempo.

O que a fez ficar em Glen Avich? Jamie?

– Não. A maioria das pessoas acredita que sim, mas tomei minha decisão antes que as coisas entre mim e Jamie ficassem sérias. O que me fez ficar foi Glen Avich, simples assim. Hummm, obrigada, Debora, isso está com uma cara maravilhosa!

– Bom apetite! A propósito, faz tempo que quero te dizer, Inary, o seu cabelo está lindo! – disse Debora, passando uma mão pelos meus cabelos. – Sempre quis ter cabelos ruivos. Você parece tão escocesa.

Corei. Isso eu era. Meu cabelo voltara a crescer, e agora estava abaixo das orelhas, todo encaracolado.

Obrigada, disse, e ataquei a torta de amêndoas e cerejas. Divina.

– Portanto, sim, pertencço a este lugar. Pode ser minúsculo e todos sabem de tudo por aqui... Mas é o meu lar.

Assenti. Eu entendia.

Havia uma pessoa em Londres. Meti os pés pelas mãos com ele. E agora é tarde demais, escrevi e, de repente, a torta da Debora ficou com gosto de papelão.

– A minha avó costumava dizer que o que é seu ninguém toma. Um tanto clichê, mas descobri que é verdade.

Fui uma idiota. Eu fiquei com tanto medo, depois do que aconteceu com Lewis. Deixei-o escapar.

– Entendo exatamente o que você está querendo dizer! Quando conheci Jamie, eu não conseguia... – uma sombra de tristeza atravessou o rosto dela, e a sua voz sumiu. – Quase o perdi. E olhe pra gente agora! – disse ela, gesticulando para Sorley, adormecido.

Como se percebesse a deixa, os grandes olhos azuis de Sorley se abriram.

– Da! – disse ele, o que entendi que fosse *estou com fome*, porque Eilidh pegou um biscoito em forma de urso dentro de sua bolsa e colocou em seu prato ao lado da torta.

– Aí está você! – ela arrulhou, pegando-o no colo. – Olá! – beijou-o e depois entregou o biscoito. Sorley se aninhou em seu peito, com o biscoito na mão. Ele precisava de um minutinho para acordar de vez. Algo dentro de mim se derreteu ao ver como aqueles dois se olhavam. Tomei mais um gole do meu cappuccino e peguei a caneta.

Você acha que a gente só ama uma vez?

– Hum, bela pergunta. Sim. Acho que sim.

Então, já era. Tive a minha chance.

Eilidh olhou para mim pensativamente.

– Não é tão simples assim. O amor verdadeiro não é facilmente reconhecido. Você pode acreditar que já teve a sua vez, mas talvez não tenha sido pra valer. Eu não fazia ideia do que era o amor verdadeiro. Só depois que Jamie e eu fomos morar juntos... Não tem fogos de artifício e bandinha, sério. É amar cada minuto juntos. Ficar ansiosa pra que ele volte logo pra casa. Ouvi-lo falar num grupo e se sentir orgulhosa porque é você quem está do lado dele...

Tive tudo isso com Lewis, escrevi, amarga.

– Pa? – disse Sorley.

– Você ainda se sente assim em relação a ele? – perguntou ela, pegando um pinguim de pelúcia surrado da bolsa e entregando-o a Sorley. Ah, *pa* queria dizer pinguim.

Não, escrevi, falando sério.

– Aí está. O amor verdadeiro é pra sempre. Todo o resto é paixão, amizade, desejo ou o que quer que seja... mas o amor verdadeiro não acaba.

– Dada – concluiu Sorley e me ofereceu seu pinguim. Decidi que *dada* significava *me dê um abraço*. Ele deu um gritinho de prazer quando o peguei no colo e o apertei e fiz cócegas e o cobri de beijos.

Nessa hora, meu telefone começou a tocar. Era Taylor. Enquanto Eilidh pegava Sorley de volta, apertei o botão verde e aproximei o aparelho da orelha – ele sabia que eu não podia falar, então só esperei.

– Inary, eu não queria só mandar uma mensagem pro caso de você acabar não vendo. Vou até aí te pegar agora. Encontramos Rose.



Fiquei assistindo da margem enquanto a erguiam, um embrulho de ossos, a mergulhadora segurando-o próximo ao coração. O último abraço que Rose receberia, depois de todos aqueles anos no lago.

Não me surpreendi naquela noite quando acordei com palavras sussurradas ao meu ouvido, uma voz que se tornara familiar para mim, como a de uma irmã. A voz de Mary:

– Obrigada – disse ela, e eu dei um meio sorriso na escuridão.

46

Irmãs

Inary

O boato de que uma menina afogada há muitos anos fora encontrada no lago se espalhou. A igreja St. Coleman estava tomada de gente, e muitos mais se agruparam no cemitério. A imprensa local tirava fotos do caixão de Rose e do que restava da sua família. Era um lindo dia, fresco e luminoso. Eu estava contente por ela – era primavera quando ela finalmente seria levada à terra. Torcuil, Logan e Taylor estavam ao lado do caixão, coberto por lírios.

– Inary... preciso perguntar uma coisa – Taylor me disse depois de tudo terminado. – Como você sabia?

Eu não poderia responder. Apenas sorri, dei um beijinho no seu rosto e me afastei. Além da minha família, somente Alex saberia do meu segredo.

Obrigada, pronunciei na direção de Torcuil, tocando de leve em seu braço ao passar. Eu precisava ficar sozinha.

Não me surpreendi quando, andando do cemitério para casa, vi Rose e Mary à minha espera ao lado de uma bétula, de mãos dadas. Rose voltara à sua antiga aparência, com olhos azuis cintilantes e faces rosadas. Eu enxergava a árvore através do corpo dela, como se seu espírito tivesse enfraquecido. Talvez, agora, ela estivesse a caminho de outro lugar. Em paz, por fim.

As duas sorriram para mim, e eu retribuí o sorriso, com os olhos marejados de alegria, tristeza e alívio, tudo misturado. Mary e Rose estavam juntas novamente; talvez Emily e eu um dia também estaremos.

*Escrevendo na parede***Inary**

Quando cheguei a Welly no dia seguinte, Logan sorria sozinho.

– Oi! Como você está se sentindo hoje? – gorjeou meu irmão.

Sim, meu irmão de fato *gorjeou*.

Olhei para ele, desconfiada.

Bem, escrevi no meu caderno.

– Que ótimo!

Alguma coisa estava acontecendo. Eu estava prestes a perguntar o que era quando a minha resposta cruzou a porta, toda cabelos negros e ondulados e olhos da cor de folhas novas.

– Olá...

Aisling estava carregando uma mochila e uma maleta de máquina fotográfica e, dessa vez, estava calçada.

– Oi... – Logan praticamente derreteu ali mesmo, diante dos meus olhos.

Ele aproximou-se de Aisling, segurou-a nos braços e – choque total – a beijou!

Era tipo um milagre, induzido por uma mulher irlandesa.

Então, aquele era o motivo por trás dos telefonemas misteriosos... e dos desaparecimentos para caminhadas e de tanto suco de laranja materializando-se na geladeira.

– Olá! – ela sorriu para mim. Eu estava tão surpresa que sequer retribuí o sorriso.

– Vá indo lá pra casa – Logan disse para ela. – Não vou demorar.

– Tudo bem – respondeu ela e lhe deu mais um beijinho nos lábios.

Meu irmão, o garanhão.

Então... Aisling! Eu não sabia que vocês estavam se falando!

– É que... achei melhor não falar. Pra não dar azar.

Isso explica, então, a mudança em você...

– Não. Isto é, não totalmente. Sim, tenho me sentido melhor. E Aisling ajudou. Mas muito disso é por você estar aqui.

Não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Sem querer, senti meus olhos marejarem... Eu estava escrevendo alguma coisa quando, inesperadamente, Logan passou os braços ao meu redor e me segurou num abraço firme. O papel rabiscado e a caneta caíram no chão. Todo o ressentimento entre nós, todas as palavras não ditas – o modo como ele me culpava por eu ter ido embora, e o modo como eu o culpava por ele não ter aceitado que eu tinha que ir, por me fazer pagar pela minha decisão toda vez que nos falávamos... Tudo pareceu desaparecer, e todas as paredes foram destruídas. Escondi meu rosto no peito dele e ficamos abraçados por um bom tempo.

– Festival de abraços! – caçoou ele, mas seus olhos traíram a sua emoção.



Naquela tarde, eu estava a caminho de casa, vindo da loja, andando lentamente na luz do poente, quando vi alguém diante da nossa casa – uma mulher. O cabelo escuro a entregou: Mary. Ela estava se inclinando para baixo, o braço esticado... segurando alguma coisa. Havia outra sombra, pequena, segurando a mão dela. Por um instante, como se um clarão tivesse sido disparado, eu os vi claramente: um menininho de cabelos escuros, de olhos claros e covinhas na face, o rostinho virado para cima em total admiração. E Mary – com a mais absoluta felicidade estampada no rosto, amor puro, alegre e abrangente em seus olhos. Eu já vira aquele olhar antes, entre Eilidh e Sorley. O menino devia ser filho de Mary.

A cena se dissolveu diante dos meus olhos, e inspirei profunda e lentamente. Então aquela era a minha mensagem, a mensagem que Mary ainda tinha para me dar: quando tudo parece perdido, a felicidade ainda pode estar nos aguardando. Ela perdera Robert, mas a vida continuou. E quem sabe quem foi o *verdadeiro* amor dela? Robert e a intensidade do primeiro amor, ou Alan e os longos anos de devoção, família e dificuldades enfrentadas e superadas? O

amor toma muitas formas diferentes: não é direto, como um rio indo para o mar; é um riacho cheio de curvas, que luta até seu destino. Foi assim para Mary. Poderia ser verdade para mim. Mas quem seria o meu amor? Quem seria a minha alma gêmea, se é que haveria alguma?

Peguei meu telefone e, de repente, meus dedos desenvolveram vontade própria e decidiram mandar uma mensagem de texto para Alex.

Preciso te perguntar, digitei.

Oi, ele respondeu, o que foi?

Ainda está bravo comigo?

Por que estaria?

Por eu ter dito que foi um erro. O que aconteceu entre nós. Não foi.

Não esperei pela resposta – meus dedos trabalharam sozinhos. De novo.

Acho que te amo, eles decidiram escrever. Em seguida, apertaram o botão “enviar”, antes que eu mudasse de ideia.

Não havia nada, absolutamente nada que eu pudesse fazer para recuperar aquela mensagem ou retirar as palavras escritas.

Senti-me mal. Acabara de lhe dizer que o amava. Agora eu tinha que esperar pela resposta. Ainda bem que existia a tecnologia... Se vivêssemos na época de Mary, teríamos que esperar semanas para que as nossas cartas chegassem.

Sentei-me na cozinha e fiquei olhando para o aparelho por cinco minutos, dez, quinze. Nenhuma resposta. Vinte minutos se passaram, depois uma hora, e duas. Àquela altura, eu estava andando de um lado para o outro, tentando me distrair – mas não conseguia impedir meu olhar de voltar para o celular a cada poucos

segundos. Verifiquei se havia sinal. Havia. Verifiquei se estava funcionando, mandando uma mensagem para mim mesma – dava para ser mais patética? Recebi minha própria mensagem. Sim, estava funcionando.

Eu tinha que sair. Peguei uma jaqueta e fui me refugiar no La Piazza. Sentei-me em meu lugar usual, perto da lareira, com o olhar fixo no telefone.

Debora se aproximou de mim.

– Olá, querida. Você está bem? Parece abalada.

Bem, obrigada. Assenti e formei com os lábios: *expresso duplo, por favor.*

Ela retornou com a xícara e um *cupcake* de veludo vermelho maravilhoso, com uma borboletinha espetada nele.

– Para afastar as suas preocupações, querida – disse ela com um sorriso.

Olhei desolada para o *cupcake*. Ele parecia divino, mas eu não tinha como sequer dar uma mordida, de tanto que meu estômago estava apertado. Levei o café até os lábios e estava quase sorvendo um gole quando o sinal de notificação de mensagem preencheu o ar. Preencheu mesmo, porque eu tinha aumentado o volume ao máximo só para garantir que ouviria. Duas senhoras me olharam feio e o gato de Debora correu em disparada para a porta dos fundos.

– Pronto! Ele te mandou uma mensagem! – disse Debora de trás do balcão, dando um sorriso malicioso.

Fiquei congelada, com a xícara na metade do caminho. Minhas mãos tremiam quando a apoiei na mesa e peguei o telefone.

Eu não queria olhar.

Mas tinha que ver.

Pode comprar pão + saco de lixo? Valeu.

O quê?

Merda. Era Logan. Afastei os cabelos em frustração. Merda. Merda. Merda.

Eu precisava lavar o rosto. Fui até o banheiro nos fundos – o potpourri do dia era um adorável pêssego, não pude deixar de notar – e lavei o rosto com água fria.

– O seu telefone tocou de novo. Acho que o ouviram em Aberdeen, meu bem – anunciou Debora, assim que saí do banheiro.

Tocou? De novo? Meu coração começou a disparar – talvez fosse Logan novamente, me mandando fazer alguma coisa –, eu não devia ter muitas esperanças. Abri a mensagem.

E eu tenho certeza de que te amo também.

*A história que devo contar***Inary**

Não haveria mais lobisomens, nem reflexões sobre o que os editores poderiam ou não gostar, nem pesquisas de tendências de mercado ou o que me daria mais chances de ser publicada. Eu tinha uma história dentro de mim, pronta para ir para o papel. Como Emily e Alex disseram, era uma história sobre Glen Avich. Ela tinha me procurado – na verdade, estivera ali o tempo todo. Como pude demorar tanto para perceber?

Foi como um interruptor sendo apertado. Abri minha alma e escrevi por horas sem parar, numa torrente longa e contente.

Escrevi até o amanhecer. Conforme a luz começava a entrar pelas cortinas, eu me joguei na cama e caí num sono profundo e feliz. Dormi como há meses eu não dormia.

Nas semanas seguintes, eu não conseguia ser arrancada para longe do meu computador. Pulei meus encontros de quartas-feiras com Eilidh, por mais que desejasse vê-la. Todos os instantes em que eu não estava na loja ou falando com Alex, eu passava escrevendo. Eu comia sobre o teclado, roubava algumas horas de sono à noite e me sentia mais feliz do que há muito tempo. Uma sensação incrível de libertação se apossou de mim, como se eu estivesse sedenta a vida inteira e, por fim, tivesse recebido permissão para beber. O amor de Alex por mim e a minha escrita: pela primeira vez em anos, eu me sentia saciada.

49
Escócia

Alex

Tive que romper com Sharon. Não havia como continuar com aquilo. E, como se Inary tivesse pressentido, como se tivesse percebido que eu estava mais uma vez aberto e disponível, apesar dos meus medos, apesar do que acontecera no passado – ela também se abriu.

Quando recebi a mensagem dela, não consegui acreditar. Depois de tanta esperança e espera e amor em suspenso, lá estávamos nós, no fim. Inary e seus fantasmas e suas histórias e seu mundinho Inary – o mundo do qual eu desesperadamente queria fazer parte. E, finalmente, fazia.

Quis ficar com ela de imediato; os e-mails não bastavam, nada bastava. Eu tinha algumas coisas para resolver primeiro. Mas, agora, não demoraria muito mais.

*A primavera dentro de mim***Inary**


Era a manhã do meu vigésimo sexto aniversário. Num dia ensolarado, de brisa, um daqueles dias de fim de primavera onde tudo se ilumina com vida, eu andava pela margem do lago, ouvindo a água bater na costa, usando o vestido verde de seda de Emily. Não havia mais medo ao redor do lugar, somente paz. A garotinha perdida estava em casa, e eu também. Eu tinha sido cercada pela morte, tendo meus pais e Emily arrancados de mim. E agora eu transbordava vida.

Alex me dissera que estava preparando uma surpresa para mim, e eu estava agitada demais para esperar parada. Eu estava esperando alguma coisa relacionada a corujas, claro, mas Alex me dera pistas e dicas estranhas, que não consegui decifrar.

Chegara a hora de tomar uma decisão. Sentia em meu coração que não poderia voltar para Londres, que o meu lugar era ali – eu tivera de partir para descobrir onde era o meu lar verdadeiro. Mas Alex estava em Londres. E eu não poderia perdê-lo, não de novo. Eu sabia que, cedo ou tarde, teríamos que enfrentar a questão de que havia um dia inteiro de viagem entre nós ou um voo de avião, ou o fato de que nenhum de nós queria ficar tão longe do outro.

Mas a simples ideia de deixar Glen Avich partia meu coração. Eu também tinha medo de voltar para um lugar tão grande quanto Londres, sem conseguir falar. Fazia meses que eu estava em silêncio e não havia sinal de que minha voz voltaria. Como eu lidaria com a minha vida antiga sem falar? Ali, todos me conheciam. Eu podia ir para a loja de Peggy ou ao La Piazza, passar meu tempo livre com Eilidh e meus antigos amigos, trabalhar na loja de Logan, cuidar de todos os aspectos da minha vida com facilidade. Se eu voltasse para Londres, eu me sentiria perdida.

E as minhas histórias. As minhas histórias estavam aqui.



Peguei meu telefone e mandei o texto que havia preparado para ele, com palavras vindas direto do coração. Eu tinha que contar como me sentia a respeito de Glen Avich. Nada mais de passar aniversários longe dali.

Este é o meu lar. Não quero mais sair daqui. Eu te amo com todo o meu coração, bjs.

O meu coração estava na garganta enquanto esperava pela resposta dele. Temia um: *Jamais vou viver no fim do mundo, eu esperava pelo menos podermos conversar a respeito...*

Definitivamente, não esperava o que recebi.

Pronta para o seu presente de aniversário?

Puxa. Isso é que era mudar de assunto...

Sim, claro! bjs

Você vai recebê-lo em vinte minutos.

Como assim? Um pacote seria entregue em vinte minutos? Será que era melhor eu voltar para casa para receber o carteiro?

O que quer dizer?, perguntei.

Quero dizer que estou na estação.

Ele estava onde?

Que estação?

A placa diz Glen Avich.

— — —

Não acho que alguém tenha percorrido a distância entre o lago Avich e a estação de trem com tanta rapidez quanto eu naquele dia de primavera.

Um vento frio soprava do lago, e narcisos e açafrões floresciam em toda parte, salpicos de cor aqui e acolá, depois do cinza do inverno.

Passei por Maggie e Liz, que saíam da loja de Peggy. Eu já imaginava a conversa entre elas – *Acabei de ver Inary, ela estava correndo como se o demônio a estivesse perseguindo! O que será que deu nela agora?...* Passei por Eilidh e Sorley no parquinho, sentados no banco – Eilidh virou a cabeça para ver quem corria do outro lado da cerca, e sorriu e acenou para mim ao me ver. Estranho, nos meus pensamentos excitados, eles tinham se tornado uma escultura antiga, ou uma pintura renascentista – um retrato de uma mãe e seu filho.

O riso brotou em meu peito, nascido da corrida e do conhecimento de ele estar ali. Ali, à minha espera...

Logo vi sua conhecida figura – sua jaqueta azul que eu vira milhões de vezes, sua mochila surrada ao seu lado, seus ombros largos e suas mãos, uma afundada nos cabelos negros. Ele estava nervoso, percebi. Quis chamá-lo pelo nome, mas não podia. Parei, subitamente tímida, arfando pelo esforço. Eu tinha tanta certeza de que correria direto até os braços dele, mas, por algum motivo, parei.

Ficamos defronte um do outro, desajeitados e contentes e tímidos e cheios de saudade e saudade. Seu rosto se abriu num sorriso, e ver a felicidade dele me trouxe lágrimas aos olhos.

– Inary...

Finalmente estávamos juntos, e isso poderia ter acontecido há vários anos, deveria ter acontecido há vários anos, caso eu não tivesse me perdido, caso eu não tivesse me mantido ocupada nos labirintos da minha mente, em vez de viver. Seus braços me rodearam, seu rosto se aproximou do meu – quantas vezes inalei sua fragrância, a fragrância Alex – e nossos lábios se encontraram

pela segunda vez, mas, agora, eles se pertenciam. Esperei ternura, e havia ternura, mas não só – meus joelhos cederam e eu senti uma onda de desejo. Queria ter tudo dentro de mim, as colinas e o céu e as flores da primavera e Alex. Eu ansiava pela vida e pelo amor e pelo tempo que eu perdera e queria de volta.

Queria ser abraçada e beijada e queria escrever, e queria rir e ser Inary. E queria estar ali, estar em casa.

– Inary... – sussurrou ele. Como nunca percebi o quanto a voz dele era bonita e grave? Seu sotaque sempre me pareceu familiar em Londres, cercada por vozes desconhecidas. – Nunca mais quero ficar longe de você.

Por cima de seu ombro, percebi uma mulher olhando para nós. O brilho era tão forte que eu não consegui distinguir as suas feições. Alguma fofqueira de Glen Avich, logo deduzi. Duas pessoas se beijando na estação, em plena luz do dia, diante de todo o vilarejo – eles se refestelariam à hora do jantar com isso (ou, mais provavelmente, à hora do chá) por meses seguidos. Mas, então, senti o conhecido formigamento nos membros, e um frio se espalhando pelos ombros – alguém atrás de mim, alguém que não estava vivo. Mary, seguramente.

Soltei-me dos braços de Alex e fiquei de frente, olhando para ela. Não era Mary.

Era Emily, a minha Emily, parada a poucos metros de nós, sorrindo.

Ela acenou e depois se virou para se perder nas colinas da nossa casa.

Abri a boca e, pela primeira vez em meses, eu falei. Eu pronunciei as palavras que estiveram me sufocando o tempo todo:

– Adeus, Emily.

EPÍLOGO

Os mortos são vistos vivos

As ruas de Glen Avich, seus bosques e suas colinas e as águas do lago estão repletas de histórias que não serão esquecidas. Histórias simples de amor e desentendimentos e dias chuvosos e casamentos e doenças e crianças brincando e homens e mulheres fazendo amor, os filamentos das famílias e das vidas passadas tecidos diante dos meus olhos. Homens e mulheres que viveram e morreram antes de mim, alguns deles partilhando do meu sangue – as lágrimas que choraram, os risos, os dias em que os bebês nasceram e os dias em que os entes queridos morreram, o amor e o ódio, as alegrias e as separações estão escritos em todas essas paredes, entrelaçados nas árvores, erguendo-se do solo tal qual a neblina.

Ouçó as suas histórias enquanto ando, cada passo um sussurro; eu as vejo entalhadas nas pedras e girando nas esquinas como redemoinhos d'água, esperando serem desembaraçadas. Seguro-as nas mãos; elas me seguem e me envolvem, querendo ser contadas. Em todas as partes, eu as vejo, as pessoas que estiveram aqui antes, e elas me chamam. Vejo espíritos nos olhos das crianças – vejo em seu sangue, como se eu estivesse lendo um livro. Veja cada geração ida. Os meus sonhos podem revelar o futuro, mas os mortos me procuram para que o passado não seja esquecido. Aprecio todos os dias e todas as noites em que os mortos são vistos vivos, porque essas são as histórias que eu devo contar.